

A Fonte da Vida

Uma abordagem sobre as parashiyot
e comemorações judaicas

מקור מים חיים

שיחות על פרשיות השבוע והמועדים

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, reproduzida, ou traduzida para qualquer idioma, por meio de qualquer sistema, mecânico ou eletrônico, sem autorização expressa do autor.

Autor e revisão final:	Rabino Isaac Dichi
Tradução:	Ariel Wajnryb
Revisão e copidesque:	Geni Koschland
Diagramação:	Revista Nascente
Impressão:	HR Gráfica e Editora

מקור מים חיים

שיחות על פרשיות השבוע והמועדים

A Fonte da Vida

Uma abordagem sobre as parashiyot e comemorações judaicas. O enfoque sobre os princípios básicos do judaísmo, as virtudes do homem e as condutas que o ser humano deve seguir.

De autoria de

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

Editado pela Congregação Mekor Haim

Rua São Vicente de Paulo, 276

S. Paulo SP - Brasil

Fone: 3826-7699

Adar 5766

Dedicamos com amor este livro
em memória de nosso querido pai e avô

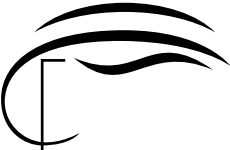
ABHOU BEN MAZAL ז"ל

lembrando seu exemplo de integridade
e o carinho que sempre dedicou a todos nós.

Que o estudo destes capítulos sirva de inspiração
para todos e traga elevação para sua alma.

TEHÊ NISHMATÔ TSERURÁ
BITSROR HACHAYIM.

Oferecido por seus filhos e netos:
Sr. e Sra. Salim e Rita Dayan,
David e Daniella Dayan,
Eby e Carla Dayan,
Ezra e Dália Harari
e Roberto Dayan



Esta tradução do livro
Mekor Máyim Chayim
foi efetivada em
Purim de 5766
como homenagem
ao bar mitsvá do jovem

Chaim Victor Ades י"צ"ר



ÍNDICE

Agradecimentos	13
Introdução	14
Bereshit / בראשית	
Bereshit / בראשית	
O Homem Tornou-se Uma Criatura Viva	20
Noach / נח	
A Lição Moral Apreendida da Geração do Dilúvio	29
Lech Lechá / לך לך	
A Função e os Testes de Cada Um	39
Vayerá / וירא	
O Nível Elevado da Plenitude	48
Chayê Sará / חיי שרה	
O Elevado Nível da Bondade	57
Toledot / תולדות	
A Guerra Contra o Mau Instinto	66
Vayetsê / ויצא	
A Mitsvá da Advertência e sua Obrigatoriedade	73
Vayishlach / וישלח	
O Nível Espiritual dos Patriarcas	82
Vayêshev / וישב	
Os Caminhos da Providência Divina	90

Mikets / מקץ

A Emuná (Fé) em D'us Evita o Ódio Entre as Pessoas 98

Chanucá / חנוכה

O Nível Elevado dos Mandamentos da Torá 104

Vayigash / ויגש

A Característica de Responsabilidade 109

Vaychi / ויחי

A Importância de Cada Detalhe na Vida de Torá e Mitsvot 113

Shemot / שמות**Shemot / שמות**

Eis que o Temor a D'us é Sabedoria 120

Vaerá / וארא

A Lição Apreendida das Dez Pragas 129

Bô / בא

Este Mês Será Para Vocês o Princípio dos Meses 133

Beshalach / בשלח

Não nos Leve ao Teste 139

Yitrô / יתרו

A Vontade de Receber a Torá 145

Mishpatim / משפטים

O Escravo Judeu 151

Terumá / תרומה

E Farão Para Mim um Santuário e Habitarei Dentro Deles 156

Tetsavê / תצוה

O Valor da Responsabilidade 162

Purim / פורים

O Elevado Nível dos Preceitos Entre o Homem e Seu Semelhante 169

Ki Tissá / כי תשא

O Grande Valor de um Ato de Mitsvá..... 178

Vayakhel / ויקהל

A Construção do Mishcan 184

Pecudê / פקודי

A Importância de um Ato de Mitsvá 189

Vayicrá / ויקרא

Vayicrá / ויקרא

As Oferendas e a Oração 198

Tsav / צו

A Grandeza da Agilidade 205

Pêssach I / I פסח

Não se Come Sobremesa Após a Oferenda de Pêssach 212

Pêssach II / II פסח

Os Três Estágios da Vida 216

Sefirat Haômer / ספירת העומר

Os Dias da Contagem do Ômer e a Ética 219

Shemini / שמיני

Santos Serão Vocês, Pois Santo Sou Eu 226

Tazria - Metsorá / תזריע - מצורע

A Santidade do Berit Milá 231

Acharê Mot / אחרי מות

O Poder da Fala 236

Kedoshim / קדושים

Santos Serão Vocês 241

Emor / אמור

Que Suspende a Terra Sobre o Vazio 246

Behar / בהר

Enganar nos Negócios e Entristecer o Próximo 251

Bechucotay / בחקותי

Eliyáhu Hanavi, o Proclamador da Redenção 259

Bamidbar / במדבר

Bamidbar / במדבר

A Lembrança do Monte Sinai 268

Shavuot I / I שבועות

Como se Preparar Para a Festividade da Outorga da Torá? 277

Shavuot II / II שבועות

E Desposar-te-ei Para Mim Para Sempre 283

Nassô / נשא

A Lição Aprendida das Oferendas dos Chefes 288

Behaalotechá / בהעלותך

A Importância de Cada Membro do Povo de Israel 297

Shelach Lechá / שלח לך

O Alto Nível do Coração Puro 302

Côrach / קרח

O Aperfeiçoamento do Caráter 306

Chucat / חקת

Não Há Outro Exceto Ele 314

Balac / בלק

A Importância da Reflexão 321

Pinechás / פנחס

Que Ama a Paz e Persegue a Paz 329

Matot / מטות

Que Todos os seus Atos Sejam Feitos em Nome dos Céus 336

Mass'ê – Ben Hametsarim / מסעי - בין המיצרים

E Habitarei Entre Vocês 344

Devarim / דברים

Devarim – Shabat Chazon / דברים - שבת חזון

A Destruição e o Ódio sem Sentido 354

Vaetchanan – Shabat Nachamu / שבת נחמו - ואתחנן

A Destruição e o Exílio Levam à Redenção 361

Êkev / עקב

A Importância das Bênçãos Sobre os Alimentos 368

Reê / ראה

A Importância da Mitsvá de Tsedacá 380

Shofetim / שופטים

O “Autodespertar” Espiritual 387

Elul / אלול

O Mês de Elul 395

Ki Tetsê / כי תצא

Ouvir a Voz de D’us 406

Ki Tavô / כי תבא

Ouvir a Voz de D’us 414

Nitsavim / נצבים

Fortaleça-se Como um Leão Para o Serviço do Criador 420

Vayêlech / וילך

A Teshuvá e o Estudo da Torá 425

Rosh Hashaná I / ראש השנה I

A Submissão em Rosh Hashaná 433

Rosh Hashaná II / ראש השנה II

Rosh Hashaná que Coincide com o Shabat 438

Yom Kipur I / יום כיפור I

O Atordoamento (do Coração) e a Vergonha Pelo Pecado 442

Yom Kipur II / יום כיפור II

A Salvação Espiritual de Yom Kipur 448

Sucot I / סוכות I

A Importância da Paz 452

Sucot II / סוכות II

A Época de Nossa Alegria 457

Sucot III / III סכות

As Quatro Espécies e o Amor a D'us 464

Shemini Atsêret / שמיני עצרת

O Estudo da Torá e a Aproximação a D'us 467

Lista de Livros e Autores 471

AGRADECIMENTOS

Nossos sábios nos ensinam que precisamos honrar aqueles que nos acolhem. A Congregação Mekor Haim na cidade de São Paulo, Brasil, é uma entidade formada por pessoas possuidoras de gestos nobres, generosas e caridosas.

Agradeço àqueles que, mediante sua participação, apoio, empenho e contribuição colaboraram para a concretização deste e de vários outros projetos, no serviço sagrado para o avanço espiritual da comunidade e a divulgação da *Torá* e das *mitsvot*.

Que *Hashem* abençoe e retribua todos os seus feitos; eleve e engrandeça seu brilho e seu esplendor. Que Ele dê vida longa e boa a todos os seus familiares, com alegrias e riqueza. E que sejam merecedores de ver filhos, netos e bisnetos trilhando o caminho da *Torá* e das *mitsvot*.

Que seja a vontade do Todo-Poderoso, que todos juntos mereçamos ver o florescimento da comunidade, prosperando na elevação espiritual contínua, constante e permanente. E que Yehudá seja redimido e Yisrael se estabeleça em segurança, com a vinda do justo *Mashiach*, brevemente em nossos dias. *Amen*.

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

INTRODUÇÃO

Consta em *Massêchet Avot* (2, 2): “Todos os que trabalham junto ao público, que se esforcem juntamente com eles “*leshem shamáyim*” – por amor a D’us – pois o mérito dos seus antepassados (do público) e a (recordação da) sua justiça subsistirá sempre. E a vocês, eu recompensarei muito, como se vocês tivessem feito”.

Rabi Ovadyá de Bartenura, famoso comentarista da *Mishná*, explica este trecho do seguinte modo:

“Pois o mérito dos antepassados do público e a justiça deles, que se mantém para sempre, é o que auxilia aqueles que trabalham juntamente com ele a concretizar sua justiça (as boas coisas que pretendem realizar) – e não os esforços daqueles que estão envolvidos com isso”.

“E a vocês Eu recompensarei muito, como se vocês tivessem feito. Embora a concretização não se ter dado pelos atos de vocês – e sim pelo mérito dos patriarcas da coletividade – Eu os recompensarei como se vocês tivessem trazido esta salvação para Israel, uma vez que vocês se ocupam (disso) em nome dos Céus”.

Estas palavras refletem o presente livro, *A Fonte da Vida*. Se ele teve o privilégio de vir a existir, foi por mérito da *Kehilá Kedoshá* da Congregação Mekor Haim. Estas prédicas foram proferidas durante os últimos anos, a cada *Shabat* e foram originalmente redigidas, organizadas e publicadas em hebraico. As prédicas dos anos anteriores foram publicadas, em português, nos dois volumes de *Nos Caminhos da Eternidade* e *Caminhos da Vida*.

Cabe aqui agradecer a todos os membros da Congregação, que de há muito ouvem as palestras com sensível interesse e atenção. Por meio das prédicas acima referidas, bem como das aulas que têm lugar na Congregação constante e ininterruptamente, a *Torá* e o conhecimento prosperaram. Por isso, aumentou o número de pessoas possuidoras de um modo de pensar verdadeiro e condizente com nossa sagrada *Torá*.

Gostaria de esclarecer, nesta introdução, que todos os artigos deste livro estão baseados em livros de opinião judaica, nos quais se apóia toda a Casa de Israel (a lista das obras e de seus respectivos autores se encontra no final do livro). Esforcei-me, em quase todos os lugares, por trazer as palavras em nome de quem as proferiu e, se em alguns lugares isso não ocorreu, é porque ocultou-se de mim onde vi a idéia ali citada. Pedirei ao leitor não suspeitar, que as palavras sejam originalmente minhas.

A propósito, convém mencionar um pensamento importante, trazido no livro *Matenot Chayim* – de autoria do Rav Matityáhu Chayim Salamon *shelita*, no passado *mashguiach* espiritual da *Yeshivá BêT Yossef* em Gateshead, Inglaterra e atualmente *mashguiach* espiritual da *Yeshivá* de Lakewood, New Jersey – sobre o que diz a *mishná* em *Pirkê Avot* (6, 6): “Todo aquele que diz algo em nome de quem o falou, traz redenção para o mundo.”

Escreve o Rav Salamon: “Eis que o Maharal explicou esta *mishná* (em seu livro *Dêrech Hachayim*, sobre *Massêchet Avot*) com as seguintes palavras: ‘É necessário saber que, quando o Criador traz redenção, quer que saibam que foi Ele Quem agiu e que não digam que não foi D’us Que fez tudo isso e que isso (que foi feito) foi alcançado pela sabedoria e pela força deles próprios. Isso também é mencionado em relação à Redenção do Egito, sobre a qual está escrito: ‘E saberá o Egito que Eu sou D’us, com o que Eu os tirei da Terra do Egito’”.

“‘Por isso, se (a Rainha) Ester não fosse possuidora desta característica de vincular o que é feito àquele que o merece e tivesse, D’us não o permita, dito ao Povo de Israel que ela fez isso com seu espírito de sabedoria, para se engrandecer e se enaltecer, não seria Ester digna de, por seu intermédio, vir a redenção. Isso porque D’us quer comunicar a misericórdia e o bem que Ele faz para Israel’”.

“‘Porém, uma vez que Ester disse ao Rei Achashverosh em nome de Mordechay (que foi ele que descobriu a conspiração dos guardas para matar o rei), embora fosse possível que ela falasse ao rei que foi ela quem fez isso, de modo a se tornar agradável perante seus olhos – e, em vez de fazer isso, ela contou em nome de Mordechay, que foi este quem agiu – por causa disto ela é digna, também, para trazer redenção ao mundo – pois ela não vinculará o que acontecer senão a D’us’. Até aqui é citada a linguagem do *Mahara*”.

“‘Fica claro, a partir de suas palavras, que ‘aquele que diz algo em nome de quem o falou’ é uma característica de verdade, profundamente enraizada na alma do indivíduo. Esta característica não o deixa se vangloriar com ‘uma coroa que não é dele’ e, por meio desta característica, ele retira de si qualquer mérito que não seja dele e relaciona cada coisa à sua devida fonte”.

“‘Somente alguém que possui esta característica é ‘merecedor de trazer redenção ao mundo’ porque a redenção vem por intermédio de um milagre – e a meta dos milagres é que reconheçamos, por meio deles, os Poderes de D’us e sua bondade para com o Mundo. Sempre que há uma participação humana neste processo, existe o perigo de não ser difundido em cada detalhe que somente D’us, com sua enorme bondade, foi Quem fez isto para Israel”.

“‘Por isso, é necessário que este indivíduo seja alguém que não suporta, de modo algum, que digam sobre ele algum louvor que não seja merecido, e que ele mesmo relacione tudo à sua

verdadeira fonte. Somente alguém assim deixará de ser como uma barreira perante o milagre, ocultando-o. Pelo contrário; ele difunde ao público que não se engane com isso e que saiba que o ser humano não é capaz de fazer nada – somente D’us fez tudo isso”. Até aqui vão as palavras do *Rav* Salamon.

Agradeço ao Todo-Poderoso com todo o meu coração e em público O louvo por Sua enorme misericórdia e bondade para comigo. Pela vida, graça e misericórdia que me outorgou; por me apoiar em meu destino e me conceder o mérito de estudar e ensinar, engrandecer a *Torá* e enaltecê-la nas constantes aulas, tanto nas de *Halachá* (leis e costumes) quanto nas de *Agadá* (ética e filosofia judaicas).

Seja a Vontade do Criador que, também no futuro, minhas palavras sejam ouvidas para ampliar o Seu serviço, para fazer com que pessoas retornem às origens e para guiar muitos no caminho correto, “caminho de vida, de elevação, para o inteligente” (*Mishlê*).

Em especial devo agradecer a D’us por me dar o mérito de ser o autor de obras tão necessárias em português: os livros “*Shomêr Shabat*”, sobre as leis do *Shabat*; “*Pêssach e Suas Leis*”; “*Rosh Hashaná, Yom Kipur e Sucot*”, sobre as leis destas festividades e de *yom tov*; “*Vaani Tefilá*”, sobre as leis das orações; “*Vaani Avarechê*”, sobre as leis de *Bircat Cohanim* e da pureza destes; “*Ner Lachayim*”, sobre as leis de luto; “*Veten Berachá*”, sobre as leis de bênçãos referentes à alimentação; “*Nos Caminhos da Eternidade I & Nos Caminhos da Vida*” e “*Nos Caminhos da Eternidade II*”, prédicas sobre as porções semanais e as festas judaicas.

Acrescentou-me D’us um sinal de bondade por ter este livro publicado originalmente em hebraico. Seja Sua vontade que ele seja bem recebido pelos leitores e estudiosos e que seja como um aroma agradável perante Nosso Pai Que está nos Céus.

Lembrarei aqui, para o bem, minha mãe e mestra, Sra. Suzanne Dichi מִלָּה הִכָּמ – que sua memória seja uma bênção – que nos ofereceu uma ajuda infinita. Uma grande parte da difusão de *Torá* pela qual eu e minha esposa somos responsáveis, se deve a ela.

Quero expressar minha gratidão especial à minha esposa, que tanto me auxilia, Rachel שֶׁת – filha do Rabino Eliêzer Ben David שְׁלִיטֵא. Seja a Vontade de D’us, que possamos juntos ter muito *nachat* de todos os nossos descendentes.

Um agradecimento especial ao Rabino Zeêv Grinwald שְׁלִיטֵא, de Jerusalém, por sua grande ajuda na publicação do livro em hebraico. Seja sua recompensa plenamente outorgada por D’us.

Gostaria de externar um agradecimento especial ao Sr. Ariel Wajnryt אֶרֶל por seu esforço e dedicação na tradução do livro *Mekor Máyim Chayim* do hebraico para o português. Que o Todo-Poderoso continue lhe proporcionando oportunidades de crescer em *Torá* e suas *mitsvot* e juntamente com sua esposa possam ter *nachat* de todos seus descendentes.

A iniciativa de traduzir o livro *Mekor Máyim Chayim* para o português partiu do Sr. Ralph Ades רַאפֿל, por ocasião do *Bar Mitsvá* de seu filho Victor וִיטור, pelo que desejamos *mazal tov*. Que o Criador lhe dê, junto com sua esposa o prazer e o privilégio de ver todos seus filhos no caminho da *Torá* e suas *mitsvot* e que possam ter alegria constante no âmbito da família *amen ken yehi ratson*.

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

בראשית

BERESBIT

BERESHIT / בְּרֵאשִׁית

O HOMEM TORNOU-SE UMA CRIATURA VIVA

O Nível do Ser Humano

O versículo de *Parashat Bereshit* que menciona a criação do homem diz o seguinte: “(D’us) soprou em suas narinas um sopro de vida. O homem tornou-se assim uma criatura viva.” (*Bereshit* 2:7). Unkelus traduz este versículo da seguinte maneira: “transformou o homem em uma criatura falante”. D’us insuflou uma alma no homem e, como resultado, o homem mereceu o nível de “*medabêr*” – falante. A fala testemunha a grandeza da alma do homem e o fato de o Próprio D’us ter colocado nele Sua marca – “Quem sopra – sopra de si próprio”.

Tentaremos explicar o nível especial do dom da fala, de acordo com o que o *Gaon Hatsadik Rabi Avraham Gordon zt”l* escreveu em seu livro, *Nêfesh Chayá*.

Sabemos que os outros seres vivos também dispõem da possibilidade de transmitir sons, por meio dos quais expressam suas diversas vontades. Primeiramente, é importante frisar, que existe uma diferença essencial entre som e fala. A emissão de sons,

mesmo que seja para expressar vontades e aspirações, ainda não é considerada uma fala que provém da alma e que expressa seu discernimento, como será explicado.

Os animais não possuem compreensão (*dáat*), cujo significado é o discernimento entre o bem e o mal, entre o desejável e permitido e o proibido. Os seres vivos só dispõem de vontades e impulsos, cujas fontes são seus desejos, seu instinto de vida e de sobrevivência. Para estes objetivos, eles utilizam sons que expressam medo, fome, saciedade e outras necessidades e sentimentos.

O conhecimento nada tem a ver com estes sons, que se assemelham mais aos sons emitidos pelo homem em momentos de susto, surpresa e similares. “Os filhotes de leão urram pela presa” (*Tehilim* 104:21). O rugido dos leões é muito bem compreendido por todos os ouvintes como o desejo por uma presa. É assim que os animais transmitem suas vontades, um para o outro e para os homens, sem precisar do dom da fala – porque não foram abençoados com o discernimento. Este último é a característica básica do homem, expressando seu alto nível e sua proximidade com seu Criador.

O conhecimento é o que separa, de um modo essencial, o ser humano dos animais – e ele é expresso na fala. Há vezes que a fala é longa e profunda, demonstrando, assim, a profundidade da alma e a fonte donde fluem os pensamentos do homem.

“E que Todos os seus Atos Sejam Realizados em Nome dos Céus”

Com a criação do ser humano, D’us teve a intenção de dar existência à mais perfeita das criaturas; que fosse diferenciada de todas as outras pelo fato de todas suas vontades e anseios passarem pelo crivo do discernimento.

Mesmo os anseios naturais, que derivam do instinto de so-

brevivência ou de outras características naturais do homem, quis O Criador que estivessem ligados inexoravelmente à fonte do discernimento, em vez de serem influenciados pelos instintos e vontades corporais e terrenos.

Este é o nível indicado por nossos sábios quando dizem: “e que todos os seus atos sejam realizados em nome dos Céus (*leshem Shamáyim*)” (*Pirkê Avot* 2, 12). Explica o Compilador (*Mechaber*) no *Shulchan Aruch, siman* 231, que tudo o que uma pessoa faz – como comer, beber, passear, etc. – deve ser feito com a intenção de armazenar forças para o serviço de D’us. Ou seja: que o indivíduo se alimente, para ficar forte para servi-Lo; durma, para recuperar as forças e se revigorar com a mesma intenção – e não por preguiça – e outros exemplos.

Os atos do ser humano serão completamente diferentes daqueles dos animais. Eles serão executados não em prol de assuntos mundanos ou do preenchimento da vontade – e sim para o cumprimento da Vontade Divina. O nível do homem será tal, que o discernimento que ele possui – que conhece seu Criador e anseia por elevação espiritual – estará mesclado a todos os atos, imprimindo sobre eles seu carimbo espiritual.

O Ser Humano – a Coroa da Criação

Está escrito na *Torá*: “E o homem conheceu Chavá, sua mulher” (*Bereshit* 4:1). *Rashi* comenta que isso aconteceu antes do pecado da Árvore do Conhecimento. Naquela hora, todos os atos do homem fluíam da fonte do conhecimento, sem que estivessem misturados a todo tipo de sentimentos e ao mau instinto (veja o comentário de *Rashi* sobre *Bereshit* 2:25). Todas as ações, mesmo aquelas que hoje nos parecem materiais e provenientes de anseios mundanos, eram atos de santidade e mandamentos Divinos, sem nenhuma mescla de desejos ou sentimentos baixos.

Todos os atos de Adam *Harishon* eram tão santos como a colocação de *tefilin* e *tsitsit* por nós, pois eles eram feitos a partir do discernimento e da ligação à sua Fonte Superior.

Esta era, na prática, a intenção de D'us ao criar o homem – que este fosse extremamente elevado e que tratasse apenas de conceitos elevados; ou seja, que todos seus atos fossem executados em nome dos Céus, do modo mais exaltado possível.

Infelizmente, o homem fracassou no cumprimento da proibição de comer da Árvore do Discernimento e o *yétser hará* (mau instinto) penetrou nele. A partir de então, seus atos já não são mais tão puros e isentos de qualquer mistura com coisas materiais como instintos, desejos e anseios mundanos.

É muito relevante ressaltar que, apesar de toda a espécie humana ter decaído de nível, é importantíssimo conhecer o nível primordial que ela tinha, para servir a D'us.

Aquele que se considera desprezível, inferior, inábil e incapaz é condenado ao fracasso. A auto-estima negativa que possui, o impedirá de se desenvolver e chegar a resultados consideráveis. Suas aspirações serão fracas, seus atos também e os resultados virão de acordo com isso.

Em oposição a esse quadro, aquele que conhece bem as forças que lhe foram outorgadas pelo Criador e sabe qual é seu valor e quão preciosa é sua alma, extraída dos Tesouros Celestes, se esforçará mais, escapará das ciladas do pecado e não esmorecerá frente as dificuldades e os testes que aparecem em seu caminho.

Eis que nossos sábios nos revelam o grande nível do Homem no princípio de sua criação, que em certos aspectos era maior que o dos anjos. Antes de pecar, mesmo os atos que são conhecidos por nós como mundanos (e mesclados ao pecado) eram inteiramente santos e comparados às *mitsvot*, os mandamentos Divinos.

O conhecimento disso é capaz de expandir muito nossas aspirações e de impedir que pequemos, pois o pecado não combina com a nobreza do nível de nossa alma. É importante que o ser humano saiba que, apesar da enorme queda que sofreu, este nível, essencialmente, se mantém oculto – e dele se compõe a verdadeira essência do indivíduo.

A Gravidade do Pecado

Por outro lado, aprendemos desta *parashá* o enorme estrago e a tremenda destruição que são causados pelo pecado.

Nossos sábios se estendem na descrição da *teshuvá* (retorno) que Adam *Harishon* empreendeu após haver pecado. Ele distanciou-se de sua esposa por 130 anos, afligiu-se, privou-se de prazeres materiais e esforçou-se para expiar seu pecado e retificar os estragos que causou.

Apesar de tudo isso, ele não conseguiu retornar ao seu nível original. Até que venha a redenção total, o tempo no qual tudo será plenamente retificado, não poderá o ser humano atingir tais alturas espirituais. Até lá, os atos do homem já não serão como no passado: provenientes apenas do discernimento do homem, sem desvios mundanos, inteiramente santos e puros.

Vemos daqui quão grande é a extensão maléfica dos efeitos do pecado, quanto ele rebaixa o homem de sua grandeza, quase não lhe deixando a possibilidade de uma expiação plena e integral.

É verdade que, logo após a descrição do pecado, está novamente escrito “E conheceu o homem sua mulher novamente” (*Be-reshit* 4:25). Nossos sábios ensinam, no entanto, que se somou mais desejo ao desejo que ele já tinha, voltando Adam então, a sua esposa, após uma separação de 130 anos (*Bereshit Rabá* 23,4 – trazido também no *Rashi* sobre o versículo acima citado). Seus atos não vieram apenas a partir do discernimento, como antes.

O estado anterior das coisas foi irremediavelmente danificado. É óbvio que é possível melhorar a situação, expiar o pecado e impedir o castigo e a fúria Divinos – mas o dano permanece.

Convém ressaltar que o poder da *teshuvá* é enorme e não há nada que possa impedi-la. Porém, quanto maior é o pecado, maior ainda precisa ser a *teshuvá*. Assim também escreve o *Rabênu Yoná* no *Shaarê Teshuvá*, Primeiro Portão, capítulo 9: “(Isto é) como uma roupa que precisa ser lavada. Mesmo uma pequena lavagem é capaz de retirar a sujeira, mas ela ficará tanto mais branca quanto mais for lavada”.

O pecado de Adam *Harishon* era, pelo visto, tão essencial, que é necessária uma *teshuvá* tão comprida, profunda e prolongada para sua total retificação.

O Desejo Retira o Ser Humano do Mundo

Para demonstrar concretamente o poder de avaria do pecado, traremos as palavras de nossos sábios em *Pirkê Avot* (4,21): “O desejo retira o ser humano do mundo”. O verdadeiro significado destas palavras não é que isso ocorre como um castigo – ou seja, que o desejo é tão grave que a pessoa merece o rigoroso castigo Divino de se ver retirada do mundo – e sim que isso é o que realmente acontece com ela. Quando uma pessoa se liga ao desejo e às forças mundanas a ele relacionadas, ela se liga ao extermínio.

A natureza do que é espiritual é ser eterno e duradouro. Em contraposição a isso, o que é material é temporário e avança em direção a sua destruição total. Portanto, quando o indivíduo está ligado ao desejo, ele lentamente aniquila a si próprio e se retira do mundo.

Ao refletirmos sobre isso, percebemos o enorme abismo que separa entre o que era feito antes do pecado e o que é feito depois dele. Antes do pecado, os atos eram inteiramente santos, provi-

nham do discernimento e tinham uma fonte pura. Após o pecado, em compensação, os atos estão ligados ao desejo, que aniquila o corpo e a alma e retira a pessoa do mundo.

O Nível de Elevação da Fala

Retornemos agora ao assunto com o qual iniciamos: a diferença entre o ser humano, “a Coroa da Criação” e os animais. O ser humano, como foi explicado, necessita da fala para expressar os tesouros de compreensão e discernimento que possui em si, de modo que tanto os atos como a fala expressem seus bons pensamentos e sejam, também eles, provenientes de uma fonte santa.

Os animais, por outro lado, cujos atos estão todos ligados a assuntos meramente mundanos, necessitam apenas de instrumentos de expressão terrestres, por meio dos quais eles agem, satisfazem suas vontades e suas necessidades de sobrevivência.

Concluímos, então, que os instrumentos de expressão demonstram também a fonte do que expressam. No ser humano, essa fonte é extremamente elevada e exaltada.

Nas bênçãos recitadas pela manhã (*Birchot Hasháchar*), agradecemos a D’us pelas maravilhosas dádivas que Ele nos concedeu: a capacidade de abrir os olhos, de andar, de manter a postura ereta e muito mais. Porém, justo sobre a capacidade de falar, que é tão essencial e importante, não foi instituída uma bênção!

Isso pode ser elucidado de uma maneira muito clara, de acordo com o que explicamos anteriormente.

A fala provém do discernimento, do poder especial colocado por D’us dentro do ser humano, que lhe permite diferenciar entre o bem e o mal, entre a luz e a escuridão. A primeira destas Bênçãos Matinais, instituídas por nossos sábios, fala justamente sobre o discernimento: “Que deu ao ‘*sêchvi*’ (coração; vide *Iyov* 37:36 – *Rashi* e *Metsudot*) discernimento, para diferenciar entre o dia e a noi-

te”. O *sêchvi* diz respeito ao discernimento que possuímos.

O agradecimento pela fala está, portanto, contido na bênção recitada sobre o discernimento.

“Pois Ouvistes a Voz de tua Mulher”

Explicamos, anteriormente, a diferença entre voz e fala. A fala é ligada ao discernimento e exprime a sublimidade e a diferença entre o bom e o melhor ainda. A voz, no sentido de som, é mais simples, terrena e é comum também aos animais, que expressam seus desejos e instintos por meio dela.

À primeira vista, há uma contradição entre essa idéia e a linguagem utilizada pela *Torá*, logo após o pecado de Adam e Chavá: “pois ouvistes a voz de tua mulher” (*Bereshit* 3:17). Aqui, é a palavra “voz” que vem designar a fala do ser humano!

Observando atentamente, porém, percebemos que isso vem transmitir a mesma idéia que trouxemos anteriormente. As palavras da mulher, neste caso, eram o extremo oposto da vontade de D’us – que ordenou a eles não comerem da Árvore do Discernimento. Elas derivaram de suas vontades e desejos, conforme está escrito: “e viu, a mulher, que a árvore era boa para comer e desejável aos olhos, etc.” (*Bereshit* 3:6).

Mesmo a fala humana, quando provém de tais fontes, tem apenas o nível de “voz”, pois o discernimento não está associado a ela.

No livro *Orchot Chayim*, de autoria do *Rosh*, consta o seguinte: “Não fique berrando como um animal”. Em uma interpretação simples, há aqui um comando para não gritar ou falar em voz alta, sem controle, como fazem os animais. Deve-se falar em voz baixa, como é apropriado a um ser humano.

De acordo com o que dissemos, porém, podemos acrescentar aqui outra explicação. A pessoa não deve falar como os animais, sem discernimento e sem pensamento prévio. Todas as suas

palavras devem ser proferidas com ponderação e sabedoria, refletindo os propósitos de seu coração e o caminho espiritual por intermédio do qual ela se aproxima, a cada dia, de D'us.

A fala, que expressa o discernimento, os atos e os pensamentos do indivíduo, é capaz de auxiliá-lo a ascender a cumes espirituais elevados e aproximá-lo do nível que a humanidade tinha antes do primeiro pecado.

NOACH / נח

A LIÇÃO MORAL APRENDIDA DA GERAÇÃO DO DILÚVIO

A Retificação do Pecado da Geração do Dilúvio

As pessoas da geração do Dilúvio pecaram e se rebelaram contra D'us a ponto de causarem a destruição de todo o mundo. O Criador provocou um dilúvio que destruiu tudo o que havia. A meta era construir, por cima dessas ruínas, um mundo novo, no qual não haveria uma devassidão tão grande.

O *Malbim* explica que, nas palavras do *passuc* “Faz para ti uma arca de madeira de cipreste” (*Bereshit* 6:14) está indicado o tema desse novo mundo.

“De acordo com o *rêmez* (o plano de entendimento que busca as alusões contidas nos versículos da *Torá*), essa arca continha um modelo do novo mundo, que surgiria após o Dilúvio. Este será o mundo que dominará, então, sobre a superfície das águas que destruíram o mundo antigo, no qual a matéria e a parte poeirenta subjugaram o espiritual e a parte aérea (elevada)”.

“O novo mundo será construído de “madeira de cipreste”, que é leve e flutua sobre a água, uma vez que possui em sua

composição mais da parte de ar que da parte de matéria espessa. Isso indica que, no novo mundo, se reduzirá o poder do pó e a matéria espiritual dominará ainda mais”.

O sentido dessas palavras é que o ser humano, “a Coroa da Criação”, influencia todo o mundo com seus atos. Quando esses são bons, o mundo eleva-se com ele e, quando ele peca, o mundo se torna pior, em consequência disso.

Em um mundo bom, fortalecem-se os elementos que anseiam em direção às alturas e, em um mundo mau, intensificam-se aqueles que tendem a pesar e levar para baixo. Isso é indicado pelo mundo ter afundado, por seu peso, sob as águas do Dilúvio, enquanto o novo mundo, que é leve, tende a subir e, conseqüentemente, bóia sobre as águas. Esta é a esperança do novo mundo; que a humanidade alcance, após o pecado, a sua retificação.

O Pecado Afeta a Base da Manutenção do Mundo

O Todo-Poderoso ordenou a Noach que construísse uma arca, na qual entrariam ele, sua mulher, seus filhos e as respectivas esposas e os animais que Ele queria salvar do Dilúvio. A salvação se daria por eles se isolarem do mundo externo, ao qual foi decretado o extermínio. Mesmo o ar externo, corrompido, não entraria na arca. Todos os seus integrantes estariam desligados da corrupção que penetrou, tão profundamente, no mundo exterior.

O *Keli Yacar*, sobre o versículo “300 cúbitos será o comprimento da arca” (*Bereshit* 6:15), comenta detalhadamente o estrago que o pecado causou e a salvação, que foi milagrosa:

“A escritura detalhou as medidas do comprimento, da largura e da altura (da arca) por dois motivos. O primeiro é para mostrar a grandiosidade do milagre – como tão pouco conteve tanto, pois havia lá criaturas enormes, elefantes e antílopes. O segundo é para nos transmitir que o principal (motivo) das águas do Dilúvio foi a

promiscuidade e o adultério, conforme está escrito: ‘E viram, os filhos de D’us, as filhas do homem...’ (*Bereshit* 6:2) – e interpretam nossos sábios: ‘com a (linguagem de) ‘*rabá*’ (grandes proporções) eles estragaram e com a (linguagem de) ‘*rabá*’ eles foram julgados’ (*San’hedrin* 108a). O motivo disso é que, por meio da promiscuidade, eles profanaram a santidade do nome *Yod-Hê*, que intermedeia entre o homem e a mulher e, separando-se deles o *Yod-Hê*, sobra “*êsh*” e “*êsh*” (fogo e fogo), como está escrito: ‘pois fogo é Ele, até a aniquilação consumirá’” (*Iyov* 31:12).

Encontramos, portanto, que esse pecado de *arayot* (adultério) atinge os alicerces do mundo e retira o fundamento sobre o qual se apóia toda a humanidade. Esse fundamento é o nome de D’us, que se une ao homem e à mulher e os ajuda a montar seu lar. Quando se peca, D’us nos livre, com adultério, retira-se o Nome do Criador e, removendo-se a base, cai toda a construção.

O *Keli Yacar* continua a explicar como o pecado atinge o mundo e tudo o que nele está contido:

“Assim também encontramos em relação ao Rei Chizkiyá, que foi primeiramente castigado por não ter se ocupado em procriar, como consta no Tratado de *Berachot*. Falou a ele o profeta: ‘ordene sua casa, pois morto está você e não viverá’ (*Yesha’yáhu* 38:1). Nossos sábios aprenderam daqui: ‘pois morto está você’ – neste mundo; ‘e não viverá’ – no Mundo Vindouro’. Por que há aqui tanta fúria, para que ele seja castigado neste mundo e no Vindouro?”

“Já que está escrito (*Yesha’yáhu* 26:4): ‘pois em *Yod-Hê*, D’us, está o Criador dos mundos’. Disso se aprende que esse mundo foi criado com a letra *hê* e o vindouro com *yod*. Uma vez que ele não se empenhou em procriar, causou que o Nome *Yod-Hê* se afastasse do homem e da mulher. Logo, é como se tivesse destruído os dois mundos, cuja existência depende do Nome *Yod-Hê* – posto que (este) Nome se afastará de todas as criaturas e ascenderá aos Céus. Assim, sua sentença foi ser apartado dos dois mundos”.

“Assim, também, aconteceu com a geração do Dilúvio: uma vez que ela profanou o Nome *Yod-Hê*, foi selado seu veredicto: serem apartados deste mundo e do Mundo Vindouro, conforme consta no “*Pêrek Chêlek*” (*San’hedrin* 107b): ‘a geração do Dilúvio não possui uma porção no Mundo Vindouro’”.

Aprendemos, das palavras do *Keli Yacar*, que há pecados passíveis de danificar as bases da *emuná* e da ligação entre D’us e Seu Povo, Yisrael, ou entre Ele e o conjunto de suas criaturas. Daqui advém a enorme gravidade dessas iniquidades. As pessoas da geração do Dilúvio, com seus pecados relativos ao adultério, atingiram o nome de D’us e, com isso, perderam sua parte no Mundo Vindouro. Assim também acontece a cada geração na qual esses pecados são cometidos de um modo mais grave.

Três Perspectivas no Cumprimento do Shabat

O livro *Netivot Shalom* explica que a Arca de Noach alude a três assuntos espirituais essenciais: o *Shabat*, a *Torá* e a união dos Filhos de Yisrael.

Assim como a Arca de Noach salvou a ele e a seus filhos em uma das horas mais difíceis da humanidade, o *Shabat* também protege, nas situações mais terríveis, aqueles que o cumprem. Já disseram nossos sábios que, por intermédio do cumprimento do *Shabat*, a *teshuvá* sobre idolatria será aceita (*Shabat* 118b): “todo aquele que cumprir o *Shabat* conforme os seus preceitos, ainda que tenha adorado idolatria como a geração de Enosh, perdoá-lo-ão”. A santidade do *Shabat* é tão grande que, quem o cumpre como se deve, tem o mérito de ser envolvido por ela. Mesmo quando chega a uma situação equivalente à da geração do Dilúvio, ele ainda tem esperança.

O cumprimento do *Shabat* se dá em três campos principais. O primeiro é o prático, no qual o homem cuida de não transgredir

qualquer proibição relacionada ao *Shabat* e de não profaná-lo com algum trabalho que não pode ser feito. O segundo é a lembrança do *Shabat* com a fala, conforme dizem nossos sábios: “que sua fala no *Shabat* não seja como o dos outros dias da semana” (*Shabat* 113b) – não se fala, então, sobre fazer trabalhos proibidos, etc. O terceiro campo é o do pensamento. No *Shabat*, não se medita sobre assuntos mundanos que atormentam o indivíduo – que deve considerar como se tudo o que tem a fazer já estivesse feito.

O *Ben Ish Chay* (*Shaná Sheniyá, Parashat Vayishlach*, §19) diz o seguinte: “mesmo que, em princípio, se (alguém) senta em algum lugar e medita sobre seus negócios, isso seja permitido – mesmo assim, por *ôneg shabat*, é uma *mitsvá* que ele não pense neles de modo algum e considere como se todo seu trabalho já estivesse realizado. (Ele deve) desocupar seu coração de todo assunto mundano, pois essa é uma necessidade desse momento – que ligue seu pensamento em seu Criador, para despertar amor e reverência (a Ele) com enorme alegria. Quanto mais isso é verdade quando é possível que, a partir da ponderação sobre seus negócios, o indivíduo fique aflito ou mesmo um pouco preocupado. Não é preciso que ele tenha isso no *Shabat*, pois é necessário que o *Shabat* seja um descanso de paz...”.

O resguardo do pensamento no *Shabat*, de todas as ponderações e preocupações dos outros dias da semana, é o que confere ao indivíduo o verdadeiro descanso do *Shabat*: “descanso, paz, tranquilidade e confiança” (Oração de *Minchá* de *Shabat*); um descanso pleno que D’us deseja.

Os três andares da Arca aludem a essas três partes do *Shabat*. Bem-aventurado aquele que consegue guardá-lo em todos os seus sublimes níveis e habitar a morada superior, destinada ao ser humano pleno.

A Arca de Noach como uma Alusão à Qualidade Intrínseca da Torá

A Arca de Noach alude também ao estudo de nossa sagrada *Torá*, de modo que podemos aprender dela uma lição moral importante. Assim como ela protegeu seus ocupantes das águas do Dilúvio, isolando-os do mundo exterior, a *Torá* também é capaz de resguardar o indivíduo do *Yêtsér Hará* (mau instinto). Assim falaram nossos sábios: “Criei o *Yêtsér Hará*; criei a *Torá* como antídoto” (*Kidushin* 30b). Isso significa que o estudo da *Torá* tem o poder de nos proteger contra as investidas do mau instinto.

Acrescentemos que o estudo da *Torá* deve ser feito do mesmo modo que é feito o pecado. Assim como o pecado da geração do Dilúvio foi cometido com paixão – sendo na verdade a completa destruição de tudo o que é positivo – o estudo, que o retifica, também deve ser efetuado com empolgação e entusiasmo sagrados. Um estudo assim exaltado protegerá o indivíduo e o manterá santificado e limpo de qualquer pecado e iniquidade.

Mais que isso: na Arca de Noach havia três andares: “inferior, segundo e terceiro”. Esses andares aludem a três fases na vida do indivíduo: os anos da juventude, a meia idade e os anos da velhice. Assim como a arca envolvia esses três andares, o homem deve atravessar todas as fases de sua vida com sucesso, em uma perspectiva espiritual.

Cada uma dessas fases é completamente distinta das outras. Na juventude, é muito forte o *Yêtsér Hará* ligado aos desejos – e o trabalho espiritual deve ser empreendido de acordo. Na meia idade, o indivíduo se encontra cercado em duas frentes: agem sobre ele tanto os desejos, quanto variados tipos de preocupações, que atrapalham o serviço Divino. Na velhice, fortalecem-se instintos como o da busca por honrarias e afins.

A pessoa deve ajustar seu trabalho espiritual de acordo com

suas inclinações e com as crises que a ela se interpõem, esforçando-se por vencer o mau instinto, que está em seu encalço, em todas as situações e em todas as frentes.

De um modo geral, o caminho para vencer todas as artimanhas do *Yêtsér Hará* é o estudo da *Torá*. A *Torá* tem o poder de salvar o indivíduo das ciladas do *Yêtsér Hará* e fazê-lo ascender a degraus espirituais altíssimos.

A *Torá* é relevante em todos os períodos e situações da vida. Quando ela está vinculada ao coração do indivíduo, quando no âmago de seu coração há um recanto sagrado reservado apenas às palavras de *Torá*, esse cantinho pode ajudá-lo a superar todas as dificuldades e direcionar seu caminho a D’us, tal qual a Arca de Noach em relação ao Dilúvio.

Em todas as gerações, houve gente que manteve sua moralidade, apesar das investidas do mau instinto. “A *Torá* protege e salva”. Ela tem o poder de preservar o coração do indivíduo para que não lhe aconteça nada de mau e para que continue sempre puro, amando a D’us e a Seus mandamentos.

A União do Povo de Israel

A terceira lição que podemos aprender da arca de Noach diz respeito à união e à ligação daqueles que são tementes a D’us. Essa união tem o poder de preservar o judeu de qualquer coisa ruim e salvá-lo do declínio, mesmo nas situações mais difíceis.

No livro *Netivot Shalom*, esse assunto é explicado tomando-se como base as palavras de *Rabênu Nissim*, em suas prédicas sobre *Dor Hapelagá* (a geração da Torre de Babel). De acordo com ele, quando pessoas que possuem um bom caráter se ajuntam, bons frutos provêm dessa união, mesmo que eles ainda não estejam agindo, pois a união traz o bem.

Em contraposição a isso, a união de pessoas perversas traz

conseqüências ruins para o mundo. Também aqui, a própria união já provoca o mal, muito antes de ações serem efetuadas.

Na geração da Torre de *Bavel*, D’us – que conhece todos os segredos – viu que havia uma união de pessoas iníquas e de mau caráter. Uma vez que disso adviria uma grande destruição para todo o mundo, eles foram espalhados, eliminando essa união e fazendo passar o perigo a ela relacionado.

Na arca de Noach ocorreu o inverso. Todos os justos que viviam na época foram reunidos em um só lugar. A força dessa união os protegeu e os salvou. Não só isso: o novo mundo, construído sobre as ruínas do antigo, foi baseado nessa união dos *tsadikim*. Daqui provém a garantia de o mundo não ser destruído e a força que o sustenta, até a redenção completa.

É importante acrescentar que, quando algo grande está prestes a vir ao mundo, as forças da “*Sitrá Acherá*” (“Outro Lado”) se fortalecem. As forças do mal tentam impedir seu surgimento de todos os modos possíveis. Podemos ver que sempre que há alguma tentativa de unir os tementes a D’us e os que se importam com Seu nome, aparecem todos os tipos de empecilhos, tanto por parte daqueles que estão “dentro” quanto daqueles que estão “fora”.

Em prol da paz e da união, é necessário agir com todas as forças, não esmorecer e não desistir em conseqüência dos grandes obstáculos e dificuldades. Aquele que conseguir levar essa tarefa a cabo terá, também, o mérito de alcançar a plenitude do sucesso espiritual, uma vez que a união é responsável por uma profusão de bênçãos e de sucesso.

Consta no *midrash*, que Avraham *Avínu* se encontrou com Shem, filho de Noach, e perguntou a ele como eles conseguiram se salvar da grande fúria do Dilúvio. Shem respondeu que isso se deu pelo mérito da bondade que eles fizeram, na arca, com as criaturas do Todo-Poderoso.

Pela pergunta de Avraham vemos que essa salvação é consi-

derada como um milagre, considerando a enorme fúria que era então dirigida contra o mundo. Embora Noach fosse um grande justo, a “*Midat Hadin*” (o Atributo de Justiça), que então governava o mundo, era capaz de prejudicá-lo.

Shem respondeu que eles foram salvos pelo mérito da bondade que fizeram. Isso se refere à união, amor e companheirismo que tiveram entre si, aliada ao fato de sustentarem e alimentarem as criaturas de D’us por um ano. Esse agrupamento de *tsadikim* (justos), que se expressa na bondade para com os outros, na preocupação com seu bem-estar e na verdadeira amizade dentro do coração, foi o que os fez passar pela grande fúria que se estendia em relação ao mundo todo, naquela época.

A Importância da Organização Interna, no Homem e em Toda a Criação

O *Netivot Shalom* acrescenta um pensamento extraordinário, que esclarece como esses mandamentos auxiliam o indivíduo a se livrar de qualquer infortúnio. Segundo suas palavras, o castigo das águas do Dilúvio veio pela confusão que existia naquela geração. Toda a ordem da Criação foi distorcida por esses graves pecados. D’us criou o mundo com uma organização exemplar – e tais iniquidades a destroem. A Arca de Noach, na qual prevaleciam o companheirismo e a bondade, salvou seus ocupantes da confusão que havia fora dela.

Também o *Shabat* e o estudo da *Torá* estão ligados à organização interna do indivíduo e seu bom senso. Nossos sábios dizem que “uma pessoa não peca a não ser que tenha entrado nela um espírito de tolice” (*Massêchet Sotá* 3a) – ou seja, que sua consciência e seu modo de pensar foram deturpados. tranqüilidade mental

A retificação disso provém do bom senso. O *Shabat* o pro-

porciona, com sua santidade e com o fato de desligar a pessoa do mundo material que enlouquece, confunde a consciência e atrapalha a organização da vida.

Também nossa sagrada *Torá* é baseada no bom senso. Consta em *Massêchet Shabat* (88a): “uma condição D’us impôs a tudo o que foi criado: se Israel aceitar a *Torá*, ótimo; senão, Eu faço todo o mundo retornar ao caos e à desordem”.

Aprendemos daqui que a *Torá* é o que mantém o mundo e o que guarda sua organização. É mais que óbvio que, assim como essas *mitsvot* têm a característica de proteger o Povo de Israel e todo o mundo, elas também tem a capacidade de influenciar para o bem cada Filho de Israel em particular.

Bendito é aquele que se mantém firme em relação a esses mandamentos, que cuida deles e é detalhista em seu cumprimento. Por mérito disso, ele se salvará sempre de qualquer infortúnio, material ou espiritual.

LECH LECHÁ / לך לך

A FUNÇÃO E OS TESTES DE CADA UM

Os Testes de Avraham Avínu

Em *Massêchet Avot* (capítulo 5, *mishná* 3) consta que Avraham Avínu passou, com sucesso, por dez testes. O *Rambam* (Maimônides) explica, em seu comentário, que o primeiro dos testes foi o que D’us lhe disse: “Vá (embora) da tua terra, da tua pátria e da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei” (*Bereshit* 12:1) e o último foi o da “*Akedat Yitschac*”, a “Amarração de Yitschac”, no qual também aparece a linguagem “Vá para a Terra de Moriyá”.

O *midrash* (*Bereshit Rabá* 39:11) traz sobre isso o seguinte trecho: “Disse *Rabi Levi*: duas vezes está escrito ‘vá’ – e não sabemos qual é a mais querida, a segunda ou a primeira”. O comentarista *Matenot Kehuná* explica que, pelo fato do *passuc* especificar para onde ir na segunda vez, aprendemos que esta é mais querida.

É necessário explicar qual é a relação entre o primeiro e o último teste como a pergunta do *midrash* sobre qual das vezes é

mais querida. O autor do livro *Netivot Shalom* pergunta ainda que, à primeira vista, o teste da *Akedá* – no qual Avraham é ordenado a amarrar seu filho para sacrificá-lo – é certamente o mais difícil de todos os testes. Assim sendo, qual é o sentido de perguntar qual dos dois é mais difícil e querido?

Cada Indivíduo no Mundo Tem Outra Função

O *Netivot Shalom* elucida essas questões baseando-se nas palavras do Ari z"l. Este explica que, desde o dia em que o ser humano surgiu na face da Terra até o fim de todas as gerações, nunca existiu uma pessoa igual a outra – e ninguém é capaz de retificar o que foi imposto a que outra pessoa retificasse. Isso significa que, desde antes de uma criatura vir à existência, D'us já lhe destina a função em nome da qual está sendo criada e a meta que ela deve atingir em sua vida.

Cada indivíduo desce ao mundo para cumprir uma função previamente estabelecida. D'us combina todas as circunstâncias de sua vida, até os últimos detalhes, em prol dela: o ambiente onde cresce e a educação que recebe, os testes, as dificuldades e todos os fatores que o auxiliarão em sua função ou que o atrapalharão – para que tenha de superá-los e vencê-los.

A organização da vida de uma pessoa não é igual a de outra e ninguém é capaz de preencher o lugar do seu semelhante. Todo aquele que aproveita as condições boas e positivas que lhe foram outorgadas pelos Céus e, por outro lado, se mantém firme nos testes específicos que D'us lhe impõe, cumpre plenamente sua função.

A propósito, uma visão de vida assim é capaz de retirar muita inveja, ódio e competição entre as pessoas. Muitos são os que invejam os outros por terem mais sorte ou por estarem ricos e contentes. Porém, se o indivíduo se conscientizar do fato de que todas as condições necessárias para que atinja sua meta no mun-

do já lhe terem sido outorgadas, incluindo os fatores materiais, a educação, o caráter, características éticas, contatos sociais, etc., será capaz de fazer cessar sua inveja pelo outro. É verdade que o outro pode ter condições mais favoráveis, mas sua função é totalmente diferente que a sua. Logo, sua porção é completamente distinta.

A função e a meta são o que fixam o destino do homem. Aquele que tem uma função mais difícil também recebe as condições apropriadas para poder exercê-la. A função de uma pessoa é a principal coisa em sua vida e os diferentes fatores que a circundam são apenas meios para atingi-la.

As Diferenças de Qualidades Éticas (Midot) Entre as Pessoas

As diferenças entre as pessoas se manifestam em todos os campos – em relação ao sustento, ao local onde se mora e outros. A principal diferença, no entanto, se expressa nas características da alma e nas qualidades éticas de cada um.

Quando contemplamos o conjunto da humanidade, podemos ver que há pessoas moralmente puras e espiritualmente nobres, nas quais é praticamente impossível encontrar traços de raiva, de volúpia, etc. Sua alma está sempre à procura da santidade, da ajuda ao próximo e do que seja relacionado à bondade. Por outro lado, é possível encontrar aqueles nos quais são visíveis as características éticas corruptas e más. Eles tendem sempre à raiva, à maldade, à inveja, ao orgulho, etc.

Não há dúvida de que esses dois tipos de seres humanos têm uma função e uma meta completamente distintas. É indubitável que aquele que nasce com atributos elevados possui uma função maior e mais abrangente que aquele que tem características negativas. Por outro lado, cada pequeno passo de retificação efetuado

pelo segundo tipo de pessoa é considerado pelos Céus como uma conquista importante, embora nem sempre as pessoas dêem o devido valor a esses passos.

O Julgamento Divino É Justo

Essa explanação também é capaz de acrescentar muito ao entendimento do que se passa em nossa geração, quando contemplamos o modo de vida de dois tipos de indivíduos hoje existentes.

Um nasceu em uma casa de eruditos da *Torá*, teve uma educação perfeita e toda a atmosfera necessária para que crescesse em *Torá*. O outro, em comparação, nasceu em um ambiente estranho ao judaísmo ou em uma comunidade afastada, na qual sequer chegou algum resquício de luz judaica. Ele vive, conseqüentemente, de acordo com isso.

Perguntamos a nós mesmos: será possível que eles sejam julgados nos Céus da mesma forma, uma vez que as condições primárias de cada um deles eram completamente diferentes?

A resposta é que a cada um foi dada uma função inteiramente distinta. Somos incapazes de compreender a sabedoria de D'us, como é expressado nas palavras do profeta: “Pois assim como são elevados (distantes) os Céus em relação à Terra, assim são elevados Meus caminhos em relação aos seus caminhos e Meus pensamentos em relação aos seus pensamentos” (*Yesha'yáhu* 55:9). Cabe a nós somente a certeza de não haver perante o Eterno suborno e corrupção e a confiança de que todo o ato, a fala e o pensamento de cada indivíduo sejam pesados cuidadosamente. D'us conduz a Criação em direção a sua retificação, por intermédio dos diferentes atos de todas as pessoas que se encontram sobre a face da Terra.

“Vá (Embora) de Tua Terra, de Tua Pátria e da Casa de Teu Pai”

Quando analisamos esse assunto, podemos verificar que as características da alma provêm de três fontes principais:

1) Há aquelas que provêm de “tua terra”. Os habitantes de uma mesma terra possuem, em geral, traços de caráter comuns, que dizem respeito tanto a características positivas – como assiduidade, pontualidade, sensibilidade, lealdade e outras – quanto negativas – como falta de retidão, preguiça e crueldade, chegando mesmo a tender à violência e ao homicídio.

Essas raízes espalham-se, de um modo geral, entre todos os que moram naquele local e os caracterizam. É possível inferir o país de origem de uma pessoa por seu comportamento e modo de agir. Isso é um fato verídico, profundamente enraizado na alma e perceptível a todos.

2) De “tua pátria”. Há características e qualidades que são transmitidas hereditariamente e pessoas de uma mesma família possuem traços de caráter e qualidades semelhantes. Muitos detalhes de características são assim transmitidos e podem ser observados após muitos anos entre os membros da família, em qualquer lugar que estejam.

3) “Da casa de teu pai”. O comportamento dos pais influencia muito a raiz da alma de seus descendentes. Quando os pais se comportam com santidade, os filhos tem o mérito de receber uma alma elevada e santa. Por outro lado, se seus atos e pensamentos encontram-se afastados da santidade, isso é expresso na raiz da alma dos filhos.

Avraham *Avínu* foi ordenado a se afastar de suas primeiras raízes, que certamente não eram boas. Foi imposto a ele que se apartasse das más características dos habitantes de sua terra natal, dos traços da família a qual pertencia e, ainda por cima, eliminar as con-

seqüências do mau comportamento de seus pais, que provavelmente não se conduziam como D’us gostaria que se comportassem.

“Para a terra que Eu te mostrarei”. Se Avraham efetivamente abandonar tudo isso, alcançará a plena retificação de sua alma ainda neste mundo. “A terra que Eu te mostrarei” é o lugar destinado a Avraham *Avínu* de acordo com a grande função imposta a ele pelo Criador.

Enfrentar os Testes – do Mais Fácil ao Mais Difícil

Com base nessa explicação, é possível entender alguns detalhes importantes deste versículo. Em primeiro lugar, a ordem das palavras “da tua terra, da tua pátria e da casa de teu pai” é difícil de entender, pois quem sai de um lugar primeiro sai da casa de seus pais, depois abandona a região de seu nascimento e, apenas depois disso, retira-se de seu país. Aqui, em relação a Avraham *Avínu*, a ordem é oposta.

Porém, uma vez que esse mandamento inclui também o afastamento das qualidades negativas, conforme explicamos, podemos entender que é mais fácil começar esta meta com o abandono daquelas enraizadas no indivíduo por força do país, libertando-se ele, depois disso, das que vieram por conta de sua família e, por fim, das que a ele se agregaram por força de seus progenitores.

Deste modo, avançando do mais fácil para o mais difícil, o indivíduo conseguirá, passo a passo, preencher a função que foi imposta a ele e ter sucesso em seu caminho.

De acordo com o que dissemos, fica explicado por que o *passuc* utiliza a linguagem “vá” em vez de “saia”, por exemplo, que é a utilizada com relação a Noach. D’us diz a Noach: “Saia da arca” (*Bereshit* 8:16). Em relação a Noach, o principal objetivo do mandamento era que ele saísse da arca e estivesse fora dela. Em relação a Avraham *Avínu*, por outro lado, a meta não era

apenas o afastamento de toda a cultura estranha e das más qualidades de caráter que lhe foram transmitidas por seus antepassados. Havia também outra intenção: que ele chegasse “para a terra que Eu te mostrarei” – à retificação da alma, que é a principal meta da criação do ser humano no mundo material.

Por isso está escrito “vá”, linguagem que indica não apenas a saída do local, como também a caminhada em direção a um lugar específico. Há um objetivo em chegar a este lugar e aproveitar dele.

Três Comandos de Caminhada

Se observarmos bem, poderemos ver que três vezes foi ordenado a Avraham *Avínu* fazer algo com a linguagem de caminhada. No princípio, quando ainda estava em Charan, lhe foi dito: “Vá (embora) da tua terra, da tua pátria e da casa de teu pai”. Depois, já na Terra de Israel, D’us lhe transmite: “ande perante Mim e seja íntegro” e, antes do teste da *Akedá*, ele é comandado: “vá para a Terra de Moriyá”.

Cada filho de Israel é ordenado por D’us, durante toda sua vida, a não ficar estático – e sim avançar e ascender sem pausas. Assim como Avraham foi ordenado três vezes, em três épocas distintas de sua vida, a caminhar e enfrentar testes, a cada um é imposto enfrentar, com sucesso, os testes que D’us coloca perante ele.

É importante ressaltar mais um ponto. Explicamos anteriormente, que cada indivíduo é diferente de seu semelhante porque D’us criou cada um para uma função específica, de acordo com a qual ele recebe uma determinada personalidade, caráter, etc. É necessário acrescentar que as pessoas mudam muito de acordo com sua idade. As características que as distinguem em sua juventude não são as que elas possuem em sua meia-idade e em sua velhice.

De acordo com isso, devemos dizer que também as funções do indivíduo se modificam; os testes da adolescência não são os

mesmos da idade adulta. A regra geral, porém, se mantém: assim como Avraham *Avínu* foi ordenado pelo Eterno, em cada época de sua vida, a continuar caminhando perante D’us e a servi-Lo com lealdade, cada um é ordenado a continuar enfrentando os variados testes que lhe aparecem, a cada instante, com sucesso e ser um servo fiel a seu Criador.

Deve-se saber que cada momento na vida é importante e não volta de modo algum. O teste de agora é inteiramente diferente do de daqui a pouco. Portanto, é impossível encobrir um fracasso específico com um êxito posterior, pois cada momento é diferente do outro e assim também é com os testes que cada instante contém. Cada período contém um tipo especial e único de serviço a D’us e cabe ao indivíduo avançar e se aproximar constantemente do Eterno com todas as suas possibilidades.

Testes Contínuos e Testes Episódicos

De acordo com o que explicamos anteriormente, podemos elucidar as palavras do *midrash* que trouxemos no início. O *midrash* pergunta: “disse *Rabi Levi*: Duas vezes está escrito ‘vá’ – e não sabemos qual é a mais querida, a segunda ou a primeira”. Questionamos o fato de ser, à primeira vista, simples de decidir, que o teste da *Akedá* foi mais difícil. Agora podemos esclarecer bem esta questão.

O teste de “vá (embora)” é um teste diário e contínuo no qual a pessoa é ordenada a abandonar os costumes, as qualidades e as características morais imprimidas nela por D’us, esforçando-se por melhorar tudo. O ser humano precisa aperfeiçoar (refinar) as características de sua alma todos os dias de sua vida. Essa é uma guerra constante e sem tréguas, na qual o indivíduo deve se transformar, a cada instante, em um utensílio que traz bênção em prol do seu Criador.

Além do teste contínuo e dos incessantes esforços em favor do auto-aperfeiçoamento, às vezes D’us manda para o indivíduo uma prova grande e momentânea. É necessário, então, juntar todas as forças para ter sucesso nessa luta, apesar do grande esforço que deve ser investido nessa hora crítica.

O teste de “vá (embora)” é paralelo ao teste contínuo, e o teste da *Akedá* é o protótipo do teste extraordinário, mas momentâneo. O *midrash* pergunta qual dos dois é mais querido (por D’us): a manutenção do nível espiritual e o lento, porém contínuo, avanço ou a maior e mais difícil prova, embora passageira.

Na guerra do dia a dia existe a vantagem do homem estar constantemente sob o Jugo Divino e de esforçar-se o tempo todo por se aperfeiçoar, aprimorar-se (refinar) e fazer a Vontade de seu Criador. Na prova momentânea, em comparação, trata-se de *mes-sirut nefesh*, auto-sacrifício, uma renúncia da própria vida e de tudo que há nela unicamente para servir o Todo-Poderoso.

O *Midrash* responde que o teste da *Akedá* é mais querido. Nessa prova se revela um auto-sacrifício total, no qual se insere a retificação plena e absoluta. Aqui se cumpre o ideal de “para a Terra de Moriyá” (local onde aconteceu a *Akedá*); o indivíduo se aproxima de D’us com o coração e com a alma, de forma integral.

A força do auto-sacrifício por D’us e pelo cumprimento de Seus mandamentos é enorme e Avraham, ao abnegar sua vida e a de seu filho no Teste da *Akedá*, mostrou a seus descendentes que também eles serão capazes, em todas as gerações, de resistir e de sacrificar-se pela santidade do Nome de D’us.

Os inúmeros Filhos de Israel que deram suas vidas e morreram, de variadas formas, para não deixar de lado nem uma vírgula da sagrada *Torá*, são discípulos de Avraham *Avínu*, que se sacrificou por D’us no Teste da *Akedá*.

VAYERÁ / וַיֵּרָא

O NÍVEL ELEVADO DA PLENITUDE

“Ande Diante de Mim e Seja Perfeito”

No final de *Parashat Lech Lechá*, D’us diz a Avraham: “Ande diante de mim e seja perfeito” (*Bereshit* 17:1). Com isso, o Eterno lhe revela que ele se tornará íntegro e pleno pelo mérito da *mitsvá* de *Berit Milá* (circuncisão). A retificação do atributo de “*Yessod*”, que é a retificação do sagrado pacto do *Berit Milá*, conduz o homem a sua plenitude.

Nessa porção semanal, *Parashat Vayerá*, após cumprir a *mitsvá* de *Milá*, Avraham *Avínu* atinge essa plenitude. Neste ensaio, tentaremos elucidar o que significa isso, o que essa plenitude contém e como se chega a ela.

Consta em *Massêchet Nedarim* (32b): “Disse Rami Bar Aba: está escrito “Avram” e está escrito “Avraham”. Inicialmente, D’us o fez reinar sobre 243 órgãos (valor numérico de Avram) e, no final, o fez reinar sobre 248 órgãos (valor numérico de Avraham) – que são os dois olhos, os dois ouvidos e sua parte íntima. *Rashi* explica que, inicialmente, D’us o tornou soberano dos órgãos que

o indivíduo é capaz de controlar para que não sucumbam ao pecado. Os olhos e os ouvidos, porém, não estão no domínio do ser humano, pois pode acontecer de ter de ouvir ou ver mesmo contra sua vontade. No fim, após Avraham ter realizado o *Berit Milá*, D'us o fez mestre também desses órgãos, para que só ouça e veja o que estiver ligado a *mitsvot*.

O significado da palavra “*temimut*” (integridade) é a plenitude em todos os campos. Há domínios nos quais é muito difícil alcançá-la, por ser fácil fracassar neles, sendo necessários tanto um esforço fora do comum, como uma substancial ajuda dos Céus para atingir essa meta. D'us nos prometeu que, se fizermos o que pudermos para retificar o atributo de *Yessôd*, Ele nos ajudará a atingir a integridade.

Assim foi com Avraham *Avínu*. Antes de cumprir a *mitsvá* de *Berit Milá*, ele dominava todas as esferas possíveis, mas ainda sobravam aquelas sobre as quais é muito difícil obter controle, como a visão e a audição. A plenitude em relação a elas só foi alcançada por ele após o *Berit Milá*, pelo mérito do qual D'us tornou-o mestre de todos os seus órgãos e o auxiliou a não tropeçar em nada. Dali em diante, todos os seus atos foram “*Leshem Shamáyim*” – em nome dos Céus – conforme disseram nossos sábios na *Guemará* (ibid.): “para que não veja e não ouça a não ser o que estiver relacionado a uma *mitsvá*”.

Olhar Positivo, Espírito Humilde e Alma Modesta

A plenitude do indivíduo se expressa de três modos: em relação a D'us, no que diz respeito aos outros e no que concerne a si próprio. O *Maharshá* (sobre *Massêchet Bavá Camá* 32b) e o *Maharal* (em seu livro *Dêrech Hachayim*, sobre *Pirkê Avot*) discutem esse assunto extensivamente.

Consta em *Pirkê Avot* (capítulo 5, *mishná* 19): “Todo aquele

que possui essas três características é dos discípulos de Avraham *Avínu*. Todo aquele que possui essas três outras, é dos alunos de Bil'am, o perverso. Olhar positivo, espírito humilde e alma modesta – dos alunos de Avraham *Avínu*. Olhar negativo, espírito altivo e alma arrogante – dos alunos de Bil'am, o perverso”.

Os alunos de Avraham *Avínu* herdaram dele as três características acima descritas. Foi a excelência em relação a elas que o levou à plenitude geral, pois nelas estão contidas todas as partes da alma e do caráter da pessoa.

“Olhar positivo” quer dizer olhar positivamente para os outros, não se entristecer com seu sucesso, querer o seu bem, não invejar e não reclamar do que os outros fazem. Existem aqueles que vêem, em cada um que encontram, um competidor e um inimigo. Em compensação, existem aqueles que recebem cada um como amigo e alegram-se com o fato das coisas estarem boas também para ele. Avraham *Avínu* e seus discípulos são exemplos desse segundo tipo.

“Espírito humilde” se revela na verdadeira humildade, na falta de arrogância e de sentimento de superioridade em relação aos outros, no distanciamento da raiva e na capacidade de ser paciente com o que fazem os outros. Avraham *Avínu* afastou de si a arrogância e transmitiu a seus filhos o caminho da humildade e da capacidade de receber cada um conforme o que ele é, ter consideração por ele e dirigir-se a ele como se deve.

“Alma modesta” é o contrário da alma que anseia por conseguir tudo o que lhe apraz. Aquele com uma “alma modesta” domina e refreia suas vontades e é capaz de evitar diversos pecados, cuja base é o desejo, além de conseguir ficar contente com o que tem. Aquele que é dominado por seus desejos persegue o tempo todo os prazeres que não possui e não tem como ficar contente com tudo o que D'us lhe dá, a cada momento.

Explicaremos a seguir, baseados nas palavras do *Netivot Sha-*

lom, como essas três características, trazidas na *mishná*, são paralelas às três esferas de revelação da plenitude: em relação a D’us, no que diz respeito aos outros e no que concerne à própria pessoa.

O Elevado Nível do Indivíduo que é Íntegro em Seus Caminhos

O nível de integridade que Avraham *Avínu* atingiu, é expresso no fato de que tudo o que é ligado ao Serviço Divino ser como algo que faz parte de sua natureza, fluindo da própria essência de sua alma.

O ser humano possui também características que podem atrapalhá-lo no que diz respeito a ascensão em espiritualidade. Quanto ao íntegro, que é pleno em relação a seu D’us, tanto o corpo quanto essas características não atrapalham, pois a espiritualidade passa a se tornar parte de sua natureza.

Dentro do ser humano, em geral, trava-se uma batalha interna entre o intelecto e o coração. Às vezes, a lógica exige que se faça algo que o coração sente que deve evitar. Outras vezes, porém, ocorre o contrário. Isso indica uma falta de integridade e plenitude própria. Aquele que tem o mérito de retificar o “*Berit* (pacto) *Hayessod*”, por outro lado, torna-se pleno em seu interior, o que se torna evidente em diversos campos.

A observância do *Berit Hayessod* não se refere aqui somente ao ato do *berit milá* (circuncisão) – a *mitsvá* propriamente dita – que todo *yehudi* tem a obrigação de ser circuncidado aos oito dias de vida pelo pai ou por um *Bet Din*. Trata-se da preservação do *Berit* por intermédio dos preceitos ordenados pelo Criador com relação aos assuntos de intimidade que a *Torá* proibiu. O homem alcança a santidade após cuidar de todos os limites relacionados com *arayot* – transgressões concernentes a relações sexuais ilícitas conforme a lei da *Torá*, como: adultério, incesto,

prostituição, homossexualismo, promiscuidade, *nidá*, etc.) Desse modo, ele passa a ser um *Shomer Haberit* – alguém que zela pela santidade do *Berit Milá*, resguardando-se.

Um indivíduo que tem o “*Berit Hayessod*” danificado é incapaz de ser pleno em relação a seu Criador. Ele discorda Dele em seu coração e não sente que tudo o que O Misericordioso faz é para seu bem. Barreiras se interpõem entre os dois e, conseqüentemente, sua fé e sua confiança em D’us nunca serão plenas.

A alguém assim parece que todas as faltas estão somente nos outros. As flechas de sua raiva, ele as aponta para fora, por pensar que é perfeito, enquanto os outros é que são incompletos. Entretanto, ele deve saber que o problema está dentro dele. Enquanto estiver em falta quanto à santidade e ao cuidado com o *Berit*, seu coração estará dividido, sendo muito difícil para ele receber o Julgamento Divino com amor.

Aquele que cuida do *Berit*, por sua vez, recebe os decretos dos Céus com alegria e entende que “justo é o Eterno em todos os seus atos”; que tudo o que acontece vem após um julgamento detalhado e como conseqüência do imenso amor que D’us tem por todas as Suas criaturas.

Aquele que renega o Pacto Sagrado é também incapaz de se sentir bem com seus amigos e com o que há a sua volta. Ele está, em geral, cheio de reclamações em relação aos outros, considera que só ele é perfeito e só o que os outros fazem é atrapalhá-lo e molestá-lo.

Essa situação se parece com uma pessoa cujo rosto está sujo e que se olha no espelho: tudo o que vê é sujeira. O mesmo acontece com aquele cuja alma esta corrompida. Ele olha para os outros e pensa que todos estão ruins quando, na verdade, essa impressão se deve à projeção de seu próprio interior naqueles que o circundam.

Aquele que corrige suas faltas pode comprovar como tam-

bém seu olhar sobre os outros melhora e como ele recebe os outros com amor, graça e boa vontade.

As falhas em relação ao Pacto Sagrado influenciam também o próprio indivíduo. Sua alma se encontra conflitante e ele não chega nunca a um estado de tranqüilidade, plenitude e contentamento. Por outro lado, aquele que se retifica com relação aos assuntos de santidade não fica internamente dividido e lhe é mais fácil atingir a plenitude. Ele sente que seu coração, sua alma e seu intelecto estão todos unidos e almejam o mesmo objetivo.

Olhar negativo, espírito altivo e alma arrogante atrapalham muito o Serviço Divino, o sentimento de alegria e o recebimento do Julgamento Divino com amor. Aquele cuja alma se encontra danificada devido às faltas quanto ao Pacto Sagrado tende a essas três características e, conseqüentemente, é incapaz de ser pleno em relação a D’us e em relação aos outros.

Plenitude no Caminho de D’us

Após o *Berit Milá*, Avraham *Avínu* chegou à plenitude e atingiu o nível de “ande diante de Mim e seja perfeito”. Esse nível significa ficar muito próximo de D’us, agir naturalmente de modo parecido com Ele, ser atraído pelo Eterno e ter Sua Santidade continuamente a seu redor.

“D’us apareceu a ele nas planícies de Mamrê, enquanto ele estava sentado à entrada de sua tenda, no momento mais quente do dia” (*Bereshit* 18:1). Essa não é uma situação de tranqüilidade e calma para uma pessoa normal. Avraham *Avínu*, porém, sentia-se ligado a D’us em todas as ocasiões – e D’us Se revelou para ele. Após o *Berit Milá*, todos os assuntos ligados ao Serviço Divino tornaram-se parte de sua natureza.

As características de olhar positivo, espírito humilde e alma modesta incorporaram-se a sua personalidade de tal modo que

caracterizam também seus discípulos por gerações. Estes se distinguem, por meio delas, dos outros povos – que são os alunos de Bil'am, o perverso.

Avraham alcançou a plenitude com seu D'us e como mencionado acima foi a *mitsvá* de *Berit Milá* que o elevou a um grau sublime como este. Esse nível foi legado a seus descendentes e essa plenitude, desde então, acompanha o Povo de Israel em todas as épocas.

O Amor por Fazer o Bem aos Outros

Depois disso, a *Torá* descreve a plenitude de Avraham *Avínu* em relação a todas as criaturas.

Em uma situação de velhice, fraqueza e doença, ele procura visitas. “...E correu em sua direção... e apressou-se Avraham à sua tenda onde estava Sará e disse: ‘Apressa-te (toma) três *‘seím’* de farinha refinada... e em direção ao gado correu Avraham.” Tudo é feito com agilidade e presteza. Esses versículos demonstram como ele se tornou um indivíduo completamente ligado à *mitsvá* de fazer o bem aos outros, com todo seu coração e com toda sua alma.

Assim escreve o *Ramban*, em seu comentário: “o motivo de (o *passuc* dizer) “e em direção ao gado correu Avraham” é mostrar como ele ansiava por ser generoso, pois ele não fez tudo isso por intermédio de um dos servos que tinha para si”.

Quando alguém ama uma *mitsvá*, não procura representantes ou modos de se esquivar do esforço. Em vez disso, ele se alegra com o que deve ser feito e com o fato de estar cumprindo-a com todo o seu coração. Assim foi com Avraham *Avínu* que, embora estivesse velho e doente e o dia estivesse extremamente quente, correu atrás de suas três visitas.

Além disso, aprendemos de seus atos também uma grande

lição: que receber visitas é algo maior do que receber a própria Presença Divina! Naquela hora, Avraham teve o mérito da revelação da Presença Divina e D'us estava falando com ele, por ter vindo visitar o doente. Quando chegam os três anjos, vestidos como árabes, Avraham abre mão da Revelação Divina e pede para D'us: "...por favor, não Te afastes de Teu servo". Ou seja, que D'us lhe conceda a graça de esperar até que ele acabe de cumprir a *mitsvá* de receber visitas. Isso demonstra o enorme amor por fazer o bem que pulsava em seu coração e a plenitude de Avraham na *mitsvá* entre o homem e seu semelhante.

Plenitude Interior

Na história da *Akedá* (o Amarramento de Yitschac), podemos ver a que ponto chegou a plenitude de Avraham em relação a si próprio.

A ordem de sacrificar Yitschac contradizia, à primeira vista, a promessa Divina: que dele sairia o Povo de Israel. Consta no *Talmud Yerushalmi* que Avraham poderia retrucar: "ontem me disseste 'pois em Yitschac você terá uma descendência que levará o seu nome' e agora me dizes 'e ofereça-o como sacrifício'? Mesmo assim, eu dominei meu instinto para cumprir Tua vontade".

Aprendemos daqui o quanto esse teste foi difícil, por conter em si uma contradição intrínseca. Um indivíduo que não é íntegro em seu interior, certamente encontraria diversas desculpas para se esquivar de fazer aquilo que lhe é ordenado, enquanto Avraham refutou todas as ilusões do mau instinto por saber, baseado em sua plenitude interior, que foi ordenado por D'us a agir como estava fazendo.

O "Satan" tentou confundi-lo dizendo: "Vovô, vovô, você perdeu seu coração!" (*Bereshit Rabá* 56: 5). Ou seja, você enlouqueceu no que se refere aos seus atos! Avraham retrucou a isso da

seguinte maneira: “eu prossigo com minha integridade”.

Esse é o verdadeiro segredo de Avraham *Avínu*. Daqui vem a força e a capacidade de resistir e ter êxito em todos os testes. “Ande diante de Mim e seja perfeito”. Chegando a um nível de integridade altíssimo, ele se tornou pleno em relação a si próprio e, conseqüentemente, teve a possibilidade de sê-lo em relação a D’us e de ouvir Seus mandamentos.

Essa é a força da plenitude, que aproxima o ser humano tanto de si próprio quanto de seu Criador.

CHAYÊ SARÁ / חיי שרה

O ELEVADO NÍVEL DA BONDADÉ

Nessas porções semanais que tratam de Avraham *Avínu*, “o pilar da bondade”, temos a possibilidade de refletir sobre esta virtude e nos aprofundar nela e esquadrinhar a grandeza de sua obrigatoriedade, a quem deve ser dirigida e, principalmente, como alguém pode se aperfeiçoar nela, executando-a com todo o coração e merecendo ser realmente chamado de “uma pessoa bondosa”.

Avraham Procura para Yitschac uma Esposa Bondosa

A característica básica de Avraham era a bondade, conforme está escrito: “Torna verdade (o que prometeste) a Yaacov, (pois isto é a recompensa da) bondade de Avraham” (*Michá* 7:20). O significado destas palavras é que, por intermédio da bondade, Avraham chegou a todas as boas qualidades e a todos as vias do Serviço Divino. Ela foi a base de sua construção espiritual.

Nesta *parashá*, quando Avraham envia Eliêzer, seu servo,

para encontrar uma esposa para Yitschac, ele o adverte para que não tome para seu filho uma mulher dos descendentes de Kenáan. Isso era válido até mesmo para as filhas de Anêr, Eshcol e Mamrê, que eram próximos de Avraham e, portanto, aprenderam seus bons caminhos. Em vez disso, ele deveria afastar-se até Charan, para lá encontrar alguém da família de Avraham.

É necessário entender o significado disso. A família de Terach, o pai de Avraham, era composta de idólatras, contra os quais ele teve de guerrear espiritualmente por muitos anos. Em compensação, em Kenáan, Avraham já conseguira difundir a crença no D'us Único e influenciar profundamente os que estavam a sua volta, conforme disseram nossos sábios: “Avraham convertia os homens e Sará, as mulheres”. Já que é assim, por que ele se recusou a encontrar uma esposa para seu filho dentre aqueles que seguiam seu caminho?

A chave para compreender isso é conhecer profundamente o assunto das qualidades de caráter (*midot*) e sua influência.

Embora os membros da família de Avraham que moravam em Charan fossem idólatras, pelo visto, os atributos de suas almas, porém, não estavam corrompidos. Em Kenáan, por outro lado, os sete povos que lá habitavam possuíam qualidades severamente deterioradas – e disso Avraham tinha receio.

As qualidades da alma passam como herança de geração em geração e é muito difícil erradicá-las e convertê-las para o bem. Em compensação, a idolatria depende das idéias das pessoas, que não são fixas na alma e que não passam hereditariamente, em geral.

Por isso, ele fez Eliêzer jurar que não pegaria para seu filho uma mulher das filhas de Kenáan. Suas *midot* eram ruins e elas poderiam levá-lo a caminhos corruptos.

Em vez disso, Avraham ordena a seu escravo que se dirija a Charan. Lá, ao lado do poço, ele procura uma mulher que seja

bondosa e cuja vontade de fazer o bem esteja impressa em sua alma, expressando seu nível elevado. Ele encontrou Rivcá, a partir da qual se construiu toda a Casa de Israel.

Amor pela Bondade

O Profeta Michá (6:8) diz, em nome de D'us: “Disse a você, homem, o que é bom e o que D'us exige de você, a não ser fazer justiça, amar o bem e caminhar modestamente junto a seu D'us”. Em *Massêchet Macot* (24a) é explicado que o profeta não se refere apenas a características e a bons atos de um modo geral e sim aos fundamentos abrangentes que englobam todos os princípios do judaísmo – sobre os quais se ergue todo o edifício do trabalho espiritual.

A característica do amor por fazer o bem engloba diversos assuntos básicos da *Torá*. Vimos a concretização dela na *parashá* anterior, quando Avraham se levantou para receber visitas. Ele correu atrás delas apesar de sua condição precária de saúde e mesmo com o calor insuportável que fazia então. Colocou à disposição de seus hóspedes também os outros membros de sua casa e suas melhores iguarias. A *mitsvá* fazia parte de sua essência e ele a cumpriu plenamente, com desprendimento e com zelo.

No livro *Michtav Meeliyáhu* (parte 4, página 6), o Rabino Desler diz que, de acordo com a *Torá*, a *mitsvá* de fazer o bem aos outros inclui aqueles que não precisam disso. O melhor exemplo são os anjos, pelos quais Avraham se esforçou tanto para que comessem e bebessem – embora eles não precisassem.

Isso inclui também ser bom com pessoas abastadas, que aparentemente não precisam do bem que estamos lhes proporcionando. Isso é assim, porque esta é a essência dessa *mitsvá* – que o indivíduo anseie por fazer o bem de todos os modos que puder, por toda sua vida.

“Pois São a Esses Que Eu Quero, Disse o Eterno”

“Assim falou D’us: não se vanglorie o sábio de sua sabedoria, não se vanglorie o forte de sua força e não se vanglorie o rico de sua riqueza. Pois por isso se vangloriará aquele que se vangloria, por compreender e saber a Mim. Pois Eu, o Eterno, faço o bem, a sentença e a justiça na Terra. Pois é a esses que Eu quero, disse o Eterno” (*Yirmeyáhu* 9:22-23).

O profeta Yirmeyáhu apresenta os motivos pelos quais as pessoas tendem, em geral, a se vangloriar e a encontrar o que possuem de especial. Ele desconsidera todos eles, por não as levarem ao caminho da verdade.

O único caminho verdadeiro é aquele que segue a luz de D’us: “compreender e saber a Mim”. Somos ordenados, por toda nossa vida, a conhecer os Seus caminhos e a nos aprofundarmos na compreensão da Vontade Divina. Isso nos leva a uma mudança em nosso modo de ser e a seguir o caminho de D’us, que define a Si próprio como “O Que faz o bem”. Todo aquele que faz o bem, compara-se ao seu Criador e se ocupa com o que Ele deseja.

Nossos sábios ensinaram (*Massêchet Macot* 14a) que a *Torá* é, toda ela, uma *Torá* de bondade. Seu começo trata disso, conforme está escrito: “E fez D’us, o Eterno, túnicas de couro e os vestiu (a Adam e a Chavá)” (*Bereshit* 3:21) e seu fim trata disso, contando como o próprio D’us cuida do enterro de Moshê, conforme está escrito: “E enterrou-o no vale”. Isso nos mostra como a *Torá*, que é composta de uma só unidade, gira em torno de fazer o bem aos outros. Quando alguém vive assim, ele é bom tanto para os homens como para D’us e cumpre seu objetivo neste mundo.

Os livros sagrados radicam em nossos corações, continuamente, a idéia de que, tanto os preceitos “entre o homem e seu

Criador”, quanto aqueles “entre o homem e seu semelhante” formam uma só unidade, sendo impossível separá-los. Encontramos aqui o mesmo pensamento. A *Torá* contém 613 preceitos de tipos variados. Porém, tanto seu começo quanto seu fim falam sobre fazer o bem.

Isso mostra que, aquele que se esforça por se elevar nesse âmbito, com intenção de servir a D’us, pode por intermédio disso cumprir toda a *Torá* e ser considerado como um verdadeiro servo de D’us, conforme Ele Próprio testemunha: “pois é a esses que Eu quero, disse o Eterno”.

O Aperfeiçoamento das Qualidades de Caráter (Midot)

A *mitsvá* de fazer o bem possui também outra vantagem, importante e elevada. Pouco a pouco, ela inclina o coração do indivíduo em sua direção e transforma-o no melhor de todos os corações. Assim consta em *Massêchet Dêrech Êrets Zuta* (capítulo 2): “se você quer realmente amar seu semelhante, esforce-se constantemente pelo seu bem”.

É uma grande regra da *Torá* o fato dos atos influenciarem o coração. Quanto mais alguém se envolve continuamente em fazer o bem, mais seu interior se transforma para o bem. Ele se torna mais elevado e suas qualidades de caráter ficam muito mais suaves e livres de qualquer traço de maldade. O *Sêfer Hachinuch*, na *mitsvá* 15, escreve que “atrás dos atos vão os corações”. Isso é válido em diversos campos, incluindo os assuntos entre o homem e seu semelhante e a retificação das *midot*.

De acordo com isso, é possível entender as palavras de nossos sábios acima citadas. Quando uma pessoa se ocupa o tempo todo com o bem de seu semelhante, se esforça por ele e faz tudo o que pode para que tenha tudo de bom, aumenta em seu coração

o amor por ele. Esse amor penetra dentro dessa pessoa e passa a ser parte dela, como uma segunda natureza.

Sobre isso encontramos nas palavras dos nossos sábios uma segunda idéia, tão importante quanto conhecida.

Consta em *Massêchet Bavá Metsiá* (32b): “Se uma pessoa gosta de alguém cujo burro precisa ser descarregado e odeia alguém cujo burro precisa ser carregado – é uma *mitsvá* cuidar antes de quem ele odeia, para forçar seu (mau) instinto”.

Em geral, a *mitsvá* de ajudar alguém a descarregar um animal precede a de ajudar alguém a carregar, porque no primeiro caso, alivia-se o animal de um sofrimento. Porém, quando o dono do animal a ser carregado é alguém que a pessoa não gosta, é dever ajudá-lo antes, para superar a inclinação de odiá-lo cada vez mais. Conforme explicamos anteriormente, o esforço pelo bem dos semelhantes muda o coração do indivíduo, transformando-os em amigos.

Isso nos ensina uma nova categoria no que se refere à retificação das qualidades de caráter (*midot*). A própria meta de fazer o bem para os outros é retificar as *midot*! Por isso, quando isso pode ser atingido, a própria ordem das *mitsvot* é modificada, levando a pessoa mais perto de onde ela deve chegar.

Fazer o Bem com a Fala

Para transportar o que escrevemos neste ensaio sobre bondade a um plano prático, traremos aqui alguns exemplos que são mencionados pelo Rav Avraham Yaacov Pam (*shelita*) zt”l em seu livro, *Atará Lamêlech*.

O Rav Pam explica como alguém é capaz de fazer o bem ao outro em qualquer circunstância. Para isso, não é necessário viajar a lugares longínquos ou se esforçar de modo extraordinário. Fazer o bem está próximo como “em sua boca e em seu coração,

para fazê-lo”. Atenção e boa vontade ajudarão o indivíduo a se transformar em alguém generoso em todos os seus caminhos.

Nossos sábios salientaram o elevado nível daquele que se antecipa em cumprimentar a todos. Sobre isso o *Rambam* escreve: “e se antecipa em cumprimentar cada um, para que fiquem contentes com ele” (*Hilchot Deot* capítulo 5, *halachá* 7). A experiência demonstra o quanto essas palavras são verdadeiras e o quanto isso funciona para reanimar as pessoas, trazê-las da melancolia para a alegria e infundir nelas a esperança de um futuro melhor.

Às vezes, um cumprimento agradável, uma congratulação ou uma conversa tem o poder de operar maravilhas. Muitas pessoas estão com problemas, encontram-se depressivas ou sentem-se sozinhas. Nessas situações, uma palavra agradável pode ter um efeito extraordinário.

“Bem-aventurado é aquele que é inteligente com relação ao pobre”. Quando refletimos e tentamos compreender profundamente o outro, isso é ainda mais efetivo. São conhecidos os casos de pessoas que se mantiveram firmes e até mesmo se curaram por mérito de outras que lhes foram simpáticas.

É necessário introduzir no coração a idéia de ser possível fazer o bem com pequenos atos. Uma conversa agradável, um sorriso no momento certo, atenção devida, fidelidade e carinho são atitudes que têm o poder de reviver espíritos enfraquecidos. Elas não custam dinheiro, não roubam tempo e não atrapalham os horários do indivíduo. Apenas exigem seu coração, não mais.

A recompensa por esses atos de bondade é imensa. Por meio deles, nos transformamos em pessoas generosas, cujas atitudes tanto em família quanto fora dela são de nobreza, que fazem com que D’us fique feliz conosco e orgulhoso de nós. Sobre isso está escrito: “Pois é a esses que Eu quero, disse o Eterno”

Fazer o Bem com a Audição

Consta em *Mishlê* (12:25): “Uma preocupação no coração da pessoa – que a tire (“*yashchena*”). Interpretam nossos sábios (*Yomá* 75a): “que a conte (“*yessichena*”) para outros. Com isso nossos sábios nos ensinam que a própria conversa sobre o que lhe angustia, pode amainar o sofrimento e a preocupação do indivíduo. É certo que, quando se ouve do outro também um bom conselho ou opinião, isso é ainda mais válido. No entanto, quase sempre, o próprio ato de desabafar, alivia.

Conseqüentemente, subentende-se também o enorme bem, que faz aquele que está pronto a dar de seu tempo para escutar o outro com atenção, ouvir seus problemas e dividir com ele suas dores. Alguém assim reanima o coração do outro e cura suas feridas espirituais.

Consta em *Massêchet Bavá Batrá* (9b): “Aquele que dá uma moeda para um pobre é abençoado com seis bênçãos e aquele que o consola com palavras é abençoado com onze bênçãos”. Nossos sábios revelam aqui o nível elevado da bondade que é feita com a fala e com a atenção. Aquele que realmente escuta seu amigo, dá-lhe sua alma.

Bem-aventurado é aquele que assim faz. Ele pode, com facilidade, reanimar pessoas necessitadas e se juntar às características de D’us, que também “faz o bem para milhares”.

Fazer o Bem com o Semblante Amável

É trazido em *Avot Derabi Natan* (capítulo 13): “Aquele que recebe seu amigo com uma expressão facial agradável, mesmo que não lhe tenha dado nada, é como se tivesse lhe dado todos os presentes mais bonitos do mundo”.

Nossos sábios revelam, com isso, um outro nível de fazer o

bem. Às vezes, mesmo sem falar e sem precisar ouvir problemas, é possível agir em prol dos outros. Assim como uma face encolerizada e irada causa aflição em quem a observa, aquele cuja face é agradável e tranqüila irradia bondade e afeição a todos que o cercam.

Sendo assim, por intermédio do hábito e de um pouco de atenção, pode o indivíduo se transformar em alguém que sempre faz o bem, em todas as situações. As pessoas ansiarão por estar em sua proximidade e aproveitar de sua expressão, que transmite afabilidade e calma, tranqüilidade e estímulo a todos os que estão a sua volta.

Assim dizem nossos sábios em *Massêchet Ketubot* (111) sobre o *passuc*: “‘Seus olhos são mais cintilantes do que vinho, seus dentes mais brancos do que leite’ (*Bereshit* 49:12) – é melhor aquele que mostra os dentes (sorri) para seu amigo, que aquele que lhe dá leite para beber”. Dar *tsedacá* é importantíssimo. Porém, mais importante ainda, é sorrir para os outros, olhar para eles com amabilidade e afeição. Assim, é possível revigorar e reanimar todos aqueles que encontramos.

Bendito é aquele que assim se conduz. Ele segue o caminho da *Torá* – cujo início e final tratam de fazer o bem – e marcha pelas veredas de Avraham *Avínu*, “o pilar da bondade”. Por mérito dessa *mitsvá*, Avraham chegou a todo o bem reservado aos justos, teve o mérito de se tornar o Patriarca do Povo de Israel e o primeiro dos que difundiram a *emuná* a todas as pessoas do mundo.

TOLEDOT / תולדות

A GUERRA CONTRA O MAU INSTINTO

“E Desprezou Essav a Primogenitura”

Após Essav ter vendido a primogenitura, escreve a *Torá*: “...e comeu e bebeu, levantou-se e saiu e desprezou Essav a primogenitura” (*Bereshit* 25:34).

No livro *Chidushê Halev*, do Rabino Alter Chanoch Leibovitch *shelita*, são explicados pontos importantes, que ajudam na compreensão do que pensava Essav nesse episódio. Segundo ele, a venda da primogenitura não se deveu ao fato de Essav desprezá-la, pois naquele momento, ele disse algo completamente distinto: “eis que eu vou morrer, para que me serve a primogenitura?” (*Bereshit* 25:32).

A venda se deu por seu medo de morrer por causa dela e por ele não ver na primogenitura nenhuma vantagem para si próprio, naquele momento antes de sua morte. O desprezo só apareceu após a transação ter sido consumada.

Analisando profundamente os detalhes desta *parashá*, é possível aprender uma importante lição de ética sobre as forças que a

alma do ser humano possui e como direcioná-las ao caminho positivo e desejado.

Antes da venda, Essav realmente achou que iria morrer. A razão de ele pensar assim foi que o desejo de conseguir o prato de lentilhas de seu irmão cegou seus olhos e turvou seu pensamento. “Disse Essav a Yaacov: ‘Dê-me um bocado desse (alimento) vermelho vermelho, pois eu estou cansado’” (*Bereshit* 25:30). Naquela hora – como todos aqueles que se deixam levar por suas vontades – ele só via para si uma meta: conseguir o que desejava. Todo o resto não lhe interessava e tudo em que pensava era um prato de lentilhas.

Quando Yaacov colocou como condição para lhe dar o que queria, que vendesse sua primogenitura – “venda-me hoje sua primogenitura” (*Bereshit* 25:31), Essav teve que escolher entre os dois. Sua resposta foi: “eis que eu vou morrer, para que me serve a primogenitura?” (*Bereshit* 25:32). A ponderação intelectual deturpou-se por causa do desejo e ele achou uma resposta que lhe interessava: uma vez que de qualquer modo iria morrer, não tiraria nenhum proveito da primogenitura. Assim, era preferível que abrisse mão dela para alcançar o que cobiçava – que era simbolizado pelo prato de lentilhas.

Após tê-las comido e se acalmado, sua lucidez voltou e, então, a desculpa que iria morrer já não era compatível com a lógica e com a realidade. Ele entendeu que fora ludibriado por seu próprio intelecto e que trocou um valioso patrimônio espiritual por um prato de comida...

Naquele instante, Essav se arrependeu do que fez. Sua consciência passou a atormentá-lo e ele começou a sentir desprezo por seus atos e pelo baixo nível de sua personalidade. É aqui que se revela um segundo lado da sagacidade do mau instinto e do modo como este convence as pessoas.

Encontramos muitas vezes pessoas maldosas e pessoas que

retiraram de si o jugo da *Torá* e das *mitsvot*; que possuem todo o tipo de teorias racionais para justificarem seus atos. Todos os seus meios de expressão e de comunicação estão repletos de teorias, sistemas filosóficos, explicações intelectuais e outros.

Quem vê isso de fora pensa que essas formas de pensamento que os fizeram pecar. Na prática, porém, esse é um erro grave. O indivíduo peca por não conseguir fazer frente às investidas do mau instinto; as explicações e as respostas que têm não passam de desculpas. Ou seja: após o pecado, que deriva de desejos físicos, vêm as explicações e as perguntas intelectuais – e não o contrário. Estas só aparecem para “embelezar” o que foi feito e apresentá-lo como se fosse algo admissível e profundo. É necessário saber, que isso não passa de uma encenação barata para se justificar.

Essav, em vez de se arrepender, chorar e tentar consertar o que deturpou, seu mau instinto “inventou” uma desculpa e uma explicação para o que fizera. Essav decidiu desprezar a primogenitura, fazer uso de um modo de pensar “culto” e “moderno” que diz não haver nenhum valor real nela, sendo preferível trocá-la por conquistas materiais, por menores que sejam, como um prato de lentilhas.

Desse modo, ele pôde se livrar de sua consciência, levantar-se e prosseguir sem nenhum arrependimento. Seu caminho lhe parecia “tão reto como uma planície”.

Os Caminhos do Mau Instinto Para Enganar a Pessoa

A análise dessa *parashá* possibilita conhecer como o mau instinto faz para incitar as pessoas ao pecado e quão grande é sua força.

Como dissemos anteriormente, houve duas fases no ato de Essav de vender a primogenitura. Primeiramente, ele teve um

desejo que cegou seus olhos e o fez enganar-se quanto a seu estado pessoal, até que chegasse a dizer: “eis que eu vou morrer”. Após a venda, quando lhe atacaram as dores da consciência, ele inventou toda uma filosofia de desprezo em relação aos valores espirituais e sagrados. Esta o levou a cometer outras transgressões, tanto no campo das idéias quanto no prático.

Aprendemos daqui como desejos e vontades podem cegar um indivíduo. O remorso, porém, é tão poderoso que possui a capacidade de embaralhar todo o seu mundo espiritual, criando novas maneiras de pensar e questionando a *Torá*, com o único objetivo de calar a consciência.

O desprezo da primogenitura – que é por si uma transgressão grave, no que diz respeito aos fundamentos do judaísmo – veio após o pecado. Além disso, diz o *Keli Yacar*, nas palavras do *passuc* “...e comeu e bebeu, levantou-se e saiu e desprezou” estão indicados os cinco pecados que cometeu naquele dia, conforme explicaram nossos sábios. Ou seja, nesse desprezo encontrava-se a raiz de todas essas graves infrações.

A partir disso chega-se a uma segunda conclusão. Como é sabido, o reconhecimento do pecado é uma fase importante da *teshuvá* (retorno). É ele que leva ao arrependimento e às demais fases dela.

Porém, do que explicamos anteriormente podemos deduzir, que esse reconhecimento encerra em si também um grande risco: chegar a formular teorias repletas de renegação dos fundamentos de nossa fé e a cometer outros pecados para fugir das dores do remorso que este promove, conforme ocorreu com Essav.

Portanto, é necessário fazer frente a esse perigo e cuidar para que tal desenvolvimento leve o indivíduo à completa *teshuvá* – e não o contrário. Para isso, aconselha-se, àquele que chega ao arrependimento, ocupar-se imediatamente de alguma *mitsvá*. Ela despertará nele sentimentos de santidade e inclinará seu coração

ao retorno e ao aperfeiçoamento de seus atos. Assim, passará o perigo de cair mais ainda, justo nesse momento.

A conclusão exigida após a reflexão sobre esta *parashá* é que o mau instinto possui inúmeros meios de equivocar a pessoa, sendo necessária muita atenção para não cair em seus embustes. A noção de se tratar de um inimigo extremamente ardiloso e astuto é capaz de nos auxiliar a vencê-lo nessa guerra e a servir a D'us com verdade e fidelidade (*emuná*), sem pecados e desvios.

“Por Isso Ele Foi Chamado de ‘Edom’”

“Cozinhou Yaacov um cozido quando veio Essav do campo, cansado. Disse Essav a Yaacov: ‘dê-me um bocado desse vermelho vermelho, pois eu estou cansado’. Por isso ele foi chamado de ‘Edom’ (vermelho)” (*Bereshit* 25:29-30). *Rashi* explica: “‘vermelho vermelho’ – lentilhas vermelhas. Naquele dia faleceu Avraham, para que não visse seu neto saindo para o mau caminho... e cozinhou Yaacov lentilhas, que é o que se dá como primeira refeição para os enlutados. Por que lentilhas? Porque são parecidas com uma roda, pois o luto é uma roda que gira no mundo (que volta constantemente). Além disso, assim como as lentilhas não possuem boca (abertura), o enlutado também não possui boca, pois é proibido falar, etc. (como *Vayidom Aharon*)”

As lentilhas que são servidas ao enlutado possuem um significado simbólico profundo. Aquele que as vê, fica apto a aprender uma grande lição e a melhorar seu modo de viver – conforme explica o Rabino Mordechai Miller (*shelita*) *zt”l* em seu livro, “*Shiur Leyom Hashabat*”. Aquele que observa as lentilhas com seu espírito, enxerga o luto que vai rondando no mundo, de lugar em lugar e de pessoa em pessoa e desperta para a necessidade de aprimorar seus atos. Isso porque também ele precisará, quando chegar a hora, prestar contas perante seu Criador.

Com Essav, porém, ocorreu o processo inverso. Em vez de fazê-lo ponderar corretamente, a visão das lentilhas vermelhas despertou seu desejo e ele exigiu explicitamente que lhe dessem de comer delas. Essav não se aprofundou e nem se interessou pelo significado interior, pela essência que se encontra por trás da aparência externa. Só o que conseguia ver era o que havia por fora. Esse era seu modo de viver; a ele só interessavam desejos, prazeres instantâneos e aparência externa atraente. A parte interior, o significado profundo e o simbolismo nada lhe diziam.

“Por isso ele foi chamado de ‘Edom’” (*Bereshit* 25:30). O “*Saba de Nov’hardok*” explica este versículo do seguinte modo: o nome de Essav e de sua descendência, para sempre, foi determinado a partir desse episódio, pois ele é característico deste e de seu modo de viver. A resposta imediata à visão da cor vermelha era típica dele: afobada, inconseqüente e superficial.

Nossos sábios mencionam, que Essav costumava enganar seu pai perguntando como se tira o dízimo (*maasêr*) do sal e da palha. Parece que isso provém da mesma fonte. A palha é a parte exterior dos cereais, que não possui uma qualidade alimentícia própria, assim também o sal, que é apenas algo que acompanha a comida, não sendo um alimento por si só. É típico de Essav ter sua atenção voltada a particularidades sem importância e não à essência, conforme explicado anteriormente.

“E o Vivo Porá Isso em Seu Coração”

Essa *parashá* de Essav e seu modo de encarar os testes da vida, ensinam muito sobre esse assunto.

Acostumamo-nos a diferenciar entre este mundo e o Mundo Vindouro; entre a vida material e efêmera e a vida espiritual e eterna. Ao se aprofundar nessa questão, no entanto, percebe-se que ela é muito mais ampla, manifestando-se em diversos campos da vida.

Os indivíduos que canalizam todas suas energias somente para assuntos materiais, possuem uma visão extremamente superficial. Eles não pesquisam a verdadeira essência das coisas e, conseqüentemente, confundem o que é importante com o que é secundário. Como Essav, eles se deixam levar pelos aspectos exteriores, pensando que nestes se encontra a verdadeira essência. Consideram a casca como fruto e são incapazes de penetrar além da membrana externa do que encontram.

Muitas vezes encontramos pessoas que parecem inteligentes, sensatas e ponderadas. Quanto à questão mais decisiva da vida, porém, a questão espiritual – que incrível! – elas tropeçam e caem. Elas escolhem utilizar sua sabedoria apenas com o que fica “nas bordas” e a verdadeira meta – a espiritualidade, as *mitsvot* e a vida do Mundo Vindouro – renegam.

O motivo disso é que o mau instinto, que está continuamente à espreita, consegue enganá-las e desviá-las do caminho da verdade. Ele as acostuma com a superficialidade em relação ao que é essencial e elas constantemente caem. Colocar o materialismo acima da espiritualidade é decisivo – e elas escolhem o que é secundário.

O modo de se salvar da armadilha do mau instinto é a reflexão. Está escrito: “é melhor ir à casa de luto que à casa de festa, pois esse é o fim de todo indivíduo – e o vivo porá isso em seu coração” (*Cohêlet* 7). Sem essa reflexão, Essav só viu na casa dos enlutados as lentilhas vermelhas, pelas quais seu desejo se acendeu, fazendo-o tropeçar e cair.

É imposto a nós viver com profundidade, colher as frutas da árvore da vida, chegar ao verdadeiro objetivo e não se deter apenas no que leva a ele. Então teremos o mérito de herdar dois mundos, pois também este mundo é muito melhor para aquele que possui também o Mundo Vindouro!

VAYETSÊ / וַיֵּצֵא

A MITSVÁ DA ADVERTÊNCIA E SUA OBRIGATORIEDADE

A Característica Moral de Pureza

O ser humano é capaz de chegar, em sua vida, a elevados graus de pureza no coração e de santidade nos atos e nas intenções. D'us, seu Criador, colocou nele poderes extraordinários e aquele que agir com a sabedoria de trazê-las do fundo de sua alma e usá-las pela santidade de Seu Nome, poderá chegar a culmes espirituais sublimes.

O livro *Messilat Yesharim* descreve o caminho da ascensão no serviço Divino, desde a abstenção dos pecados e a perseguição das *mitsvot* – assuntos que todo o Povo de Israel tem como obrigação – até os mais altos níveis de santidade e pureza, destinados aos indivíduos especiais que investiram todos os seus esforços em uma subida espiritual constante.

Traremos aqui dois trechos desse livro, que elucidam as características morais de santidade e de pureza. Como eles não englobam todos os importantes detalhes desses assuntos, aquele que quiser entendê-los na íntegra, deve olhar no próprio livro e em

suas maravilhosas explicações. Assim consta no capítulo 16:

“A pureza é a retificação do coração e dos pensamentos. Essa linguagem encontramos sobre o rei David, que disse: ‘Um coração puro me criou o Eterno’ (*Tehilim* 51). Seu tópico é que o indivíduo não deixe um lugar para o mau instinto em seus atos – e sim que sejam todos provenientes da sabedoria e da reverência, não do pecado e do desejo. Isso é válido mesmo em relação aos atos físicos e materiais”.

“Mesmo após o indivíduo ter se comportado com abstenção, ou seja, não pegando do mundo a não ser o necessário, ainda assim precisa purificar seu coração e pensamento para que, também o pouco que toma não seja feito visando o proveito e o prazer de modo algum – e sim tenha como intenção o bem proveniente daquele ato, no que se refere à sabedoria, ao serviço, etc. Sobre isso falou Shelomô: ‘em todos os seus caminhos o conheça – e Ele endireitará as suas vias’ (*Mishlê* 3:6)”.

Essa pureza, sobre a qual o *Messilat Yesharim* escreve, é uma grande elevação do lado interior do indivíduo. Após ter consertado seus atos exteriores e fazer tudo de acordo com a *Torá* e as *mitsvot* e também adotar caminhos de abstinência e afastamento dos atos materiais que não são necessários, ele ainda deverá retificar seus pensamentos, intenções e idéias.

“Em todos teus caminhos – conhece-O” (*Mishlê* 3:6), disse o Rei Shelomô. Em tudo o que se faz, deve-se intencionar por amor a D’us e procurar conhecê-Lo. Então tem-se o mérito também de receber a ajuda dos Céus e alcançar a meta almejada, conforme diz a continuação do versículo: “e Ele endireitará suas veredas” (*ibid.*).

A Característica Moral de Santidade

Sobre a elevada característica de santidade escreve o *Messilat Yesharim*, no capítulo 26:

“O assunto da santidade é duplo, ou seja, começa como serviço e termina como recompensa; inicia como esforço e conclui como dádiva. Isso quer dizer que no começo o indivíduo se santifica e, no final, santificam-no, conforme disseram nossos sábios: ‘uma pessoa se santifica um pouco e santificam-na muito. Debai-xo, santificam-na de cima’ (*Yomá* 39)”.

“O esforço deve ser em direção à abstenção e ao completo afastamento do materialismo, unindo-se, em cada instante, a seu Criador. Por isso, os profetas foram designados de ‘anjos’, conforme foi dito sobre Aharon: ‘pois os lábios do sacerdote guardam o conhecimento e buscarão *Torá* de sua boca, pois um anjo do D’us das hostes é ele’ (*Mal’achi* 2). Também foi dito: ‘e ofendiam os anjos de D’us, etc.’ (*Divré Hayamim* 2:36). Mesmo quando se ocupavam com atos materiais obrigatórios por parte do corpo, não se desviavam de sua união superior, conforme mencionado: “aderiu minha alma atrás de Ti; a mim sustentou Tua destra’ (*Tehilim* 63)”.

O grau elevado da santidade se revela no fato de o indivíduo íntegro, embora esteja imerso entre os vivos e no mundo material, mantem-se continuamente unido a D’us e seus pensamentos não se distanciam da *emuná* e da confiança em seu Criador. Em seus atos, ele encontra a luz interior e a santidade e, a cada passo, ele se agarra em D’us e não larga Dele nunca.

Considerando seu alto e elevado nível, os que possuem essa característica são considerados como aqueles que caminham constantemente perante D’us. Por seu mérito, o mundo e todos os que estão nele são abençoados, conforme continua o *Messilat Yescharim*:

“O sagrado está sempre unido a seu D’us e sua alma vagueia entre os conceitos verdadeiros sobre o amor a seu Criador e o temor a Ele. Eis que é considerado como se ele andasse perante D’us nas ‘paragens da vida’ enquanto ainda se encontra neste mundo. Uma pessoa assim é considerada como se fosse o Taber-

náculo, o Santuário e o Altar, conforme disseram nossos sábios (*Bereshit Rabá* 82): ‘e subiu de cima dele D’us’ – os patriarcas são eles próprios a “*Mercavá*” (Divina). Assim também disseram que os justos são eles próprios a “*Mercavá*”, pois a Presença Divina paira sobre eles assim como acontecia no Templo”.

“Portanto, o alimento que comem é como uma oferenda consumida no altar. Com certeza que será considerado como algo muito elevado assim como ocorria com aqueles que subiam ao altar, pois eram oferecidos perante a Presença Divina. O benefício era tanto, que toda a espécie daquele animal que estava sendo ofertadolera abençoada no mundo todo, conforme dizem nossos sábios no *Midrash*. Assim também, o alimento e a bebida que o indivíduo sagrado consome são tão elevados como se tivessem sido realmente ofertados sobre o altar. A este assunto se referiram nossos sábios (*Ketubot* 105): “Todo aquele que traz um presente para um estudioso da *Torá* é como se tivesse trazido uma oferenda de primícias (*bicurim*).

O significado de santidade é que também os assuntos mundanos são elevados e se tornam santos. O indivíduo santo é considerado como o altar, que é um lugar inteiramente dedicado à Presença Divina. Por seu mérito, como foi dito, é abençoado o mundo, todos os que se aproximam dele e que o auxiliam.

O que foi dito até aqui ajuda a entender o que é mencionado em nossa *parashá* sobre Yaacov *Avínu*, o “eleito entre os patriarcas”, assim como leva a uma conclusão moral capaz de retificar nosso modo de vida e permite uma compreensão mais profunda do serviço Divino.

O Encontro de Yaacov com os Pastores

A *Torá* estende-se no diálogo de Yaacov com os pastores (*Bereshit*, capítulo 29). Explicaremos esse assunto de acordo com

o Gaon, *Rabi Avraham Y. Gordon*, em seu livro *Nefesh Chayá* (na parte sobre *Parashat Vayetsê*).

Das palavras da *Torá* e das explicações de nossos sábios percebe-se que os pastores – apesar de sua simplicidade e de pertencerem a outra nação – reconheceram nesse diálogo a grandeza de Yaacov, a educação que teve na casa de Avraham e Yitschac e o fato de ter estudado por muitos anos na casa de Shem e Êver. Traremos a seguir dois exemplos, dos quais percebe-se como sabiam estar diante de uma pessoa elevada e detalhista quanto a todas as suas condutas, de forma plena.

O Seforno explica os versículos “E falou para eles: ‘Vocês conhecem Lavan, o filho de Nachor?’ Disseram-lhe: ‘Conhecemos.’ Perguntou a eles: ‘Ele está bem?’ Disseram-lhe: ‘Está bem...’, etc.” (*Bereshit* 29:5-6) da seguinte forma: “Ele se esforçou em saber como estava Lavan antes de vê-lo, pois não é apropriado visitar um cidadão tanto em seus momentos de festa quanto de tristeza, do mesmo modo.

A pergunta de Yaacov não foi proveniente apenas de curiosidade, como pessoas comuns costumam em geral inquirir sobre seus parentes. Ele o fez para se preparar quanto a esse encontro e porque é adequado se dirigir a uma pessoa de acordo com seu estado de espírito. Os pastores certamente perceberam essa intenção e captaram a grandeza de espírito daquele que lhes dirigia a palavra.

Eles podiam perceber isso também do diálogo sobre a grande pedra em cima do poço. “Disse (Yaacov): ‘Eis que o dia ainda é grande, não é o momento de juntar o rebanho, dêem-lhe de beber e saiam para pastoreá-lo!’ Disseram-lhe: ‘Não poderemos até que todos os rebanhos se ajuntem. Então rolaremos a pedra da boca do poço e daremos de beber ao rebanho’” (*Bereshit* 29:7-8).

Rashi explica que Yaacov dirige-se a eles dizendo “eis que o

dia ainda é grande” porque os viu ajuntando o rebanho e pensou que não o levariam mais para pastar. Falou então que o dia ainda é grande, ou seja, que se eles são contratados, ainda não terminaram o serviço do dia e, se os animais são de propriedade deles, mesmo assim ainda não é hora de ajuntar o rebanho.

Embora fosse um visitante recém-chegado, ele esforçou-se em cuidar da retidão deles, para que não transgredissem o grave mandamento de não roubar.

O Seforno acrescenta sobre isso: “o justo tem aversão pela iniquidade, também sobre a dos outros, conforme está escrito: ‘Aquele que o justo repugna – é uma pessoa iníqua’”. Portanto, os pastores puderam também conferir a pureza de seu coração e sua aversão pelo roubo, assim como o fato de se tratar de alguém especial, que ama o bem e odeia o mal.

Trataremos agora da crítica que fazem os pastores a Yaacov e o que podemos aprender desses importantes assuntos.

A Plenitude dos Atos

Apesar da simplicidade dos pastores e da consciência que tinham da grandiosidade de Yaacov, encontramos em dois lugares que eles apontaram a Yaacov e lhe insinuaram que ele deveria melhorar uma particularidade específica em seus atos ou em sua fala. Primeiramente assinalá-lo-emos e depois apresentaremos seu significado.

Consta em *Bereshit Rabá* (*parashá* 70, 1), sobre o *passuc* ““Perguntou a eles: ele está bem?” – (disseram-lhe:) se tagarelas é o que você quer, ‘eis que Rachel, sua filha, vem com o rebanho’. Isso é o que se costuma dizer, que a fala é comum entre as mulheres”. Explica o *Êts Yossef*: “com ela você conseguirá satisfazer seu desejo de conversa, pois a fala é comum entre as mulheres”.

Yaacov *Avínu*, o íntegro entre os íntegros, não falava nada à

toa. Em sua fala se incluíam assuntos úteis e extremamente profundos, conforme explicaram nossos sábios aqui no *Midrash* e em outros locais. Os pastores, porém, que talvez não entenderam a profundidade de suas palavras e de suas intenções, alertaram-no que não estavam interessados a continuar a conversa, ou por estarem no meio de seu trabalho ou por não ser apropriado estender-se em conversas.

Sobre o versículo “Yaacov beijou Rachel e chorou alto” (*Be-reshit* 29:11), trazem nossos sábios vários motivos para esse choro. *Rashi* explica, em nome deles: “porque viu, com *Ruach Ha-côdesh* (Inspiração Divina), que ela não seria enterrada com ele. Outra explicação: por ter vindo de mãos vazias. “Disse: ‘Eliêzer, escravo de meu avô, trouxe consigo pulseiras, colares e frutas especiais e eu não tenho nada’”. O Seforno explica: “(ele chorou) por não ter casado com Rachel em sua juventude, pois se assim tivesse feito, teria filhos em sua juventude”.

O *Midrash Rabá* explica de modo diferente: “por ter visto as pessoas sussurrando umas às outras – por tê-la beijado – da seguinte forma: ‘Como vem alguém instituir um novo tipo de “ervá” (transgressão em relação a mulheres)?’ Pois, após o mundo ter sido destruído pelo Dilúvio, todos os povos resolveram instituir limites para não chegar a transgressões desse tipo. Por isso, costuma-se dizer que as pessoas do Oriente estão circunscritas com referência a esse tipo de transgressão”.

Também aqui, Yaacov possuía motivos profundos e inteiramente sagrados para beijar Rachel. Este, cujos caminhos eram todos de acordo com os níveis elevados dos justos e puros, certamente não se desviou de modo algum do caminho da *Torá* e de suas *mitsvot*. Os pastores, porém, como no primeiro exemplo, não entenderam seus motivos e o repreenderam.

É importante salientar que os atos de Yaacov eram isentos de

qualquer defeito. Além disso, devemos enraizar em nosso coração o fundamento básico de que os patriarcas, as tribos Divinas, os profetas, etc. eram todos elevados e ilustres, cujos atos eram todos profundos e provenientes apenas do anseio de glorificar e enaltecer o Criador e sua *Torá*. Devemos nos conscientizar dessa grandeza mesmo quando não compreendemos até o fim o que eles pensavam.

A Admoestação e sua Importância

É possível aprender também dessa *parashá* que, de um modo geral, a *mitsvá* de advertência é de grande importância. Porém, ao admoestar alguém, é necessário tomar cuidado para não ofendê-lo, cuidar de sua honra e afastar-se de diversas transgressões “entre o homem e seu semelhante”.

Advertir, no entanto, é de importância ímpar. Nossos sábios viram por bem elucidar os *pessukim* de modo que possamos enxergar, neles, as censuras dirigidas pelos pastores a Yaacov. Assim, podemos aprender que há lugar para ela também, quando os que dirigem a crítica são pessoas simples e o que a recebe é alguém importante.

Pela força da virtude de humildade, com a qual são louvados os gigantes da *Torá* e do temor a D’us, esta pessoa notável aceitará ser admoestada até mesmo por pessoas simples. E se for esclarecido que a advertência era cabida e que houve algum ato que deva ser consertado, ela empregará todas as suas forças para fazê-lo. Assim, uma grande bênção estava inclusa nessa admoestação.

Porém, conforme dissemos anteriormente, essa *mitsvá* possui diversas leis. Aquele que adverte deve conhecê-las integralmente e cumpri-las detalhadamente. Sem isso, a admoestação não tem valor e pode levar a uma profanação do Nome de D’us aos olhos de muitos.

Que seja a vontade do Todo-Poderoso, que tenhamos o mérito de retificar nossos atos e servir a nosso Criador com todo o coração, com empenho, sem pecados e iniquidades.

VAYISHLACH / וישלח

O NÍVEL ESPIRITUAL DOS PATRIARCAS

“Quando Meus Atos Alcançarão os Atos de Meus Pais?”

Nossos sábios dizem que é imposto a cada membro do Povo de Israel dizer: “quando meus atos alcançarão os atos de meus pais, Avraham, Yitschac e Yaacov?” (*Taná Devê Eliyáhu Rabá* capítulo 25, 1) O significado disso é que cada um deve impor para si uma meta espiritual extremamente elevada, à qual aspirará chegar durante toda sua vida. Entende-se então que quanto mais alta for a meta, maior o sucesso que pode ser alcançado.

É importante salientar, que está acima de nossa capacidade de compreensão entender realmente o nível de nossos sagrados patriarcas, assim como o grau dos sábios do Povo de Israel em gerações posteriores. Por outro lado, é imposto a nós, conforme o pouco que conseguimos, conceituar em nosso intelecto e em nosso coração a grandeza destes e aspirar chegar a ser como eles. Isso permite à pessoa se elevar de modo constante.

De acordo com isso, tentaremos mostrar neste ensaio como

todos os assuntos de Yaacov e Yossef giravam somente em torno da espiritualidade. Mesmo em situações difíceis, de perigos e preocupações graves, o que lhes interessava era a espiritualidade e o estudo da *Torá*. Traremos diversos exemplos do *Chumash Bereshit* que indicam isso, o que ajudará a conceituar esses gigantes e almejar aproximar-se de seu nível.

O Encontro de Yossef e Binyamin

Sobre o encontro de Yossef e Binyamin, está escrito em *Bereshit* (45:14): “(Yossef) caiu sobre o ombro (literalmente: pescoço) de Binyamin, seu irmão e chorou – e Binyamin chorou sobre seu ombro (literalmente: pescoço)”. Explica o *Rashi*: “Chorou pelos dois Templos que haveria no futuro na porção de Binyamin e que seriam destruídos e sobre o Santuário de Shilô, que futuramente ficaria na porção de Yossef (uma parte em *Êrets Yisrael*) e terminaria por ser destruído”.

O encontro entre Yossef e Binyamin, os dois filhos de Rachel, após vinte e dois anos, foi inteiramente centrado na espiritualidade. Seria natural que este fosse um episódio emocionante e humano, dedicado a assuntos como a distância, a preocupação e a alegria que ocorre em momentos como esse; mas não foi isso que aconteceu. Esses justos elevados viviam a experiência espiritual e, assim como os patriarcas, fundadores do Povo de Israel, tinham a atenção voltada ao Templo. Esta é a essência das Tribos de D’us e é isso que deve estar perante os olhos daquele que almeja a elevação espiritual.

A Santidade de Yaacov Avínu

Sobre o encontro de Yossef com seu pai consta em *Bereshit* (46:29): “Arriou Yossef sua carruagem e subiu de encontro a Is-

rael, seu pai, para Goshen. Se apresentou a ele, se atirou em seu ombro (literalmente: pescoço) e chorou sobre seu ombro (literalmente: pescoço) mais”. Assinala o *Rashi*: “mas Yaacov não caiu sobre o ombro de Yossef e não o beijou. Disseram nossos sábios que estava recitando o *Shemá*”.

Muitas explicações foram trazidas pelos comentaristas para o fato de Yaacov ter escolhido recitar o *Shemá* no seu primeiro encontro com Yossef. O ponto comum entre elas é que ele aproveitou aquele momento singular para aclamar seu Criador como Rei e receber sobre si o jugo do Reinado dos Céus com amor. Somos incapazes de entender a grandiosidade daquele instante mas, na prática, ele foi utilizado para a aproximação em relação a D’us com todo o coração e a alma.

Aprende-se daqui que os momentos especiais devem ser aproveitados para o que é importante na vida. Em vez de subutilizá-los com o materialismo, descobrir com eles o enorme tesouro da espiritualidade. Logo, chega-se também a níveis elevados, pois tais momentos servirão como uma escada cuja base está na Terra e o cume, nos Céus.

O Encontro de Yaacov e Essav

Ao analisar o encontro de Yaacov com Essav, percebemos que a posição de Yaacov foi puramente espiritual. Traremos a seguir alguns exemplos que mostram isso. É importante ressaltar que há diversas possibilidades de explicar cada um deles, porém apresentaremos aqui seu significado simples, conforme exegetas conhecidos.

“Enviou Yaacov ‘*mal’achim*’ perante Essav, seu irmão” (*Be-reshit* 32:4). A palavra ‘*mal’achim*’ pode ser entendida tanto como “mensageiros” como “anjos” – e nossos sábios revelam que eram anjos mesmo, não simples mensageiros.

Pessoas comuns mandariam guerreiros bem treinados, para advertir Essav que o encontro com Yaacov poderia terminar com a vitória deste último. Em vez disso, ele manda anjos, pois essa é sua linguagem e é disso que ele trata, mesmo em momentos de perigo. Estes são os verdadeiros representantes de Yaacov, cuja essência é inteiramente espiritual.

“Com Lavan morei” (ibid. 5) – “e as 613 *mitsvot* guardei”, conforme explicam nossos sábios. É assim que ele escolhe se apresentar a seu irmão. Estão inclusas aqui infinitas indicações e intenções ocultas, mas só nos referimos aqui ao significado simples, que também demonstra como a espiritualidade era tudo para ele.

“Voltaram os anjos a Yaacov dizendo: viemos a seu irmão Essav. Também ele vem em sua direção e quatrocentos homens estão com ele” (ibid. 7). Diz o *Rashi*: “você dizia que este é seu irmão, mas ele se comporta como Essav, o perverso, que continua com seu ódio. ‘E quatrocentos homens estão com ele’ – perversos como ele”. Os anjos avisam Yaacov que o encontro, que se aproxima, será perigoso espiritualmente. Trata-se de um encontro entre perversos e justos, em relação ao qual é necessário se preparar para não ser atingido.

“Temeu Yaacov muito e ficou aflito” (ibid. 8). Apesar do perigo de vida em que se encontrava, a principal preocupação dizia respeito ao risco espiritual. O corpo é apenas um receptáculo para a espiritualidade e é para ela que a maioria do esforço e do pensamento deve ser dirigida.

A Venda de Yossef

“OuvIU Reuven e o salvou-o das mãos deles, dizendo: não o matemos... (Isto disse) para livrá-lo de suas mãos e devolvê-lo a seu pai” (*Bereshit* 37:21-22). Sua meta, com isso, era também salvá-lo espiritualmente, para que não decaísse e trazê-lo de volta

a seu Pai, Que está nos Céus.

A prova disso é o ressentimento que os irmãos tiveram de Yehudá mais tarde. “Disse Yehudá a seus irmãos: ‘Que proveito teremos matando nosso irmão e ocultando seu sangue? Vamos vendê-lo aos *Yishmaelim* e não feri-lo com nossas próprias mãos’” (ibid. 26-27). Os irmãos acataram seu conselho mas, após este acontecimento, fizeram-no descer de sua grandeza, conforme está escrito: “Nessa época, desceu Yehudá de seus irmãos e desviou-se até um homem de Adulam cujo nome era Chirá” (*Bereshit* 38:1). Explica o *Rashi*: “nos ensina que o fizeram descer de sua grandeza quando viram o sofrimento de seu pai. Disseram: você disse para vendê-lo. Se tivesse dito para devolvê-lo, ouviríamos a você”.

O assunto é o mesmo: na venda de Yossef para o Egito estava contido um enorme risco espiritual. Este era um país repleto de impureza e era um grande perigo morar lá, conforme realmente aconteceu com Yossef, cujo nível espiritual foi posto em perigo por diversas vezes. Por isso os irmãos criticaram Yehudá: por ter posto Yossef em tal situação.

Também neste episódio, vemos como uma das principais considerações foi a influência espiritual sobre o indivíduo.

Yaacov e Yossef

Após a venda de Yossef, consta em *Bereshit* (37:34): “Rasgou Yaacov suas roupas, pôs um saco em sua cintura e manteve-se em luto por muitos dias. Levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas para consolá-lo e ele recusou-se a ser confortado”. *Rashi* explica: “‘manteve-se em luto por muitos dias’ – vinte e dois anos. ‘Ele recusou-se a ser confortado’ – uma pessoa não se conforma por alguém que está vivo e ela pensa estar morto, pois sobre o morto foi decretado que seja esquecido do cora-

ção, não sobre o vivo”.

Parece que Yaacov sentia de modo claro que Yossef estava vivo. Sobre o *passuc* “Reconheceu-a e disse: ‘É a túnica do meu filho, um animal selvagem o comeu, devorado foi Yossef’” (*Be-reshit* 37:33) explica o “*Targum Yonatan Ben Uziel*”: “nem um animal selvagem o comeu e nem uma pessoa o matou – e sim eu vejo por Inspiração Divina que uma mulher má está para atacá-lo”. Ou seja, que ele não morreu e sim está em apuros – a prova disso é o fato de não ser esquecido do coração por tanto tempo. Se é assim, por que então Yaacov *Avínu* ficou enlutado de uma forma tão severa?

Além da preocupação com a vida e a integridade física de Yossef, ele também pensava em sua integridade espiritual – o que perturbou seu descanso e o entristeceu profundamente.

Aqui também se revela a enorme preocupação com a espiritualidade que tinham os patriarcas, a ponto de não conseguir voltar à vida normal por tanto tempo, pela preocupação de um de seus filhos ter se envolvido em uma situação espiritual difícil.

É possível acrescentar que nas palavras de Yossef aos seus irmãos: “Eu sou Yossef – ainda vive meu pai?” (*Bereshit* 45:3) a principal intenção era a vida espiritual, a elevação e a aproximação a D’us, pois o fato de Yaacov estar vivo, Yossef já o havia entendido pela história que contaram seus irmãos. Este é mais um exemplo de como, nos conceitos deles, a principal vida era a ligação a D’us, à Sua *Torá* e Suas *mitsvot*.

De acordo com essa explicação, é possível entender por que Yossef não mandou um emissário a seu pai para contar-lhe que estava vivo, mesmo após ter virado vice-rei – quando tinha o poder para isso. Yaacov sentia em seu coração que seu filho estava vivo, por não ter conseguido esquecê-lo de modo algum. Logo, Yossef não precisava lhe avisar que estava vivo. Há outras explicações conforme os comentaristas, porém só viemos esclarecer o

que está ligado a nosso assunto.

Quando os irmãos voltaram do Egito, consta na *Torá*: “disseram a ele (a Yaacov) todas as palavras de Yossef, que este falou para eles. Viu (Yaacov) as ‘*agalot*’ (carroças) que Yossef mandou para transportá-lo – e reviveu o espírito de Yaacov, o pai deles” (*Bereshit* 45:27). Explica o *Rashi*: “um sinal passou para eles; o que estava estudando quando se separou dele – o assunto de ‘*eglá arufá*’. Por isso está escrito: as ‘*agalot*’ (carroças) que mandou Yossef – e não que mandou o Faraó. ‘E reviveu o espírito de Yaacov’ – penetrou nele a Presença Divina, que havia se afastado dele”.

Toda a vida deles girava em torno da espiritualidade. Seu espírito reviveu e a Presença Divina voltou a penetrar nele, após vinte e dois anos, quando Yaacov se convenceu da plenitude espiritual de Yossef. O sinal que este mandou – o assunto que estavam então estudando – mostrou a Yaacov que ele ainda mantém sua integridade. Isso tirou a preocupação de Yaacov e o fez se levantar de seu luto prolongado e profundo.

Próximo à descida ao Egito, “(Yaacov) enviou Yehudá adiante dele, para Yossef, para os preparativos (*lehorot*) em Goshen” (*Bereshit* 45:28). Diz o *Rashi*: “*Midrash agadá*: para fazer os preparativos (*lehorot*) – instituir uma casa de estudo, de onde sairá instrução (*horaá*)”. O primeiro passo em direção à descida para o Egito foi a preocupação com um lugar onde se pudesse estudar *Torá* e instruir a Lei judaica. Em torno da *Torá* era construída toda a vida dos patriarcas e das “tribos Divinas”. Sem ela, sua vida não era vida.

Essa Casa de Estudos simbolizou a diferença incomensurável que havia entre os Filhos de Israel e os habitantes do Egito, que estavam imersos nos desejos e na impureza. Ela também deu a eles a força para manter-se frente à impureza do Egito e não decair completamente na sordidez durante os longos anos de sofrimento e escravidão

O *Or Hachayim Hacadosh*, sobre o *passuc* “Disse Yisrael a Yossef: posso morrer agora, após ter visto sua face, pois você ainda vive” (*Bereshit* 46:30), explica que os justos sentem no semblante do próximo como está seu estado espiritual.

Conforme trouxemos anteriormente, Yaacov *Avínu* preocupou-se por longos anos com o fato de Yossef não conseguir superar os testes e decair espiritualmente. Agora, vendo seu semblante, e percebendo sua grandeza de espírito, justiça e cuidado extremo para não pecar, ele exclamou: “posso morrer agora, após ter visto sua face”. O patriarca Yaacov tranquilizou-se pelo fato de todos os seus filhos serem estudiosos de D’us e continuadores do Povo de Israel para as próximas gerações.

“Quando meus atos alcançarão os atos de meus pais, Avraham, Yitschac e Yaacov?” (*Taná Devê Eliyáhu Rabá*, capítulo 25, 1). Tentemos também nós ser como eles, seguir seu caminho e aspirar atingir sempre seu grau elevado e supremo.

VAYÊSHEV / וישב

OS CAMINHOS DA PROVIDÊNCIA DIVINA

A Importância da Precisão nos Comentários da Torá e o Cuidado quanto a Explicações Inovadoras

Neste ensaio serão elucidados vários episódios da *Torá* e dos Profetas que necessitam, à primeira vista, de comentário e explicação. São eles: o episódio de Yehudá e Tamar, a bênção de Yitschac para Yaacov e a história de Boaz e Rut. Há neles muitas partes obscuras, com diversas explicações, que tentaremos esclarecer de acordo com os comentaristas. Antes, porém, é necessário fazer uma introdução geral de extrema importância.

Consta em *Massêchet Kidushin* (49a): “*Rabi* Yehudá diz: ‘Aquele que traduz um versículo conforme seu aspecto é um mentiroso e aquele que acrescenta a ele insulta e denigre’”. Explica o *Rashi*: “Aquele que acrescenta a ele – que diz: ‘uma vez que há permissão de acrescentar, também eu acrescentarei onde quiser’. Insulta e denigre – despreza o Criador e distorce Suas palavras. Unkelus não acrescentou de seu próprio tino, pois (o que escreveu) já havia sido outorgado no Sinai, mas foi esquecido e ele o

relembrou (a todos), conforme foi dito em *Massêchet Meguilá* (3a): ‘e colocar intelecto – é a tradução (de Unkelus)’”.

Daqui se aprende que a invenção de comentários da própria cabeça, sem tradição e sem se apoiar na transmissão de geração em geração, é perigosa, e todo aquele que o faz é chamado de inventor mentiroso. Quem acrescenta comentários que não são conforme a intenção da *Torá*, até mesmo insulta e denigre o Próprio D’us, tão grave é isso.

Por outro lado, há comentários que foram transmitidos no Monte Sinai, porém esquecidos; neste caso é uma *mitsvá* lembrá-los. Nisso se destaca o “*Targum* (tradução de) Unkelus”, que traz apenas explicações que foram esquecidas durante as gerações.

Por isso, tomamos cuidado em não trazer explicações que não são aceitas. A *Torá* Escrita foi dada no Monte Sinai junto com sua explicação, que é a *Torá* Oral – e tudo o que é dito deve levá-la em conta. Daqui se entende a grande responsabilidade que pesa sobre aquele que se interessa em esclarecer os episódios da *Torá*, pois é necessário verificar tudo à luz das regras e do que foi transmitido desde então.

O que desejamos esclarecer aqui é complexo e repleto de explicações. Oramos a D’us para que o que dissermos seja verdadeiro e contido na intenção de nossa sagrada *Torá*.

A Profecia Que Foi Dita Para a Matriarca Rivcá

Da *Torá* se vê que Yitschac queria que Essav recebesse suas bênçãos, a ponto de prepará-lo para isso, enquanto Rivcá desejava que estas fossem dadas a Yaacov.

“Disse Rivcá a seu filho, Yaacov: Eis que ouvi seu pai falando a Essav: ‘Traga-me caça e faça-me algo saboroso. Eu comerei e abençoarei a você perante D’us antes de minha morte.’ Agora, meu filho, preste atenção (escute minha voz) naquilo que eu lhe

ordeno...” (*Bereshit* 27:6-7). Ou seja, ela lhe pede para que Yaacov entre no lugar de Essav, de modo que as bênçãos recaiam sobre sua cabeça.

Quando Yaacov lhe apresenta seu medo que algo dê errado: “Eis que Essav, meu irmão, é coberto de pelos e eu sou liso. Talvez me toque meu pai; serei perante ele como um impostor e trarei a mim maldição em vez de bênção” (*Bereshit* 27:12), Rivcá responde: “Em mim recaia sua maldição, meu filho, mas ouça minha voz e traga-me (o que pedi)” (ibid. 13). Traduz o Unkelus: “Falou a ele sua mãe: ‘a mim foi dito por profecia que não recairão sobre você maldições, porém receba de mim e vá me trazer’”.

De acordo com a tradução de Unkelus que, como foi dito anteriormente, vem direto do Sinai – é necessário entender por que Rivcá não foi a Yitschac convencê-lo que deve abençoar a Yaacov, em vez de Essav? Por que se comportar desse modo e conseguir as bênçãos para esse filho fazendo com que enganasse o próprio pai, fingindo ser Essav? Não é melhor se comportar de modo correto, em vez de agir assim?

Tentaremos responder a isso de acordo com o grande fundamento trazido pelo *Maharam Alshech Hacadosh* (contemporâneo do *Bêth Yossef* e do Ari z”l).

“Dê a Verdade a Yaacov”

A característica básica de Yaacov era a verdade, conforme está escrito: “Dê a verdade a Yaacov” (*Michá* 7:20). Quando analisamos as palavras de Yaacov de acordo com o *Rashi*, percebemos que Yaacov não se desviou em nada da verdade.

No versículo 18, Yitschac pergunta: “quem é você, meu filho?” “Diz Yaacov a seu pai: ‘Sou eu, Essav seu primogênito’”. Escreve sobre isso o *Rashi*: “sou eu aquele que está lhe trazendo; Essav é seu primogênito”. Ou seja, não saiu de seus lábios ne-

nhuma mentira. Assim também na continuação (versículo 23): “e (Yitschac) não o reconheceu, porque eram suas mãos como as mãos de Essav, seu irmão, peludas – e o abençoou. Disse: você é meu filho Essav? Respondeu-lhe: (sou) eu”. Diz o *Rashi*: “não disse que era Essav, e sim ‘sou eu’.

Yaacov tornou efetivo o que foi dito em profecia para sua mãe. Seus motivos não eram pessoais, como uma simples briga de irmãos. Todo sua intenção foi em nome dos Céus, para cumprir a vontade da profecia e a ordem de sua mãe. Mesmo o modo de realização foi com cuidado para que não fosse por intermédio de uma mentira. Todo esse assunto será explicado com mais detalhes posteriormente.

O Episódio de Yehudá e Tamar

Neste episódio, é importante ressaltar que a intenção dos dois foi apenas em nome dos Céus, sem nenhum propósito terreno.

Sobre o versículo “(ela) levantou-se e foi-se, tirando seu véu de sobre si e vestiu (novamente) suas roupas de viuvez” (*Bereshit* 38:19), escreve o Seforno: “não era sua intenção casar, após ter conseguido a descendência almejada”. Toda sua intenção era se unir à Tribo de Yehudá, em nome dos Céus. Em seus atos não estava envolvido nenhum desejo mundano. Assim, logo que conseguiu conceber um filho de Yehudá, ela voltou a vestir suas roupas de viúva, sem intenção de casar novamente.

Também a intenção de Yehudá era inteiramente pura. Sobre o versículo “e achou que ela era uma prostituta” (versículo 15), é trazido no comentário *Daat Zekenim Mibaalê Hatossafot*: “o que lhe importava?” – certamente não iria um justo como ele olhar para uma mulher no caminho, muito menos pensar sobre ela – “pensou (Yehudá) em prosseguir, ergueu ela seus olhos ao Céu e disse: ‘Senhor de todos os mundos, acaso não terei eu o mérito

de fazer sair um sábio do corpo deste justo?’ Imediatamente, mandou-lhe D’us o anjo Michael e o fez voltar. Está escrito: ‘e desviou-se para ela’ (versículo 16) e está escrito: ‘e desviou-se dele’ (sobre a mula de Bil’am – *Bamidbar* 22:23). Assim como ali foi por um anjo, aqui também foi por um anjo.”

Ou seja, dos Céus dirigiram os passos de Yehudá. Tamar, por seu lado, aspirava ter um filho da tribo de Yehudá e deu sua alma para isso. Pergunta-se, então: por que era necessário um desenrolar tão tortuoso para que eles tivessem um filho? Por que não escolheu D’us o caminho normal, do casamento, para que dele saísse o reinado da Casa de David e o *Mêlech Hamashiach*? Por que não fazê-lo de modo que não houvesse nenhum ponto que pudesse ser mal interpretado?

Para entender isso, traremos as palavras do *Maharam Alshech Hacadosh* sobre *Meguilat Rut* (3:2).

A Grande Santidade Desce à Terra por um Caminho Oculto

Assim escreve ele: “‘Agora, eis que é Boaz, nosso conhecido’ – de boa família como seu marido (falecido). Não é uma vergonha para você casar com ele. ‘E que você esteve com suas jovens’ – provavelmente contaram a você sobre as boas virtudes que ele possui – é bom que se case com ele.”

“Eis que antes de Naomi revelar a Rut o que pensava fazer, transmitiu-lhe que todo assunto ligado à santidade não se realiza até que haja nele um pouco de mistura e que pareça como algo proibido, mesmo que não o seja realmente. Assim foi com Yaacov *Avínu*, que casou com duas irmãs. Mesmo que em sua época isso era permitido – foi proibido somente depois pela *Torá* – sua intenção, entretanto, foi sagrada: estabelecer as doze tribos de D’us”.

“Assim também foi o assunto de Yehudá e Tamar. Ainda que

houvesse aqui a *mitsvá* de ‘*yibum*’ (que na época consistia em um dos parentes desposar a viúva de alguém que faleceu sem filhos – não necessariamente o irmão), o anjo que lhe falou para se juntar a ela, para que deles se originassem reis e profetas, não lhe falou que se tratava de Tamar e que cumpriria a *mitsvá* de *yibum*, apenas quis que se juntasse a ela não com casamento e *yibum*, para que houvesse nesta união algo que não fosse correto (confira no comentário do *Dáat Zekenim Mibaalê Hatossafot, Bereshit* 38:17, que provam extensivamente que ele se casou com ela)”.

“Deste modo falou Naomi a Rut e lhe disse: ‘Saiba que por esta união espera toda a Casa de Israel, pois você é a mulher da qual se revelará a luz do *Mêlech Hamashiach* no mundo – e tudo que possui uma santidade muito grande, é obrigatório que esteja ligado a algum assunto que parece ser um pecado. Portanto, não fique indignada com minha proposta, pois como considero-a como minha filha e, assim como não daria um mau conselho à minha filha, não o darei a você. Portanto, escute meu conselho. ‘Eis que Boaz joeira (separa as cascas do trigo) a colheita... pois redentor é você’. (Diz Rut a ele): ‘você precisa redimir Machlon e cumprir comigo *yibum*. A alma de Machlon precisa se unir ao filho que eu der à luz do redentor (parente) e minha vontade e desejo é trazer a alma de Machlon em um filho justo. Por isso, vim a você: pois você é parente e o maior da geração. O filho que tiver de você será justo como você e farei bondade com meu marido falecido’”.

Nas palavras do *Maharam Alshech* estão contidos alguns fundamentos importantes. O principal deles é que quando uma alma elevada e importante – da qual sairão conseqüências decisivas para o destino do Povo de Israel – está para vir ao mundo, ela não pode descer do modo normal e direto, sem desvios, descaminhos e sem a aparência de algo próximo a um pecado.

A explicação para isso parece ser que as forças do mal, que

existem no mundo, se opõem de modo total à descida de almas elevadas. Quando isso ocorre de uma forma parecida a um pecado, essa oposição é retirada, pois essas forças não podem imaginar que assim se revelará a luz espiritual do Povo de Israel.

Assim ocorreu com Boaz e Rut, quando precisava vir ao mundo seu filho, Oved. O mesmo ocorreu com Yehudá e Tamar quanto a Pêrets e com Yaacov *Avínu* em relação às doze tribos, que são o alicerce do Povo de Israel.

De acordo com isso, é possível explicar ser esta a razão de Rivcá não ter contado a Yitschac a profecia que lhe foi revelada dos Céus, que dizia pertencerem as bênçãos a Yaacov e não a Essav. Estas eram de importância decisiva para o futuro e o destino do Povo de Israel em todas as gerações e foram o que definiu a quem pertencia a primogenitura. Portanto, elas precisaram ser outorgadas de um modo indireto.

Quanto maior é a santidade de algo, mais devem se misturar a ele partes não inteiramente puras. Portanto, Rivcá mandou Yaacov “fantasiado” de Essav para receber as bênçãos, para que estas fossem recebidas sem perturbação de forças que não vêm de uma fonte pura e que poderiam atrapalhar o processo.

Uma Instrução Momentânea Não é Uma Instrução Para Todas as Gerações

Como epílogo deste ensaio, é essencial salientar um ponto prático de extrema importância.

Partindo do fundamento do Alshech *Hacadosh* – que em assuntos espirituais especialmente elevados é necessário que esteja misturado algum assunto que não é inteiramente puro – alguém pode enganar-se a si próprio e pensar que é-lhe permitido misturar, a seus assuntos espirituais, também intenções não totalmente puras ou atos que absolutamente não são corretos, como

“*mar’it áyin*” – não tomar cuidado com o que os outros possam pensar, etc.

A verdade é completamente diversa! Foi-nos ordenado que todos os nossos atos sejam “em nome dos Céus” e que a eles não esteja mesclado nem mesmo o menor indício de algo parecido com um pecado. Os atos, aos quais se refere o Alshech *Hacadosh*, foram feitos apenas uma única vez, pelos sagrados patriarcas e pelos gigantes de nosso povo, que estavam em nível de profecia e que decidiram, do modo mais desprendido possível, executar algo que terá conseqüências para toda a Congregação de Israel, em todas as gerações. Estes atos foram como instruções momentâneas, das quais é proibido transferir para outras situações.

Quanto mais nós, órfãos desprovidos, que vivemos em uma geração pobre em espiritualidade, temos que reconhecer nossa posição e lugar e não nos deixarmos levar por vozes que não são, de modo algum, condizentes com nosso nível.

Os processos elevados que definem o destino do Povo de Israel, como o nascimento do *Mashiach*, a descendência dos Reis de Israel e as bênçãos de Yitschac, são efetuados com uma supervisão especial de D’us e neles atuam diversas forças espirituais que precisam ser conduzidas de acordo com as circunstâncias de cada caso.

Em nossa geração, porém, cessou a profecia e fecharam-se as fontes da sabedoria. Devemos reconhecer nosso lugar e saber que apenas a conduta iluminada por nossa sagrada *Torá*, com todo o coração e alma, é a única correta. Somente com ela daremos satisfação a nosso Criador e somente por intermédio dela herdaremos o Mundo Vindouro, para o nosso bem para sempre.

MIKETS / מִקֵּטִּים

A EMUNÁ (FÉ) EM D’US EVITA O ÓDIO ENTRE AS PESSOAS

**“Pois D’us me Fez Esquecer Todo o meu Sofrimento
e Toda a Casa de meu Pai”**

“Yossef teve dois filhos antes que viessem os anos da fome... E chamou ao primogênito Menashê, pois D’us me fez esquecer (*nasháni*) todo o meu sofrimento e toda a casa de meu pai” (*Be-reshit* 41:50-51).

A explicação da palavra “*nasháni*” é “me fez esquecer” e a acepção desse nome (Menashê) é em reconhecimento, gratidão a D’us. Yossef passou por anos muito difíceis. Foi vendido como escravo, caluniaram-no e teve que passar longos anos na prisão. Eis então que, de uma vez, de um modo incrível e inesperado, ele saiu da prisão, alcançou o reino (tornou-se vice-rei do Egito) e até mesmo teve o mérito de casar-se e construir família.

Agora, após nascer seu filho primogênito, Yossef agradece a D’us que pela imensa bondade concedida a ele pelos Céus, teve o

mérito de esquecer o esforço e o sofrimento que fizeram parte de sua vida no passado.

É necessário porém entender um detalhe: o significado do acréscimo de Yossef : “e toda a casa de meu pai”. Aparentemente é assombrosa e carece de explicação. Como Yossef agradece a D’us por ter lhe feito esquecer todas as lembranças da casa de Yaacov? Afinal, toda sua boa educação foi recebida lá; todo seu patrimônio espiritual de lá provém! Seu pai estudou Torá com ele, conforme é indicado na palavra “filho temporão” (*ben ZeCuNiM*) – uma dica de que a ele foram ensinados todos os tratados da *Mishná* – *Zeraim*, *Codashim*, etc. Assim, não há nenhuma possibilidade de ignorar esses anos da infância e juventude!

Além disso, Yossef certamente não queria esquecer aqueles dias, pois mesmo como vice-rei do Egito preservou sua justiça e retidão e desejava ardentemente reencontrar-se com seu pai e seus irmãos! Logo, a pergunta torna-se ainda mais forte e o assunto exige uma explicação. Tentaremos fazê-lo baseados nas palavras do *Gaon Rav Ben-Tsiyon Bruk zt”l* em seu livro, *Heg’yonê Mussar*.

O Esquecimento dos Males Causados Pelos Outros

O sofrimento de Yossef por ter sido arrancado da casa de seu pai era imenso. Yossef era extremamente ligado a Yaacov *Avínu* – “o primor dos patriarcas”. Este ensinou-lhe toda a *Torá*, que estudou na *Yeshivá* de Shem e Êver e Yossef era ligado ao pai com toda sua alma. Eis que, de uma vez, ele é apartado da fonte de sua vitalidade espiritual, vendido rapidamente três vezes e jogado na masmorra por longos anos, apesar de sua inocência.

Tudo isso causou-lhe um sofrimento incomensurável e, se fosse pensar e meditar sobre o que lhe acontecia do modo que é comum às outras pessoas pensarem, certamente preencheria seu coração com uma raiva imensa por aqueles que lhe motivaram

isso – ou seja – seus irmãos, que o venderam e originaram toda sua grande desgraça.

Yossef, entretanto, com a pureza de sua alma, esforçou-se durante muitos anos em arrancar de seu coração tais pensamentos e anular qualquer minúscula parcela de ódio que pudesse despertar nele. Ele não guarda ressentimento deles e não quer, de modo algum, ver sua queda e desgraça. Sobre isso ele agradece a D’us: “pois D’us me fez esquecer todo o meu sofrimento e toda a casa de meu pai”. Ou seja: por ter esquecido tudo o que me fizeram ao me separarem da casa de meu pai e por me esquecer da venda e de todo o mal que sofri no passado.

Yossef considera isso tão importante que corrobora esse assunto no nome de seu primogênito, para lembrar sempre esse desenvolvimento espiritual de grande justiça e bondade. Para que sempre permaneça, perante seus olhos, um caminho de vida que não tem ódio e nem rancor quanto aos outros, mesmo aos que lhe ocasionaram mal.

Uma prova disso encontramos na explicação do “*Gaon* de Vilna” sobre o *passuc*: “e lembrou Yossef dos sonhos que sonhou com eles” (*Bereshit* 42:9). O *Gaon* explica que, quando os irmãos vieram ao Egito e se apresentaram perante Yossef, este se lembrou apenas dos sonhos e não lembrou, de modo algum, do que eles lhe fizeram: do fato de ter sido jogado no poço e de sua venda ao Egito.

Para chegar a conquistas tão elevadas, Yossef teve que purificar seu coração e seus pensamentos sem cessar. Apenas a *emuná* (fé) em D’us, o conhecimento intrínseco de que “uma pessoa não move um dedo embaixo a não ser que anunciem isso de cima” e a confiança de que “tudo o que D’us faz o faz para o bem” são capazes de auxiliar o indivíduo a não sentir o mal que os outros lhe causam.

Um grande trabalho de *emuná*, confiança e boas qualidades

morais de caráter teve Yossef *Hatsadic* até que ele teve êxito em fazer seu coração esquecer a amargura e a raiva quanto a seus irmãos.

Ao meditar sobre nossas vidas, percebemos que, muitas vezes, tendemos a culpar os outros por nossos próprios fracassos. Frequentemente chegamos mesmo a sentir raiva e até ódio por aqueles que nos atrapalharam ou nos fizeram qualquer coisa de errado.

A imagem de Yossef *Hatsadic* deve permanecer perante nossos olhos para nos educar que não são as pessoas que nos fazem mal – e sim tudo é feito por um decreto superior e somente D’us, com sua enorme bondade, pode nos redimir de nossos sofrimentos e trazer uma grande bondade e bênção.

Se, D’us nos livre, for prejudicado nosso sustento ou ofendida nossa honra, devemos saber que a principal causa disso são nossos atos. Ao aperfeiçoarmos nossa conduta, D’us melhorará nossa situação. Se, D’us nos livre, há algum mal, é um sinal de que o Criador está nos tratando conforme nossa má conduta ou por termos deixado de cumprir Suas *mitsvot*.

Não se Deve Desistir ou Ficar Abatido em Uma Época de Sofrimento

Consta em *Massêchet Guitin* (58a) que *Rabi Yehoshua ben Chananyá* foi para a grande metrópole de Roma e disseram a ele: “há uma criança na prisão, de olhos bonitos e boa aparência, cujos cabelos são cacheados”. Sentou-se na porta da prisão e disse: “quem deu Yaacov como presa de guerra, Yisrael – para os saqueadores”. Respondeu aquela criança: “se não foi D’us, ao qual pecamos”. Falou: “estou certo de que este ainda será um instrutor da lei em Israel! *Haavodá* (linguagem de juramento) que não sairei daqui até que o resgate por todo o dinheiro que peçam”

Pergunta-se: por que a *Guemará* ressalta o fato de ele ter

olhos bonitos e uma boa aparência? O que *Rabi Yehoshua ben Chananyá* previu – que esta criança seria no futuro um grande mestre da *Torá* – é muito mais importante que a aparência dela! Além disso, é óbvio que é uma *mitsvá* resgatá-la, independentemente de sua beleza exterior!

Responde-se que, em geral, quando alguém está imerso em angústia e aflição, especialmente quando se trata de uma criança pequena, ela fica abatida em seu corpo e alma. Seu sofrimento é perceptível em seu rosto e sua aparência exterior se torna descuidada e desperta compaixão.

Entretanto, este menino, apesar do enorme sofrimento por ter sido levado em cativo para o meio de outros povos, conteve-se, manteve-se sob controle e cuidou de sua aparência, a ponto de todos perceberem o quão belo ele era.

Isso provou que era uma grande pessoa; que não deixa o desespero reinar em seu coração e confia que D’us não a abandonará, embora esteja cativo na prisão. Tudo isso fortaleceu a convicção de *Rabi Yehoshua ben Chananyá* que este menino viria a ser um grande mestre e ele decidiu resgatá-lo por todo o dinheiro do mundo.

Encontra-se algo parecido nas palavras de nossos sábios em *Massêchet San’hedrin* (95): “mesmo em uma hora de perigo, não deve uma pessoa mudar sua senhoria”. Explica o Rashi; “pois *Chananyá*, *Mishaêl* e *Azaryá* vestiam suas melhores roupas quando foram jogados na fomalha (por *Nevuchadnetsar*)”.

O sentido disto é que em qualquer situação, mesmo a mais difícil, o indivíduo não deve se mostrar apavorado ou amedrontado. A idéia moral por trás destas palavras de nossos sábios é que o indivíduo nunca está sozinho: tudo o que é feito em relação a ele e a seu destino é decidido no verdadeiro julgamento de D’us.

Logo, entende-se que não há uma situação perdida ou na qual é preciso desistir, pois D’us mede “cada medida de acordo

com outra” e, se o indivíduo melhorar seus atos e retornar ao caminho correto com *teshuvá* plena, também dos Céus se apiedarão dele e toda sua situação mudará, com a ajuda do D’us Misericordioso e Bom para todos.

Estas palavras estão bem ligadas à idéia trazida sobre Yossef *Hatsadic*, que também não deu atenção à sua situação e aos decretos difíceis que recaíram sobre ele e sim pôs sua esperança em D’us. Logo, também não guardou rancor quanto a seus irmãos, que o venderam ao Egito.

CHANUCÁ / חנוכה

O NÍVEL ELEVADO DOS MANDAMENTOS DA TORÁ

“E Retirá-los dos Mandamentos de Sua Vontade”

Consta no “*Al Hanissim*”, que recitamos em *Chanucá* nas preces e no *Bircat Hamazon* (bênção após as refeições): “Quando se ergueu o perverso Império da Grécia contra o Teu Povo, Israel, para fazê-lo esquecer Tua *Torá* e forçá-los a transgredir os estatutos (*chukê*) de Tua vontade”.

Há aqui uma ênfase no fato dos estatutos (*chukim*) serem “Tua vontade”. O cumprimento dos estatutos da *Torá* é o cumprimento da vontade de D’us. Tentaremos explicar o que há de especial nos estatutos – que são os mandamentos Divinos cujo motivo não nos foi revelado – para serem considerados “a Vontade de D’us” mais que os outros mandamentos da *Torá*.

Nos livros sagrados encontram-se algumas explicações sobre o que há de especial no cumprimento dos *chukim* (estatutos) da sagrada *Torá*. A explicação mais aceita é que, quando a *mitsvá* possui motivo e o indivíduo cumpre-a conforme seu entendimento, mescla-se em sua realização a parte pessoal do indivíduo, que

compreende o porquê e, assim, deseja executá-lo por si próprio. Diante disso, nos estatutos cujo verdadeiro motivo está oculto, a única razão para cumpri-los é o fato de que esta ordem nos foi dada pela *Torá*. Assim, cumprimos estes estatutos (*chukim*) unicamente por ser a Vontade de D’us.

O Império perverso da Grécia decretou sobre Israel que não cumprissem principalmente estes estatutos de D’us, pois esperava cortar a ligação que existe entre o povo que guarda a *Torá* e o Eterno. O modo de consegui-lo era causar que o Povo de Israel não cumprisse Sua Vontade, Que é explícita em Seus estatutos.

No “*Al Hanissim*”, louvamos a D’us porque “Tu , em Tua grande misericórdia, apoiaste-os na hora da sua aflição, lutaste a sua luta, defendeste a sua causa, etc.” Por meio disto, foi possível a Israel cumprir a vontade de D’us e, conseqüentemente, continuar ligado – de um modo inseparável – ao Eterno.

No livro “*Benê Yissachar*” (discursos dos meses de *kislêv – tevet*; discurso 4, item 64) é explicado que uma das vantagens do cumprimento das *mitsvot*, cujos motivos não foram revelados, é que isso causa uma conduta de “medida por medida” por parte do Criador. Ou seja, do mesmo modo que cumprimos Seus estatutos – embora os motivos não sejam revelados – também D’us age conosco medida por medida “*lifnim mishurat hadin*” – com uma justiça branda – não conforme o merecido, embora essa conduta de “*lifnim mishurat hadin*” não seja inteiramente compreensível e suas causas não serem plenamente reveladas para nós.

Portanto, o cumprimento da Vontade Divina por meio dos *chukim* desencadeia um relacionamento cheio de amor, vontade e ações “além do que é merecido” entre D’us e Seu Povo de Israel.

Esta conexão profunda e especial é o que os gregos, em sua perversidade, quiseram romper. O Eterno, com Sua enorme bondade, nos salvou de suas mãos e fez os *Chashmonayim* ganharem dos exércitos da Grécia. Voltou, então, a *avodá* (serviço) das ofe-

rendas no Templo, por meio das quais a Presença Divina paira sobre o Povo de Israel e fortalece-se o laço entre Israel e D'us.

“Mezuzá na Direita e Vela de Chanucá na Esquerda”

O cumprimento das *mitsvot* exerce uma enorme influência educacional naqueles que as realizam e nos que estão a elas ligados. A luz das velas de *Chanucá*, em todas as casas, é capaz de acender, de forma renovada nos corações, o fogo sagrado dos *Maccabim* e o desprendimento que tinham para que não se esquecesse a *Torá* de D'us e o povo não abandonasse Suas *mitsvot*.

Assim como eles guerrearam e deram suas vidas pelo cumprimento da Vontade Divina e de Seus mandamentos, nós afirmamos, com o acendimento das velas de *Chanucá*, que continuaremos guardando e transmitindo para a próxima geração o desprendimento para cuidar das ordens da sagrada *Torá* e o cumprimento de Suas ordens, para sempre.

Consta na lei judaica que, quando se acende as velas de *Chanucá* na porta da casa, a “*chanukiyá*” (candelabro de oito velas) deve estar do lado esquerdo, oposta à *mezuzá* – que fica à direita de quem entra na casa. Também sobre isso foram declaradas muitas idéias e explicações; traremos aqui o que escreve o *Rav Yehudá Tsadca zt”l* em seu livro, *Col Yehudá*, em nome do *Gaon Rabi David Jungreiss zt”l*.

Nas *parashyiot* (trechos inscritos) da *mezuzá* são trazidos os assuntos da Unicidade e do amor a D'us. O *Rambam*, no fim das Leis de *Mezuzá* (capítulo 6, *halachá* 13), explica extensivamente que isso vem para fixarmos esses conceitos em nossos corações, sempre que passarmos pela porta. Assim, a luz da *emuná* contida nesses trechos nos protegerá de qualquer influência nociva.

Na prática, a *mezuzá* na porta significa mais que isso. Ela

simboliza que o lar judaico deve ser uma fortaleza de *Torá*, de santidade, de pensamentos corretos e de bons atos. Ele também deve ficar protegido de influências alheias e ventos estranhos que sopram fora dele.

A *mezuzá* é o que o protege os moradores das influências daninhas da rua. Para educar e fazer crescer uma família centrada na espiritualidade, é preciso pôr uma separação entre a casa e o que está fora dela. O que nos protege destas influências negativas são a *emuná* (fé) em D'us e o prosseguimento no caminho da *Torá*.

“A vela de *Chanucá* à esquerda” é uma continuação do que foi dito anteriormente. Chega uma hora que o indivíduo protegido de influências nocivas e que cresce em *Torá* e *mitsvot* pode influenciar o outro, com isso. Então, impõe-se a ele dar mérito a muitos, espalhar a *Torá* e aproximar o coração dos filhos a seu Pai Que está nos Céus.

A vela de *Chanucá* simboliza a luz espiritual que sai da casa e ilumina para o exterior. O horário de acendimento das velas de *Chanucá* é enquanto ainda há pessoas circulando nas ruas. Enquanto há pessoas na rua, temos a obrigação de aproximá-las e iluminar suas almas com a luz da *Torá*.

Chanucá – Chinuch

“*Chinuch*” em hebraico é inauguração. Um dos motivos de *Chanucá* chamar-se assim é porque naqueles dias houve a reinauguração do Templo. Mais que isso; *Chanucá* é uma excelente oportunidade de se ocupar com os assuntos de “*chinuch*” – que também significa educação – e incutir no coração dos filhos e das filhas a importância da espiritualidade e da necessidade de se sacrificar por ela, para chegar a seus níveis elevados.

A festa de *Chanucá* eterniza a vitória da espiritualidade sobre o materialismo. Não havia, naquela época, força material capaz de

se opor ao tremendo exército grego e vencê-lo. A vitória foi alcançada pela espiritualidade. Por mérito dela e do espírito, os *Maccabim* tiveram ajuda dos Céus e chegaram ao triunfo almejado.

Isso serve de exemplo sobre a importância da espiritualidade e a necessidade de dedicar a ela toda a vida. É importante passar essa lição a nossos filhos e acender seu espírito até que a chama mantenha-se por si mesma. Assim, poderemos educá-los a continuar por toda a vida no caminho da *Torá*, apesar de todas as forças materiais de destruição que estão de tocaia, no exterior, para acabar com tudo que tenha a verdade como fundamento.

O Acendimento das Velas de Chanucá na Sinagoga

Pela *mitsvá* de espalhar o milagre de *Chanucá*, é preciso acender velas também na sinagoga, pois este é um lugar onde se reúnem muitas pessoas.

Além disso, podemos dar outra razão para isso. A sinagoga é um lugar de oração e estudo da *Torá*. Nesse lugar, onde o indivíduo constrói seu mundo espiritual, é especialmente adequado divulgar o milagre, para que ele aprenda que não deve medir esforços para a espiritualidade, dominar as dificuldades e vencer o materialismo, que tenta conspirar e perturbar todo aquele que anseia servir seu Criador.

Seja a vontade de D'us que tenhamos o mérito de fazer penetrar, em nossa alma, a luz dos dias de *Chanucá* e que esta nos acompanhe durante todo o ano.

VAYIGASH / וַיִּגַּשׁ

A CARACTERÍSTICA DE RESPONSABILIDADE

A Obrigação de Arcar com a Responsabilidade

Nesta *parashá*, Yehudá diz a Yossef: “pois seu servo se ofereceu como garantia pelo jovem, perante meu pai, dizendo: ‘se não o trouxer a você, pecarei a meu pai por todos os dias’” (*Bere-shit* 44:32). Explica o *Rashi*: “(Disse:) Se você perguntar: ‘por que eu me envolvo na discussão mais que meus outros irmãos? Eles estão todos de fora e eu me envolvi com um forte laço, para ficar proscrito em dois mundos’”.

O *Gaon Rabi* Natan Meir Wachtfoiguel (*shelita*) *zt”l*, *Mashguiach* da *Yeshivá* de Lakewood, explica em seu livro (*Cô-vets Sichot* parte 2) que *Rashi* vem responder por que Yehudá se pôs a altercar com Yossef mais que os outros irmãos. Todos eles estavam presentes no ato, cuja consequência foi que Yossef quis pegar Binyamin como escravo. Todos sabiam que se Binyamin não voltasse para a Terra de Kenáan, traria a Yaacov um sofrimento e uma dor insuportáveis. A ausência de Binyamin causaria uma angústia que seria capaz de abatê-lo e aproximar seu fim. Mesmo

assim, apenas Yehudá se aproximou para salvar seu irmão.

Rashi responde que Yehudá tomou sobre si a responsabilidade de devolver Binyamin a seu pai. Isso o obrigava a agir, entrar no âmago do problema e até mesmo abnegar-se para tentar salvá-lo. E não há dúvida que o modo como Yehudá se dirigiu a Yossef realmente poderia colocar sua vida em risco.

Esse é o enorme poder da responsabilidade. Ela obriga o indivíduo a ser leal, consciente e cumpridor do que tomou sobre si, sem se evadir e sem se esquivar. Assim se comportou Yehudá e dele aprendemos até onde vai a obrigação da responsabilidade.

Consta no *Midrash Bereshit Rabá* (93, 1): “‘Meu filho, se você foi fiador de seu semelhante’ (*Mishlê* 6) – é Yehudá; ‘Eu serei garantia dele’. ‘Destes a um estranho sua palma’ – ‘de minha mão o pedirá’. ‘armou-se uma cilada com as palavras de sua boca’ – ‘se não o trouxer a você’. Faça portanto isto, meu filho, e se salvará: vá, proste-se ao pó de seus pés e receba seu reinado e soberania – ‘e se aproximou dele Yehudá’”.

O *Midrash* compara aquele que toma sobre si a responsabilidade como um fiador. Assim como o fiador é obrigado a pagar por aquele que tomou emprestado quando este não o faz – sem ter como escapar disto – também aquele que toma sobre si alguma responsabilidade deve cumpri-la, sem ter como se esquivar dela.

Convém acrescentar que este ponto é capaz de servir como prova para a personalidade do indivíduo. Ao analisar os diversos tipos de pessoas que encontramos durante a vida, é possível perceber que há aquelas que são responsáveis e dedicadas, que procuram cumprir de todos os modos o que se comprometeram a fazer. Em compensação, há aquelas que são inconseqüentes e apressadas, cuja palavra não tem valor e às quais o que disseram não lhes obriga a nada.

É este ponto que diferencia entre esses dois tipos de pessoa. A confiabilidade interna, que é a chave para o caminho da verda-

de e do cumprimento das obrigações Divinas, é fundamental para a vida. Aquele que guarda sua palavra e é confiável em suas garantias distingue-se também no cumprimento das leis da *Torá*, pois a fonte de tudo isto é uma só.

Responsabilidade sem Recebê-la

Escreve ainda o *Rav* Wachtfoiguel, no mesmo livro: “é preciso saber, porém, que para arcar com a responsabilidade, nem sempre é necessário recebê-la. Assim encontramos em relação a Lot, que estava disposto a entregar suas duas filhas aos homens de Sedom para salvar os anjos que vieram a ele. “Eis que tenho duas filhas que nunca conheceram homem. Tirarei-as a vocês e façam com elas o que quiserem, apenas a esses homens não façam nada, pois por isso vieram debaixo de meu teto” (*Bereshit* 19:4).”

Lot estava disposto a perder o que lhe era mais precioso, suas filhas, para salvar as duas visitas que agora chegaram e que não conhecia de modo algum antes disto. Lot explica seus passos: “pois por isso vieram debaixo de meu teto”. Uma vez que ele os recebeu em sua casa, isso o obrigava a agir por sua salvação, com toda sua força e com tudo o que estava em seu poder.

Daqui se aprende que há responsabilidades que recaem sobre o indivíduo, embora ele não as tenha recebido, por força das circunstâncias. Mesmo então, o indivíduo é ordenado a fazer tudo que pode pelo sucesso da missão.

Esse fundamento é aprendido também das palavras da *Gue-mará* em *Massêchet Bavá Metsiá* (85b). Ali consta que os sofrimentos de *Rabi* Yehuda Hanassi (*Rabi*) vieram a ele pelo seguinte fato: “aquele bezerro que estava sendo levado para a *shechitá*, escondeu sua cabeça debaixo do casaco de *Rabi* e começou a chorar. Falou (*Rabi*) para ele: ‘vá, pois para isso você foi criado!’. Falaram (nos Céus): “já que ele não se apieda, que venham

a ele sofrimentos’. E por meio de outra história, os sofrimentos terminaram: um dia, a serva de Rabi estava varrendo a casa. Encontrou ali alguns filhotes de ratazana e ela os varreu. Disse a ela: ‘Deixe-os! Está escrito: ‘E sua piedade se estende sobre tudo o que fez’’. Disseram: ‘já que ele se apieda, apiedaremos-nos dele’.

Graves doenças afligiram Rabi por treze anos por ter dito ao bezerro que ele foi criado para isso. É conhecida a pergunta: no final das contas, realmente “o fim de um animal é a *shechitá*?” – ou seja – sua meta é servir ao ser humano, que é capaz de elevar sua carne quando a come. Já que é assim, no que pecou Rabi para merecer sofrimentos tão grandes e prolongados?

Explica-se que, realmente, essa é a finalidade dos animais. Porém, uma vez que esse bezerro fugiu e introduziu sua cabeça no casaco de Rabi, a partir daquele momento recaiu sobre Rabi a obrigação de salvá-lo – assim como Lot se ocupou da salvação dos anjos – e ajudá-lo a manter-se vivo. Essa obrigação era tão forte que os sofrimentos só terminaram quando ele se apiedou dos filhotes de ratazana, dizendo: “e Sua piedade se estende sobre tudo o que fez”.

Aprende-se dessas palavras de nossos sábios que é preciso analisar o que acontece em nossas vidas. Isso porque muitas vezes tomamos parte em diversos acontecimentos que têm como consequência a obrigação de tomar responsabilidade e se preocupar com diversas pessoas, com seu bem-estar e seu conforto.

Bem aventurado aquele que vive de acordo com as regras de ética de nossa sagrada *Torá*!

VAYCHI / וַיְחִי

A IMPORTÂNCIA DE CADA DETALHE NA VIDA DE TORÁ E MITSVOT

A Sede por Palavras de Torá

Consta no *Midrash Rabá*, sobre o *passuc* “que se multipliquem como peixes, na Terra” (*Bereshit* 48:16): “assim como esses peixes, que vivem na água e, quando desce uma gota de cima, a recebem com sede – como quem nunca provou o gosto de água na vida – assim também Yisrael cresce na água, na *Torá*, mas quando ouvem algo novo da *Torá*, recebem-no com sede, como quem nunca ouviu palavras de *Torá* em toda sua vida”.

Isto provém do imenso afeto que o Povo de Israel tem pela *Torá*. Seus membros a amam sem limites, nunca se cansam de ocupar-se com ela e de trazer à tona mais idéias.

Há para isso uma explicação mais profunda, trazida pelo *Rambam* (*Hilchot Rotsêach* cap. 7, *halachá* 1): “a vida dos que possuem a sabedoria e dos que a procuram, sem o estudo da *Torá* – como a morte é considerada”.

A *Torá* é a própria vida do Povo de Israel. Quanto à vida, não existe satisfação e contentamento. Ela é necessária a cada instante e sem ela não existimos. A ligação de Israel com a *Torá* é tão forte como a do ser humano com sua própria existência.

Neste campo não há concessões, mesmo parciais; o indivíduo concentra todas as suas forças para estudar e viver na *Torá*. “E nos deu a *Torá* verdadeira e vida eterna implantou dentro de nós”. Com a outorga da *Torá*, foi concedida a vida eterna ao Povo de Israel.

Mais para frente, será explicado de outro modo por que é necessário almejar cada detalhe da *Torá* e de suas *mitsvot*, por que o que se alcança em partes específicas da *Torá* não cobre o que falta em outras partes e por que, em razão disso, deve o indivíduo ansiar compreender todas as palavras da *Torá*, até o fim.

“Vocês Voltarão e Distinguirão... Entre Aquele que Serve ao Eterno e Aquele que Não O Serviu”

Nossos sábios dizem que aquele que lê a Porção do “*Shemá*” toda sua vida e não o faz um dia, é como se não o tivesse feito nunca. A intenção não é que ele perde a recompensa e os níveis espirituais que atingiu pelo mérito das várias vezes que cumpriu este preceito – e sim que este *Keriat Shemá* – que não fez – faz uma falta eterna e fixa, que é impossível preencher com os outros que são recitados posteriormente.

Perguntam nossos sábios (*Chaguigá* 9b), sobre o *passuc* (*Mal’achi* 3:18) “Vocês voltarão e distinguirão entre o justo e o malvado, entre aquele que serve ao Eterno e aquele que não O serviu”: “é a mesma coisa ‘o justo’ e ‘o que serve ao Eterno’, é o mesmo o ‘malvado’ e ‘aquele que não O serviu’?! (por que então o versículo traz isso duplamente?) Responde a *Guemará*: “não é

igual aquele que estuda cem vezes sua matéria e aquele que estuda sua matéria cento e uma vezes”.

Também daqui se vê que aquele ao qual faltou o centésimo primeiro estudo é considerado “aquele que não O serviu”, apesar de ter investido muito esforço e tempo nas outras cem vezes. O versículo certamente não vem depreciar a importância de estudar o mesmo assunto cem vezes. Então, por que alguém que o faz é chamado de “aquele que não O serviu”?

Explica o Rav Aharon Kotler zt”l em seu livro, *Mishnat Rabi Aharon* (parte 1, página 87), que toda a Criação constitui, efetivamente, uma só unidade. Apesar disso, ela é composta de diversas unidades particulares e cada uma destas é importante por si. Assim também é com o tempo: embora ele forme apenas uma unidade, cada momento é importante. Mais que isso; a existência de cada instante não é momentânea e passageira. Cada momento deixa uma impressão para todo o sempre.

Assim, aquele que não leu uma vez o *Keriat Shemá* perpetua para sempre a existência de um instante no qual não foi recebido o jugo dos Céus. Essa falta é eterna e, portanto, pode-se dizer desse indivíduo que é como se nunca tivesse lido o *Shemá*. Todas as outras vezes que ele o fez não são capazes de remediar esta falta.

O mesmo acontece com aquele que deixou de rever seu estudo pela centésima primeira vez. O mérito das outras vezes é certamente caro e raro, mas não é capaz de fazer esquecer que a centésima primeira vez está faltando, fazendo a pessoa ser chamada de “aquele que não o serviu”.

A conclusão prática disto é que a espiritualidade é completamente diferente da materialidade. Nesta, o sucesso é medido pela quantidade e uma pequena perda não é percebida, ao lado de grandes riquezas. No mundo espiritual, porém, tudo possui um lugar. Por um lado, “uma medida boa é maior que uma ruim”.

Por outro, também a perda é perceptível e seus sinais serão sempre sentidos.

Portanto, o indivíduo deve esforçar-se por agir de modo que não possua faltas; no qual serve a seu Criador de forma plena.

Cada Prece É Especial

Rabi Chayim de Volodjin, em seu livro *Nêfesh Hachayim* (*sháar* 2, capítulo 13) escreve que não há uma prece igual a outra. “Todo aquele que tem conhecimento entenderá que não há alguém na superfície da Terra que possa instituir algo tão maravilhoso e venerável – englobar e incluir em um único formato fixo de oração as retificações de todos os mundos, superiores e inferiores e os capítulos da “*Mercavá*” – e que a cada vez que se reza sejam causadas retificações novas na ordem dos mundos e das forças, de modo que desde quando a instituíram até a vinda do Redentor não houve e nem vai haver uma prece, em sua particularidade, igual à outra, que veio antes ou que virá depois, de modo algum, etc.”

“Assim também é com cada dia em relação ao outro, que vem antes ou depois dele. Portanto, disseram nossos sábios (*Chagigá* 9b): ‘o torto não poderá retificar’ – é aquele que pulou o *Keriat Shemá* ou a *tefilá*”.

Estas palavras dizem respeito ao que foi dito anteriormente. De uma perspectiva espiritual, cada prece é adequada – conforme a instituíram “*Anshê Kenesset Haguedolá*” (Grande Assembléia de Sábios e Profetas) – ao momento específico em que é recitada. Ela influencia tudo o que acontece nos mundos superiores e inferiores naquele instante e age para a retificação do mundo, com o que é então necessário.

Este modo de pensar é capaz de mudar a maneira de agir em toda a vida. Muitos são os que agem demorada ou lentamente no

serviço Divino partindo da convicção que “o dia ainda é grande” e que amanhã será possível retificar o que não foi feito hoje.

Na prática, a situação é bem diferente. Cada instante possui uma função específica e aqueles momentos que não são inteiramente aproveitados faltarão para sempre, pois o próximo instante possui outra missão.

Portanto, cada um deve juntar todas as suas forças e tentar aproveitar cada momento para o serviço Divino. Assim, sua vida será plena e sua meta – santificar o nome de D’us e cumprir sua vontade – será atingida do melhor modo possível e com amor.

De acordo com isso, é possível entender bem o que foi trazido em nome de nossos sábios no começo do ensaio – que o Povo de Israel é sedento por novas idéias de *Torá* como se nunca tivessem escutado nada dela antes. Cada palavra de *Torá* possui uma existência e uma essência próprias, que não depende das outras. A “sede” provém desta novidade ser realmente algo completamente novo para aquele que estuda.

A espiritualidade, conforme trazido anteriormente, é completamente diversa da materialidade. Aquele que possui uma grande fortuna não fica especialmente contente com mais uma moeda, às vezes chega mesmo a desprezá-la. Em contrapartida, quanto a assuntos espirituais, mesmo aquele que está pleno de *Torá* e bons atos fica sedento por *mitsvot* que possa alcançar.

Estes assuntos não são medidos pela quantidade e cada detalhe é importante por si só, tendo a capacidade de reviver aqueles que os fazem e levá-los à vida eterna do Mundo Vindouro.

שמות

SHEMOT

SHEMOT / שמות

EIS QUE O TEMOR A D'US É SABEDORIA

“Aquele Que Reverencia a Mitsvá – É Quem Será Recompensado”

Está escrito nesta *parashá*: “Temeram as parteiras a D’us e não fizeram como falou para elas o Rei do Egito – e deixaram viver as crianças” (*Shemot* 1:17). É mostrado no versículo, que a fonte da qual as parteiras tiraram a força para desafiar o Faraó foi o temor a D’us.

O Faraó era o “todo-poderoso” no Egito. Ele subjugou o Povo de Israel com trabalho opressivo, matou suas crianças e seu temor estendia-se sobre todos. Para se opor às suas ordens, era necessária uma força interna especial. Esta derivou do grande temor aos Céus que tinham Shifrá e Puá – as parteiras.

Rabênu Yoná, em seu livro *Shaarê Teshuvá* (*sháar* 3, item 9), escreve o seguinte: “A base do prêmio e a raiz da recompensa vêm pelo serviço dos preceitos positivos, conforme foi dito: “Aquele que reverencia a *mitsvá*, é quem será recompensado, etc.” (*Mishlê* 13:13). Porém, há um modo – para aquele que cui-

da de não transgredir um preceito negativo – chegar à (mesma) recompensa daquele que faz uma *mitsvá*. Por exemplo: se aconteceu uma situação em que o indivíduo desejou muito cometer um pecado e dominou seu instinto; pois este é um dos princípios do temor a D’us”.

“Assim também é com aquele que esteve em uma situação na qual poderia enriquecer enganando os outros, de um modo que ninguém percebesse ou soubesse, porém manteve sua integridade e honestidade. (Ele) é recompensado por isso, como aquele que semeia *tsedacá* e se esforça por uma *mitsvá*”.

“Assim também está escrito: ‘até mesmo não fizeram iniquidades, em Seu caminho andaram’ (*Tehilim* 119:3). Disseram nossos sábios, de abençoada memória (*Yerushálmi Kidushin*, fim do primeiro capítulo): ‘uma vez que não fizeram iniquidades, andaram em Seu caminho’. E assim disseram nossos sábios (*Kidushin* 39b): ‘acomodou-se e não fez um pecado, dão para ele recompensa como se tivesse feito uma *mitsvá*, como quando vem uma situação de pecado e ele se salva dela’. Falaram ainda (*Berachot* 6a): “para os tementes a D’us e os que se importam com Seu Nome’ (*Mal’achi* 3:15): é aquele para o qual vem uma situação de pecado e se salva dela””.

Também esta recompensa tem como base e fundamento um preceito positivo, pois ele dominou seu instinto com temor a D’us, conforme está escrito: ‘o Eterno, seu D’us, você temerá’ (*Devarim* 10:20).

Rabênu Yoná ensina uma importante idéia. De acordo com ele, a principal recompensa do indivíduo é recebida dos Céus pelos preceitos positivos, conforme se aprende do versículo “O que venera a *mitsvá* é o que será recompensado”. Porém, na prática, o que evita fazer um pecado – em uma situação propícia a isso – cumpre o preceito positivo de temer a D’us, conforme está escrito: “o Eterno, seu D’us, você temerá”.

Aprende-se daqui que o temor aos Céus é um preceito geral envolvido em todos os atos dos indivíduos, por meio do qual é possível vencer o mau instinto, afastar-se do pecado e manter-se ligado ao Criador com os laços da reverência.

É possível acrescentar que, também em relação aos preceitos positivos, a recompensa está intrinsecamente ligada ao temor aos Céus, conforme está escrito: “O que venera a *mitsvá* é o que será recompensado”. É a reverência que leva o indivíduo a fazer as *mitsvot* e, conseqüentemente, a receber seu prêmio.

“Maior É Aquele que É Obrigado e Faz”

Pode-se explicar isso com base nas palavras do *Tossafot* em *Massêchet Kidushin* (31a), sobre o trecho “maior é aquele que é obrigado e faz (as *mitsvot*) que aquele que não é obrigado e o faz”. O *Tossafot* explica que o motivo é por este estar sempre preocupado em anular seu mau instinto e cumprir a vontade de seu Criador.

Para elucidar o que este comentário escreve é necessário antecipar que a lógica, diria o contrário – pois o que não é obrigado cumpre as *mitsvot* voluntariamente, por sua própria vontade. Porém, baseados nas palavras da *Guemará* e do *Tossafot*, entende-se que a base do cumprimento das *mitsvot* é completamente distinta.

Nossos sábios, no fim de *Massêchet Macot* e em outros lugares, explicam que a meta da prescrição das *mitsvot* da *Torá* é refinar o Povo de Yisrael, ligá-lo a D’us e aproximá-lo de Seu amor e temor. Quando alguém é obrigado a realizar *mitsvot*, o mau instinto e as forças do corpo opõem-se a isto. Quando ele o faz, apesar disso, aproxima-se muito de seu Criador.

Consta no livro *Alê Shur* (parte 1, *sháar* 2, capítulo 5): “‘Maior é aquele que é obrigado e faz (as *mitsvot*) do que aquele que não é obrigado e o faz’. Realmente, é grande aquele que faz algo bom por

sua própria vontade. Porém, não há nisso elevação acima dos desígnios do coração – pois ele possui ‘seu pão em sua cesta’, uma vez que, se quiser, pode deixar de fazê-lo (*Tossafot*, *ibid.*). É maior que ele aquele que é obrigado e faz, pois ele domina a si próprio e aos desígnios de seu coração. As *mitsvot* refinam o indivíduo, pois imprimem em nossa vida uma ordem Divina mais elevada que a simplicidade e o materialidade da vida. ‘A palavra de D’us é refinada – as *mitsvot* foram dadas a Yisrael para refinar as criaturas com elas (*Vayikrá Rabá* 13, 3)’”.

Este refinamento provém do temor aos Céus e da apreensão quanto a cometer um pecado, sobre os quais trata este ensaio. Justo o cumprimento das ordens de D’us com dedicação, detalhismo e sem desviar nada do que foi dito é o que influencia a alma do indivíduo, aumenta a reverência ao Eterno e aproxima o Povo de Yisrael ao Criador.

“E foi por terem as parteiras temido o Eterno, Ele lhes fez ‘casas’”. Nossos sábios explicam que a recompensa delas foi a Casa de *Kehuná* (sacerdócio) e a Casa do Reinado. As duas saíram de Yocheved e Miryam, que eram as parteiras. O temor aos Céus traz uma grande recompensa, que é principalmente espiritual e auxilia no serviço Divino e na aproximação a D’us.

No *Yalcut Shim’oni* (*parashat Vayakhel*, *rêmez* 412) é trazido que Betsal’el, o responsável pela construção do *Mishcan*, recebeu seu maravilhoso talento pelo mérito de Miryam, da qual era descendente. O temor aos Céus de Miryam é o que o levou a ter esta grande sabedoria, conforme está escrito: “Eis que o temor a D’us é sabedoria”.

Além de levar à sabedoria, a reverência a D’us é ela própria considerada sabedoria, pois por meio dela o indivíduo passa a agir de modo realmente correto, com atos que o levam à verdadeira meta da vida, que é a ligação a D’us e à Sua *Torá*.

O Valor do Trabalho Próprio do Indivíduo

Até aqui foi explicada a importância do temor aos Céus. É ela que ajuda o indivíduo a servir seu Criador, vencendo todos os empecilhos que o mau instinto coloca – e que lhe traz uma fartura dos Céus com a enorme recompensa que é dada aos tementes a D’us e aos que se preocupam com Seu Nome.

Para se elevar e possuir compreensões espirituais elevadas, são necessários atos e vontade de se aproximar da espiritualidade.

Consta no *Midrash Tanchumá* (*Parashat Shemot* 15): “‘Falou Moshê: me desviarei e verei’. *Rabi Yochanan* disse: três passos deu Moshê. *Rabi Shim’on ben Lakish* disse: não deu nenhum passo, apenas virou seu pescoço. Falou a ele D’us: ‘você se esforçou para me ver, *chayêcha* (linguagem de juramento) que você é digno que Eu me revele a você’”.

Disto se aprende uma regra muito importante: não há um conhecimento que é adquirido sem esforço e trabalho. Moshê *Rabênu* chegou à profecia por mérito de seu esforço. Sem dar três passos ou virar o pescoço, de nada lhe adiantariam seus méritos e sua humildade. Sem isso, mesmo o sofrimento do Povo de Yisrael, que implorava por Redenção, não bastaria para D’us falar de dentro da sarça.

“O homem, para o trabalho nasceu” – para o trabalho da *Torá*. Sem o esforço, não há resultados e, sem trabalho pessoal, não descerá a fartura dos Céus, apesar de estar tudo pronto para isso.

Por outro lado, aprende-se daqui também como cada pequeno detalhe do esforço da pessoa possui uma enorme importância. Após Moshê ter virado seu pescoço, a profecia já podia se manifestar e ele teve o mérito de receber uma revelação Divina.

Não há um detalhe que não seja considerado e um esforço que não seja levado em conta nos Céus. Ali se pesa tudo de um modo espiritual e, conseqüentemente, é proibido desprezar qual-

quer boa vontade, por menor que seja, “pois não é Meu pensamento como o pensamento de vocês e nem seus caminhos como o Meu caminho; assim disse D’us”. Lá, cada pequena minúcia possui um enorme valor.

“Frequêntador da Casa do Rav por Um Dia”

Consta em *Massêchet Chaguigá* (5b): “*Rav* Idi, pai de *Rabi* Yaacov *bar* Idi, costumava viajar três meses para chegar ao *Bêth Hamidrash* (viajava depois de *Pêssach*, quando ficava com sua esposa) e ficava um dia na casa de *Rav* (para conseguir voltar à sua casa até *Sucot*). Os estudiosos o chamavam de ‘frequêntador da casa do *Rav* por um dia’”.

“(Rav Idi) ficou chateado e dizia sobre si mesmo: “riso para meus companheiros serei” (*Iyov* 12:4). Falou a ele *Rabi* Yochanan: “com licença, não puna os estudantes”. Foi *Rabi* Yochanan para a Casa de Estudos e disse: “(está escrito): ‘E a mim dia a dia (vocês) procurarão, e conhecer meu caminho, desejarão’. Acaso de dia se procura por Ele e de noite não? Isso vem dizer que todo aquele que se ocupa com a *Torá*, mesmo que por um único dia no ano, é considerado pelas Escrituras como se ocupasse a si mesmo com ela durante todo o ano”.

Aqui se encontram diversos valores, nos quais é possível se aprofundar e os quais se pode adotar. É possível apontar o valor do estudo da *Torá*, o nível da teimosia positiva, o modo correto de se relacionar com a sociedade, como educar os alunos e muitos outros. Porém, acima de tudo, aprende-se disso quanto vale um ato espiritual.

Rav Idi fez de tudo pelo estudo da *Torá*. É verdade que suas possibilidades eram pequenas, devido à enorme distância entre sua casa e a Casa de Estudos. Entretanto, nos Céus consideravam o que fazia de um modo incrível: como se estudasse *Torá* o ano

inteiro! Quando alguém faz o que deve, completa-se o resto nos Céus e o que ele faz é muito estimado.

O *Chafêts Chayim* diz que aquele que trabalha o dia inteiro, mas utiliza cada momento livre para estudar *Torá*, é como se o fizesse todo o tempo – pois demonstra, que certamente o faria assiduamente, se não tivesse que trabalhar por seu sustento. Uma pessoa assim é parecida com *Rav Idi* e também é chamada de “freqüentador da casa do *Rav* por um dia” – ou seja, que estuda em todo o seu tempo livre e procura o conhecimento da *Torá* conforme suas possibilidades.

Nos últimos anos, tornou-se mais comum, em Israel e em outros lugares, dedicar determinados dias que não se trabalha para o estudo da *Torá* do grande público. Estes dias também são chamados “freqüentador da casa do *Rav* por um dia”. Este nome é apropriado, pois, nestes dias, muitos daqueles que trabalham por seu sustento demonstram que, quando possuem um dia livre de trabalho, aproveitam para estudar *Torá*. Este “um dia” revela a verdadeira essência, a enorme aspiração por se ocupar com a *Torá* e a qualidade espiritual deles.

O Valor de um Pequeno Ato

É trazido no livro *Chovôt Halvavôt (Sháar Cheshbon Hanêfesh*, capítulo 5): “Não considere pequeno o valor de qualquer coisa boa que tenha sido feita em Seu nome, mesmo com uma palavra ou com o olhar, pois o pouco de você – muito é para Ele”.

Isto está de acordo com o que foi dito anteriormente. Nos Céus, os atos são medidos de forma completamente diversa e não há alguém na terra capaz de estimar corretamente o valor de um único pensamento.

Em *Massêchet San’hedrin* (96a) consta que Nevuchadnetsar reinou sobre todo o mundo pelo mérito de três passos que deu em

honra a D'us. Nossos sábios trazem diversos exemplos de atos que parecem irrelevantes e que trouxeram enormes recompensas aos que os executaram.

Uma vez que é assim, deve-se aprender a programar o que se faz com cuidado e não desprezar nenhum passo. Todo esforço vale a pena. Cada vitória sobre as dificuldades e a preguiça, qualquer afastamento de conversas vãs, cada instante dedicado à espiritualidade, cada sorriso para os outros e todo o bem que se faz são anotados no “caderno” do Eterno e valem mais que ouro.

Não há um detalhe sem valor ou que seja esquecido e perdido com o passar do tempo. Benditos os que têm o mérito de servir a D'us, que recompensa bem os que cumprem Sua vontade e perante O Qual não há uma *mitsvá* “secundária”. Tudo é levado em conta perante Ele e a verdadeira recompensa, “nenhum olho viu, fora o Senhor”

“E Viu Seu Sofrimento”

Foi explicado anteriormente que o caminho para atingir resultados espirituais é agir na prática. Apenas após ter se esforçado muito, o indivíduo recebe fartura espiritual, aproxima-se de D'us e é auxiliado no que faz.

De Moshê *Rabênu* é possível aprender uma segunda regra, extremamente importante. Moshê chegou a seu alto nível por participar do sofrimento do Povo de Israel.

Sobre o versículo “E saiu até seus irmãos e viu seu sofrimento” diz o *Midrash (Shemot Rabá, parashá 1, 32)* que Moshê via seu sofrimento, chorava e dizia: “que pena tenho deles; quem dera pudesse eu morrer por eles, pois não há trabalho mais pesado que o da argamassa”. Ele oferecia seus ombros e ajudava cada um deles (veja também a explicação do *Rashi* sobre este *passuc*).

Aprende-se daqui quão grande é a obrigação de participar do

sofrimento de cada um, tanto mais da comunidade. Aquele que o faz e sente a dor do outro é capaz de liderar o povo, pois sentirá o que sentem e entenderá seus numerosos desejos e necessidades.

Consta em *Massêchet Taanit* (pág. 11): “(Deve) o indivíduo sofrer com a comunidade, pois assim aprendemos com Moshê, que sofreu junto com a comunidade, conforme está escrito: ‘As mãos de Moshê estavam pesadas. Pegaram uma pedra, puseram debaixo dele e sentou-se em cima dela’. Não tinha Moshê uma almofada ou um travesseiro para sentar em cima? Disse ele: Yisrael se encontra em apuros, eu também me juntarei a seu sofrimento”.

Somos ordenados a seguir as características de D’us, conforme está escrito: “e andarás em Seus caminhos”. Quando o Povo de Israel sofre, o mesmo acontece com D’us, conforme está escrito: “com eles estou no sofrimento” Assim também consta em *Massêchet Chaguigá* (15): “Quando alguém de Israel sofre, o que diz a Presença Divina? Incomoda-Me Minha cabeça, incomoda-Me Meu braço”. Logo, participar do sofrimento dos outros é o caminho de D’us.

Todo o Povo de Israel é unido e vinculado de forma absoluta. O sofrimento de um é o sofrimento de todos. Quando o povo estava envolvido na guerra, Moshê não era capaz de se sentar em um assento macio, pois ambos formavam uma só unidade.

Moshê, que sentia a aflição do Povo de Israel e o que cada um tinha em seu coração, teve o mérito de encabeçá-los, tirá-los do Egito e trazer a eles a *Torá*. Este é um verdadeiro líder, capaz de aproximar o coração de Israel a seu Pai Que está nos Céus.

VAERÁ / ואֶרָא

A LIÇÃO APRENDIDA DAS DEZ PRAGAS

A Divisão das Pragas

A meta das dez pragas não foi apenas castigar os egípcios. Seu objetivo era educar o Faraó e lhe mostrar os fundamentos da emuná em D’us.

O Faraó considerava-se um deus e renegava a Providência Divina – o fato de que o Criador cuida de cada detalhe no mundo. As pragas lhe ensinaram lições variadas e abrangentes sobre isto.

Na *Hagadá de Pêssach*, vemos que *Rabi Yehudá* costumava dividir as Dez Pragas em três grupos, cujos acrônimos são: “*DeTsa”Ch*”, “*ADa”Sh*” e “*BeA”ChaV*”. Diversas explicações foram dadas para esta divisão; serão trazidas aqui as palavras do *Netivot Shalom*.

“*DeTsa”Ch*” (acrônimo de *dam*, *tsefardêa* e *kinim*) – sangue, sapos e piolhos – vieram para mostrar o domínio de D’us sobre o que está abaixo da terra.

“ADa”Sh” (acrônimo de *arov*, *dêver* e *shechin*) – feras selvagens, peste e um tipo de dermatose – vieram para mostrar Seu controle sobre o que está sobre a terra: seres humanos, animais e feras.

“BeA”ChaV” (acrônimo de *barad*, *arbê*, *chôshech* e *bechorot*) – granizo, gafanhotos, escuridão e a morte dos primogênitos – vieram demonstrar que o Eterno comanda o que está no ar, acima da terra.

O Faraó argumentava: “Não conheci D’us”. Ele negava a existência de D’us em todas as partes da criação, da existência. Portanto, demonstrou o Eterno que possui um controle absoluto sobre tudo e é capaz de mudar sistemas, ordens naturais e Leis da Natureza, de acordo com Seus desígnios. As dez pragas mostraram que mesmo uma ordem fixa só se mantém por Sua vontade e só por meio desta o mundo funciona.

Três Níveis de Emuná

A *emuná* se encontra no cérebro, no coração e nos órgãos. A *emuná* no cérebro significa que o indivíduo entende e compreende com seu intelecto que “não há outro exceto Ele”, chegando à conclusão de que “a D’us pertence a Terra e tudo o que nela está contido; o Universo e os que o habitam”.

Acima desta, encontra-se a do coração – quando o indivíduo sente e percebe de forma indubitável, em seu interior, que “não há outro exceto Ele”. A pessoa sente-se bem consigo mesma e seu coração une-se ao cérebro na busca pela Divindade e pela *Emuná*.

O terceiro e mais elevado nível é a *emuná* dos órgãos, quando estes percebem e sentem que D’us sabe tudo o que fazem as pessoas. Ela é considerada mais nobre, porque os órgãos são os instrumentos da ação humana, do cumprimento das *mitsvot* e do

serviço ao Criador. Assim, a *emuná* recebe uma expressão prática, perceptível em cada parte do corpo da pessoa.

“O Olho Vê, o Coração Deseja e os Instrumentos da Ação Fazem Acontecer”

Nossos sábios disseram que “o olho vê, o coração deseja e os instrumentos da ação fazem acontecer”. O significado disto é que existe um processo fixo que começa no olho, passa ao coração e termina na ação.

“O olho que vê” se refere ao segmento do cérebro, pois como se sabe aquilo que é visto passa para o cérebro e é ele que interpreta a visão, pondera e decide. O segundo estágio é o “coração que deseja”, quando os sentimentos penetram no coração e levam, no final, à ação.

As dez pragas estavam relacionadas a estas três partes. Elas provaram aos egípcios que, em todos os campos do comportamento, D’us é o Único Que domina em Seu mundo.

É importante acrescentar que isto diz respeito também a cada pessoa em particular. Assim como o Povo de Israel saiu da escravidão à liberdade por meio das dez pragas, cada *yehudi* é capaz de chegar à sua redenção particular, aprimorando seu próprio íntimo e tentando aprender as lições corretas com o método de análise e estudo, conforme será explicado.

“Para que Saibas que Não Há Como Eu em Toda a Terra”

De acordo com o *Netivot Shalom*, a *Torá* se estende na descrição de cada uma das dez pragas para que cada um possa extrair a lição moral proveniente delas, aprofundar em seu cérebro, coração e órgãos o caminho do serviço Divino e sair para sua

própria liberdade por mérito do que é aprendido delas.

É necessário suavizar e retificar as características da alma, se purificar dos pés à cabeça e fixar na consciência que D’us domina de forma absoluta, sem limites, todo o mundo – e então chegará à meta almejada.

Pelo mérito do conhecimento de que “não há como Eu em toda a Terra”, o indivíduo alcançará um nível espiritual supremo, onde todas as partes de seu corpo servem a D’us com *emuná*.

BÔ / בּו**ESTE MÊS SERÁ PARA
VOCÊS O PRINCÍPIO
DOS MESES****“Yisrael Calculam Pela Lua”**

O primeiro mandamento ordenado ao Povo de Israel foi a “santificação do mês” (*Kidush Hachôdesh*), conforme está escrito na *Torá*: “Este mês será para vocês o princípio dos meses; primeiro será ele – para vocês – dos meses do ano” (*Shemot* 12:2)

Além de ser o primeiro mandamento, *Rashi* escreve no começo de *Parashat Bereshit* que seria apropriado que a *Torá* começasse com ele. “Disse *Rabi Yitschac*: não era necessário começar a *Torá* a não ser de ‘Este mês será para vocês’, que é o primeiro preceito ordenado a Yisrael. Qual é o motivo de abrir com ‘No início’ (*bereshit*)? Porque ‘O poder de Seus atos contou a Seu povo, para dar a eles a herança dos povos’, etc.”

É necessário entender qual é o significado especial desta *mitsvá*, pela qual seria apropriado que toda a *Torá* começasse justo com ela. O que ela transmite e em que aspecto ela é específica do Povo

de Yisrael, sem que os outros povos tenham parte nela.

No livro *Netivot Shalom* são trazidas as palavras da *Mechilta*, que diz o seguinte: “‘Este mês será para vocês’ – não contou a partir dele Adam *Harishon*, pois desde os dias de Adam *Hari-shon* até a saída do Egito contava-se de acordo com o Sol. Apenas a partir da saída do Egito começaram a recensear os meses de acordo com a Lua. ‘Para vocês’ – e não para os outros povos. Aprendemos que Yisrael conta conforme a Lua e os outros povos, de acordo com o Sol”.

Se aprende daqui que não somente foi este o primeiro mandamento do Povo de Yisrael, como também eles passaram a agir diferentemente do que costumavam os outros povos, por ordem de D’us. Yisrael principiou um novo modo de contar o tempo – modo este que contém uma mudança essencial e um caminho especial no serviço Divino, conforme será explicado.

Além disso, nossos sábios louvaram e falaram muito da importância do preceito de *Kidush Levaná* (santificação do mês baseado no nascimento da Lua), a tal ponto de dizerem em *Mas-sêchet San’hedrin* (42a) que “todo aquele que abençoa o novo mês no prazo correto é como se recebesse a Presença Divina”.

Vê-se daqui que estão contidos neste assunto fundamentos importantes de *emuná* e que ao santificar a Lua – que é um dos servos do Rei dos Reis – é como se fosse recebida a própria Presença Divina.

“Mesmo que Ande no Vale das Sombras Não Temerei Mal”

O *Netivot Shalom* continua explicando que nas palavras “Yisrael conta conforme a Lua” está contida a idéia de que a História do Povo de Yisrael se conduz como a luz desta.

Existe uma diferença fundamental entre a iluminação da Lua

e a do Sol. A luz do Sol ilumina sempre com a mesma intensidade, sem aumentar e diminuir e certamente não há dias onde a luz do Sol não aparece de modo algum. Em comparação, há dias que a luz da Lua chega mesmo a não aparecer. No entanto, mesmo então, tem-se certeza absoluta que ela voltará a iluminar novamente, com a mesma potência de antes – sendo que a escuridão não é prova do fim de sua luz e de seu desaparecimento final.

O mesmo ocorre com o Povo de Yisrael ao longo das gerações. Há diversas épocas de pouco brilho, ocaso e perigos, tanto espirituais quanto materiais. A História judaica está repleta de épocas de escuridão e a maioria dela se deu sob o jugo de outros povos, em guetos e sofrendo perseguições religiosas, que se renovavam de tempos em tempos.

No entanto, Yisrael conta conforme a Lua. Mesmo na maior escuridão ele não desiste e é óbvio para seus membros que a luz voltará a iluminar como anteriormente.

Na Bênção da Lua se diz: “Decreto e tempo (*Hashem*) deu para eles, para que não mudem sua função; felizes e alegres para cumprir a vontade de seu Senhor”. Assim como os astros que D’us fixou no firmamento cumprem com alegria a vontade de seu Criador, Israel também faz o que D’us mandou alegremente e com todo o coração. Isto é válido também nos momentos de maior escuridão, quando não desistem e continuam a pedir ao Todo-Poderoso que lhes conceda redenção e alívio.

Nas palavras da *Mechiltá*: “Este mês será para vocês – e não para os outros povos”, está contido o assunto de Yisrael ser como a Lua. Assim, o segredo de sua permanência reside no fato de que este se renova e continua com sua função no mundo mesmo em épocas sombrias, quando D’us esconde dele Sua face.

O Eterno ordenou a santificação do mês como primeira *mitsvá* e mesmo antes de ordenar o sacrifício da oferenda de *Pêssach*, que é o que distingue o Povo de Israel dos outros povos.

Enquanto os primogênitos do Egito morriam na “Praga dos Primogênitos”, D’us pulou as casas dos filhos de Israel pelo sangue da oferenda de *Pêssach*, que foi colocado na entrada de suas casas.

Esta oferenda distingue o Povo de Israel e, antes dela, D’us ordenou que contassem de acordo com a Lua. Isto foi feito para que soubessem que deveriam passar por épocas difíceis e amargas de escuridão e que, com tudo isso, devem continuar, não tropeçar e não desistir. “Decreto e tempo (*Hashem*) deu para eles, para que não mudem sua função”. Tudo é cuidado nos mínimos detalhes e D’us se encontra com Yisrael em todo lugar e período, mesmo nos mais difíceis.

Manter-se Firme nas Dificuldades e Testes

Consta no *Midrash Rabá* (*Bereshit* 6:3) que Yisrael conta conforme a Lua e os outros povos de acordo com o Sol, porque o Sol domina de dia e não de noite, enquanto a Lua domina de dia e de noite. Nestas palavras de nossos sábios está indicada uma profunda diferença entre o modo de agir do Povo de Yisrael e dos outros povos.

Também entre os outros povos encontramos justos que servem a D’us. Seu serviço, porém, é de dia – quando brilha a luz da *emuná* e não deparam com dificuldades extremamente grandes. Em compensação, quando D’us “esconde Sua face”, são capazes de largar e abandonar completamente o caminho de D’us, não mantendo sua lealdade nos tempos difíceis.

A lealdade de Yisrael, em compensação, é absoluta, e mesmo em épocas mais árduas, escuras e opressivas seus membros mantém sua integridade e *emuná*.

Avraham foi testado dez vezes e passou em todas elas. Quando se analisa esses testes percebe-se que há aqueles que, com

toda sua dificuldade, Avraham podia escolher não entrar neles, como o sacrifício de Yitschac e a fornalha de “Ur Casdim”. Há outros, porém, nos quais entrou obrigatoriamente, sem poder escolher se queria ignorar o sofrimento – como a fome e o fato de Sará ter sido levada para a casa do Faraó. Portanto, é necessário entender qual foi o teste nestes casos.

É necessário responder que a prova foi se Avraham colocaria em dúvida o modo de agir de D’us ou receberia o que Este faz plenamente e com todo o coração. Esta é a característica do Povo de Israel, que recebe tudo sem pôr em dúvida os caminhos de D’us, incluindo os sofrimentos; com amor e afeto, ficando contentes por cumprir a vontade Divina em qualquer época e situação.

O Poder da Renovação

Na “Bênção da Lua” é dito: “À Lua disse (ordenou) que se renovasse (mensalmente) como uma coroa de esplendor para os plenos de interior, que no futuro se renovarão como ela”.

A Lua se renova. A cada mês, após a escuridão, vem a hora do “nascimento”, quando surge sua primeira claridade e a partir do qual ela passa a crescer e voltar ao que era antes. “Yisrael conta conforme a Lua” – o Povo de Yisrael possui a qualidade da renovação. Após uma época difícil ou depois de um recuo, ele volta e supera os obstáculos, renova sua juventude e não tomba com os testes e dificuldades.

O primeiro preceito ordenado a Yisrael é santificar a Lua; contar de acordo com sua renovação a cada mês. Aqui há uma indicação de que, da mesma forma, Yisrael deve conduzir sua vida e continuar sempre a se fortalecer, sendo assim abençoados com “uma coroa de esplendor para os plenos de interior, que no futuro se renovarão como ela”.

A renovação é a grande virtude do Povo de Yisrael e por seu mérito ele passa por fogo e água e apesar de tudo, continua a servir seu Criador lealmente.

BESHALACH / בשלח

NÃO NOS LEVE AO TESTE

“O Mar Viu e Fugiu”

Consta no *Midrash Tehilim*: “‘O mar viu e recuou’. Viu o quê? O caixão de Yossef descendo ao mar. Disse D’us: ‘recue diante daquele que recuou, conforme está escrito: ‘recuou e saiu para fora’. (Assim) também o mar recuará diante dele’”.

Neste ensaio procuraremos compreender a nobreza especial de Yossef *Hatsadik*, expressa em sua fuga da mulher de Potifar, a ponto do mar recuar dos Filhos de Yisrael por isso. Principalmente, é necessário entender o que havia de especial justamente na fuga, uma vez que – de acordo com o *Midrash* – cada órgão de Yossef que participou do esforço em não pecar foi recompensado. Por que exatamente ela influenciou o recuo do mar?

Diz o *Midrash (Bereshit Rabá 90, 3)*: “(Pela) boca que não beijou pecaminosamente – ‘de acordo com o que sai de sua boca se comportará todo o meu povo’. (Pelo) corpo que não tocou no pecado – ‘e o vestiu com roupas de linho’. (Pelo) pescoço que não se abaixou para o pecado – ‘e pôs o colar de ouro em seu pescoço’. As mãos que não apalpam o pecado – ‘e tirou o Faraó o anel de sua mão e o pôs na mão de Yossef’. Os pés que não

caminharam para o pecado, etc.”

A recompensa pela fuga parece muito maior que o resto do que foi trazido no *Midrash*, pois por mérito dela todo o Povo foi salvo, com milagres e maravilhas, conforme é explícito em vários *Midrashim* – e todos esses acontecimentos começaram com o recuo do mar.

Fugir do Lugar do Teste

Os comentaristas perguntam por que Yossef deixou suas roupas com a mulher de Potifar, permitindo que ela o caluniasse, se era mais forte que ela e poderia facilmente tomá-las de sua mão?

O *Gaon Rav Chayim Shmulevitch zt”l*, em seu livro *Sichot Mussar*, explica isso com um fundamento ético importantíssimo, que deve ser seguido por cada um: que é necessário afastar-se do teste com todas as possibilidades e se distanciar do lugar perigoso.

É um erro comum pensar que lutar contra o mau instinto e vencê-lo é um sinal de força e que, quanto mais se faz isso, maior é a bravura espiritual. A verdade é inteiramente diferente. Sempre que é possível deixar a guerra e fugir antes de começar a batalha – é melhor fazê-lo. A verdadeira bravura é evitar contato com o mau instinto.

Yossef *Hatsadik* podia tentar opor-se à mulher de Potifar e tirar dela as roupas que esta tomou, mas preferiu fugir do lugar perigoso. Por temer a incitação do mau instinto, Yossef não concordou em ficar naquele local nem pelo ínfimo tempo de recuperar suas vestes. Ele preferiu fazê-lo e se arriscar a ser jogado na prisão ou mesmo ser morto, que continuar lá, vulnerável às investidas do mau instinto. Yossef escolheu o perigo material e fugiu do espiritual.

Vê-se aqui a grandeza dele e seu nível espiritual, que se ex-

pressava no temor especial aos Céus e no medo de fracassar quanto ao pecado, medo este que era maior que o que sentia por sua própria vida.

Daqui se pode chegar a uma conclusão importante e extremamente prática, que diz respeito ao serviço Divino de cada um.

Diversas pessoas erram e não temem a incitação do mau instinto. Elas não se afastam de lugares onde este pode fazê-las tropeçar, ficam até mesmo onde o perigo espiritual é imenso, dizendo que confiam em si próprios e que não pecarão.

Das palavras da *Torá* sobre Yossef, aprende-se que o certo é o contrário. Justo o afastamento e a fuga do teste é o que D'us deseja. Nossos sábios disseram que “não há um guardião no que se refere a *arayot* (pecados ligados a relações ilícitas)”. O significado disso é que é impossível avaliar o poder da investida e a fraqueza do próprio indivíduo. Ninguém está protegido da incitação ao pecado e bem-aventurado é aquele que foge do perigo.

A bravura espiritual inclui também fugir do pecado. Reza-se todo dia, pela manhã: “E não nos leve ao teste e nem à vergonha”. O teste é capaz de levar o indivíduo à vergonha, por conter a possibilidade do fracasso. O caminho íntegro perante D'us é se afastar de qualquer coisa que possa atrapalhar o modo correto de viver.

É evidente que, quando a pessoa se encontra em uma situação difícil, é obrigada a fazer de tudo para combater e vencer o mau instinto, que age contra ela. Porém, não se deve criar situações assim *a priori* e deve-se fazer de tudo para evitá-las, considerando seu enorme perigo.

O Teste Relacionado ao Sustento

Nesta *parashá* há outro versículo que ensina o quanto é necessário se empenhar para não precisar entrar em guerra contra o

mau instinto. “Foi ao enviar o Faraó ao povo, não o conduziu, D’us, pelo caminho da Terra dos *Pelishtim*, que era próximo, porque disse o Eterno: talvez se arrependa o Povo quando vir guerra e volte ao Egito”.

Escreve sobre isso o *Chafêts Chayim*, em seu comentário sobre a *Torá*: “Quando Israel saiu do Egito, D’us ponderou se os conduziria pelo caminho do deserto ou pela terra dos *Pelishtim*. O lado positivo do caminho da Terra dos *Pelishtim* era que, conduzindo-os por um local habitado, teriam o que comer. Porém, por outro lado, havia o grande perigo de se misturarem aos *Pelishtim*, pois dos quarenta e nove degraus de impureza saíram e à impureza iriam, etc. O positivo e o negativo do caminho do deserto é que impureza não há lá – não há lá idolatrias e nem idólatras. Todavia, por outro lado, o deserto é uma terra não plantada; onde se acharia para eles pão e carne? D’us decidiu que é melhor para Ele levá-los pelo caminho puro do deserto e não conduzi-los pela terra impura dos *Pelishtim*, etc.”

“Daqui se aprende a resposta a todos aqueles que se vendem pelo sustento a um trabalho estranho ao judaísmo e à sua *Torá*. Se para seiscentos mil é possível fazer descer pão dos Céus, tanto mais pode D’us dar pão a todo aquele que cumprir seus mandamentos, estatutos e instruções, contanto que não vá atrás do que é vão”.

Estas palavras do *Chafêts Chayim* indicam o caminho para cada um de nós. Todo indivíduo deve procurar seu sustento e suas outras necessidades justamente em um lugar onde a incitação do mau instinto e o perigo espiritual não esperam por cada um que lá aparece. É necessário dar preferência ao caminho espiritual, em relação à fartura material – e confiar que D’us enviará Seu auxílio e ajudará todo aquele que segue o caminho da integridade.

A Torá Protege na Hora do Perigo

Consta em *Massêchet Avodá Zará* (17a): “*Rabi Chanina e Rabi Yochanan* estavam andando no caminho e chegaram a uma bifurcação de duas estradas: uma passava pela porta de uma casa de idolatria e a outra, pela porta de um prostíbulo. Falou um para o outro: ‘Vamos pela porta da casa de idolatria, pois está enfunado o instinto para isso’ (pois *Anshê Kenesset Hagedolá* rezaram por isso e tiraram de ação). Falou o outro: vamos pela porta do prostíbulo, dominaremos nosso mau instinto e seremos recompensados, etc.’ Disse o primeiro: ‘de onde você tem isso (essa confiança em si próprio, para não temer o mau instinto)?’ Respondeu: ‘De depravação lhe salvará, a sensatez te guardará’ (*Mishlê* 2), etc. Assim disse (o *passuc*): a *Torá* o guardará (e eis que estamos andando e falando palavras de *Torá*)’”.

O “*Tossafot*” escreve sobre isto: “daqui se aprende que devemos nos afastar da porta de uma casa de idolatria o quanto for possível, pois está escrito: ‘não se aproxime da porta da casa dela’ – que foi explicado anteriormente como referente à idolatria – pois queria mais passar perante a porta do prostíbulo”.

Das palavras da “*Guemará*” e do “*Tossafot*” fica claro que é necessário se afastar o quanto for possível de lugares de pecado, sem se aproximar deles de modo algum. No caso trazido acima, os dois rabinos eram obrigados a passar por um daqueles lugares para continuar em seu caminho. Se não fosse por isso, se afastariam o máximo possível, sem lhes passar pela cabeça chegar perto deles. Também quando foram obrigados a fazê-lo, seu único modo de se salvar era a *Torá*, que estudavam sem parar enquanto caminhavam. Apenas na força da *Torá* confiaram, para se salvar da incitação do mau instinto.

Desta história aprende cada um a não confiar em si próprio. Até mesmo esses gigantes não queriam se colocar em perigo e tes-

te; quanto mais nós devemos temer as ciladas do mau instinto.

Portanto, cada um deve se rodear de cercos e medidas preventivas para não chegar a se colocar em testes e, conseqüentemente, não chegar à vergonha – podendo servir a Seu Criador com todo o coração e sem obstáculos.

YITRÔ / יִתְרוֹ

A VONTADE DE RECEBER A TORÁ

Suspendeu Sobre Eles o Monte

Consta em *Massêchet Shabat* (88a), no trecho que descreve a Outorga da *Torá* no Monte Sinai:

“‘E se posicionaram abaixo do Monte’ (*Shemot* 19). Falou *Rav Avdimi bar Chama bar Chassa*: (isto) ensina que *Hashem* suspendeu o monte acima deles como uma tina e lhes disse: ‘se vocês receberem a *Torá*, ótimo. Senão, aqui será sua sepultura, etc.’ Falou *Rava*: não obstante, receberam-na novamente na época de *Achashverosh*, conforme está escrito: ‘os judeus receberam e cumpriram’ (*Meguilat Ester* 9) – cumpriram o que já receberam antes”. Explica o *Rashi*, que então receberam a *Torá* com vontade, “pelo amor do milagre que foi feito com eles”.

É necessário explicar o que foi acrescentado de especial na época de *Mordechay* e *Ester*, que não houve na Outorga da *Torá*. Além disso; quando saíram do Egito e andaram pelo deserto, também ocorreram grandes milagres! Por que, então, não receberam a *Torá* com vontade naquela época, conforme fizeram nos

dias de Achashverosh?

Esta última pergunta é especialmente difícil, considerando que os milagres da saída do Egito foram os maiores e mais abrangentes que ocorreram de forma revelada com o Povo de Israel, em todas as épocas. A própria fé no fato de D'us ter escolhido o Povo de Israel se baseia na saída do Egito, conforme consta diversas vezes na *Torá*, como em “Eu sou *Hashem*, seu D'us, que tirou vocês da Terra do Egito” e outros lugares. Sendo assim, o que será que ocorreu na época de Mordechay e Ester, para uma elevação espiritual e amor à *Torá* sem precedentes, que não aconteceu na época da Outorga da *Torá*, e que foi tão especial ao ponto de a profecia assim se expressar sobre a época do Êxodo do Egito: “Lembrei para vocês a bondade de sua juventude, o amor de suas bodas, que você andou atrás de Mim no deserto; em uma terra não cultivada” (*Yirmeyáhu*)?

A Diferença Entre o Recebimento da *Torá* no Sinai e nos Dias de Achashverosh

Esta pergunta é respondida no livro *Chidushê Halêv*:

“É necessário dizer que, nos dias de Achashverosh, receberam a *Torá* na hora do milagre e, portanto, receberam-na com alegria e com todo o coração, pelo amor ao milagre. As pessoas da geração do deserto, porém, receberam-na quarenta e nove dias após o Êxodo do Egito. Assim, já tinham esquecido um pouco e havia passado o entusiasmo. Após sete semanas, já haviam se acostumado à nova situação e esquecido um pouco dos milagres”.

O milagre que impressiona de modo especial o indivíduo é o milagre da salvação. A brusca passagem da subjugação à liberdade, ou do perigo de vida ao salvamento, abrem seu coração e ele sente que deve agradecer ao seu Criador. Naquela hora, seu cora-

ção está aberto e pleno de amor, estando ele pronto a receber plenamente o jugo da *Torá* e de seus mandamentos. Esta é a força da gratidão, que age sobre o coração de forma muito profunda.

Na época de Mordechay e Ester, na própria hora da redenção, da guerra e da anulação do decreto de Haman, houve um tremendo despertar do povo. Por força da salvação, seus membros chegaram a um imenso amor pela *Torá* e a receberam imediatamente. O principal fator que definiu a situação foi a agilidade, o recebimento imediato e o fato de não deixar que o tempo enfraquecesse o sentimento de gratidão. O grande amor a D'us foi o que levou ao recebimento da *Torá* com vontade e com todo o coração.

Na época do Êxodo do Egito, os fatos foram diferentes. Embora os milagres que levaram o povo da escravidão à liberdade tenham sido incomensuráveis, o recebimento da *Torá* se deu após passar algum tempo – tudo de acordo com o que D'us queria – e depois dos sentimentos especiais de alegria, gratidão e louvor terem passado pouco a pouco com o tempo, não estando mais no auge de sua potência.

“Como Algo Feito por Hábito”

Aprende-se daqui o grande e nocivo peso que possui o costume, o que costuma-se chamar em hebraico de “*mitsvat anashim melumadá*” – algo que é feito por hábito.

Tudo o que é feito com pensamento, intenção e vontade interior possui um nível mais elevado que o que é feito por costume, sem uma análise profunda. Mesmo a geração do deserto, após poucas semanas, se acostumou com a situação de redenção e liberdade e a considerava como algo óbvio. Assim, já não estavam com os olhos voltados a D'us e com o coração tão aberto para receber o jugo dos Céus como quando saíram.

Três Dias Sem Torá

É possível trazer para o que foi falado uma prova desta *parashá*. Diz o *passuc*: “Andaram três dias no deserto e não encontraram água”. Como consequência disso, o povo reclamou sobre D’us. Em *Massêchet Bavá Camá* (82) consta: “interpretadores exegéticos disseram: não há ‘água’ a não ser a *Torá*, conforme está escrito: ‘todo o sedento, que vá para a água’”. Acrescenta o comentário “*Dáat Zekenim Levaalê Hatossafot*” que por isso se revoltaram, por estarem sem *Torá*. Portanto, os sábios decretaram que se leia a *Torá* na segunda e na quinta feira, para que não fiquem três dias sem *Torá*.

O significado disto é que, se tivessem então achado água – ou seja, estudado *Torá* naqueles dias – não teriam pecado, pois o estudo da *Torá* os teria elevado espiritualmente e a santidade da *Torá* os teria salvado do pecado e da iniquidade.

Assim, em três dias pode esmorecer a impressão – o efeito – proveniente do estudo da *Torá*. Esta impressão auxilia muito a evitar cair nas armadilhas do mau instinto e a falta de *Torá* torna muito mais difícil que a pessoa se mantenha no mesmo nível de santidade e pureza.

Esta idéia é paralela à que foi trazida anteriormente sobre a geração do deserto. Daqui se percebe como o tempo é capaz de fazer a impressão se esvaír – o que aconteceu com o povo em relação aos milagres do Êxodo do Egito e à sua grande salvação.

O Nível Elevado da Agilidade e do Estudo da Torá

Do que foi trazido anteriormente é possível chegar a duas conclusões capazes de guiar o ser humano ao caminho da verdade.

A primeira é que o indivíduo deve ser ágil para trazer ao campo prático o despertar espiritual. Assim que desperte nele

algo que o leve a um sentimento de gratidão ao Criador, por um milagre ou por qualquer outra coisa que lhe aconteça, ele deve fixar isto dentro de si comprometendo-se a fazer algo prático ligado a isso, para que não acabe esmorecendo ou até mesmo desaparecendo.

A segunda conclusão é que o único modo de manter os sentimentos de santidade no interior da pessoa, para que não se percam, é o estudo da *Torá*. A andança sem *Torá* por três dias, no deserto, levou o povo a reclamar e pecar. Se estivessem então estudando-a, isso não aconteceria.

Também em nossa geração, o fortalecimento no estudo da *Torá* fortalece no coração a *emuná*, a gratidão e a confiança no Criador. A *Torá* auxilia não apenas a manter o que já existe, como também na renovação espiritual e na aproximação constante de *Hashem* – com elevação, gratidão e vontade pura no coração, desejando a proximidade de D’us todos os dias.

A *Torá* foi Comparada à Água

Nossos sábios comparam a *Torá* à água em muitos lugares. Isso se refere tanto pelo fato de que a água flui para as partes mais baixas – da mesma forma como a *Torá* se fixa no coração dos humildes – quanto ao fato de a *Torá* ser tão necessária para a alma quanto a água para o corpo, além de outras comparações.

Isto diz respeito, em especial, a alguém que não teve o mérito de estudar a *Torá* por algum tempo. Esta pessoa deve sentir – quanto às palavras de *Torá* – o mesmo que sente uma pessoa sedenta, sequiosa, que há muito tempo não consegue arranjar o que beber. Alguém nesta situação se sente coitado, flagelado e ao ponto de desesperar-se. Do mesmo modo, o indivíduo que não estudou *Torá* deve sentir que está faltando o principal de sua vida e que, sem ela, sua existência não possui sentido.

Além disso, uma pessoa sedenta, que anseia por água, não pára de pensar nela e todas as suas ações estão voltadas para consegui-la. Assim também, cada um deve ansiar por palavras de *Torá* e tentar, com todas suas forças, fazê-las penetrar em seu coração, para que não fique sedento e debilitado, ao lhe faltar o principal conteúdo da vida.

“Todo o sedento – que vá para a água” (*Yesha’yáhu* 55:1) – e não há água senão a *Torá*. Sem água não há vida no mundo material e sem *Torá* o mundo inteiro não se mantém.

Seja a vontade de D’us que tenhamos o mérito de extrair água do poço de água corrente da *Torá*, trazendo uma grande quantidade de espiritualidade com a qual todo o povo de Israel, em multidão, saciará sua sede.

MISHPATIM / משפטים

O ESCRAVO JUDEU

“Estes são os estatutos que colocarás perante eles”

Sobre o primeiro versículo desta porção semanal, “Estes são os estatutos que colocarás perante eles”, diz Rashi: “‘Estes’ – vem acrescentar sobre os primeiros. Assim como os primeiros (vieram) do Sinai, estes também (vieram) do Sinai”.

Logo, esta *parashá*, que lida principalmente com diversos mandamentos “entre o homem e seu semelhante”, foi dada no Sinai do mesmo modo que foram dados os Dez Mandamentos (veja o “*Siftê Chachamim*” sobre isto). Conforme será explicado, isto possui um significado especial.

Os preceitos que lidam com questões entre o homem e seu semelhante são lógicos e muitos dos outros povos os cumprem. Isto abre a possibilidade de cometer um grande erro e pensar que o Povo de Israel cumpre esses mandamentos por serem humanos, compreensíveis e por ajudarem a manter a sociedade, entre outros.

É importante ressaltar que, apesar de todos esses dados, a visão do Povo de Israel é completamente distinta. Ele cumpre as *mitsvot* pelo único motivo de D’us tê-las ordenado em sua sagra-

da *Torá*. A essência dos mandamentos e de sua obrigatoriedade provém da ordem Divina; devemos cumpri-las como “aqueles que são ordenados e fazem”. Na Revelação do Monte Sinai, o povo passou a ser servo de D’us – e o servo faz a vontade de seu Senhor.

Não se nega o valor das idéias contidas nas *mitsvot*, sua beleza e sua utilidade prática para o dia a dia. No entanto, a principal razão de cumpri-las é a ordem Divina. Os pensamentos contidos nos mandamentos são estudados para acrescentar “um gostinho” à *mitsvá*, para educar os filhos e entender o modo de vida que D’us deseja que tenhamos em Seu mundo. A base, porém, é a determinação Divina.

Testemunhos, Estatutos e Leis

As *mitsvot* da *Torá* dividem-se, de um modo geral, em três: “*Edot*” (testemunhos), “*Chukim*” (estatutos) e “*Mishpatim*” (leis).

“*Edot*” são as *mitsvot* que lembram diversos eventos que ocorreram no passado com o Povo de Israel. Estes constituem, em geral, parte dos fundamentos da *emuná*. Muitas *mitsvot*, por exemplo, vêm para lembrar da saída do Egito: *Pêssach*, *Sucot* e outras – confira no *Sêfer Hamitsvot*, *mitsvá* 16.

“*Chukim*” são as *mitsvot* cujo motivo não é revelado, como “*Pará Adumá*” (a vaca vermelha), não misturar lã e linho, carne com leite e outros.

“*Mishpatim*” são as *mitsvot* compreensíveis, cujo motivo pode ser entendido pelo ser humano. Entre elas se encontram os mandamentos “entre o homem e seu semelhante”, que é possível entender tanto pelo sentimento humano de justiça quanto por possibilitarem que a sociedade se mantenha.

Conforme foi acentuado anteriormente, o que obriga o cumprimento de todas as *mitsvot* e o resguardo de todas as proibições

é a ordem Divina expressa na *Torá*. Devemos nos relacionar com os “*chukim*” e com os “*mishpatim*” da mesma forma e com a mesma seriedade, por estarmos cumprindo a palavra de D’us. Mesmo sem deixar de lado as explicações, o cumprimento vem pelo que foi trazido acima.

O Amor de D’us pelo Povo de Israel e Sua Preocupação com Ele

Continuando esta linha de raciocínio, demonstra-se a todos que a *Torá* é Divina e que suas ordens não provém do pensamento humano.

A primeira *mitsvá* da qual esta *parashá* trata é as leis do escravo judeu, que é vendido para conseguir devolver o que roubou. Por que se começa com este preceito e não com os outros que tratam das questões entre o homem e seu semelhante, como as leis de guardas, empréstimos, prejuízos, etc.? Esses preceitos refletem muito mais o dia a dia, além de representarem de modo mais bonito as leis da *Torá*, para pessoas de fora!

Esta pergunta é respondida no livro *Darkê Mussar*, em nome do “*Saba de Kelm*”, de abençoada memória. De acordo com ele, isto vem mostrar que a *Torá* é Divina e que a fonte de todos os seus motivos e fundamentos está apenas e unicamente nas sublimes Alturas Celestiais. Ele escreve que, se pessoas fossem apresentar um compêndio de leis entre o homem e seu semelhante, não há dúvida de que primeiro colocariam o que é comum e bem aceito por todos.

A *Torá*, porém, é Divina, e também a ordem das *mitsvot* foi fixada de acordo com Seu pensamento, que é muito mais elevado que o pensamento dos seres humanos.

Quando se analisa as penas estipuladas por pessoas para castigar um ladrão, percebe-se que não há nenhuma ação boa para

com o próprio punido. Em geral, ele é confinado em uma prisão, para ser isolado da sociedade, sem que se aja especialmente para reabilitá-lo, educá-lo e fazê-lo voltar a viver entre pessoas decentes.

Além disso, a experiência demonstra que as prisões são verdadeiras “escolas de crimes”, onde cada um aprende do outro como agir mais eficientemente. Lá também nasce um enorme amargor em relação à sociedade e, dolorosamente, muitos são os ladrões que saem deste lugar ainda mais dentro do crime do que quando entraram.

D’us ama seus filhos e deseja que retornem em *teshuvá* e consertem seus atos. Portanto, Ele ordenou que o ladrão que não tem como pagar o que roubou seja vendido para fazê-lo. Por seis anos ele ficará com uma família boa, observará seu comportamento e aprenderá de seus atos, o que o educará para melhorar os seus. O lar em que se encontra o ajudará a se reabilitar e a recompor também sua família, pois pela lei da *Torá* o senhor é obrigado a cuidar também da família do escravo.

Assim, se o que o levou a roubar foi má companhia e educação deficiente, esses seis anos proporcionarão uma boa alternativa e ajudarão em sua reabilitação.

Além disso, a necessidade conduz o ladrão novamente ao crime, em geral, pois após vários anos, quando este sai da prisão, não possui uma fonte de sustento. D’us, que gosta mesmo de seus filhos que pecaram, ordenou ao senhor que lhe dê uma gratificação respeitável ao libertá-lo. Isso lhe permite começar novamente com honestidade e decência, com gratidão à sociedade e não com raiva.

Aprende-se destas leis quão grande é o amor de D’us pelo Povo de Israel e como a *Torá* é Celestial e outorgada pelo Criador dos Céus e da Terra, cujo pensamento e modo de agir são incomparavelmente mais elevados que os dos seres humanos.

“Pois os Filhos de Israel São Meus Escravos”

Uma outra lição aprendida nesta *parashá* é a importância de o Eterno ser Senhor e Pai de todos nós.

A *Torá* permitiu que o indivíduo se vendesse como escravo, mas limitou essa venda a apenas seis anos. Quando ele quiser permanecer escravo após esse tempo, a *Torá* ordena que sua orelha seja furada (sem comprometer a audição). Nossos sábios descrevem o motivo: “a orelha que ouviu no Monte Sinai ‘Pois os Filhos de Israel são Meus Escravos’ e comprou para si um senhor – que seja furada”.

A *Torá* ensina “que não há outro exceto Ele”. D’us é o único Senhor e, quando um indivíduo recebe a subjugação de outro, acaba contradizendo Sua soberania. Assim, a *Torá* é severa com o que quer se tornar eternamente servo de uma pessoa de carne e osso. Serviço eterno só se aplica em relação a D’us, que é nosso Senhor e Cujá voz se é obrigado a escutar sempre.

Aprende-se daqui que, na *parashá* do escravo judeu, estão contidas importantes lições referentes à *emuná*, à unicidade de D’us e ao Seu amor pelo Povo de Israel. Isto combina com o resto de *Parashat Mishpatim* e com *Parashat Yitrô*, cujos mandamentos foram todos outorgados no Sinai.

TERUMÁ / תְּרוּמָה

E FARÃO PARA MIM UM SANTUÁRIO E HABITAREI DENTRO DELES

“Mais Agradáveis que o Ouro e que Muito Ouro Puro”

Consta no *Midrash Rabá*, no começo desta *parashá*: “‘E trarão para Mim oferendas’ (*Shemot* 33:1) – é isso que está escrito: ‘pois uma boa coisa (*lêcach*) dei a vocês; Minha *Torá* não a abandonem’ (*Mishlê* 3) – não abandonem a ‘mercadoria’ (*mêcach*) que dei a vocês. Pode acontecer de uma mercadoria conter ouro e não prata; conter prata e não ouro. A mercadoria que dei a vocês, porém, tem prata, conforme está escrito: ‘os ditos de D’us são ditos puros, prata depurada’ (*Tehilim* 12) – e tem ouro, conforme está escrito: ‘mais agradáveis que o ouro e que muito ouro puro’ (*Tehilim* 19), etc.”

O *Midrash* ensina o enorme valor da sagrada *Torá*. No mundo material, não há plenitude absoluta. Mesmo quando o indivíduo consegue muito ouro – que é um metal muito precioso –

falta-lhe outra coisa. Em compensação, a *Torá* é o bem absoluto, “pois uma boa coisa (*lêcach*) dei a vocês”. Portanto, D’us pede ao Povo que reconheça o extremo valor dela e não a abandonem nunca – “Minha *Torá* não a abandonem”.

Como um Rei que Possuía uma Filha Única

Continua o *Midrash*: “a exemplo de um rei que possuía uma filha única. Veio um outro rei, tomou-a (por esposa) e quis voltar à sua terra e levar sua esposa. Falou a ele (o pai): ‘deixá-la eu não posso, dizer a você que não a leve (também) não posso, pois é sua mulher. Faça para mim então este favor: a cada lugar que vá, construa para mim um pequeno quartinho, para que possa morar com vocês; não consigo abandonar minha filha!’ Assim disse D’us a Israel: ‘Dei a vocês a *Torá*. Deixá-la não consigo; dizer a vocês que não a levem – não posso. Então, a cada lugar que vocês forem, façam uma casa para Mim, para que more nela, conforme está escrito: ‘Façam para Mim um Santuário e morarei dentro deles’”.

Deste *Midrash* se aprende diversos assuntos muito profundos. Serão aqui apontados alguns deles.

O primeiro princípio é que é completamente impossível apartar a *Torá* de D’us. Não existe nenhuma possibilidade de estudá-la apenas como qualquer sabedoria, sem estar ligado à sua grande santidade e aos mandamentos que ela ordena.

O rei avisa que está ligado à sua filha única e que quer estar onde quer que ela esteja. Do mesmo modo, D’us quer estar em qualquer lugar onde se estude Sua *Torá*.

O estudo dela com santidade e pureza, temor a D’us e pelo pecado, é completamente diverso de como se apreende qualquer outra simples sabedoria. No estudo da *Torá* existe uma identificação entre aquele que estuda e a *Torá* que está sendo estudada,

tornando-se este um *talmid chacham* ligado no âmago de sua alma à *Torá*.

O segundo assunto extraído daqui é que a *Torá* é tão preciosa e importante até que mesmo D’us, por assim dizer, “não consegue” Se apartar dela. Quanto mais, então, devemos nós, seres humanos, estar ligados a ela com todas as forças e não abandoná-la nunca.

Uma terceira lição que se aprende deste *Midrash* é que o Povo de Israel é muito valioso para D’us, tanto que é comparado ao genro do rei, para quem ele deu sua filha única. Encontra-se aqui que ele é apto a ser chamado de genro do Rei dos Reis; que o Eterno confia nele – pois lhe deu Sua filha – e, conseqüentemente, isso o obriga a se comportar de acordo, para justificar esta confiança.

Daqui chegamos à consciência da importância do *Mishcan* (santuário), onde D’us faz pairar a Presença Divina; por intermédio dele há a possibilidade de D’us “morar” entre Seu povo. O *Mishcan* é o lugar no qual o Criador se aproxima de Israel e estes Dele, com as oferendas. É este o lugar que o Rei escolhe para morar e ficar próximo de sua filha e de seu genro.

O Mishcan como Parte da Redenção de Israel

Escreve o *Ramban* em sua introdução ao livro de *Shemot*:

“Fala especialmente o livro “*Veêle Shemot*” do assunto do primeiro exílio (*galut*) e de sua redenção, etc. Eis que o desterro não termina até a volta (do Povo) a seu lugar e que voltem ao nível de seus patriarcas. Quando saíram do Egito, embora saíssem da casa dos escravos, ainda foram considerados “subjugados”, pois estavam em uma terra que não era deles, hesitantes no deserto”.

“Quando vieram ao Monte Sinai e fizeram o *Mishcan*, voltou o Eterno a pairar Sua Presença Divina entre eles e então vol-

taram ao nível de seus patriarcas – que o “Segredo” Divino pairou sobre suas tendas e eles são a “*Mercavá*” – e então foram considerados redimidos. Portanto, completou-se este livro com o término do assunto do *Mishcan* e por estar a Honra Divina preenchendo-o sempre”.

Das palavras sagradas do *Ramban* aprendemos dois assuntos importantes. O primeiro é que a redenção do Povo de Israel é completamente diversa da dos outros povos. A independência material e a libertação do jugo de outros ainda não é considerada redenção para ele.

Sua redenção é a situação espiritual na qual D’us mantém Sua Presença dentro do Povo. Então, este se aproxima do nível dos patriarcas e atinge a verdadeira libertação. Ela consiste justamente na submissão ao Altíssimo e à Sua *Torá*, pois assim se chega ao aproveitamento máximo de seu destino e seus membros têm o mérito de ser chamados de “filhos do Eterno, nosso D’us”.

Além disso, aprende-se dele também que o *Mishcan*, por intermédio do qual D’us habita entre os Filhos de Israel, faz parte de sua redenção. A construção do *Mishcan* e suas oferendas são parte do livro de *Shemot*, que é conforme as palavras do *Ramban* o Livro da Redenção.

O Indivíduo como Santuário

Consta no *Nêfesh Hachayim* (portal primeiro, cap. 84) que o próprio ser humano é capaz de se elevar ao nível do Templo e do Tabernáculo:

“O Santuário e o pairar da Presença Divina é o ser humano que, se santificar a si próprio como é apropriado, com o cumprimento de todos os mandamentos – que dependem também de suas raízes superiores – então ele próprio é efetivamente o santuário e dentro dele (se encontra) o Eterno”.

De suas sagradas palavras aprendemos que o objetivo não é apenas que paire a Presença Divina no Templo ou no Tabernáculo; a cada membro do Povo de Israel foi imposto transformar-se em um “local sagrado”. Isto é conseguido preparando o coração e o intelecto até estarem prontos para isso; com o indivíduo se elevando até santificar o Nome dos Céus com seus atos e estar apto a carregar em si o Nome de D’us.

“D’us não tem em Seu mundo senão quatro *amot* (côvados) de *halachá* (lei judaica), apenas”. Assim, aquele que estuda a *Torá* com todo o seu coração e alma é ele próprio os “quatro côvados” onde se encontra a Presença Divina. Além disso, quanto mais ele se elevar neste estudo, mais se santificará e mais o Criador pairará sobre ele, especialmente.

Cada *mitsvá* cumprida e cada estudo de *Torá* constituem mais um tijolo na construção do santuário particular de cada um. Bem-aventurado é aquele que chega a isso!

“Um Modo Adequado de se Comportar Para Todas as Gerações”

É trazido no *Midrash Rabá* sobre *Parashat Terumá* (35, 2): “E farás as pranchas do *Mishcan* de madeira de acácia, em pé”. Por que madeira de acácia? O Criador ensinou um modo adequado de se conduzir para todas as gerações. Se alguém pensar em fazer sua casa com madeira de uma árvore que produz frutos, diga a ele: ‘Se o Rei dos reis, A Quem tudo pertence, ao ordenar a construção do *Mishcan* disse para trazer tão somente madeira de uma árvore que não produz frutos, quanto mais vocês!’

Com base no que foi falado anteriormente, que o próprio ser humano é capaz de se transformar em um santuário, é possível extrair deste *Midrash* uma importante lição. Assim como o *Mishcan* precisava ser construído com árvores não frutíferas, para não

estragar e prejudicar algo que possa dar proveito às pessoas, quando o indivíduo vai construir seu santuário particular deve fazê-lo de forma apropriada e adequada.

Ele deve juntar temor aos Céus ao seu estudo e cuidar para não atingir outras pessoas, em todos os estágios de sua ascensão espiritual. Assim como se é obrigado a não prejudicar árvores frutíferas, não se pode fazê-lo com outras pessoas.

Isto se refere a todos os campos da vida. Em todos os domínios, é necessário cuidar para não se construir arruinando o outro. Há lugar para todos, no mundo de D’us – e não há nenhuma permissão de destruir outras pessoas para avançar em direção a qualquer meta.

Além disso, é impossível ter sucesso em qualquer coisa sem a ajuda de D’us. Este ajuda cada um de acordo com seus atos e, certamente, não o faz com aqueles cujo modo de agir é incorreto.

Por vezes, pessoas más podem enriquecer, mas “há riqueza guardada para seus donos – para lhes fazer mal”, etc. Apenas o comportamento que o Eterno indica na *Torá* garante o sucesso neste mundo e no próximo, com Sua ajuda.

Para concluir, o versículo diz: “Façam para Mim um Santuário e morarei dentro deles”. Não está escrito “dentro dele” (do Santuário) e sim “dentro deles”, dentro do coração de cada membro do Povo de Israel. A meta da Criação é que cada um esteja apto a receber a Presença Divina em si, transformando-se em um santuário para Ela. Bem-aventurado é aquele que atinge este grau!

TETSAVÊ / תצוה

O VALOR DA RESPONSABILIDADE

O Sentimento de Responsabilidade pelo Outro

Em *Parashat Tetsavê* não é lembrado o nome de Moshê *Rabênu*. Desde seu nascimento, em *Parashat Shemot*, esta é a única porção semanal na qual isto acontece.

Muitas explicações foram dadas para este fato. Será trazida aqui a do *Rav Michl Birenboim*, *mashguiach* da “*Yeshivá Tif’eret Yerushaláyim*”, no livro “*Sichot Mussar*”.

Parashat Tetsavê trata da indicação de Aharon para ser *Cohen Gadol* (Sumo sacerdote) e de seus filhos para serem *cohanim* (sacerdotes), para sempre. Cômach e os que a ele se juntaram replicaram contra isso, dizendo que Moshê os apontou por sua própria vontade, sem ter sido ordenado por D’us. Portanto, na *parashá* que trata desta indicação, não aparece o nome de Moshê – para mostrar que esta foi inteiramente Divina.

O *Báal Haturim* explica que o motivo do nome de Moshê não aparecer nesta *parashá* é por ele ter pedido (de D’us, após o pecado do bezerro de ouro): “Apague-me por favor de Seu livro”

(*Shemot* 32:32) – o que foi cumprido aqui.

O Rav Natan Meir Wachtfoiguel (*shelita*) zt”l, *mashguiach* da *Yeshivá* de Lakewood, explica no livro *Kôvets Sichot* que este pedido de Moshê proveio de um profundo sentimento de responsabilidade quanto ao destino do Povo de Israel. Após o pecado, quis o Eterno exterminar todo o Povo e Moshê o defendeu, tentando anular o mau decreto. Neste livro são trazidas diversas fontes que apontam para a importância de tomar responsabilidade quanto ao outro e quanto a toda a Congregação de Israel.

A idéia geral por trás disso é a regra transmitida por nossos sábios: “todos os (integrantes de) Israel são responsáveis uns pelos outros”. O Povo de Israel não é apenas um conjunto de pessoas individuais, sem uma profunda ligação interior entre si. Ele constitui uma única unidade, todos os judeus são filhos da mesma grande família e todos possuem uma função central: servir a D’us e santificar Seu Nome no mundo. Cada um age associado a toda a comunidade e é responsável pelo destino dela, tanto material quanto espiritual.

Esta visão é capaz de mudar para o bem o modo de vida. Quando a pessoa sente que está ligada ao Povo e que contribui para ele, por um lado aumenta seu sentimento de amor e, por outro, tenta também melhorar seus atos, considerando a enorme importância que possui cada ação do indivíduo particular.

Os Atos do Indivíduo Influenciam o Mundo

Consta no *Midrash* (*Cohêlet Rabá* 7, 28): “quando D’us criou Adam *Harishon*, levou-o a todas as árvores do *Gan Êden* e disse: ‘veja meus atos, como são agradáveis e louváveis – e tudo o que criei – para você criei. Preste atenção para não estragar e destruir Meu mundo, pois se você estragar não há quem conserte depois.’”

No livro *Côvets Sichot* é explicado que isso também vem

rebater a suposição errônea de que tudo o que o indivíduo faz só diz respeito a seu âmbito particular. D’us criou o ser humano como a “Coroa da Criação”, a mais elevada das criaturas. Portanto, seus atos influenciam decisivamente tudo o que existe. Quando age bem, ele retifica este mundo e todos os mundos superiores. Quando comete pecados, no entanto, danifica severamente todos os mundos.

Quando Tito destruiu o Templo, fez algo horrível que estabeleceu o pranto para todas as gerações. Mas ele só conseguiu atingir o Templo que está na Terra. Em compensação, um integrante do Povo de Israel, cuja alma está ligada à sua Raiz Superior, é capaz de atingir todos os mundos de forma irreparável: “pois se você estragar, não há quem conserte depois”. Vide *Nêfesh Hachayim* (*sháar* primeiro, capítulo 4).

“O Mundo Foi Criado Para Mim”

Quando o indivíduo contempla o que foi trazido acima, entra em seu coração um profundo sentimento de responsabilidade e ele tentará aperfeiçoar seus atos, sem iniquidade, para não causar uma destruição tão grave e tão grande.

Consta em *Massêchet San’hedrin* (37a): “portanto, cada um deve falar: ‘o mundo foi criado para mim’. Também neste caso vê-se a obrigação de sentir responsabilidade. Ao indivíduo é imposto dizer e considerar que é o único em todo o mundo, que sobre ele pesa a carga de melhorá-lo e de cumprir os preceitos de D’us. Se falhar nisso, é como se todo o mundo tivesse deixado de cumprir sua meta (veja anteriormente, em *Parashat Lech Lechá*).

Uma análise destas palavras dos nossos sábios também mostra que não há duas pessoas com a mesma função e objetivo. Cada um foi criado particularmente, com características e metas adequadas apenas a ele. Não há tarefas duplas e um é incapaz de cumprir

o que é imposto ao outro. Cada um age em sua esfera e “um reino não toca em outro nem mesmo como um fio de cabelo”

Também isto deve aumentar o sentimento de responsabilidade no coração de cada judeu, pois ele percebe que está sozinho no campo de batalha e que tudo depende apenas de seu trabalho espiritual e do sucesso de seus atos.

É trazido em *Massêchet Yomá* (20b): “Ensinarão os sábios: três sons vão de um lado do mundo ao outro – e eles são: o som do círculo solar, o som da multidão de Roma e o som da alma quando sai do corpo, etc. Pediram os sábios misericórdia sobre a alma – na hora que sai do corpo – e o anularam”

O Sol e a multidão de Roma constituem entidades globais, sendo entendível que seu som se alastre por todo o mundo. A alma, porém, diz respeito apenas a cada pessoa em particular. Por que, então, seu som é ouvido em todo lugar?

É necessário responder que ela também se relaciona a tudo e que seus atos influenciam diretamente todo o mundo. Ela se assemelha ao Sol, que quando se põe traz escuridão. Maus atos da alma são capazes de diminuir a influência espiritual que provém da proximidade de D’us, no mundo e em tudo o que há nele.

A Responsabilidade Quanto à Geração

Consta na *Petichta* de *Echá Rabati*: “Disse o Eterno a Yirmeyáhu: ‘Eu pareço hoje com alguém que tinha um filho único, preparou-lhe um casamento e ele morreu durante a cerimônia – e você não sente dor nem por mim e nem por meu filho? Vá e chame Avraham, Yitschac, Yaacov e Moshê de seus túmulos, pois eles sabem chorar’. Falou perante ele: ‘Senhor do Universo, não sei onde está enterrado Moshê, etc. Disse a ele D’us: ‘vá às margens do Jordão e grite: ‘Filho de Amram, filho de Amram – levante e veja seu rebanho, que foi engolido por inimigos’. Imedia-

tamente, foi Yirmeyáhu a ‘*Mearat Hamachpelá*’ e disse aos patriarcas do mundo: ‘levantem, pois chegou a hora de vocês serem requisitados perante o Eterno’. Disseram a ele: ‘por quê?’ Falou: ‘não sei’ – para que não dissessem: ‘em seus dias aconteceu isso com nossos filhos?’.

É necessário entender por que Yirmeyáhu temia que lhe dissessem isso. Afinal, ele próprio não pecou e não foi por sua causa que aconteceu a terrível destruição do Primeiro Templo! Por que ele é diferente de alguém que viveu em outra época, contra o qual não se argumenta assim?

Observa-se que cada um é responsável pelos atos de todos os membros de sua geração e por todo o mundo. Se a destruição do Templo se deu nos dias de Yirmeyáhu, é um sinal que este não cumpriu até o fim sua missão, pois fazia parte de suas tarefas tentar aperfeiçoar os atos das pessoas e evitar que ocorresse tal desgraça. Portanto, ele temia o que os patriarcas poderiam argumentar contra ele.

A Enorme Recompensa da Responsabilidade

Consta na *Torá*: “e postou-se sua irmã ao longe, para saber o que aconteceria com ele” (*Shemot* 2:4). Nossos sábios elogiam esse ato de Miryam, que ocorreu quando seu irmão, Moshê, foi colocado no rio. Como recompensa por isso, todo o Povo de Israel a esperou por muitos dias, quando foi castigada no deserto.

É óbvio que Miryam o fez não por mera curiosidade e sim por seu sentimento de responsabilidade. Miryam profetizou que sua mãe daria a luz a um filho que salvaria Israel e, quando este foi jogado no rio, sua profecia foi contradita. A responsabilidade a levou a tentar se envolver e, principalmente, a ver o que aconteceria. Por isso, ela teve o mérito de participar do milagre da salvação dele, quando disse à filha do Faraó: “devo ir e chamar a

você uma mulher que o amamente entre as hebréias?”

Vê-se que, quando um indivíduo se esforça por cumprir confiavelmente sua tarefa, D’us o auxilia e a *mitsvá* é executada por ele. Esta é a força do sentimento de responsabilidade, que constitui um fator importante na conduta do ser humano.

Por outro lado, quando uma pessoa tenta se esquivar de sua responsabilidade, será cobrada no futuro. Assim diz *Rashi* sobre o episódio da primeira ida de Moshê ao Faraó: “‘e depois disso vieram Moshê e Aharon’ – mas os anciãos escaparam um a um por trás de Moshê e Aharon, até que se retiraram todos, antes de chegarem ao palácio, pois temeram ir. No Monte Sinai foi cobrado deles: Moshê se aproximou sozinho e eles não se aproximaram, pois os fez voltarem”.

D’us age segundo o que fazemos. Moshê *Rabênu*, que pôs em risco sua vida pela salvação dos Filhos de Israel, entrando no palácio do Faraó apesar do enorme perigo implícito nisso, teve o mérito de se aproximar de D’us no episódio do Monte Sinai. Os anciãos, que temeram e se esquivaram, foram afastados do lugar onde queriam sim entrar, onde estavam os mais elevados níveis na Revelação do Monte Sinai.

É importante ressaltar que não entendemos, de modo algum, o grau espiritual dos anciãos de Israel e não se tenta aqui julgá-los de acordo com nossa modesta compreensão. Porém podemos aprender lições de moral desta situação, pois o Eterno nos deu a *Torá* para que aprendamos com suas palavras e as cumpramos.

Diz o *Midrash Rabá* (*Shemot* 1:32), sobre o versículo “e saiu Moshê a seus irmãos e viu seu sofrimento”: “Que quer dizer ‘e viu’? Que via seu sofrimento, chorava e dizia: ‘sofro por vocês, quem dera morresse por vocês, pois não há um trabalho mais difícil que o da argamassa. Dava (então) seu ombro e ajudava cada um e um deles”.

O *Midrash* continua descrevendo a recompensa que recebeu

por isso:

“Disse o Eterno: você deixou seus afazeres, foi ver o sofrimento de Israel e se comportou como se comportam irmãos; portanto, Eu deixo os Superiores e Inferiores e falarei com você. É isso que está escrito: “e viu que se desviou para ver”. Viu D’us que se desviou de seus afazeres para ver o sofrimento deles. Portanto, ‘e chamou-lhe D’us de dentro da sarça’”.

Esta é a recompensa da tomada de responsabilidade. Moshê *Rabênu* sentia que o trabalho árduo imposto aos Filhos de Israel era imposto também a ele, e o sofrimento de cada um lhe tocava como se fosse dele próprio. Uma vez que se sentia tão próximo a eles, D’us o aproximou de um modo especial, mais que qualquer outra pessoa.

De Moshê *Rabênu* se aprende o que significa responsabilidade e quanto uma pessoa precisa dar de si mesma para os outros. Mesmo antes de comandar os Filhos de Israel, ele sentia seu sofrimento e participava de seu trabalho árduo, cheio de amargura por eles.

Quando se tornou o líder da Nação, estava pronto a apagar seu nome do livro da *Torá* de D’us, que é o lugar mais importante, sagrado e eterno. Este é o desprendimento que deve servir a todos de exemplo.

Cada um de Israel que receba sobre si uma função, deve se esforçar por cumpri-la até o fim com muita responsabilidade, boa vontade e todo o coração. Diz o *Yerushalmi* que “aquele que começa uma *mitsvá*, é dito a ele para terminar”. É muito importante concluir uma tarefa e não abandoná-la no meio. D’us ajuda aquele que o faz, para que consiga levar a cabo.

“Somente quem conclui a *mitsvá* terá o mérito de que esta lhe pertença”. Pois no caminho, principalmente próximo ao fim, fortalecem-se as dificuldades. Este é o objetivo: agarrar as tarefas com seriedade. Assim, D’us ajudará a obter sucesso.

PURIM / פורים**O ELEVADO NÍVEL DOS
PRECEITOS ENTRE
O HOMEM E SEU
SEMELHANTE****Os Motivos do Preceito de Mishloach Manot**

Escreve o *Báyit Chadash* (cap. 695, parágrafo que se inicia com as palavras “e é necessário mandar, etc.”): “Na minha modesta compreensão, o motivo destas porções e presentes (que se deve dar aos outros em *Purim*) é para que a alegria englobe também o serviço do Criador de Tudo – que são os presentes que se dá para os pobres (“*matanot laevyonim*”) – e também a alegria do indivíduo com seus amados e queridos, que são as porções (que se manda para eles – “*mishloach manot*”). Ou seja, os preceitos de *Purim* envolvem todos os tipos de alegria, tanto a do serviço Divino quanto a do ser humano com aqueles que aprecia.

O livro *Manôt Halevi* acrescenta um segundo motivo para “*mishloach manot*”: “para mostrar que a verdade é oposta ao que

Haman disse sobre o Povo de Israel; que ‘há um povo disperso e desunido’. Mandando porções, cada um demonstra a ligação entre ele e seu semelhante”. Ou seja, isto demonstra a amizade e a união do Povo de Israel, provando o contrário do que disse Haman: que não há entre eles tal relação.

No livro *Dáat Chochmá Umussar* (parte 1, *maamar* 28) foi acrescentada uma importante observação sobre o modo de cumprir esta *mitsvá*: “Um dos princípios deste preceito é mandar justamente para alguém de quem (o indivíduo) guarda raiva e rancor, assim como mandar duas porções, de algo importante, para que se conciliem. Quanto ao que se dá para os pobres, basta dar uma porção para cada necessitado, pois o pobre se alegra mesmo com uma porção”.

Isto é explicado pelo *gaon Rabi Matityáhu Salomon shelita*, (*mashguiach* da “*Yeshivá Bêt Yossef*” em Gateshead) – atualmente *mashguiach* da *Yeshivá* de Lakewood – em seu livro *Matenat Chayim*: “A raiz desses preceitos é que aumente o amor, pois a base de *Purim* é o amor e a amizade. Realmente, é possível sentir como *Purim* traz uma fartura de bênçãos para a Congregação de Israel; cessa a inveja entre as pessoas e a amargura entre irmãos. O dia de *Purim* apaga tudo isto”.

De acordo com o que estes grandes *chachamim* (sábios) disseram, há um objetivo especial nas *mitsvot* de *Purim*: melhorar o relacionamento entre as pessoas. Durante o ano, podem ocorrer brigas e, como consequência, um indivíduo guarda rancor do outro. *Purim* é a época da conciliação. “*Mishloach manot*” demonstra os sentimentos e prova que no coração já não há ódio, inveja, queixa ou rancor. O que recebe fica feliz e também perdoa o próximo. Assim, este preceito incrementa o amor e aniquila as rixas em todo o Povo de Israel.

Também o *Pêle Yoêts*, no vocábulo “*Purim*”, estende-se sobre a enorme fraternidade que provém desta *mitsvá*: “é bom mandar

para alguém que será honrado com isso, (por exemplo) como uma pessoa importante para alguém simples; para alguém que guarda rancor dele; para alegrar o coração de coitados; para revigorar o coração dos tristes e aumentar amor e fraternidade, paz e amizade”.

Ou seja, este é o objetivo deste exaltado preceito de “*mishlo-ach manot*”: alegrar e reviver o espírito daquele que recebe, intensificando com isto a honra e a alegria de pessoas mais simples.

A Importância dos Preceitos Entre o Homem e seu Semelhante

Esta *mitsvá* demonstra a importância geral dos preceitos entre o homem e seu semelhante e a grande bênção proveniente de seu cumprimento. Portanto, estender-nos-emos um pouco mais neste tema e em seu inestimável valor.

Diz o *Mabit* em seu livro, *Bêr Elokim* (*sháar hayessodot*, capítulo 12):

“Pois eis que os preceitos entre o homem e seu semelhante são muito menores (possuem menos palavras) que aqueles entre o homem e o Eterno – e aprendemos que as duas Tábuas de Pedra da Lei eram iguais. Portanto, é necessário dizer que a gravação de uma das tábuas era grossa, pois utilizava para os últimos cinco mandamentos, que são curtos, todo o espaço preenchido com os longos primeiros mandamentos. Isto, para que seja lido e visto mais o que fomos advertidos entre nós mesmos – pois que o instinto do ser humano, que é mau desde a juventude, incita a isso mais que o que (fomos advertidos) entre nós e o Eterno, ao que o mau instinto não incita tanto”.

De suas palavras aprendemos uma série de importantes fundamentos. Os Dez Mandamentos foram divididos em dois. Na primeira tábua estão os cinco preceitos relativos ao homem e D’us e, na segunda, os cinco preceitos entre o homem e seu se-

melhante. Os do segundo tipo foram escritos de forma mais condensada para que fossem gravados de modo mais visível.

Quando Moshê desceu do Monte Sinai com as tábuas, o povo viu a ênfase dada aos preceitos entre o homem e seu semelhante. Esta era necessária, considerando a enorme incitação do mau instinto justamente neste importante campo, para que eles não sejam cumpridos.

Por isso, D'us salientou mais estes mandamentos: para mostrar que justo eles são especialmente importantes e queridos aos olhos de D'us, sendo extremamente necessário cumpri-los de todo o coração e de boa vontade. Não pense o homem que eles têm pouca importância. A verdade é diferente e bem-aventurado é aquele que os cumpre plenamente.

A Incitação do Mau Instinto em Relação aos Preceitos Entre o Homem e Seu Semelhante

Tocou-se aqui em um ponto importantíssimo do cumprimento destes preceitos: a incitação especial do mau instinto, que dificulta sua realização. É necessário se aprofundar neste assunto, entender o que vem a ser a incitação do mau instinto neste caso e quais são os erros que ela estabelece em nós. Assim, é possível se defender, ganhar esta batalha e executar estas *mitsvot* com verdadeira vontade e dedicação.

Isso é bem explicado no livro *Matenot Chayim*, que diz:

“O motivo disso – que o mau instinto incita até realmente não considerarmos os preceitos ‘entre o homem e seu semelhante’ com o mesmo temor e veneração como aqueles ‘entre o homem e o Eterno’ – foi explicado pelo ‘*Rashaz*’ – Rav Simcha Zisl Ziv (*Saba de Kelm*): A fonte do erro é pensarmos que entendemos o motivo destas *mitsvot* e conhecemos o assunto, cumprindo estes preceitos porque o intelecto obriga, não por serem a vontade de D'us”.

“Há nisso dois erros: primeiramente, que não sentimos nenhuma conexão e santidade quando realizamos *mitsvot* entre o homem e seu semelhante como quando sentimos na hora de tomar o *lulav* em nossas mãos ou colocar *tefilin*, porque então sabemos que estamos tratando de assuntos ocultos, cujos alicerces se encontram no alto da santidade. Não é assim com atos de bondade e outros que tais, pois percebemos neles o bem e a lógica do que se faz e, por isso, não sentimos nada disso ao realizá-los, de modo algum”.

“Segundo, já que a *mitsvá* é compreendida pelo intelecto, o indivíduo também limita a *mitsvá* com ele – e o que o intelecto não obriga a respeito do comportamento entre o homem e seu companheiro, o indivíduo já pensa que não é obrigatório. Os dois, portanto, constituem-se em um erro total”.

De acordo com o *Rashaz*, então, existe um erro fundamental com relação a estes mandamentos. Ele provém do fato de os tratarmos como um enfoque humano simples. Nós compreendemos estas *mitsvot* com nosso intelecto, o bem que trazem é reconhecido e, a partir disso, ajudamos nosso semelhante. De modo que a *mitsvá* é rebaixada e nós não a cumprimos pelo motivo verdadeiro: que foi D’us que a ordenou.

Este rebaixamento de um plano elevado – que é o serviço Divino – para um plano inferior de relacionamentos comuns entre o ser humano e o próximo, leva a duas conseqüências ruins: a primeira, não sentir a proximidade Divina e não experimentar a santidade que se sente quando se realiza os preceitos entre o homem e o Eterno. Aquele que toma o *lulav* em suas mãos ou coloca *tefilin*, por exemplo, sente que naquele momento está cumprindo a Vontade de seu Criador e, conseqüentemente, experimenta aproximação e ligação a Ele. Em compensação, aquele que empresta dinheiro ao outro não sente isso, embora também esteja, neste caso, servindo a D’us e realizando o que Ele ordenou.

O segundo erro é que o cumprimento destas *mitsvot*, pelo intelecto, leva a não cumprir aquelas cuja lógica é menos entendida e cujo pensamento não obriga. Logo, elas não são desempenhadas como se deve.

Este é um equívoco grave, pois as ordens de D'us são muito mais elevadas que o intelecto e a obrigação de cumpri-las estende-se a todas as situações, mesmo quando não se compreende o motivo de fazê-las.

“Ame o Próximo Como a Você Mesmo”

Uma análise profunda deste assunto revela algo extraordinário. Toda a *Torá* constitui uma só unidade e, na verdade, não há nenhuma diferença entre os preceitos “entre o homem e seu semelhante” e “entre o homem e seu Criador”. Todos foram ordenados e são cumpridos por constituírem Sua Vontade. Além disso, todos estão unidos entre si e o cumprimento de uns fortalece o dos outros.

Sobre o versículo (*Vayicrá* 19:18) “Ame ao próximo como a você mesmo”, traz o *Rashi* as palavras de nossos sábios: “Disse *Rabi Akivá*: esta é uma grande regra da *Torá*”. O “*Siftê Chachamim*” explica: “ou seja, neste preceito está englobada toda a *Torá*, conforme disse *Hilel Hazakên*: ‘o que é odiado a você, não faça a seu amigo. Esta é toda a *Torá*. O resto – vá e estude’”.

Assim, encontra-se que este preceito básico de amar o próximo como a si próprio – que à primeira vista diz respeito apenas aos preceitos “entre o homem e seu semelhante” – engloba toda a *Torá*, constituindo sua base.

Sobre estas palavras de *Hilel Hazakên*, trazidas em *Massêchet Shabat* (31a), escreve o *Rashi* (ibid.): “a explicação disto é: ‘seu próximo e o próximo de seu pai, não abandone’ – refere-se a D'us. Não transgrida suas palavras, pois a você é odiado quando

seu companheiro transgride suas palavras. Outra explicação: seu próximo mesmo. Como roubo, furto, adultério e a maioria dos preceitos”.

O livro *Chidushê Halêv*, em *Parashat Kedoshim*, escreve que estas palavras do *Rashi* esclarecem, que mesmo os preceitos “entre o homem e o Eterno” dependem de não fazer aos outros o que o indivíduo não gosta que seja feito consigo.

Isso condiz com o que foi explicado anteriormente. Assim como a pessoa não está interessada que transgridam suas palavras e quer muito que sejam cumpridas, ela deve saber o quanto mais isso é válido em relação a D’us.

Além disso, a única fonte original de ordens no mundo é o Eterno e tudo é imposto ao ser humano por Seus desígnios. Assim, escutar o outro, suprir suas necessidades e agir bondosamente com relação a eles provém da mesma ordem Superior de não fazer aos outros o que não se deseja para si próprio. Tudo está relacionado a ouvir as palavras de D’us e cumprir Sua vontade.

Logo, entende-se que aquele que se relaciona assim ao cumprimento dos preceitos “entre o homem e seu semelhante” evitará o erro lembrado anteriormente. Ele sentirá a proximidade de D’us também quando ajuda ao outro, pois está, no final das contas, cumprindo a vontade de Dele e executando preceitos que o intelecto não obriga, pois o importante é o que o Eterno ordena.

A Influência Sobre Todo o Serviço Divino

Aprofundando-se neste assunto, nota-se que o não cumprimento destes preceitos danifica todo o serviço Divino, na prática. Assim está escrito no livro *Alê Shur* (parte 1, *sháar* 1, capítulo 4):

“No *Midrash Shir Hashirim* (8), sobre o versículo ‘a que senta nos jardins, amigos prestam atenção à sua voz, faça-me ouvir’, é trazido: ‘assim, mesmo que (os membros do Povo de)

Israel se ocupem com seu trabalho todos os seis dias, no dia do *shabat* acordam cedo e vêm à sinagoga, lêem o *Keriat Shemá*, sobem ao púlpito, rezam, lêem na *Torá* e nos profetas e D'us diz a eles: 'Meus filhos, levantem suas vozes para que ouçam os amigos – os amigos refere-se aos anjos – e tomem cuidado para não odiarem-se uns aos outros; não fiquem procurando (defeitos) uns nos outros e não envergonhem uns aos outros, para que não digam os anjos a Mim: 'Mestre do mundo, a *Torá* que o Senhor deu a Israel, eles não se dedicam a ela; eis que rancor, inveja, ódio e concorrência há entre eles'. E vocês a cumprirão em paz”.

Isso é explicado no *Alê Shur* da seguinte maneira:

“Eis que este assunto é extremamente sério, pois (vê-se daqui que) se há más características entre aqueles que se ocupam com a *Torá*, isso é considerado como se não se ocupassem com a *Torá*. Nós referiríamos a esta congregação, talvez, a alegação de não estudar ‘em nome da própria *Torá*’; mas nossos sábios falam claramente, que não é considerado que eles se ocupam com a *Torá*, de modo algum. Pois em um lugar onde se ocupam com a *Torá*, obrigatoriamente são desenvolvidas virtudes e há paz entre eles”.

Vemos que, conforme salientado anteriormente, todas as *mitsvot* estão ligadas umas às outras e uma falha no que diz respeito aos preceitos entre o indivíduo e seu semelhante reflete no estudo da *Torá*, no cumprimento e na qualidade de todas as *mitsvot*, sendo considerado como se não se ocupassem com *Torá*.

É importante que cada um adote tudo isso e ponha em prática no dia de *Purim*. Este dia foi designado por nossos sábios para o melhoramento das relações entre as pessoas. É então que se manda presentes, para aumentar a amizade e evitar ódio e rancor. É importante fixar no coração, em *Purim*, a importância dos preceitos “entre o homem e seu semelhante”, cumpri-los em nome dos Céus e plenamente. Por mérito disso, elevar-nos-emos no

estudo da *Torá* e no cumprimento de todas as *mitsvot*, de um modo geral.

Purim servirá como um dia dedicado à instilação em nosso coração da importância destas *mitsvot* e, por meio dele, será possível iniciar uma nova época de elevação geral na *Torá*, nas *mitsvot* e no amor a D'us.

KI TISSÁ / כִּי תִשָּׂא

O GRANDE VALOR DE UM ATO DE MITSVÁ

Cumprir as Mitsvot com Vitalidade

Em *Massêchet Shabat* (88b) é trazido que, quando Moshê subiu aos Céus para receber a *Torá*, pediram os anjos a D’us que a mantivesse lá e não a fizesse descer aos seres humanos, na Terra. Assim disseram: “que é o homem para que seja lembrado e o ser humano para ser recordado? Eterno, nosso Senhor, quão Poderoso é Seu Nome em toda a Terra, ponha Sua Glória sobre os Céus (*Tehilim* 8).

D’us pediu a Moshê que lhes respondesse e seu principal argumento girou em torno dos preceitos práticos. Uma vez que os anjos não possuem corpo, não têm ligação com estes atos, que são cumpridos por intermédio do físico. A eles cabe somente a parte intelectual e espiritual da *Torá*. Portanto, é importante baixá-la à Terra e concedê-la aos seres humanos, para que a cumpram com todos os seus órgãos físicos, na prática.

O autor do livro *Yad Yechezkel* (página 167) deduz daqui que é necessário que todo o corpo participe do estudo da *Torá*. Uma

vez que Moshê venceu a discussão argumentando que os seres humanos possuem também corpo, é necessário fazer com que a *Torá* penetre nele por inteiro. Por intermédio disso, estaremos justificando a alegação de que a *Torá* é realmente adequada e condizente conosco.

Em todos os âmbitos da *Torá*, tanto nas referentes à lei (*halachá*) quanto nas que dizem respeito ao pensamento (*hagadá*), é possível que o indivíduo estude e esteja ligado intelectualmente ao assunto, mas seus sentidos, seu corpo e seus sentimentos estejam distantes dele. Ele deve empenhar-se por estar completamente absorvido no estudo, com a *Torá* e a santidade penetrando em toda sua existência e em seu modo de viver.

Por exemplo: quando se estuda os episódios da saída do Egito e da Outorga da *Torá*, com os comentaristas que os elucidam, não basta ocupar-se intelectualmente. O indivíduo deve vivenciá-los, senti-los e concebê-los perante seus olhos.

Na noite do *Sêder de Pêssach*, há uma obrigação de vivenciar a saída do Egito. “Necessita a pessoa ver, a si própria, como se ela tivesse saído do Egito”. É diferente o estudo puramente intelectual daquele que agrega também o corpo e os sentimentos do coração.

É possível analisar todos os aspectos daquele evento, dominá-los perfeitamente e não vivenciá-los. Quem o faz, em compensação, sente quase em sua própria pele a dureza da escravidão, a argamassa e os tijolos, as grandes desgraças e, por outro lado, a salvação e a redenção da saída do Egito.

A vida que segue este princípio modifica o indivíduo, fortalece sua *emuná* (fé) em D’us e faz penetrar em seu coração diversos valores. Logo, fortifica-se também o cumprimento das leis práticas e as *mitsvot* são executadas com muita minuciosidade, com todo o coração e com toda a alma.

Isto é explicado em *Avot Derabi Natan* (capítulo 24): “Todo

aquele que estuda *Torá* em sua infância, as palavras de *Torá* são absorvidas em seu sangue”. Ou seja, nestes anos, o indivíduo possui uma maior capacidade de absorção, que é perceptível não apenas na apreensão e na memória, como também na profundidade com que isso ocorre na alma do que estuda.

Tinta escrita sobre um papel novo é mais perceptível, pois foi a primeira a impressioná-lo. Assim é também com a pessoa na infância: antes de a alma ser influenciada pelo materialismo deste mundo e suas enfermidades, a *Torá* influencia o espírito e penetra muito mais profundamente, como o orvalho revigorante e como água fria para as almas exauridas.

O Elevado Nível de um Estudioso da *Torá*

O *Maharal* também se detém na análise deste aspecto. Segundo ele, a diferença entre um *talmid chacham* (estudioso da *Torá*) e um *am haárets* (que não tem instrução de *Torá*) não se encontra apenas em uma melhor e maior compreensão intelectual – o próprio corpo de um é diferente do outro.

Em relação a assuntos mundanos, o estudo não passa de um acréscimo de informações, sem que penetre na alma. A diferença entre alguém instruído e um inculto resume-se a quanta matéria cada um sabe.

Em compensação, com relação a um *talmid chacham*, toda a sua essência é *Torá*. Esta faz parte de seu corpo e cada pensamento, ato ou fala recebem um carimbo da sagrada *Torá*. Assim como há uma obrigação de levantar-se perante um *Sêfer Torá*, deve-se fazer o mesmo perante um *talmid chacham*. A diferença entre ele e um *am haarêts* não se limita à quantidade de conhecimentos, mas ao fato de serem criaturas completamente diversas. Tudo surge pelo fato de que o *talmid chacham* vivencia sua *Torá* e faz com que ela penetre no interior de seu coração.

A Meta da Sabedoria É a Torá e as Boas Ações

Também o livro *Chochmá Umussar* salienta a importância do conhecimento da *Torá* ser expresso nos atos e no modo de viver:

“Eis que, quando possuímos primeiramente esclarecimentos sensíveis sobre a *emuná*, devemos ir à meta: a meta da sabedoria é a *Torá* e os bons atos. Pois isso mostra que a sabedoria nos ficou bem clara. Não é à toa que o fim da Criação foi assinalado com a palavra “para fazer”, pois este mundo é o mundo da ação. Eis que nós, a Congregação de Israel, temos a eternidade e lá (no outro mundo) não haverá mais o mundo da prática, da ação. Apenas neste curto período. Shelomô *Hamêlech* disse: ‘tudo o que você tiver possibilidade de fazer, faça...’ O significado de ‘possibilidade’ é aquilo que for possível, tanto com o corpo como com o intelecto, vá e faça. Pois não há contabilidade nem saber a não ser neste mundo vil, curto e finito – e aqui se vê o que é a ação. Mas lá, isto não existe. Portanto, apresse-se e aja”.

Em suas palavras estão contidos alguns fundamentos importantes, como será explicado resumidamente.

Em primeiro lugar, deve-se conduzir todo o estudo, análise e compreensão alcançados, na direção do objetivo final, que é fazer bons atos. Em segundo lugar, este é o mundo dos atos, cuja Criação é finalizada com a palavra “para fazer” – *asher bará Elokim laassot*. Isto é possível apenas nele, pois no Mundo Vindouro não existe nem tempo, nem ação. Portanto, deve-se esforçar tanto física como mentalmente enquanto isto é factível, para chegar à vida eterna no Mundo que é inteiramente bom.

“Atrás dos Atos Seguem os Corações”

Daqui se chega ao célebre fundamento do *Sêfer Hachinuch*: “Atrás dos atos seguem os corações”. Ou seja, o cumprimento de

atos de *mitsvot* influencia beneficemente o coração e as características do indivíduo. Assim é sua linguagem, na “*Mitsvá 15*”:

“Pois o homem é influenciado por seus atos. Seu coração e todos os seus pensamentos vão sempre atrás dos atos com os quais se ocupa, para o bem ou para o mal. Mesmo um completo perverso em seu coração, cujo instinto de seus pensamentos é somente mau durante todo o dia, se despertar seu espírito, se esforçar e se ocupar constantemente com a *Torá* e com as *mitsvot* – mesmo sem ser em nome dos Céus – imediatamente se inclinará para o bem”.

De suas palavras se aprende uma regra extremamente importante. Além de serem a meta da *Torá*, os atos são também a chave da interioridade do ser humano. O cumprimento de boas ações influencia o coração do indivíduo e a constância em sua prática o transforma, do mal para o bem, melhorando seus sentidos e sentimentos (veja explicação detalhada sobre este trecho do *Sêfer Hachinuch* adiante, em *Parashat Pecudê*, na pág. 193).

A Importância dos Atos de Mitsvot

Diz a *Guemará* em *Massêchet Kidushin* (31b), sobre o respeito e o temor aos pais: “Em que consiste o temor? (Que ele) não senta em seu lugar, não o contradiz, etc. Em que consiste o respeito? (Ele o) alimenta, dá-lhe de beber, veste-o, calça-o, acompanha-o em sua entrada e sua saída”.

O *Lêcach Tov* (*Parashat Kedoshim*, página 165) traz que o *Rav Yerucham zt”l* de Mir, no livro *Dáat Torá*, indaga: à primeira vista, a resposta à pergunta “em que consiste o temor” deveria ser: temer os pais! Portanto, é obrigatório dizer que a intenção da *Guemará* é apontar quais são as ações destas *mitsvot* – quais são os atos requeridos pelo preceito de temer e quais são os que dizem respeito ao de honrar – pois a principal intenção da *Torá* é

que a pessoa cumpra os atos das *mitsvot*, pois neles vêm à tona os sentimentos do coração e os assuntos teóricos do preceito.

De acordo com isso, ele explica também a resposta de Hilel ao gentio – que queria aprender toda a *Torá* enquanto se equilibrasse em um pé só: “o que é odiado a você, não faça a seu companheiro. Esta é toda a *Torá* e o remanescente – vá e estude”. Pergunta-se: por que ele não indicou o modo positivo deste preceito: “ame ao próximo como a você mesmo”, conforme consta na *Torá*?

A explicação é que o amor pode existir sem atos, como um mero sentimento no coração. Em compensação, Hilel lhe indicou o que fazer na prática, em seu cotidiano. Assim, o gentio entendeu que o principal da *Torá* é o cumprimento prático de seus preceitos, o que serve de base para a continuação de seu estudo e sua plena realização.

Além disso, o *Alê Shur* traz que todas as 613 *mitsvot* são consideradas como um só preceito. Isso porque não se trata de diversas ordens e sim da vida real, conforme está escrito: “Pois eles são nossa vida e a longevidade de nossos dias”. Assim como é impossível dividir a vida, é impossível fazê-lo com as *mitsvot*. Uma atrai a outra e todas constituem um mesmo corpo.

Assim, quando Hilel indicou àquele gentio um caminho prático, este entrou em uma longa e contínua marcha, com a qual chegaria, com integridade e verdade, a cumprir toda a *Torá*, efetivamente.

VAYAKHEL / ויקהל

A CONSTRUÇÃO DO MISHCAN

A “Sabedoria do Coração”

Nesta porção semanal, em relação à construção do *Mishcan* (Tabernáculo), aparece diversas vezes a expressão “sabedoria do coração”, como uma das características necessárias àqueles que foram escolhidos pelo Criador para construir o *Mishcan* e seus utensílios.

É necessário entender duas coisas sobre isso. Primeiramente, por que o versículo liga a sabedoria ao coração, se esta na verdade diz respeito ao cérebro? Em segundo lugar, por que justo os que possuem esta característica são indicados para construir o *Mishcan*?

Para explicar isso, será trazido, em princípio, o que consta em *Massêchet Berachot* (17): “Costumava estar na boca de *Raba* (tinha o hábito de repetir esta passagem): a finalidade da sabedoria é a *teshuvá* (retorno espiritual) e os bons atos. Que não fique o indivíduo estudando, revisando e pisoteando seu pai, sua mãe, seu mestre e aquele que é maior que ele em sabedoria e idade,

conforme está escrito: “o princípio da sabedoria é o temor a D’us, bom intelecto a todos os que os fazem”.

Destas palavras de *Raba*, vemos que a meta do estudo e da busca pela sabedoria não é apenas aumentar o conhecimento; seu verdadeiro objetivo é melhorar os atos. Aquele que acumula muitas noções sem que estas modifiquem sua essência para o bem e sem que estas aperfeiçoem consideravelmente seu comportamento, não chega ao alvo da sabedoria. A verdadeira prova do sábio é como ele age e como utiliza o que sabe para melhorar seu modo de viver e de se conduzir.

Muitos são aqueles cuja sabedoria resume-se ao intelecto, sem que esta mude em nada seu modo de ser, nem refine suas qualidades de caráter. A mudança da essência está ligada ao coração e ao âmago do indivíduo. Aquele que tem o mérito que a sabedoria penetre no íntimo de seu coração é chamado de “sábio do coração”, pois chegou a um elevado nível de união à sabedoria.

“O Sábio Teme e Desvia do Mal”

No livro *Or Yahel* é trazido um exemplo, que mostra a contradição que pode existir entre a sabedoria e os atos do indivíduo.

Uma pessoa que conhece as características das plantas, sabendo quais são boas para alimentação e cura e quais são venenosas, podendo levar à morte e, mesmo assim, escolhe justo aquelas que fazem mal para comer, será considerado ignorante – apesar de seu impressionante conhecimento. Logo, ele certamente não será apontado para servir de médico, pois seus atos contradizem completamente seu saber. O que ele ganha com seu conhecimento, se apenas destruição e ruínas provém de seus atos?

Assim também, aquele que possui grande erudição, em diversos campos, mas cujos atos não são corretos, é considerado como “um burro que carrega livros”. Estes livros não mudam em

nada sua essência e este certamente não se transforma, com isso, em um sábio. Do mesmo modo, aquele que carrega a sabedoria em seu cérebro não se torna um sábio em sua essência enquanto não imprimi-la em seu coração, melhorando seus atos e seus caminhos por intermédio dela.

A sabedoria chega à sua finalidade quando é usada para um bom propósito, conforme está escrito (*Mishlê* 14:37): “O sábio teme e desvia do mal – e o tolo preenche-se e tem confiança”. O significado disto é que ele utiliza sua sabedoria para sentir o perigo, fazer penetrar o temor em seu coração e, conseqüentemente, tomar cuidado com seus atos. O tolo, que não a utiliza, confia em si próprio e não percebe, de modo algum, as numerosas ciladas de proibições e pecados que se colocam em seu caminho, nas quais tropeça constantemente.

A fonte do temor está no coração. O verdadeiro sábio faz a sabedoria penetrar nele, percebendo o perigo e desviando-se dele. Esta é a “sabedoria do coração”, que guia o indivíduo e o auxilia a não cair. Estes são os que foram chamados para construir o *Mishcan* – “e todo o sábio do coração entre vocês, que venha e faça, etc”. Eles merecem construir o local onde habita a Presença Divina, conforme será explicado.

Consta em *Mishlê* (4:23): “Com toda a vigilância zele por seu coração, pois dele vêm conseqüências vitais”. Fomos ordenados a cuidar do coração mais que dos outros órgãos. O *Ibn Ezrá* acrescenta, que o coração é como um rei no corpo. O rei é protegido especialmente, tanto por sua importância quanto pela preocupação com sua integridade.

Isso implica que o indivíduo deve cuidar para que não entrem em seu coração elementos prejudiciais. Deve erigir barreiras quanto a maus pensamentos, desejos e sentimentos capazes de deteriorá-lo e transformá-lo para o mal.

O Levantamento do Mishcan

O *Mishcan*, lugar da Presença Divina, precisava ser construído com santidade, pureza e intenções espirituais, sem tendências materiais e intenções pessoais ligadas a este mundo e seus prazeres. Logo, condiziam com isto aqueles “sábios do coração”, que norteiam todos os seus caminhos conforme a *Torá* e são eles que dominam seu comportamento, dirigindo seu coração conforme sua vontade pura. Estas pessoas o edificariam sem desvios, sem procurar honrarias e sem esperança de qualquer lucro material. No *Mishcan* construído desta forma, pairaria a Presença Divina e a Santidade, como é apropriado a esse local.

Nossos sábios dizem que *Parashat Vayakhel* – a que descreve a construção do *Mishcan* – foi falada em público, no dia seguinte a *Yom Kipur*. No livro *Êle Hadevarim* explica-se qual é a idéia especial por trás da necessidade de congregar todos os Filhos de Israel – homens, mulheres e crianças – logo após esta data, para falar perante eles esta *parashá*.

Em *Yom Hakipurim*, abrem-se os corações. Todo o Povo de Israel prepara-se para retornar em *teshuvá*, melhorar seu caminho e se aproximar de seu Criador. Este dia é o símbolo da “sabedoria do coração” – da vida conduzida com a profunda sabedoria baseada na sagrada *Torá*.

Logo após este dia, Moshê junta todo o Povo e lhes ordena erigir o *Mishcan*. Para isso é necessário que a “sabedoria do coração”, absorvida em *Yom Kipur*, seja passada para frente, para os dias que virão e para a vida futura. Isso os ajuda a manter uma vida voltada para a interioridade e para a verdade e os capacita a construir o *Mishcan*, pois o coração está carregado de sabedoria, temor e reconhecimento da Grandeza Divina e do imenso valor da Presença Divina em Israel.

Além disso, neste mesmo ato público, foram ordenados a

cumprir o *Shabat*. No *Talmud Yerushalmi* consta, que *shabatot* e *yamim tovim* foram dados a Israel para que se ocupem, nesses dias, com a *Torá*. O *Shabat* é, principalmente, um dia de ascensão e de vida voltada à interioridade e elevação espiritual. É um dia especial, no qual os membros do Povo de Israel se unem a seu Criador. Portanto, é condizente que se convoque todo o Povo e se ordene o cumprimento do *Shabat* logo após o *Yom Kipur*, para que a “sabedoria do coração” deste dia sagrado influencie todos os *shabatot* do ano.

A ordem de construir o *Mishcan* e a de cumprir o *Shabat* se uniram naquele momento, e estas duas *mitsvot* tão importantes foram interiorizadas nos corações dos Filhos de Israel. Por isso, eles atingiram a “sabedoria do coração” e por seu mérito tiveram êxito em servir *Hashem* com lealdade e fé.

PECUDÊ / פקודי

A IMPORTÂNCIA DE UM ATO DE MITSVÁ

“E Erigiu Moshê o Mishcan”

Consta no *Midrash Tanchuma* (fim de *Parashat Pecudê*): “Uma vez que acabaram a obra (da construção) do *Mishcan*, sentaram-se e esperaram, (perguntando): ‘Quando a Presença Divina virá e pairará nele?’ Pensaram em erguê-lo e não sabiam como – nem conseguiam levantá-lo. Quando tentavam alçá-lo, ele caía...”

“Por que não conseguiam erguê-lo? Porque Moshê estava aborrecido por não ter participado com eles do trabalho da construção do *Mishcan*. Até que falou o Eterno a Moshê: ‘uma vez que você ficou triste por não ter participado da construção do *Mishcan*, por você, estes sábios não conseguirão erguê-lo, para que o Povo de Israel saiba que, se não for erigido por você, não será erigido jamais. Eu não escreverei que foi erguido a não ser por meio de você’, conforme mencionado: ‘e erigiu Moshê o *Mishcan*’”.

Rabi Ben Tsiyon Bamberger זי"ל pergunta, em seu livro *Sharê Tsiyon* (página 106), por que Moshê ficou triste por não ter participado da construção do *Mishcan* – uma vez que no *Mi-*

drash consta que ele foi o responsável por todo o serviço e pelos que o executaram?

Esta é a linguagem do *Midrash* (*Bamidbar Rabá* 12): “Moshê ia atrás dos artesãos todo o dia e a cada hora, para lhes ensinar como fazer o serviço, para que não se enganassem nele, pois está escrito: ‘viu e fez em sua forma, etc.’”

Ou seja, uma vez que D’us ordenou que o trabalho fosse executado com muita precisão, Moshê preocupou-se constantemente em ensinar os artesãos e inspecioná-los, para que tudo fosse feito corretamente. Assim, por que ele considerava que não havia participado do que foi realizado?

A resposta parece ser que, apesar de ter se esforçado muito e supervisionado tudo, faltava a Moshê agir na prática – ou seja, trabalhar no próprio feitio do *Mishcan*. Por isso, ele ficou triste – até D’us lhe consolar com o fato deste não ficar em pé até que Moshê o erigisse.

Daqui vemos a importância decisiva dos atos práticos. Uma pessoa pode ser o planejador, o responsável e o chefe. Enquanto não agir com as próprias mãos, porém, falta algo na ação.

“Abateram os Deuses do Egito e Fizeram a Oferenda de Pêssach”

A grandeza da força dos atos pode ser vista também na ordem Divina de fazer a Oferenda de *Pêssach* no Egito. Diz o *Midrash* (*Shemot Rabá* 16): “Falou D’us a Moshê: ‘Enquanto os Filhos de Israel estiverem servindo aos deuses do Egito, não serão redimidos. Vá e fale a eles que abandonem seus maus atos e reneguem a idolatria. É isto que está escrito: ‘retirem e peguem para vocês’. Ou seja, retirem suas mãos da idolatria e peguem para vocês rebanho, abatam os deuses do Egito e façam o *Pêssach*, pois assim D’us pulará sobre vocês (na Morte dos Primogênitos)’”.

Daqui também se vê a importância da ação prática. Não era suficiente que os Filhos de Israel anulassem a idolatria do Egito no coração, nem mesmo com palavras. Para fazê-lo, era necessário abater o deus do Egito, que era o cordeiro. Os Filhos de Israel foram ordenados a pegá-lo, guardá-lo em sua casa por quatro dias e então abatê-lo como Oferenda de Pêssach.

Este ato foi feito pondo em risco suas vidas. Isso porque os egípcios, aos quais estavam subjugados, poderiam atacá-los, por agirem de modo tão ofensivo. Aconteceu, porém, um milagre com os Filhos de Israel e os egípcios não lhes fizeram mal. *Shabat Hagadol* comemora este grande milagre.

Era necessário pegar os deuses do Egito e abatê-los para mostrar sua anulação na prática. Só um ato é capaz de fazê-lo com toda a eficácia.

“Abatam os deuses do Egito e façam o *Pêssach*, pois assim D’us pulará sobre vocês”. Eles tiveram o mérito de receber o grande milagre da noite de *Pêssach* e foram salvos da morte dos primogênitos, pelo fato de D’us “pular” sobre suas casas, em mérito do abate dos deuses do Egito.

Esta é a força dos atos; mesmo os mais altos níveis de *emuná* necessitam de atos que os fortaleçam.

“Meu Coração e Minha Carne Louvarão ao D’us Vivo”

Também o *Chovôt Halvavôt* (*Sháar Cheshbon Hanêfesh*, capítulo 3, *ôfen* 21) explica a grande força e importância dos atos.

“É apropriado a você, meu irmão, entender que a maior parte da intenção do fato que as *mitsvot* são (executadas) com os corpos e os órgãos é despertar para que as *mitsvot* estejam nos corações e nas consciências. Isto porque sobre elas se apóia o serviço Divino e elas são a raiz da *Torá*, conforme está escrito: ‘O Eterno, seu

D'us, você temerá – e a Ele servirá' (*Devarim* 6:13). Falou também: 'É algo que está muito próximo de você. Está em sua boca e em seu coração, para que possa cumpri-lo' (*Devarim* 30:14). Assim também: 'O que o Eterno, seu D'us, pede de você? Que você tema o Eterno, seu D'us' (*Devarim* 10:12)".

“Uma vez que isso estava acima das forças do ser humano e não lhe é possível até que o indivíduo se afaste da maioria dos desejos animalescos, forçando sua natureza e retendo seus movimentos, fez o Eterno que servisse com seu corpo e seus órgãos, conforme sua capacidade, até que lhe seja facilitado suportá-los. Quando se esforçar, aquele que crê em seu coração e sua consciência e trabalhe com ela segundo sua capacidade, abrirá a ele, o Eterno, o portão dos níveis espirituais. Deles, chegará ao que está acima de sua capacidade e servirá ao Criador com seu corpo e sua alma, com sua parte revelada e oculta, conforme disse David, que descanse em paz: ‘meu coração e minha carne louvarão ao D'us Vivo’”

As palavras do *Chovôt Halvavôt* abrem uma porta para entender a essência do serviço Divino e um claro conhecimento do que D'us pede. Ele explica que a finalidade do que o Eterno quer é que o indivíduo sirva a D'us com seu interior, ou seja, que seu coração e consciência estejam unidos a Ele.

No entanto, é muito difícil chegar a esse elevado nível. Isso porque o ser humano, neste mundo, é composto também de corpo material e é impossível se afastar dele e de seus desejos, reprimir suas ações ou forçar sua natureza. O corpo atrapalha a alma – o coração e as forças espirituais interiores do indivíduo – a decolar.

Portanto, os mandamentos da *Torá* dividem-se em dois: as obrigações do corpo – o cumprimento prático das *mitsvot*, com atos que D'us ordena e deseja – e as obrigações do coração – a obrigação de se esforçar por ter *emuná* em D'us, unificar Seu Nome e servi-Lo com todo o coração.

O cumprimento dos dois tipos de obrigações abre a possibilidade de uma grande ajuda dos Céus, para chegar a níveis acima da capacidade da pessoa e transformá-la em um verdadeiro servo de D'us em seu interior. Este nível é exprimido pelo Rei David no versículo: “meu coração e minha carne louvarão ao D'us vivo”. Tanto o coração quanto a carne – a alma e o corpo – cantam uma canção interior e natural ao Eterno.

Vê-se daqui o grande poder dos atos de *mitsvá*. Eles são o portal para o âmago do ser humano; por meio deles é possível influenciar o coração e torná-lo parte natural do serviço Divino.

“Atrás dos Atos Seguem os Corações”

A capacidade, que estes atos possuem de influenciar o interior, é expressa nas palavras do *Sêfer Hachinuch*: “Atrás dos atos seguem os corações”. Estas são suas palavras:

“Agora, meu filho, escute isto, incline seu coração e ouça; ensinarei a você algo útil para a *Torá* e as *mitsvot*. Saiba que a pessoa é influenciada por seus atos. Seu coração e todos os seus pensamentos vão sempre atrás dos atos com os quais se ocupa, para o bem ou para o mal. Mesmo um completo perverso em seu coração, cujo instinto de seus pensamentos é apenas mau todo o dia, se despertar seu espírito, se se esforçar e se ocupar constantemente com a *Torá* e com as *mitsvot*, mesmo sem ser em nome dos Céus, imediatamente se inclinará para o bem – e ‘uma vez que (faz) não por Seu Nome, acabará fazendo por Seu Nome’. Com a força de suas ações, ele aniquilará o mau instinto, pois atrás dos atos seguem os corações”.

“Mesmo que um indivíduo seja um justo completo, seu coração seja reto e íntegro e ele deseje a *Torá* e as *mitsvot*, se ocupar-se constantemente com coisas vãs – é como se, por exemplo, o rei o obrigasse a executar um ofício ruim. Se toda sua ocupação, du-

rante todo o dia, é com esse ofício, ele deixará, alguma hora, a justiça de seu coração e se transformará em uma pessoa completamente má. Isto porque é sabido e verdadeiro que o ser humano é influenciado por seus atos, conforme dissemos”.

“Portanto, disseram nossos sábios: ‘quis o Eterno dar méritos a Israel, conseqüentemente, deu para eles *Torá* e *mitsvot* em grande quantidade – para que se adiram nelas todos os nossos pensamentos e sejam elas todas as nossas ocupações, para fazer o bem a nós, em nosso final”.

O *Sêfer Hachinuch* determina uma regra que envolve todos os caminhos do serviço Divino. É muito difícil penetrar no interior do indivíduo e transformá-lo, de forma direta, para melhor. No entanto, é possível fazê-lo por intermédio dos atos externos. D’us criou o ser humano de modo que os atos exteriores influenciem seu coração e sua consciência.

Àquele que age bem constantemente, o coração lentamente segue seus atos e transforma-se positivamente. O contrário também é verdadeiro: atos ruins influenciam negativamente o coração do indivíduo.

Considerando esta influência decisiva, entende-se a enorme importância de agir corretamente e evitar atos maus. É garantido que agir assim altera o interior da pessoa e faz com que seu modo de vida seja pleno, de acordo com a vontade Divina, conforme o que é apropriado aos tementes a D’us e que se importam com Seu Nome.

O *Sêfer Hachinuch* acrescenta que este é o motivo pelo qual D’us ordenou tantas *mitsvot*. Cumprindo estes atos, a personalidade espiritual é modificada para o bem.

Sobre isso está escrito, “quis o Eterno dar méritos (*lezacot*) a Israel, conseqüentemente, deu para eles *Torá* e *mitsvot* em grande quantidade”. A palavra “*lezacot*” pode ser entendida de alguns modos. Um deles é “dar méritos”; o outro é “refinar” (*lezakech*).

Ou seja, o Eterno deseja que os membros do Povo de Israel sejam puros e refinados e, por isso, ordenou tantos atos de *mitsvot* – que levam a isso.

As Tefilin São Colocadas Frente ao Coração e ao Cérebro

Pela importância desta regra, o *Sêfer Hachinuch* volta a trazê-la na “*Mitsvá 324*”, com alguns acréscimos.

“Já escrevi a você, meu filho, algumas vezes, no que antecedeu a isso, que o ser humano é influenciado pelos atos que realiza constantemente e que suas idéias e todos os seus desígnios seguem seus atos práticos, para o bem ou para o mal. Portanto, uma vez que quis o Eterno dar méritos ao Povo de Israel, que Ele escolheu, deu-lhes *mitsvot* em grande quantidade, uma vez que sua alma é influenciada por elas, para o bem, todo o dia”.

“Da totalidade dos mandamentos a nós ordenados pelo Eterno – para atrelar nossos pensamentos em direção a Seu serviço, com pureza – está o preceito de colocar as *tefilin* (filactérios) frente aos órgãos do corpo conhecidos por serem o lugar onde habita o intelecto: o coração e o cérebro. Por meio deste ato, (o indivíduo) sempre dedicará todos os seus pensamentos para o bem, se lembrará e cuidará constantemente, todo o dia, em conduzir todas as suas ações com retidão e justiça”.

O *Sêfer Hachinuch* estende-se na explicação de como os atos de *mitsvá* influenciam o interior da pessoa. De acordo com ele, o pensamento segue as ações, e as decisões do indivíduo encontram-se onde este age. No instante que se ocupa com uma *mitsvá*, este pensa sobre o que está fazendo e, seguindo o pensamento, a pureza penetra no interior de seu coração e influencia positivamente a alma.

Isto é expresso de modo especial no mandamento de colocar

as *tefilin* frente ao cérebro e ao coração, para subjugar o pensamento e o coração ao serviço de D'us. O próprio modo de cumprir este preceito simboliza o modo de influência de todas as *mitsvot* sobre o ser humano, mostrando como “atrás dos atos seguem os corações”.

A Importância da Preparação para as Mitsvot

Sobre o versículo “minhas leis vocês cumprirão” (*Vayicrá* 18:4), escreve o *Ramban* (em seu comentário): “saiba que a vida da pessoa, em relação às *mitsvot*, segue sua preparação a elas”. Ou seja, pode acontecer de um indivíduo executar os preceitos e estes quase não exercerem influência sobre ele. Se ele o faz sem a preparação adequada e, conseqüentemente, sem que seu coração esteja direcionado ao que está fazendo, a influência da *mitsvá* é mínima.

Por outro lado, aquele que apronta seu coração e cumpre os preceitos partindo de uma preparação espiritual e uma análise interior é influenciado por eles e comparado a uma pessoa sentada que recebe água.

Assim escreve também o *Rav* Ben Tsiyon Bamberger, no livro acima citado:

“A grandeza do ato depende da grandeza da preparação e da aptidão do coração para cumprir a *mitsvá*. Nós nos ocupamos de muitos preceitos práticos, mas devemos fazê-los após preparo e com calma, pois somente deste modo, com pensamento e com a análise devidos antes de chegar à ação, é possível ascender e se elevar no cumprimento das *mitsvot*”.

É necessário se esforçar, portanto, por cumprir as *mitsvot* com preparação, sem pressa e com a devida ponderação. Assim, estes atos iluminarão a vida e possibilitarão que esta seja espiritual, com coração puro e alma refinada.

וִיקְרָא

VAYICRÁ

VAYICRÁ / ויקרא

AS OFERENDAS E A ORAÇÃO

O Pecado Influi a Presença Divina no Mundo

Na porção semanal de *Vayicrá* encontram-se indícios da poderosa influência que os pecados exercem sobre a relação entre Israel e o Criador. Quando os pecados são numerosos, esta ligação se afrouxa e, então, a Presença Divina não paira sobre Israel e o Lugar do Templo como antes.

Sobre a oferenda que o *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote) traz quando peca, consta na *Torá*: “Mergulhará o sacerdote seu dedo no sangue e aspergirá do sangue sete vezes, perante D’us, diante da *parôchet* (cortina) sagrada” (*Vayicrá* 4:6). Aqui, a *Torá* chama a *parôchet* de “sagrada”.

Com relação à oferenda que o *San’hedrin* (Suprema Corte) traz, quando todo o povo peca – por ter sido instruído incorretamente com relação ao cumprimento de alguma lei – consta (*Vayicrá* 4:17): “Mergulhará o sacerdote seu dedo no sangue e aspergirá sete vezes, perante D’us, diante da cortina”. Neste caso, ela não é chamada de sagrada.

Escreve sobre isto o *Rashi*: “‘diante da cortina’ – e anteriormente está escrito ‘diante da cortina sagrada’. Assim como a pa-

rábola de um rei, contra o qual o país se rebelou. Se foi uma minoria que se revoltou, os integrantes de seu governo são mantidos. Se todo o país o fez, os integrantes de seu governo não são mantidos (*Massêchet Zevachim*, 41). O mesmo acontece aqui: quando pecou o Sumo Sacerdote ungido, ainda se mantém a santidade do local no Templo. Quando todos pecaram, D’us nos livre, a santidade se afasta”.

A análise destas palavras mostra quão grande é o poder da coletividade. Quando ela peca, isso reflete na santidade geral de todos, a ponto de a cortina, que se encontra no Templo Sagrado, não poder mais ser chamada de sagrada pela *Torá*.

O significado disso é que D’us, cuja Presença se encontra no Templo, retira-Se de lá e a santidade do local diminui. Se assim é com o Templo, quanto mais isto é verdadeiro com relação ao resto do mundo. A Presença Divina se afasta do mundo, que se aproxima mais do lado profano.

Este ensaio se concentra no poder da coletividade e na influência de seus atos sobre o Povo de Israel e sobre todo o mundo.

A Importância da Oração em Público

Consta no livro *Neôtz Dêshe*: “A lógica simples demonstra que, para o lado bom, o poder da coletividade também é muito grande. Portanto, a prece em conjunto possui um valor imenso e especial, a ponto de mesmo, se porventura, dentro do público houver pecadores – que à primeira vista causam o afastamento da Presença Divina – a oração seja aceita”.

“Assim escreve o *Rambam*, nas Leis das Orações, (*Hichot Tefilá*, capítulo 8, *halachá* 1): ‘A oração feita em grupo (no mínimo um *minyan*) tem a garantia de ser ouvida sempre. Mesmo que haja dentro dele pecadores, o Eterno não despreza a reza de muitos. Portanto, o indivíduo deve se associar à coletividade – e que

não reze sozinho todo o momento que puder orar juntamente com a congregação. O indivíduo deve sempre ir de manhã e de noite à sinagoga, pois sua prece só é ouvida a qualquer instante na sinagoga'. O *Rambam* explica este assunto ao dizer que mesmo quando a congregação não está rezando, deve-se rezar na sinagoga, pois ela é especial para a oração da coletividade”.

Considerando a influência dos pecados da congregação sobre tudo, é necessário saber que “uma medida boa é maior que uma ruim” e que uma boa ação realizada por toda a comunidade possui uma repercussão positiva extraordinária.

Isto é expreso principalmente na oração. Quando um grupo reza junto, as orações de cada um em particular se juntam em uma só unidade, que se eleva e é aceita por D’us. Mesmo que no grupo haja pecadores – cuja reza não seria facilmente aceita se a fizessem sozinhos – têm suas orações englobadas na do público e D’us não as despreza.

A associação à comunidade é importantíssima e tudo o que é ligado a ela, como a sinagoga onde são feitas as orações ou a hora na qual elas são feitas, possuem um enorme peso. Isto foi muito salientado por nossos sábios.

Consta em *Massêchet Berachot* (8a): “Disse *Rabi Yochanan* em nome de *Rabi Shim’on Bar Yochay*: O que significa o que está escrito: ‘quanto a mim, minha reza será para Ti, D’us, em um momento de boa aceitação’? Quando é ‘uma hora de boa aceitação’? Quando a congregação está rezando. *Rabi Yossi Berabi Chaniná* trouxe esta idéia daqui (deste outro versículo): ‘Assim falou o Eterno: na hora de boa aceitação te respondi’. *Rabi Acha Berabi Chaniná* falou a partir daqui: ‘Eis que o Eterno é Grandioso e não desprezará’”.

Ou seja, mesmo um indivíduo que não tem a possibilidade de rezar com a congregação por estar afastado, doente ou por outros motivos, deve rezar na hora em que a congregação está

reunida para a prece. A influência da comunidade é tão grande, que mesmo a hora em que esta reza se transforma em uma hora de boa aceitação para aquele que então o faz.

Os Motivos da Oferenda de Corbanot

A enorme importância de rezar junto com a comunidade está ligada à idéia dos *corbanot* (oferendas).

Nos livros sagrados e nos comentaristas da *Torá* foram trazidos diversos e profundos motivos para as oferendas, assim como explicações de como se serve a D'us por intermédio delas. A discussão fundamental em torno deste assunto ocorre entre o *Rambam* (Maimônides) e o *Ramban* (Nachmânides). Enquanto o primeiro diz que as oferendas vêm para retirar idéias e comportamentos ruins, o segundo sustenta que nelas está contido um Serviço Divino positivo.

Estas duas idéias são explicadas extensivamente no livro *Êle Hadevarim*.

É conhecida a idéia do *Rambam* (Maimônides) no *Morê Nevuchim*, segundo o qual as oferendas vêm em contraposição aos *mitsrim* (egípcios) e aos *kasdim* (caldeus) – entre os quais os membros de Israel sempre moraram – que cultuavam o gado e o rebanho. Os egípcios adoravam o cordeiro e os caldeus aos espíritos que lhes pareciam como o bode. Aos hindus ainda hoje é proibido abater vacas, que eles veneram.

Assim, a *Torá* ordenou que estes fossem sacrificados para D'us, para mostrar que o que pensavam ser o principal objeto de culto é abatido em honra do Eterno. Pois assim se curam as más crenças que se encontram na alma, uma vez que cada mandamento e doença se cura apenas com seu oposto.

A idéia do *Ramban* (Nachmânides, em *Vayicrá* 1:9), porém, é que as oferendas foram ordenadas porque os atos do ser huma-

no são constituídos de pensamento, fala e ação. Deste modo, D’us mandou trazer a oferenda e apoiar as mãos nela – referindo-se às ações; confessar-se oralmente – referindo-se à fala; queimar as entranhas e os rins, que são os órgãos do pensamento e os membros, que dizem respeito aos pés e as mãos – que executam todos os atos – e jogar o sangue sobre o altar, o que simboliza o sangue de sua alma.

Tudo isso para que o indivíduo pensasse, ao fazer isso, que era apropriado que seu próprio sangue fosse derramado e seu corpo fosse queimado, por ter pecado em relação ao Eterno – não fosse a misericórdia do Criador, que efetuou uma troca e tomou uma alma no lugar da outra.

Enquanto para o *Rambam*, a principal meta das oferendas é a contraposição aos atos dos outros povos, para o *Ramban* elas também possuem um conteúdo positivo – o de “aroma agradável (sereno) perante D’us”. Daquilo que se faz com o animal sacrificado, o indivíduo aprende uma lição moral, para que não volte nunca mais a cometer tal transgressão.

A oferenda faz penetrar em seu coração, por meio dos pensamentos, palavras e ações, que o que foi feito com o animal deveria acontecer com ele próprio, não fosse a bondade Divina de lhe perdoar por seu retorno em *teshuvá* e sua confissão. A oferenda conscientiza o indivíduo da gravidade do pecado e da importância de se resguardar quanto a ele.

Entre as Oferendas Particulares e as Oferecidas no Templo

O *Rabi* Meir Simchá de Dvinsk, em seu livro *Mêshech Chochmá*, explica que as duas idéias se complementam. Para ele, a meta da permissão de oferecer *corbanot* em uma *bamá* (um altar particular, permissão que estava em vigência, de um modo geral, até a

construção do Primeiro Templo) era efetivamente afastar o Povo da idolatria, conforme escreve o *Rambam*. Estes não constituíam, porém, um “aroma agradável para D’us” (*Vayicrá* 1:9).

Em compensação, a meta das oferendas no Templo era aproximar os mundos e juntar o Povo de Israel a D’us, por meio da revelação da Presença Divina e do cuidado especial que havia sobre o *Bêt Hamicdash*.

Com isso, é possível explicar os versículos do capítulo 51 do *Tehilim* (Salmos): “Pois não desejará oferenda e presente, oferendas inteiramente consumidas não quererá. As oferendas de D’us são o espírito prostrado, um coração alquebrado e abatido o Eterno não desprezará. Faça o bem, (ó D’us) com Sua vontade, a Tsiyon; construa as muralhas de Jerusalém. Então desejará (o Eterno) oferendas justas, plenamente consumidas; então subirão reses ao Seu altar”.

No início deste trecho está escrito que D’us não deseja oferendas e sim um coração alquebrado e abatido. Na continuação, porém, consta que D’us deseja as oferendas, após a construção das muralhas de Jerusalém.

O primeiro versículo trata do que era oferecido fora do Templo, cuja principal meta era fazer com que o povo não chegasse à idolatria. A D’us, porém, elas não interessavam e não Lhe eram prazerosas. Após a construção das muralhas de Jerusalém e do Templo, no entanto, as oferendas são desejadas por Ele e fazem parte do Serviço Divino mais elevado.

A Prece da Congregação é Como o Serviço do Templo

De acordo com isso, é explicado no livro *Êle Hadevarim* que há uma enorme diferença entre a reza da congregação e a de um indivíduo.

Consta nos Profetas: “e pagarão, as vacas, nossos lábios”. Isto significa que a oração, proferida por nossos lábios, vem substituir as oferendas. Principalmente hoje, enquanto o Templo está destruído, ela constitui o modo de se aproximar do Eterno, o que era feito anteriormente por intermédio dos *corbanot*.

Mesmo a oração de uma pessoa particular, em sua casa ou em outras circunstâncias, possui um enorme valor e pertence ao Serviço Divino. Apesar disso, parece que apenas a reza de uma congregação na sinagoga pode ser chamada de oferenda e possui a característica especial de ser um “aroma agradável, para D’us”, aproximando do Criador os que a entoam.

A lição aprendida disso é que cada um deve se esforçar muito para participar das orações em público, apesar de dificuldades como a distância da sinagoga, cansaço e outras. Estas preces são muito mais aceitas e atendidas, sendo consideradas como uma oferenda agradável. Deste modo, elas constituem um Serviço Divino elevado e exaltado.

TSAV / 18

A GRANDEZA DA AGILIDADE**“Seja Ousado Como o Leopardo
e Leve Como a Águia...”**

Consta no início desta porção semanal: “*Tsav et Aharon...*” - “Ordene a Aharon...” Explica o *Rashi*, em nome de nossos sábios: “*Tsav* (ordene), nada mais é que uma linguagem de agilidade; (que se cumpra) imediatamente e para todas as gerações”. A agilidade é uma virtude muito necessária para o serviço Divino; sem ela, é muito fácil tropeçar.

É trazido no *Pirkê Avôt*: “Yehudá ben Temá diz: seja ousado como o leopardo e leve como a águia, rápido como a gazela e forte como o leão, para fazer a vontade de seu Pai no Céu”. Todas as partes da *mishná* estão ligadas à virtude da agilidade.

“Ousado como o leopardo” significa ser arrojado e empreendedor. A característica do leopardo é que ele normalmente está sozinho na hora da luta. O leopardo investe ataques e não se intimida frente a animais mais fortes que ele, da mesma forma como não age de acordo com regras fixas ou com o que está à sua volta. Ele é cheio de ânimo, atividade e vontade de conseguir uma presa, de ser mais forte que seus inimigos e de vencer nas lutas.

Aquele que serve a D'us deve aprender do leopardo o modo de enfrentar as dificuldades, a capacidade de se manter ante o desdém e os gozadores e a vontade de empreender, agir e ter sucesso apesar das circunstâncias adversas.

Ao se observar a história dos grandes sábios de nosso Povo, ao longo das gerações, encontra-se que vários deles não trilharam o caminho convencional da sociedade e não se submeteram aos ditames de seu ambiente. Eles empenhavam-se em ser os primeiros a agir em prol de metas sagradas, ligadas ao estudo da *Torá*, ao cumprimento das *mitsvot*, ao bem da coletividade e assim por diante.

“Leve como a águia”. Mesmo depois que a pessoa assume que vai agir, que vai servir a D'us fielmente e ser bem-sucedido na trilha de santidade, ainda há o perigo de que as dificuldades do caminho o façam fraquejar, sem que possua as forças necessárias para vencer os obstáculos que se interpõem em seu caminho. A águia se destaca pela leveza de seus movimentos. Ela sobe às alturas, desce às profundezas e avança sobre sua presa com força e leveza, ao mesmo tempo.

Cada um deve aprender disso que é possível fazer uma série de atos com muita facilidade, sem que as dificuldades o debilitem e sem que o mal instinto interior ou agentes exteriores façam com que fracasse. Ele deve se acostumar a esta característica de leveza da realização e, então, suas ações serão concluídas com facilidade e com sucesso.

“Rápido como a gazela” – em *lashon hacodesh*, “*Rats catsevi*”. Costuma-se explicar *rats* (rápido) como vindo do radical *ratson*, vontade. No livro *Alê Shur* (vol. II, pág. 259) consta que o indivíduo corre (*rats*) atrás daquilo que ele quer (*rotsê*). Além da realização prática das boas metas, ele deve realizá-las com boa vontade e desejo, não como alguém obrigado a agir contra a sua vontade. A vontade demonstra um coração quente e

um vínculo espiritual com o Criador.

“Forte como o leão” refere-se ao final do ato. Muitos começam a fazer uma *mitsvá*, a estudar um tratado, a erguer uma instituição de caridade, mas poucos terminam suas missões. As dificuldades fazem com que a pessoa muitas vezes pare no meio da atividade e desista. Para conseguir terminar, é preciso uma determinação muito grande, como a força do leão, que nada teme.

“A *mitsvá* é relacionada àquele que a concluiu”, pois o término é muito difícil e aquele que leva a cabo, obteve o êxito. É muito importante não desistir perto do fim. A partir da força do leão podemos aprender a não abdicar quando fazemos a vontade de D’us. A agilidade no início é difícil, mas é mais difícil ainda o final. Bem-aventurado é aquele que tem sucesso em sua missão, até o fim.

Cuidado com a Precipitação e a Leviandade

Juntamente com a agilidade e sua importância, é preciso tomar cuidado com a precipitação. Parece que a diferença entre agilidade e precipitação depende do pensamento. A agilidade se refere a um ato rápido e diligente, feito após se pensar e, apesar de sua rapidez, é controlado e inspecionado pela lógica. Por outro lado, a precipitação é um ato rápido, sem pensamento e sem controle.

A precipitação pode causar muita destruição. Yaacov Avinu, antes de sua morte, definiu a característica de Reuven (*Bereshit* 49:4): “*Pachaz camáyim – al totar*” - “instável como a água, você não será mais o primeiro”. A partir da explicação de nossos sábios, Reuven, o mais velho dos irmãos, era digno de chegar aos níveis de sacerdócio e reinado. Entretanto, sua precipitação fez com que cometesse determinados atos que o prejudicaram. Ele perdeu estes níveis importantes por ter sido precipitado e estes foram repassados a outros irmãos.

Daqui se vê como, de fato, muitos méritos foram ditos sobre a agilidade, mas tudo é condicionado à crítica, ao pensamento prévio e ao seguimento do caminho da *Torá* e das *mitsvot*. Precipitação sem pensamento e sem controle não constitui o caminho da *Torá*.

“Com a Preguiça se Desfará o Teto”

No livro *Messilat Yescharim*, nos capítulos que versam sobre o valor da agilidade, há uma análise extensa da importância desta virtude e dos resultados abençoados que dela provém. Por outro lado, ele explica também a grande dificuldade de adquiri-la.

De acordo com ele, a natureza do corpo tende ao descanso e à preguiça. Há a necessidade de uma força de vontade muito grande para ser constantemente ágil. Somente aquele que reconhece o valor desta qualidade e as duras conseqüências que podem advir de sua falta, poderá ter sucesso neste caminho.

Está escrito em *Cohêlet* (10:18): “Com a preguiça se desfará o teto”. A preguiça, a falta de atenção e a carência de cuidados adequados faz com que mesmo a mais resistente das casas acabe desmoronando. Isto é especialmente válido em relação à área espiritual. Sem atividade, sem atenção e sem agilidade, mesmo o edifício espiritual mais resistente pode desabar. Deve-se arregaçar as mangas, ficar alerta e ser ágil como a águia no serviço Divino.

Feliz é aquele que age desta maneira. D’us, na mesma medida, irá recompensá-lo, resplandecendo Sua face e ajudando-o a alcançar níveis espirituais muito elevados.

O Exemplo do Vinhedo

O Rei Shelomô, de abençoada memória, dedicou um grande espaço em seu livro *Mishlê* para tratar da agilidade e da preguiça.

Por um lado ele escreve (*Mishlê* 22:29): “Ao ver um homem rápido em seu trabalho, saiba que ele acabará servindo reis, mas nunca servirá gente reles”. De acordo com suas palavras, a virtude da agilidade é tão grande e importante que aquele que é agraciado com ela merece postar-se perante o Rei. Por outro lado, o Rei Shelomô escreve sobre as grandes falhas da preguiça (*Mishlê* 24:30-33): “Passei pelo campo de um homem preguiçoso e pelo vinhedo de um homem sem coração. E eis que ele encheu-se de espinhos e sua cerca de pedras foi destruída. Ao ver tudo isso, prestei atenção para entender e aprendi a lição: pouco sono, poucos cochilos, pouco cruzamento de braços para deitar”.

O significado destas palavras é que a preguiça leva ao desleixo. Mesmo objetivos que já foram alcançados após vários anos de esforço e trabalho podem ser totalmente destruídos pela preguiça. Mesmo uma cerca de pedras pode desmoronar com os anos se há preguiça em cuidar dela e mantê-la. Se isso acontece em um vinhedo, a árvore – ou mesmo o próprio campo – são totalmente destruídos e, em vez de frutas e grãos que trazem vida, acaba crescendo espinhos e urzes.

O exemplo do vinhedo nos mostra que fatos similares acontecem também na área espiritual. Às vezes, objetivos espirituais alcançados depois de anos de esforço desaparecem por causa da preguiça e do desleixo.

As posses espirituais não são garantidas e não são fixas na alma do indivíduo. Há uma necessidade constante de cuidar da espiritualidade, fazê-la crescer e protegê-la do que a pode prejudicar. Sem este tratamento, nosso mundo espiritual pode se assemelhar ao vinhedo daquele homem preguiçoso, D’us não o permita.

Além disso, diversos preceitos da *Torá* dependem do tempo. A cada dia, somos obrigados a cuidar do tempo da leitura do *Shemá* e dos horários das orações matutina, vespertina e noturna. Várias *mitsvot* das festas dependem do tempo: a proibição de

comer *chamêts*, a obrigação de comer *matsá* e outras.

A obrigação de cuidar do tempo é paralela à virtude da agilidade. Há aqueles para os quais um costume errado transforma-se em natureza e, geralmente, nunca chegam na hora. Este atraso fixo torna-se muito significativo quando se trata do cumprimento de uma *mitsvá* cujo tempo é fixo e limitado. Muitas vezes, estas pessoas podem perder toda a *mitsvá*, entortando algo que nunca poderá ser consertado.

As Justificativas do Preguiçoso

A partir de mais alguns versículos escritos pelo Rei Shelomô (*Mishlê* 26:13), aprendemos até onde chega a força da agilidade: “O preguiçoso diz: há um leão no caminho, um leão entre as ruas. A porta gira sobre seus ferrolhos e o preguiçoso, em sua cama”. Um dos truques que o preguiçoso usa para não ter que se esforçar e fazer o que deve é inventar uma série de justificativas que, a seu ver, o isentam de qualquer esforço.

De acordo com estes versículos, estas desculpas não são lógicas e não são reais, mas conseguem fazer com que a pessoa se abstenha de agir. O preguiçoso imagina que há “leões perambulando pela cidade” e, por isso, é perigoso sair. Sua imaginação pode chegar até a isso, contanto que ele não tenha que se esforçar.

Pode-se observar que as desculpas são muito freqüentes. Quanto mais preguiçoso for o indivíduo em seus movimentos, mais diligente será em suas justificativas. Para cada ocasião ele inventa uma série de desculpas para justificar sua preguiça e sua falta de ação. Às vezes, as desculpas estão muito afastadas da lógica e, às vezes, elas dependem de coisas nada prováveis - mas o preguiçoso as utiliza, para poder continuar seu descanso.

No livro *Messilat Yesharim*, é explicado que há lugar para se tomar cuidado e recear coisas perigosas. Porém, quanto a coisas

muito remotas ou até muito improváveis, certamente não se deve temê-las e não se deve usá-las para atrapalhar o serviço Divino.

A Lição do Preceito da Matsá

Pode-se aprender também uma lição importante sobre este assunto com a *mitsvá* da festa de *Pêssach*. Vê-se como a agilidade ajudou a saída do Egito e o surgimento do Povo de D'us, sobre o qual está escrito: “Este Povo, que Eu criei para Mim, contarão Meus louvores”.

A *matsá*, que é o fundamento do Êxodo do Egito, simboliza a virtude da agilidade, pois foi-nos ordenado comê-la, porque as massas que os Filhos de Israel prepararam não tiveram tempo de fermentar quando eles saíram do Egito.

Ao analisar este assunto, percebe-se como a agilidade sela destinos. Os Filhos de Israel estavam, no Egito, dentro de 49 portões de impureza. Se demorassem um pouco mais, havia uma grande probabilidade de que descessem até o 50º portão de impureza e, então, não haveria a quem redimir. A *matsá* simboliza a agilidade e o derradeiro momento no qual o Povo de Israel foi redimido do Egito, com a bondade Divina e Sua mão redentora.

A cada ano, quando cumprimos a *mitsvá* de comer *matsá*, devemos lembrar as grandes lições decorrentes deste preceito. Entre elas que, às vezes, o atraso de um segundo pode ser muito significativo na vida de uma pessoa. Assim como a redenção do Egito ocorreu no último momento, cada pessoa que se adianta um segundo para uma *mitsvá*, poderá lucrar muito, do ponto de vista espiritual.

PÊSSACH I / I חספ

NÃO SE COME SOBREMESA APÓS A OFERENDA DE PÊSSACH

A Santidade do Nazir

Consta em *Bamidbar* (6:2): “Quando um homem ou uma mulher “*yafli*” (expressar) fazendo um voto de *nazir* (sem que possa beber vinho, cortar cabelo ou se impurificar com um morto por um tempo determinado) para D’us...” Diz o Ibn Ezrá: ““*yafli*” – יפליא – fará uma coisa extraordinária (*pêle* – פלה), pois a maioria das pessoas segue seus desejos”.

O Seforno explica o versículo de forma semelhante: “Separar-se-á das coisas vãs e dos prazeres comuns. ‘*Nazir* para D’us’ – se afastará de tudo isso para que pertença inteiramente a D’us, se ocupe com Sua *Torá*, percorra Seus caminhos e adira a Ele”. O Seforno mais adiante, no versículo 5 ensina: ““Sagrado é ele, para D’us’ – terá o mérito de iluminar com a luz da vida e estar pronto para entender e ensinar, conforme é apropriado aos *kedoshim* (sagrados) da geração”.

Isto é explicado na *Hagadá* de *Pêssach* com o comentário *Avi Haezri*. À primeira vista, o que há de tão especial no que deixa de fazer um *nazir*, a ponto de ser considerado como alguém que abandonou seus desejos e os prazeres mundanos? Não é incomum que uma pessoa não corte o cabelo por trinta dias; muitos são os que não se impurificam com mortos e não são raros aqueles que tomam vinho apenas no *Kidush* e na *Havdalá*, quando isso é obrigatório! Onde está a grandeza do *nazir*, que pelo fato de se isolar de tudo isso é chamado de sagrado?

É necessário explicar que o valor do que faz o *nazir* não provém dos próprios atos e sim da decisão de seguir este caminho. É freqüente que um indivíduo não perceba quando está sendo absorvido pelo fluxo da vida, deixando de lado a espiritualidade e afundando cada vez mais no materialismo. Muitos são os que não param para pensar para onde se dirigem, transformando suas vidas em vidas materiais e desprovidas de espiritualidade.

Portanto, alguém que pára o andamento de sua vida com o intuito de refletir, transforma-se automaticamente em alguém mais elevado. A decisão de alterar para melhor o modo de viver, leva a uma mudança essencial, de uma vida sem controle a uma fiscalizada, que é instantaneamente mais sagrada. Esta mudança o transforma em alguém sagrado, conforme o *passuk* o denomina.

O Cuidado com a Descida de Nível

Após passar o prazo que recebeu sobre si, o *nazir* deve trazer uma oferenda de expiação. Sobre que pecado? Explica o *Ramban*: “...Pois agora ele é um *nazir* por sua santidade e seu Serviço Divino, sendo que seria apropriado que continuasse um *nazir* para sempre, estando ele, durante todos os seus dias, separado e sagrado para seu D’us. Assim, ele precisa ser expiado, por voltar a se impurificar com os desejos mundanos”.

Uma vez que a santidade do *nazir* provém de sua decisão de se elevar acima do fluxo da vida, é exigido dele que traga uma oferta de expiação pela própria decadência deste nível, ainda antes de impurificar-se novamente, cortar o cabelo ou tomar vinho.

Isto diz respeito a todos os campos da vida. Quando alguém possui uma boa conduta – como um tempo fixo para o estudo da *Torá*, *tefilá* com *minyan* e outros – e pára, o próprio fato de ter parado constitui um declínio geral e extremamente significativo.

Além de anular o estudo ou a reza, esta pessoa peca por estar novamente correndo em sua vida, sem o cuidado que tinha antes e por estar fazendo sua alma descer do nível que tinha atingido com esses bons atos.

A Grandeza dos Pequenos Atos

Na *Hagadá* de *Pêssach* consta que o filho sábio pergunta: “quais são os estatutos, mandamentos e leis que ordenou o Eterno, nosso D’us, a vocês?” O sentido desta pergunta é que este filho está interessado em conhecer os motivos e os conceitos compreendidos nos preceitos, para poder cumpri-los com maior intenção e entusiasmo.

A resposta a esta pergunta é: “você também dirá a ele: ‘não se come sobremesa após a oferta de *Pêssach*’” – para que o sabor da oferta de *Pêssach* e da *matsá* permaneça na boca.

A intenção desta resposta é dizer que não se deve eliminar ou abrir mão de conquistas atingidas no passado, sendo muito importante cuidar delas, pois a própria falta de cuidado em relação a elas é considerada uma queda espiritual.

O gosto da *matsá* na boca simboliza o cuidado com os bons atos, para que não se percam na correria da vida. Isto é relevante também para a continuação da ascensão espiritual.

A importância dos pequenos atos é também explicada no

Michtav Meeliyahu (parte 3, página 107) e no *Midrash Rabá* (*Shemot* 2:3), onde consta que D'us testou Moshê com rebanho, pois o Eterno não dá grandeza a alguém até testá-lo com algo pequeno.

São os pequenos atos que influem no caminho constante do indivíduo. Aquele que persiste em cuidar deles terá o mérito de elevar-se espiritualmente com estes atos, e eles cuidarão da pessoa para que não decaia. Justamente os pequenos atos é que imprimem sua marca sobre toda a vida e criam a atmosfera apropriada para que o indivíduo sirva a seu Criador com verdade e *emuná*.

PÊSSACH II / II חַסְכַּח

OS TRÊS ESTÁGIOS DA VIDA

Pêssach, Shavuot e Sucot Simbolizam as Fases da Vida

No livro *Olelot Efrayim* (parte 2, ensaios 43-45) consta que as três festas, nas quais se devia ir a Jerusalém, indicam os três estágios da vida do ser humano.

A festa de *Pêssach* representa a juventude. Ela cai na primavera, que indica o começo do verão. Nesta época, tanto o ser humano quanto os animais preparam seu alimento para o inverno, quando é mais difícil consegui-lo.

Nesta fase, o indivíduo pensa bastante sobre seu corpo e, naturalmente, medita menos sobre sua alma, que é o principal da vida e seu objetivo. A oferenda trazida em *Pêssach* é a do “*Ômer*” – (uma medida de) cevada, que é o alimento dos animais. Isto vem indicar que aquele que se inclina a pensar apenas em seu corpo, compara-se a um animal, pois é apenas disto que estes se ocupam.

É imposto a cada um discernir entre o que é principal e o que é secundário, ocupar-se do que é útil à sua alma e do que o leva à vida eterna, não apenas à vida momentânea que está ligada unicamente à matéria.

A festa de *Shavuot* cai no auge do verão, simbolizando a época da maturidade. É então que se trás os *bikurim* (primícias): as primeiras frutas maduras, passíveis de serem consumidas. O mesmo ocorre com a pessoa nesta época, com o pleno desenvolvimento do corpo.

Nesta fase, a pessoa costuma pensar tanto no corpo quanto na alma, o que é simbolizado pela oferenda especial de *Shavuot*, dois pães, que simbolizam estas duas partes.

A festa de *Sucot* vem no fim do verão, simbolizando a parte da vida na qual o corpo começa a declinar e a pessoa a envelhecer. Esta festa é também chamada de “Festa do Recolhimento”, assim como então começa o indivíduo a se aproximar da época de ser recolhido deste mundo.

As oferendas de *Sucot* são constituídas de bois em número decrescente, simbolizando também este mesmo conceito. Por outro lado, aumenta a força da alma e o indivíduo dedica a ela sua atenção e dirige o principal de sua ocupação, ao sentir que se aproxima o dia no qual seu corpo já não terá mais nenhum valor.

Isso vem nos ensinar que o corpo e tudo que a ele se refere não é eterno; somente a alma. É necessário dedicar a ela toda a atenção e cuidar constantemente de assuntos espirituais, que possuem um valor inestimável, mesmo depois de terminada a tarefa do corpo e não restar nada dele.

“Três Vezes ‘e Faça’”

A expressão “e faça” aparece três vezes na *Torá*, simbolizando também os três estágios da vida do ser humano.

1. “E faça para mim iguarias, conforme eu gosto” – dito por Yitschac a Yaacov, antes de abençoá-lo. É sabido que este episódio ocorreu em *Pêssach*, o que se liga ao fato de aludir aos dias da juventude, quando o indivíduo gosta da boa comida e dedica

sua vida a assuntos sem tanta importância. Obviamente, o pedido de Yitschac não era puramente material, servindo apenas de alusão ao nosso assunto.

2. “E faça um *Keruv* (a imagem de um tipo de anjo) na ponta, de um lado e um *keruv* na ponta, de outro lado”. Este versículo simboliza os dias da maturidade, nos quais há uma preocupação tanto com o corpo quanto com a alma, que estão em dois lados opostos. Os *keruvim* foram postos em cima da Arca Sagrada, na qual estavam os Dez Mandamentos, indicando a Festividade de *Shavuot*.

3. “E faça para eles (os sacerdotes) calças de linho”. Isto indica os dias da velhice, quando se procura não utilizar o corpo para o que não é necessário e também oculta seu pudor, o que é simbolizado pelas calças de linho dos sacerdotes. É então que há um esforço por tratar da alma e prepará-la para receber o Jugo Divino, eternamente.

“Dê uma Parte para Sete e Também para Oito”

Consta em *Cohêlet* (11:2): “Dê uma parte para sete e também para oito, pois não saberá o que haverá de mal sobre a Terra”. Explica o *midrash*: “‘Dê uma parte para sete’ – são os dias de *Pêssach*. ‘e também para oito’ – são os oito dias da festividade (de *Sucot*). ‘E também’ – vem incluir também *Atsêret* (*Shavuot*), *Rosh Hashaná* e *Yom Hakipurim*”.

A meta deste versículo é estimular o indivíduo a fazer *teshuvá*, pois não se sabe o que poderá acontecer no futuro. Isto vem frisar que em cada uma das três épocas da vida é necessário fazer *teshuvá*, sem adiá-la para mais tarde.

Além disso, em cada estágio atuam diferentes interesses e forças, sendo importante se dirigir à espiritualidade e retornar em *teshuvá* em todos eles, aproveitando as características especiais de cada um.

SEFIRAT HAÔMER

ספירת העומר

OS DIAS DA CONTAGEM DO ÔMER E A ÉTICA

O Aperfeiçoamento das Virtudes no Mês de Iyar

Os dias da contagem do Ômer (*Sefirat Haômer*) são especiais e próprios para o aperfeiçoamento dos traços de caráter, das características particulares do modo de ser do indivíduo, de sua índole e de seu temperamento, conforme consta nos livros sagrados. Assim, é certo se ocupar em subjugar o mal espiritual que há na alma, nestes dias, com a certeza de que o trabalho renderá frutos.

Traz o *Gaon Rav* Moshê Shächter *shelita*, em seu livro *Venichtav Bessêfer*, em nome do *Chidá* (em seu livro “*Chadrê Baten*”, *Parashat Shemini*):

“No começo do verão começa-se fazer tratamentos terapêuticos. Assim (também) deve (o indivíduo) fazer com as doenças da alma, para expulsar e expelir todo o bolor dos vícios que contaminam, fazer sangria de algumas idéias ruins e expandir o coração com o amor a D’us e a lógica de Sua *Torá*. Sobre isso,

escreveram os comentaristas que o motivo de ler *Pirkê Avot* nesta época é para despertar à ética e ao complemento de sua alma, assim como se procura, neste período, a cura do corpo”.

No *Pirkê Avot* há diversas expressões de ética, temor aos Céus, retificação dos traços de caráter e boa conduta, trazidos pelos maiores *tanaím* (sábios da *Mishná*). Aquele que o estuda, com a intenção de extrair métodos práticos de aperfeiçoamento, é capaz de se elevar muito.

“Bendito Aquele que os escolheu e ao que eles ensinam”. Quando as palavras saem da boca dos *tanaím*, eles certamente as cumpriram antes, da melhor forma possível, influenciando aqueles que as estudam e que se esforçam por seguir seu caminho. Este é o propósito do decreto de estudar *Pirkê Avot* nos meses de verão.

Uma Falha no Caráter Compromete Todo o Indivíduo

No mesmo livro consta que, sem boas qualidades de caráter, o indivíduo sequer pode ser considerado um ser humano. Isto porque todas as expressões, pensamentos, idéias, atos e preceitos cumpridos são frutos da própria pessoa, sendo que sua essência é constituída por seus bons atributos. Logo, entende-se que alguém cujo caráter é corrompido encontra-se deteriorado em seu âmago, como se sua própria essência interior estivesse falha.

Costuma-se dizer que alguém mal educado e de mau caráter “não é gente”. Esta idéia popular converge para este mesmo ponto: é como se toda a humanidade tivesse sido retirada de alguém sem boas virtudes. Às vezes, mesmo um animal é melhor que ele, uma vez que cumpre sua meta no mundo, enquanto este traiu seu propósito e não justifica ter sido criado.

Na continuação, são trazidos indícios disso nas palavras do

Toledot Yaacov Yossêf: “‘*Meod meod hevê shafel ruach*’ – ‘Seja muito muito humilde’. Ele quis dizer: muito (*meod* – *mem*, *alef*, *dalet* – são as mesmas letras de *adam* – *álef*, *dálet*, *mem*) – ou seja, quando quiser a denominação de ‘gente’ (*adam*), deve fazê-lo por intermédio de ‘*meod*’ (os dois possuem as mesmas letras em *lashon hacodesh*, porém em outra ordem), que é a faceta de ‘*má*’ (o que), que também possui o valor numérico de ‘*meod*’”.

Sobre o versículo “*Higuid lechá adam má tov*” (*Michá* 6, 8), que traduzindo conforme o *Rashi* é “Disse o Criador para você, homem, **o que** é bom você fazer” – diz o *Toledot Yaacov Yossêf* o seguinte: “Quis dizer que para ele possuir a denominação de ‘*adam*’, ele deve ser isso mesmo – ou seja, ser humilde – conforme disse Moshê *Rabênu*: ‘E nós, **o que** somos (*vanachnu má*)?’”. É conhecido que a humildade é a raiz de todas as virtudes”.

Isso condiz com o que foi trazido anteriormente. Encabeçados pela humildade, os bons atributos são aqueles que concedem ao indivíduo a denominação de “gente”. Logo, aquele que cai na rede da arrogância e torna-se, com isso, corrompido em diversas traços de caráter, não merece ser chamado de “gente”.

Boas Características e o Cumprimento das Mitsvot

Consta no livro *Shaarê Kedushá* (*sháar* 2), do Rabino Chayim Vital *zt”l*, que se deve tomar mais cuidado com más qualidades do que com o não cumprimento dos preceitos Divinos. Isso porque, possuindo bons atributos, o indivíduo facilmente chega ao cumprimento das *mitsvot*. Portanto, a subjugação do mau instinto está acima de tudo.

Ao se observar o que ocorre com as pessoas, percebe-se que alguém com boas virtudes cumprirá mais facilmente as *mitsvot*. Ele é mais ágil quanto ao Serviço Divino, não é influenciado pelo que os outros pensam sobre ele e o que lhe move é o desejo de

correr atrás delas.

Além disso, as *mitsvot* são uma obrigação Divina. Assim, os que são humildes e que possuem um bom caráter submetem-se muito mais facilmente a esse jugo do que aqueles que são orgulhosos, prepotentes e grosseiros. Efetivamente, D'us sequer deseja “habitar em sua morada”, pois sua própria existência contradiz o temor aos Céus e o recebimento das *mitsvot*.

Por um lado, os bons traços de caráter auxiliam no cumprimento dos mandamentos Divinos. Por outro, sabemos que o Criador nos ordenou diversas *mitsvot* e leis minuciosas de forma que elas aperfeiçoem as características de nossa alma e nos auxiliem a refinar nossos traços de caráter.

A *Guemará*, em *Massêchet Bavá Metsiá* (32), trata de duas *mitsvot* aprendidas do mesmo versículo (*Shemot* 23): ajudar a carregar e a descarregar um burro. Consta lá, que se as duas situações ocorrerem ao mesmo tempo, devemos antes ajudar a descarregar, pois com isso evitamos também sofrimento desnecessário ao animal, além de ajudar o dono. Em contrapartida, ajudar a carregar, apenas estaremos auxiliando o dono do animal.

Porém, quando acontece de alguém que a pessoa gosta precisar descarregar e alguém que ela odeia precisar carregar, ela deverá, primeiramente, socorrer o segundo. Isso precisa ser feito, para subjugar o mau instinto, que incita a se vingar e a se alegrar com os problemas do outro, apesar da preferência que normalmente possui o descarregamento.

Existe um motivo geral para preferir aquele que se odeia, em casos como este. D'us quis que as características da alma fossem suavizadas e as tendências do coração melhoradas, por influência de seus preceitos. Dizem nossos sábios: “quis o Eterno ‘*lezacot*’ Israel, portanto acrescentou a eles *Torá* e *mitsvot*”. Explica-se que “*lezacot*” vem de “*lezakech*”, que significa refinar as *midot* (características da personalidade) e purificar o coração.

Uma vez que é este o objetivo das *mitsvot*, quando surge a circunstância de se praticar uma *mitsvá* especial como ajudar um inimigo, na qual é preciso se superar, é evidente que devemos antecipar esta *mitsvá* a qualquer outra. Portanto, é claro que em casos especiais, nos quais há a possibilidade de se alcançar um maior refinamento, deve-se fazê-lo. O exemplo disto é a preferência que existe em carregar o burro do inimigo.

É Possível Aperfeiçoar Muito as Características

Encontra-se, em muitos ditos de nossos sábios, a idéia de ser possível aperfeiçoar-se e transformar más características em boas, às vezes de modo radical. Toda má característica se compara a uma casca, que envolve e esconde o bem que há abaixo dela. Quando se retira esta casca, aparece a alma judaica em todo seu esplendor com suas virtudes, seu caráter suave e sua agradabilidade. Seguem alguns exemplos disso:

Em *Massêchet Yomá* (9b) consta que Rêsh Lakish era considerado tão confiável, que aquele que tivesse o mérito de apenas conversar com ele na rua era considerado, ele mesmo, como alguém tão confiável, a ponto de fecharem negócios com ele sem a presença de testemunhas. De tão confiável, correto, detalhista e exigente quanto às *mitsvot* entre o homem e seu semelhante, Rêsh Lakish só conversava publicamente com pessoas íntegras.

Antes de se aproximar de *Rabi Yochanan*, contudo, ele era o chefe dos ladrões. Vê-se como é possível abandonar completamente o passado, alterar a conduta e se transformar na integridade em pessoa e um símbolo de retidão. Ao retirar de si a tendência ao roubo e se esvaziar do mal, surgiu nele a extraordinária característica de lealdade que o tornou célebre.

Esta é a força da *Torá* e da *teshuvá* – capazes de transformar o maior dos bandidos em um gigante de *Torá*, conhecido por seu

cumprimento dos preceitos “entre o homem e seu semelhante”.

O próprio Rêsh Lakish diz, em *Massêchet San’hedrin* (58b) que aquele que levanta a mão contra seu semelhante, mesmo que não o golpeie, é considerado um perverso. Isto é aprendido do versículo “Disse ao malvado: ‘Por que bateria em seu companheiro?’” Não está escrito “por que bateu” e sim “por que bate-ria”. Deduz-se daqui que pela própria vontade de bater já se é considerado “malvado”.

Isso também demonstra a mudança na personalidade de Rêsh Lakish. Quando passou a estudar *Torá*, suas qualidades se elevaram de maneira irreconhecível.

Com relação a *Rabi Akiva*, sabemos que quando este era uma pessoa simples (sem conhecimentos de *Torá*), odiava tanto os estudiosos da *Torá* que dizia: “quem me dera chegasse um estudioso, para eu mordê-lo como morde um burro” (*Pessachim* 49b). Quando começou a estudar *Torá*, porém, ele passou a ter um intenso amor sem fronteiras por ela, tornando-se o maior sábio da geração.

Percebe-se a grande potência que se encontra no coração de cada membro do Povo de Israel. Que turbilhão de amor se revela quando este dirige sua vida para o bem!

Desta *guemará* parece que o mal que havia em *Rabi Akiva* se mostrava em seu grande ódio pelos estudiosos da *Torá*. Este ódio foi transformado por ele em um grande amor, que fez com que os seguisse e os servisse por muitos anos. Conforme diz a *guemará* em *Massêchet Chaguigá* (12a), *Rabi Akiva* serviu *Nachum Ish Gam Zu* e estudou com ele por vinte e dois anos, o que só é possível a alguém com um amor extremo pela *Torá*.

Encontramos que *Rabi Akiva* foi aquele que interpretou o versículo “Ao Eterno, seu D’us, você deve temer” que “ao” vem incluir, nesse preceito, o temor aos estudiosos da *Torá*. A imagem deles era tão elevada perante seus olhos, a ponto que os compara-

va – como se fosse possível – ao temor a D’us! Apenas alguém cuja existência está plena de amor à *Torá*, de amor àqueles que a estudam e a seus luminares é capaz de entender tão profundamente o valor destes últimos e temê-los.

Estes dias da Contagem do *Ômer* são propícios para que cada um revele o bem que há em si, retire a “casca” exterior – que por vezes é bem grossa e espinhosa – e demonstre o conteúdo da alma judaica, com suas características sublimes.

Os exemplos acima trazidos mostram como não existe um estado no qual se deve desistir ou esmorecer. É sempre possível galgar do fundo do poço às alturas mais elevadas.

Por meio de introspecção profunda, cada um é capaz de descobrir a essência de sua alma e as forças que lhe foram impressas por seu Criador, chegando a um estado no qual suas boas características tornam-se a parte revelada de sua existência. Assim, todos poderão apontá-lo e dizer: “vejam quão agradáveis são seus atos”.

Estes dias são propícios para tratar de cura. A cura da alma vem com os “remédios” apropriados: estudo de *mussar*, aumento de temor aos Céus, bons atos – que influenciam o interior da alma – e prece para que D’us ajude o indivíduo a se tornar parecido com Ele, conforme dizem nossos sábios: “assim como Ele é bondoso, você também será bondoso. Assim como Ele é piedoso, você também será piedoso”.

Assim, cada um poderá extrair o máximo de proveito destes dias e preparar seu coração para a festividade de *Shavuot*, para receber a *Torá* com todo o coração, com vontade e com as características da alma purificadas.

SHEMINI / שמיני

SANTOS SERÃO VOCÊS, POIS SANTO SOU EU

“Santos Sejam”

O versículo “Vocês serão santos, pois Santo Sou Eu” aparece três vezes na *Torá*. Este ensaio trata do assunto de cada um deles, seu ponto comum e a lição aprendida deste.

O primeiro lugar onde ele aparece é no fim de *Parashat Shemini*, na conclusão da parte que trata dos alimentos proibidos: “pois Eu sou D’us, que eleva vocês da Terra do Egito, para ser – de vocês – D’us. Vocês serão santos, pois Santo Sou Eu” (*Vayicrá* 11:45).

O segundo é no começo de “*Parashat Kedoshim*”: “Falou D’us a Moshê, dizendo: Dirija-se a toda a congregação dos Filhos de Israel e diga a eles: Vocês serão santos, pois Santo sou Eu, o Eterno, seu D’us”. Explica o *Rashi*: “Santos vocês serão – afastem-se dos relacionamentos proibidos e do pecado; pois em todo lugar que você encontra cercas quanto à *ervá* (promiscuidade), você encontra santidade”.

O terceiro é também em “*Parashat Kedoshim*”, sobre a proibição de entregar os filhos ao “*môlech*”, que é um tipo de idola-

tria: “santifiquem-se e sejam santos, pois Santo Sou Eu, o Eterno, seu D’us”. Explica o *Rashi*, em nome de “*Torat Cohanim*”: “santifiquem-se – é o afastamento da idolatria”.

É necessário explicar o que há de especial nestes trechos que o conceito de santidade é lembrado e também por que a *Torá* liga a santidade do homem à de D’us – uma vez que é impossível chegar a um nível tão elevado, a ponto de se assemelhar a Ele.

Os Alimentos Proibidos Influenciam a Alma

Este assunto é explicado no livro *Netivot Shalom*, de acordo com as palavras do *Ramban* em “*Parashat Mishpatim*”, sobre o versículo “pessoas de santidade vocês serão, para Mim – e uma carne no campo, de um animal que foi atacado, não comerão” (*Shemot* 22:30). Diz o *Ramban*: “ou seja, Eu desejo que vocês sejam pessoas sagradas para serem dignos de se juntar a mim, pois Eu sou Santo. Por isso, não corrompam suas almas, comendo coisas repugnantes”.

Um pouco antes disso escreve o *Ramban*: “pois é apropriado que o indivíduo coma tudo aquilo que o sustenta. As proibições quanto aos alimentos só vêm para trazer pureza à alma, para que coma coisas ‘puras’, que não façam surgir grosseria e falta de delicadeza na alma. Portanto, foi dito: ‘pessoas santas vocês serão, para Mim’”.

Nos Livros Sagrados consta, que o propósito de toda a *Torá* e de seus seiscentos e treze mandamentos é ligar cada membro do Povo de Israel a D’us. Por isso, a *Torá* disse para se santificar e se afastar de tudo o que o desvie desta meta, como os alimentos proibidos, que levam a uma materialização e rebaixamento do indivíduo, que se afasta da espiritualidade e da proximidade ao Eterno.

Este também é o significado do que está escrito: “santos vocês serão, pois Santo Sou Eu”. Unir-se a D’us é a meta e o princi-

pal objetivo da vida. Assim, D'us não pode suportar o que rebaixa a alma e a afasta Dele.

Para que sejamos pessoas santas, ou seja, pessoas refinadas e espirituais, devemos ingerir somente alimentos refinados e “puros” (casher) e nos afastarmos de alimentos grosseiros, que conforme mencionado, acarretam uma destruição espiritual e nos distanciam da espiritualidade. É sabido que as proibições referentes aos alimentos são especialmente graves. Estes penetram no corpo e passam a fazer parte dele, influenciando a alma consideravelmente. Ao não se importar com as leis de *cashrut*, o indivíduo torna-se frio e distante do temor aos Céus e do cumprimento das *mitsvot*.

O Afastamento de Atos Que D'us Repudia

Esta idéia está também contida na obrigação de se afastar de relacionamentos proibidos.

Quando Bil'am, o perverso, aconselhou Balac a fazer com que o Povo de Israel pecasse com as filhas de Moav, ele disse: “O D'us deles odeia a promiscuidade”. Logo, entende-se que aquele que fraqueja no que se refere a estes assuntos, torna-se extremamente afastado e odiado por D'us.

Para se aproximar do Eterno, é necessário se afastar destes pecados. Quanto mais o indivíduo o fizer, mais se elevará. Assim também escreve o *Ramban*, em *Parashat Kedoshim*: “O motivo que o versículo diz ‘pois Santo Sou Eu, o Eterno, seu D'us’ é transmitir que nós estaremos em condições de nos vincularmos a Ele quando somos santos”.

Ou seja, devemos fazer o que D'us gosta e evitar o que Ele odeia e então teremos o mérito de nos unirmos a Ele e mereceremos Seu amor. Dessa forma chegaremos ao nível de devoção que é o objetivo máximo do cumprimento das *mitsvot*.

Da mesma forma, é possível entender a advertência quanto à

idolatria: esta é uma das coisas que D’us especialmente odeia e não tolera. O significado de dizer sobre isso “pois Eu sou o Eterno, seu D’us” é que a idolatria é completamente oposta ao fundamento da Divindade. Assim, para se unir a Ele, devemos nos purificar plenamente da idolatria, de tudo o que está próximo e de tudo o que se refere a ela. Somente assim é possível ser chamado de “santo”.

Os Dias de Preparação para o Recebimento da Torá

Na maioria dos anos, *Parashat Shemini* é lida durante os dias da “Contagem do Ômer”, que servem de preparativo para o recebimento da *Torá*, na Festividade de *Shavuot*. Assim como os Filhos de Israel, então, no deserto do Sinai, ocuparam-se em sair da impureza do Egito e prepararam-se, santificando-se para receber a *Torá* – de geração em geração e de ano em ano, devemos dedicar estes dias para nos elevarmos, afastar-se do que leva à impureza e aumentar a santidade.

Desse modo, cada um de nós poderá chegar a seu recebimento particular da *Torá*, significando que estaremos aptos a nos ocupar com o estudo da *Torá* em santidade e pureza, e ela se interiorizará em nosso coração e se transformará em nossa própria essência.

É apropriado que, então, nesta época leiamos a parte que fala dos alimentos proibidos. Estes penetram no corpo, transformam-no completamente, esfriam a *emuná* que há no coração, turvam o cérebro e nos afastam da santidade. Em compensação, consumir apenas alimentos *casher* santifica a pessoa e a aproxima de D’us.

Estes dias são propícios para se fortalecer no que se refere às leis de *cashrut*, que são sempre importantes. A grande luz da Outorga da *Torá* retorna todos os anos e aquele que está mais preparado terá o mérito de recebê-la melhor que os outros, con-

forme ocorreu naquela época.

O *Rambam* (Maimônides) inclui tanto as leis de alimentos quanto as de relacionamentos proibidos na seção “*Kedushá*” (Santidade) de sua obra, o *Mishnê Torá*. O cumprimento das duas leva a uma grande santidade e bendito é aquele que consegue fazê-lo, aproximar-se de D’us e se ligar à Sua sagrada *Torá*.

TAZRIA - METSORÁ / תזריע - מצורע

A SANTIDADE DO BERIT MILÁ

O Berit Milá Concede à Pessoa Forças Sobre-Humanas

Consta na *Mishná* em *Massêchet Nedarim* (31b): “Rabi dizia: grande é a circuncisão (o *berit milá*), pois com todos os preceitos que lhe foram ordenados, Avraham não foi chamado de ‘pleno’ até se circuncidar, conforme está escrito: ‘ande perante mim e seja íntegro’”.

Na continuação (*ibid.*, 32b) é trazido: “Falou Rami *bar* Aba: está escrito ‘Avram’ e está escrito ‘Avraham’. Primeiramente, D’us o fez soberano de duzentos e quarenta e três órgãos (valor numérico de ‘Avram’) e, no final, o fez reinar sobre duzentos e quarenta e oito órgãos, que são (os acrescentados): os dois olhos, os dois ouvidos e sua parte íntima”.

Explica o *Ran* que, no início, D’us o fez reinar sobre os órgãos que estão sob o controle da pessoa, que pode evitar pecar com eles. Os olhos e os ouvidos, porém, não estão sob seu controle, pois ele vê e escuta mesmo contra sua vontade. No final, quando se circun-

cidou, D’us o fez soberano também deles, para que não ouvisse e nem visse nada que não estivesse ligado a *mitsvot*.

Disto se aprende quão profunda é a influência do *Berit Milá* sobre o indivíduo. Quando Avraham o fez, já tinha noventa e nove anos de idade. Durante todo esse tempo ele se esforçou por praticar bons atos e transformar-se no pilar do mundo, irradiando *emuná* e bem para todos os povos. Este serviço tornou-lhe capaz de controlar seus órgãos, até o último nível humanamente possível.

Apesar disso, ainda havia uma fronteira que Avraham não era capaz de transpor: o domínio absoluto sobre esses últimos cinco órgãos. Isso porque é impossível não ouvir ou ver tudo o que acontece à volta da pessoa, para o bem ou para o mal, pelas leis da natureza.

Pelo mérito do *Berit Milá*, no entanto, Avraham recebeu forças sobre-humanas e conseguiu dominá-los completamente. Assim, entende-se que esta *mitsvá* é capaz de transferir o indivíduo do aspecto humano ao aspecto Divino de sua vida.

É possível explicar isso baseado no fato do *Berit Milá* constituir um pacto entre o Eterno e o indivíduo. D’us coloca sobre este último Sua proteção, concede a eles forças que ele não possuía anteriormente e o promove, propiciando uma elevação de nível.

Até agora o indivíduo estava sozinho. A partir desse instante, porém, ele vem com a força de D’us, que lhe protege de todo o mal e lhe guia para não pecar e não cair nos numerosos testes impostos pelo mundo material.

Os Mandamentos Acrescentam um Profundo Discernimento

O *Tossafot*, sobre a *Guemará* trazida anteriormente, comenta: “escutou, viu e dominou seus olhos e ouvidos, pois os preceitos Divinos dão sagacidade aos olhos e ouvidos, conforme está

escrito: ‘e não deu a vocês, D’us, coração para entender, olhos para ver e ouvidos para escutar, até este dia’ (*Devarim* 29)”

De acordo com suas palavras, as *mitsvot* permitem que o indivíduo alcance uma capacidade de discernimento e uma visão muito profundas que penetram no interior de todas as questões.

Quando Avraham fez o *Berit Milá*, D’us assentou em seu coração uma capacidade sobre-humana de enxergar tudo com maior profundidade e clareza, compreendendo coisas que estavam acima de sua capacidade. Logo, ele se tornou capaz de dominar plenamente todos os seus órgãos, pois este tipo de visão leva ao controle sobre os caminhos da vida.

Nas palavras de nossos sábios há indícios de que o *Berit Milá* auxilia no estudo da *Torá* e em sua verdadeira compreensão. Assim consta no *Midrash Tanchumá* (*Parashat Mishpatim* 5):

“Aquilas, o convertido, filho da irmã de Adriano (Imperador de Roma), queria se converter, mas temia Adriano, seu tio. Disse a ele: ‘eu gostaria de fazer negócios...’ Aconselhou-lhe (seu tio): ‘toda mercadoria que você vê desprezada e jogada sobre a terra, trate de comprá-la, pois no final ela aumentará de preço e você lucrá’”.

“Veio para a terra de Israel, estudou *Torá*... Disse (a seu tio): ‘quando eu falei a você que queria negociar e você me disse que toda mercadoria que eu vir desprezada e jogada sobre a terra, que a compre, pois no final ela aumentará de preço, pesquisei todos os povos e não vi uma nação tão desprezada e jogada na terra quanto Israel...’ Respondeu-lhe (Adriano): ‘você deveria estudar *Torá* e não se circuncidar’. Disse-lhe Aquilas: ‘não há como alguém que não faz *Berit Milá* conseguir estudar *Torá*, conforme está escrito: ‘conta Suas palavras a Yaacov’ (*Tehilim* 147:19) – àquele que se circuncida, como Yaacov. ‘Não fez assim a todos os (outros) povos (*ibid.*, 20) – porque eles não são circuncidados’”.

Neste *Midrash* encontram-se duas concepções diferentes sobre o estudo da *Torá*: a errônea, de Adriano, e a judaica, de Aquilas. Adriano pensava que o estudo da *Torá* era como o de qualquer outra matéria laica, que pode ser apreendida de acordo com a dedicação e o esforço empregados. Portanto, não é necessário fazer *Berit Milá* para obter resultados.

Aquilas, porém, sustentava que é impossível estudar a *Torá* sem o *Berit Milá* e a conversão. A *Torá* é Divina, constituindo a Sabedoria superior do Criador. Apenas alguém que estiver ligado a Ele permanentemente, fazendo parte do Povo de Israel, é capaz de estudá-la. Ela não é como todas as ciências, que são constituídas apenas de conhecimento. Aquilas teve de se converter para estudá-la com santidade e pureza.

O Prepúcio É Um Defeito no Ser Humano

No livro *Netivot Shalom (Parashat Lech Lechá)* é explicado, com base no *Midrash*, que alguém não circuncidado é considerado deficiente perante D'us. Segundo ele, assim como existe uma diferença entre a alma de um membro do Povo de Israel e dos outros povos, existe uma diferença entre seus corpos. Esta diferença é o *Berit Milá*.

Enquanto a circuncisão não for feita, o judeu é considerado espiritualmente deficiente e está impossibilitado de receber santidade. O *Berit Milá* torna seu corpo apto a ser incluído no Povo de Israel e receber sua santidade dentro dele.

Com base nisso, é possível entender por que o Todo-Poderoso ordenou que o *Berit Milá* fosse feito no oitavo dia de vida, sem que se esperasse até os treze anos, quando então se cumpre *mitsvot*. Para que a criança possa se ligar ao Povo de Israel, é necessário que se retire o que impede isso, o que é feito logo após o nascimento.

Milá e Periá - Dois Aspectos do Mesmo Preceito

No livro *Bet Halevi* (*Parashat Lêch Lechá*) é trazida uma dúvida interessante dos *Rishonim*: será que o *Berit Milá* vem retirar uma falta e, ao cortar-se o prepúcio, retorna a pessoa ao estado normal, ou será que a circuncisão constitui um acréscimo de santidade, como acontece com todos os preceitos positivos cumpridos.

O *Bet Halevi* traz do *Baal Haakedá* uma prova de que os dois lados estão corretos. Nesta mitsvá tanto há a remoção de uma deficiência, quanto um acréscimo de santidade. A palavra “*tamim*” significa íntegro, pleno, sem faltas e sem deficiências. A *orlá* (prepúcio) causa impureza e impede que o judeu seja considerado “*tamim*” (íntegro). Logo, sua retirada o torna pleno.

Além disso, este preceito também constitui um “*Berit*” (pacto) entre D’us e Seu Povo, Israel, conforme está escrito: “e porei Meu pacto entre Mim e você” (*Bereshit* 17:2). Um pacto entre duas partes une-as e vincula-as muito mais. Com isso, o indivíduo se junta ao Eterno e recebe um acréscimo de santidade, com a santidade de Israel.

O *Bet Halevi* explica também, que estes dois aspectos são feitos por meio da *milá* – a própria circuncisão – e da *periá* – puxar a pele para trás. O corte é a remoção do prepúcio, ou seja, a retirada da deficiência e o que distingue entre um judeu dos demais povos – que são chamados, por definição de “*arelim*” (não circuncidados). O próximo estágio é a *periá*, que constitui o pacto sagrado e a ligação com o Povo de Israel.

É por isso que, no *Berit Milá*, se recita a seguinte bênção: “e a seus descendentes selou com o sinal do pacto sagrado. Este “selo” é a *periá*, que imprime no corpo um sinal inequívoco do judaísmo e da santidade, transformando o indivíduo em parte do pacto com o Eterno, que santifica Seu Povo para sempre.

ACHARÊ MOT / אחרי מות

O PODER DA FALA

“O Ômer Vem da Cevada”

A oferenda do *Ômer*, que era trazida no dia 16 de *Nissan*, era feita de cevada. O *Rambam*, em *Hilchot Temidim Umussafim*, capítulo 7, diz que essa é uma lei recebida por Moshê no Sinai.

Os dois pães, em compensação, que eram trazidos na Festa de *Shavuot*, eram feitos de trigo, conforme está escrito: “de seus assentamentos tragam para vocês bolos de pão, dois, dois *esronim*, de farinha refinada (*solet*) serão. Levedados vocês os assarão, como primícias para D’us” (*Vayicrá* 23:17). *Solet* vem do trigo.

É necessário entender por que essas duas oferendas são tão diferentes.

Na *Guemará*, em *Massêchet Pessachim* 3, é explicado que a cevada é utilizada como alimento para os animais. Consta ali que Yochanan Chakukáa saiu para as aldeias. Perguntaram a ele: “o trigo cresceu bem?” Respondeu: “a cevada cresceu bem”. Disseram a ele: “vá e avise aos cavalos e aos jumentos!” Ou seja, o fato de a cevada ter crescido bem não diz respeito aos seres humanos e sim aos animais.

Sendo assim, por que há a obrigação de trazer uma oferenda do que comem os animais? O que isso nos vem ensinar?

“Quem Põe Boca na Pessoa?”

No livro do *Zôhar*, em *Parashat Bô* (página 25), consta a seguinte questão: na “*Parashat Shemot*” está escrito que Moshê argumentou: “eu não sou uma pessoa de palavras... pois boca pesada e língua pesada eu possuo...” (*Shemot* 4:10-12). D’us retrucou: “Quem põe boca na pessoa...? Agora, vá – e eu estarei com sua boca e lhe indicarei o que dizer”.

O significado disso é que D’us mudou a natureza de Moshê *Rabênu* e este passou a falar normalmente, sem gaguejar. Mais para frente, porém, em “*Parashat Vaerâ*”, diz Moshê: “eis que eu tenho os lábios incircuncisos, como me ouvirá o Faraó?” (*Shemot* 6:30).

Pergunta-se: eis que D’us já lhe prometerá ficar com ele e lhe indicar como falar! Por que, então, isso ainda não fôra cumprido? O *Zôhar* responde que enquanto Israel estava no exílio do Egito, Moshê possuía voz, mas sua fala não era normal, com palavras. Somente após a outorga da *Torá*, no Monte Sinai, juntou-se a fala com palavras à voz e ele passou a falar normalmente. Isto está ligado às duas oferendas citadas anteriormente.

A Fala é Destinada às Palavras de Torá

No livro *Êle Hadevarim* é trazido, em nome do Rav P. Friedman, que a diferença básica entre o ser humano e os animais é expressa na capacidade da fala. Apesar de emitir sons, estes últimos não são capazes de falar, de modo algum. Esta aptidão foi dada somente aos homens por mérito da alma insuflada nele pelo Criador. Portanto, a fala é uma parte da Divindade Suprema.

Consta em *Massêchet Chulin* (89a): “Disse Rabi Yitschac:

qual é o significado do que está escrito: ‘eis que como mudo justiça falarão; de modo reto julgarão as pessoas’? Qual é o ofício do ser humano neste mundo? Fazer-se de mudo. Será que isto é válido também em relação às palavras de *Torá*? Por isso está escrito ‘justiça falarão’”.

Aprende-se disso, que a fala foi dada apenas para que as pessoas falem palavras de *Torá*. Quanto ao resto, é preferível ficar calado. A fala é tão importante e espiritual que a ela é apropriado não ser utilizada para assuntos mundanos ou desnecessários.

Assim, inferimos que o ser humano é especial quanto ao poder da fala. Isto, porém, com uma importante condição: que o use para a meta para a qual esta foi criada, que é estudar *Torá*. Se o fizer, ele se eleva acima de todos os animais, infinitamente. Porém, se não a utiliza como se deve, ainda mais se o faz para o mal, ele em nada é diferente dos animais, uma vez que é como se não falasse nada.

Com isso, entende-se também o fato de D’us ter feito a jumenta de Bil’am falar, conforme consta em “*Parashat Balac*” (veja também o artigo sobre *Parashat Bereshit*). Isso vem ensinar, que se alguém se comporta como Bil’am, que quis aproveitar sua capacidade de falar para amaldiçoar o Povo de Israel, não há nada melhor nele que em um animal, sendo preferível transmitir a fala à jumenta, que não prejudicará e nem destruirá o mundo com este dom.

O Exílio do Egito e a Redenção da Entrega da Torá

Além da subjugação do corpo, houve no Egito também a subjugação da alma. Com suas magias, poderes e impurezas, os egípcios aspiraram dominar também o espírito de pureza dos Filhos de Israel e canalizá-lo para suas necessidades. Assim consta no *Zôhar* (parte 1, página 280):

“‘E amarguraram suas vidas com trabalho duro (*cashê*)’ – com *cushiyot* (perguntas). ‘Com argamassa (*chômer*)’ – com *cal vachômer* (tipo de raciocínio lógico). ‘E com tijolos (*levenim*)’ – com *libun* (esclarecimento) da lei judaica. ‘E com todo o trabalho no campo’ – são as *beraytot* (*mishnayôt* externas). ‘Todo o seu trabalho’ – é a *mishná*”.

Estas palavras são, certamente, muito profundas. Mesmo com uma leitura superficial, porém, é possível perceber que a principal oposição dos egípcios dizia respeito à *Torá* e seu estudo. Eles impediam o Povo de se ocupar com ela e de se aproximar, com isso, de seu Criador.

Assim, durante o exílio, o poder da fala não podia ser plenamente expresso, uma vez que os indivíduos foram impedidos, então, de estudar *Torá*. Durante a Revelação no Monte Sinai, entretanto, cumpriu-se a promessa Divina e foi dado o poder da fala a Moshê.

Até então, dominavam no mundo forças que impediam de falar palavras de *Torá* – em um certo grau – de modo que este poder ainda não tinha sido dado a Moshê. Somente no Monte Sinai, quando tornou-se possível estudar a *Torá* de um modo obrigatório, esta capacidade foi concedida, para que Moshê pudesse utilizá-la em prol do supremo propósito de ensinar a *Torá* aos Filhos de Israel.

Com isso, torna-se possível entender a diferença entre a oferta do *Ômer* e a dos dois pães. O *Ômer* é considerado como uma oferta que veio antes da entrega da *Torá*, quando o Povo ainda não podia se ocupar com ela e seus membros não podiam, portanto, ser chamado de “humanos”. Assim, ele é trazido da cevada, que é o alimento dos animais.

Os dois pães, no entanto, eram trazidos em *Shavuot*, a Festa da Entrega da *Torá*, quando ao Povo de Israel se juntou o mérito de estudar *Torá* e poder utilizar o dom da fala para o que há de

mais importante. Também a oferenda, portanto, vinha do trigo – que é o alimento humano – para demonstrar o extraordinário nível atingido com o estudo da *Torá*.

KEDOSHIM / קְדוּשִׁים

SANTOS SERÃO VOCÊS

O Caminho para Chegar à Santidade

A porção semanal de *Kedoshim* começa com a ordem: “santos serão vocês”. Este artigo aborda o tema da santidade; de como um membro do Povo de Israel pode ascender a tão elevado grau espiritual e atingir este nível.

O autor do livro *Michtav Meeliyáhu* (parte 3, página 261) conta três estágios principais que uma pessoa precisa passar para chegar à santidade.

O primeiro é a característica de verdade. O indivíduo deve constatar claramente a diferença entre o que é verdade e o que é mentira – pois muitos não são capazes disto – estar sempre pronto a reconhecê-la e a não se desviar dela, de modo algum.

A verdade está intrinsecamente ligada à *emuná* em D’us, conforme profetizou Nechemyá sobre Avraham Avinu: “Encontrastes seu coração *neeman* (confiável) perante ti”. O significado disto é que Avraham Avinu conheceu a *emuná* e, uma vez que a fez penetrar em seu coração, seguiu-a plenamente. Assim, a verdade ajuda a caminhar na trilha da *emuná* com constância e a ascender nela.

O segundo estágio pelo qual deve passar o servo de D’us é a

quebra do mau instinto. Ele deve se acostumar com a abstenção dos desejos e dos prazeres deste mundo, excetuando quando se trata de algo relacionado a uma *mitsvá*, sendo que, então, isto se torna necessidade.

Rashi explica que a ordem “santos serão vocês” refere-se a “afastados serão vocês”. A *kedushá* (santidade) é atingida deste modo, pois tirando-se o mal do coração, este imediatamente é atraído pela luz do Eterno, fazendo com que o indivíduo se una à *kedushá* (santidade).

O terceiro estágio é a ocupação com a *kedushá* também de modo ativo. Quando alguém se liga à *Torá* com entusiasmo e muito desprendimento, esta penetra em seu coração. Para que ocorra esta impressão, ele deve ser influenciado, se emocionar e se entusiasmar.

Quando um indivíduo se depara com algo novo e raro, é capaz de lembrar-se disso por muito tempo. O motivo é que ele fica impressionado pelo que encontrou, o que faz com que não o esqueça. O mesmo ocorre quando o indivíduo reconhece o imenso e sublime valor da *Torá* e de seus preceitos. Logo, quando se ocupar destes assuntos, ele se entusiasmará e terá o coração preenchido por sentimentos de *kedushá*, que permanecerão com ele para sempre.

A Prova e a Meta Neste Mundo

Este é o mundo da prova e do teste. Para testar o ser humano, D’us o criou de forma material e até organizou sua vida de um modo que são necessárias, a ele, condições físicas para se manter. Ele precisa de comida e sono – entre outros – e a necessidade de adquirir aquilo de que necessita, leva-o a uma batalha constante. É preciso saber se desviar das ciladas do mau instinto e conduzir a vida em direção a D’us.

Em *Massêchet Chaguigá* (16a) consta que em três aspectos o ser humano é igual aos anjos e em três ele é igual aos animais. Ele possui discernimento, anda ereto – de pé – e fala a língua sagrada (hebraico), assim como os anjos. Em compensação, ele come e bebe, procria e faz suas necessidades do mesmo modo que os animais.

Isto provém do modo como foi criado o ser humano, no qual se juntam o Céu e a Terra. Seu corpo é material e físico e, por isso, ele possui características físicas paralelas as dos animais. Sua alma e espírito, porém, possuem suas origens debaixo do Trono Divino e o Próprio D’us soprou no homem a vida. Por este lado, ele é considerado como uma das criaturas celestiais.

A Transformação do Físico em Espiritual

Neste mundo, o indivíduo é incapaz de se desprender do que é material. Ele é obrigado a comer, beber, dormir e diversas outras atividades, para conseguir viver. Este, porém, é o seu elevado nível: ele é capaz de fazer a *kedushá* penetrar na própria matéria e transformar as ações materiais em atos de *mitsvá*, cuja *kedushá* é enorme.

Assim é trazido em *Massêchet Pirkê Avot* (capítulo 3, *mishná* 3): “*Rabi Shim’on* diz: três (pessoas) que comeram a uma mesma mesa e não falaram sobre esta palavras de *Torá*, é como se tivessem comido de oferendas dos mortos (de idolatria)... Porém, três (pessoas) que comeram a uma mesa e falaram sobre esta palavras de *Torá*, é como se tivessem comido à mesa do Eterno...”

Nesta *mishná* vê-se o poder da sagrada *Torá*. Sem palavras de *Torá*, a comida é considerada uma oferenda de idolatria. Com palavras de *Torá*, a mesa transforma-se na mesa de D’us. Sua *kedushá*, então, é incomensurável e considera-se como se fosse feita uma oferenda para D’us.

Isso demonstra o quanto a *Torá* é capaz de transformar o que é material, refiná-lo e elevá-lo aos altos níveis de *kedushá* e proximidade de D’us. Este exemplo esclarece todo este assunto.

Se o indivíduo mudar seu modo de relacionamento com o mundo material e se esforçar por governá-lo de acordo com a *Torá*, utilizando-o para se tornar saudável e forte para o serviço Divino, todos os assuntos físicos se transformarão em espirituais e, assim, ele terá cumprido seu objetivo. O indivíduo usará este mundo para servir a D’us, se elevará e fará com que tudo o que existe se eleve, junto com ele – conforme é explicado pelo *Ramchal* no primeiro capítulo do *Messilat Yesharim* – chegando toda a Criação à meta almejada.

Com base nesta explicação, é possível entender por que nossos sábios disseram que *Parashat Kedoshim* foi falada frente a todo o Povo e por que transmitiram que diversos princípios práticos da *Torá* dependem dela.

Esta porção semanal é capaz de mudar para o bem todos os atos do indivíduo, tanto os físicos quanto os espirituais. Quando direcionar seu coração aos Céus, com pureza, suas ações serão exaltadas, importantes e espirituais. Assim, ele servirá ao Eterno a cada instante.

Além disso, os próprios atos de *mitsvá* são capazes de se transformar, de acordo com a intenção. Por exemplo, existem aqueles que respeitam os pais por temor ou por necessitarem de sua ajuda financeira. Embora estejam agindo corretamente, seus atos ainda estão ligados ao mundo material. Por outro lado, aquele que o faz pelo que nossos sábios transmitiram – que o pai e a mãe se associam de D’us na Criação – a honra aos pais emana de um princípio completamente diferente; ele reverencia aqueles que são sócios de D’us e assim ele Lhe concede também satisfação.

Assim, a intenção pode modificar completamente uma ação, transformando-a de um simples ato humano, comum a todos os

povos, em um ato Divino, no qual estão contidas as bases da *emuná* em D’us. Este é o poder da intenção.

Assim ocorre também com o dia de *Shabat*. Há aqueles que o enxergam superficialmente, apenas como um dia de descanso semanal e de deleites. Em compensação, aqueles que o santificam vêem nele um dia de *kedushá*, que foi dado especialmente ao Povo de Israel – “os que santificam o sétimo (dia)”.

Um profundo abismo separa o modo superficial e simples de ver, do modo espiritual e elevado. Este segundo concede ao *Shabat* intensa influência espiritual, pela qual são abençoados todos os dias da semana. Assim, nós anunciamos: “pois em sete dias criou D’us o mundo e se absteve de criar no sétimo dia”. O *Shabat* é utilizado como um dia de elevação espiritual e mesmo o prazer material, nele contido, é direcionado a objetivos que são extraordinariamente sagrados.

Conclui-se que o trabalho sobre as intenções leva à *kedushá*. O nível de “santos vocês serão” é atingível, sendo possível chegar pelo menos ao início dele – por mais que sua plena integridade seja por demais elevada e esteja acima de nosso alcance. Bendito é aquele que tem o mérito de chegar a isto!

EMOR / אָמור

QUE SUSPENDE A TERRA SOBRE O VAZIO

“Não Parta Rapidamente Para a Briga”

No fim da porção semanal de *Emor*, que trata do episódio do indivíduo que amaldiçoou D’us no deserto, consta: “Saiu o filho de uma mulher israelita e ele era filho de um homem egípcio, estando dentro dos Filhos de Israel. Brigaram (então), no acampamento, o filho da israelita e um homem israelita. Blasfemou o filho da mulher israelita o Nome do Eterno e amaldiçoou; trouxeram-no a Moshê... (*Vayicrá* 24:10-11)”

O *Keli Yakar* se detém sobre o fato de estar escrito “brigaram” no plural e de não serem mencionados os nomes dos envolvidos neste episódio:

“O versículo não mencionou o nome de nenhum deles para mostrar que os dois eram de má índole. Pois todo aquele que sai rapidamente para brigar é certamente corrompido e não é daqueles conhecidos por um bom nome e boa fama – e sim daqueles vulgares e malvados. São ‘filhos’ sem nome, não possuindo mais que o nome de referência de seus ancestrais – que um era filho de uma

israelita e o outro de um israelita. Sobre isso foi dito: ‘brigaram no acampamento’, pois os dois eram brigões. Como as coisas boas são atribuídas a pessoas louváveis e as condutas erradas são atribuídas a pessoas que possuem comportamento negligente ou imprudente, ‘a dívida veio por meio daquele que já devia’ – uma vez que, pelo fato do (filho do) israelita ter começado a brigar com ele (filho da israelita e do egípcio), foi responsável por este (último) blasfemar o Honrado Nome”.

as coisas boas são atribuídas a pessoas meritórias e as dívidas são cobradas daqueles que já devem”. Uma vez que, como consequência de seus atos, o Nome de D’us foi amaldiçoado, ele certamente já possuía alguma culpa e não é apropriado que seu nome seja lembrado na *Torá*.

De acordo com suas palavras, o indicador do nível e da pureza da alma é o modo como reage o indivíduo. O fato de alguém se apressar para entrar dentro de uma briga e de não fugir da discussão é um sinal que ele não é uma pessoa elevada.

O nome simboliza o nível espiritual e o interior da pessoa. Aqueles que brigaram no acampamento não possuíam nem nome, nem nível. Os dois foram responsáveis pelo Nome de D’us ter sido amaldiçoado.

O *Or Hachayim* também explica que o nome do filho do israelita não foi mencionado, porque “as coisas boas são atribuídas a pessoas meritórias e as dívidas são cobradas daqueles que já devem”. Uma vez que, como consequência de seus atos, o Nome de D’us foi amaldiçoado, ele certamente já possuía alguma culpa e não é apropriado que seu nome seja lembrado na *Torá*.

Algo parecido é encontrado na explicação do *Gaon* de Vilna sobre o versículo “não saia rapidamente para a briga, para que não aconteça o que é capaz de haver em seu final, quando seu companheiro envergonhar você” (*Mishlê* 25:8).

Diz o *Gaon* de Vilna: “não se apresse em brigar por algo que

você pensa que a razão e a lei estão com você, uma vez que ele (o outro) certamente também se considera justo e correto. Talvez realmente a razão esteja com ele e, quando argumentar contra você, o humilhará, por sua briga, uma vez que você ficará com vergonha por causa dele, por ele estar com a razão”.

Em suas palavras está incluído mais um motivo por que não é apropriado partir para a briga: porque esta pode levar a uma grande humilhação e vergonha, mesmo àquele que pensa estar com a razão, pois pode realmente ser que o outro é que está certo.

O Grande Nível do Silêncio e da Contenção

Consta em *Massêchet Kidushin* (71b): “...Falou a ele: ‘como faremos?’ Respondeu: ‘confirmamos o silêncio’, pois quando queriam conferir (o valor da ascendência familiar) no Oeste (em Israel), quando duas pessoas brigavam, viam qual era o primeiro a se calar. Diziam: ‘este é de uma melhor linhagem.’ Falou Rav: ‘o silêncio na Babilônia é o valor da linhagem familiar’”.

O silêncio – ou seja, a contenção e a capacidade de parar uma briga no meio – constitui uma prova de boa ascendência familiar. Os Filhos de Israel descendem de Avraham *Avinu* e têm como característica serem tímidos, misericordiosos e bondosos. Eles são capazes de se afastar de brigas e de interrompê-las, caso tenham começado. Portanto, este silêncio prova que a família é de uma boa genealogia e que a ela não está misturado nenhum integrante impróprio.

Além disso, o defeito de alguém ser bastardo – e similares – causa, ele próprio, falta de vergonha e aumento de brigas. Logo, o afastamento de brigas prova que não há um problema como esse na família. Feliz é aquele que é capaz de se conter!

Consta em *Cohêlet* (9:17-18): “As palavras dos sábios (proferidas) com calma são (mais) ouvidas que o grito do que domina

nos tolos. É melhor a sabedoria, que armas de guerra e um pecador perderá muitas coisas boas”.

Nestes versículos se encontram diretrizes capazes de educar para a vida no caminho da *Torá*. Muitas pessoas, por orgulho ferido ou outras razões desprezíveis, apressam-se em partir para a luta e brigar com os outros. Entrar neste tipo de discussão – que em geral se sabe onde começa, mas não onde termina e nem quanto tempo durará – não é o caminho da *Torá*. Conforme foi dito anteriormente, o indivíduo deve tentar se conter.

Além disso, estes versículos ensinam que o que se fala influencia, muito mais, quando é proferido com calma. “As palavras do sábio, com calma, são ouvidas” – elas penetram no coração.

Quando algo é falado com sabedoria, é mais influente que armas de guerra. É muito importante se esforçar para não gerenciar guerras, aumentar discussões e fazer com que as pessoas se dividam em diversos grupos rivais.

A união, a paz, o que é falado com calma e a disposição para ouvir o outro constituem a pedra fundamental de uma sociedade correta, de acordo com o caminho da *Torá* – na qual a paz impera e que, conseqüentemente, é próxima de D’us, que é o Senhor da Paz.

“A Três o Criador Ama”

No livro *Imrê Shêfer* (parte 1), do Rav Shemuel Pinchassi *shelita*, consta que perder o controle do intelecto é uma das maiores tragédias que alguém pode trazer para si.

O ser humano é constituído tanto de elementos intelectuais quanto emocionais, sendo importante a integração entre eles. Esta integração é constituída pelo controle do intelecto sobre as emoções, que barra a precipitação.

Aquele que perde este controle sobre as emoções e, conse-

qüentemente, sobre seus atos, é capaz de chegar a uma fúria sem limites, agir sem cuidado e colocar seu modo de vida em um enorme perigo espiritual.

Assim consta em *Massêchet Pessachim* (113b): “A três, o Criador ama: aquele que não se zanga, aquele que não se embebeda e aquele que não guarda rancor”.

O ponto comum dos três tipos acima mencionados é que são indivíduos que possuem autocontrole, dominam seu caráter e recebem a maior recompensa – que o Eterno os ama. Isto demonstra que eles seguem o caminho da *Torá*, o caminho que D’us indicou.

A importância do controle sobre as emoções e a raiva e do afastamento de qualquer briga, é trazida também em *Massêchet Chulín* (89a): “Falou Rava – e há quem diz que foi *Rabi Yochanan*: o Mundo só se mantém por Moshê e Aharon. Está escrito aqui: ‘e nós somos o quê (*má*)?’ E está escrito ‘Suspende a Terra sobre *belimá*’ (o quê). Disse Rabi Iláa: o Mundo só se mantém por aquele que se contém na hora da briga, conforme está escrito: ‘Suspende a Terra sobre *belimá*’ – que também pode ser traduzido como refreamento.

O domínio da raiva e a fuga da discussão são tão importantes, que o mundo inteiro se mantém por seu mérito. Quando alguém se encontra no auge de uma contenda, é muito difícil parar e fugir da briga. Aquele que consegue se refrear age de um modo que é muito valorizado nos Céus e, por seu mérito, o mundo se mantém.

BEHAR / בהר

ENGANAR NOS NEGÓCIOS E ENTRISTECER O PRÓXIMO

“E Fala a Verdade em Seu Coração”

Nesta porção semanal são trazidas duas proibições referentes ao modo de falar com o semelhante: uma referente a questões monetárias (*onaat mamon*) e outra à comunicação interpessoal (*onaat devarim*).

“Quando venderem uma mercadoria para seu companheiro, ou comprarem de seu companheiro, não enganem um ao outro” (*Vayicrá* 25:14). Explica o *Rashi*: “não engane – refere-se ao engano em questões monetárias.

“...E não ofendam um ao outro e tema seu D’us, pois Eu Sou o Eterno, seu D’us” (*ibid.*, 17). Diz o *Rashi*: “aqui advertiu quanto a falar ofensivamente; que não atormente ao outro e que não lhe dê um conselho inapropriado, que condiz com o interesse e o proveito daquele que aconselha. Se você disser (a si próprio): ‘quem pode saber se tive más intenções?’ Por isso está escrito: ‘e tema a seu D’us’; aquele que conhece os pensamentos sabe tudo o que depende do coração, (aquilo) que só conhece aquele cujo

pensamento se encontra em seu coração. Está escrito, sobre ele: ‘e tema a seu D’us’”.

Consta em *Massêchet Tamid* (28a): “Rabi diz: ‘Qual é o caminho correto, que o indivíduo deve escolher...’? Há aqueles que dizem: fortaleça-se com uma extrema *emuná*”. Explica o *Rashi*: negocie com as pessoas de modo confiável e não engane as criaturas.

No livro *Netivot Shalom* é explicado que o *Rashi* fala sobre dois fundamentos básicos do comportamento do mundo: a verdade e a confiança. É necessário fortificar-se nestas duas características e não se desviar delas de modo algum.

A verdade absoluta nos negócios é encontrada no modo de se comportar de *Rav Safra*. Consta em *Massêchet Macot* (24a): “‘e fala verdade em seu coração’ – como *Rav Safra*”. Diz o *Ra”shi*: “assim aconteceu: *Rav Safra* possuía um objeto para ser vendido. Veio uma pessoa perante ele na hora em que lia o *Keriat Shemá* e lhe disse: ‘venda-me este objeto por tanto dinheiro’. (*Rav Safra*) não lhe respondeu, pois estava lendo o *Shemá*. Pensou (o outro) que ele (*Rav Safra*) não queria lhe vender por esse preço e disse: ‘me dê por mais tanto’. Após terminar a leitura do *Shemá*, lhe disse: ‘pegue o objeto pelo preço que você ofereceu no início, pois por esse valor eu pensei em lhe vender”.

Este caso demonstra a verdade interior arraigada no coração de *Rav Safra*. Pela lei judaica, ele poderia aceitar a segunda oferta. Uma vez que não chegaram a nenhum acordo quanto ao preço, ele não estaria negociando de forma enganosa e poderia pedir quanto desejasse pela mercadoria. Porém, uma vez que já tinha concordado internamente com o preço baixo, seu coração não lhe permitiu modificá-lo. Sobre isso diz o versículo: “e fala a verdade em seu coração” – que a verdade no coração é o que define e que dela a pessoa não se desvia.

A Característica de Emuná Auxilia na Retidão

Também a *emuná* está relacionada à conduta de enganar nos negócios. O *Netivot Shalom* traz, em nome do livro *Beer Moshê*, que a um indivíduo que possui uma profunda *emuná* no Criador é muito mais fácil passar nos testes. Ela auxilia a ser correto no trato com seus semelhantes e a não se desviar para o caminho do logro, do embuste.

Às vezes, numa negociação, o indivíduo pensa que, se mudar algo do que falou ou ludibriar um pouco quanto à qualidade da mercadoria, enriquecerá muito. Os testes em relação a isso são numerosos e, por vezes, extremamente difíceis.

O que ajuda a superar nos testes é a *emuná*. Aquele que possui *emuná* absoluta de que todo o sustento é decretado no *Rosh Hashaná* e vigora até o próximo *Rosh Hashaná*, e que ninguém pode tocar nem mesmo em algo mínimo – como a espessura de um fio do que pertence ao outro – é capaz de fazer penetrar em seu coração, com plena certeza, de que com trapagens e mentiras não se lucra nada.

Quando D’us concede o sustento para o próximo ano, é óbvio que é possível adquiri-lo de uma forma honesta. Aquele que possui uma *emuná* completa não permitirá a si próprio agir duvidosamente e nem adotar o comportamento aceito pelos outros, se este não condiz totalmente com a *Torá* e suas advertências.

Assim, a *emuná* auxilia muito na retidão e, combinada à verdade, salva o indivíduo do pecado.

Um outro fator que ajuda a vencer os testes neste campo são as palavras de nossos sábios em *Massêchet Pessachim* (54b). Consta ali que sete coisas são ocultas das pessoas, sendo uma delas: “E um indivíduo não sabe com o que obterá lucro”.

A experiência mostra que as pessoas acabam lucrando não exatamente de acordo com o seu planejamento primordial. Mui-

tas surpresas acontecem neste campo e, muitas vezes, onde alguém pensou que lucraria, termina por perder, ou vice-versa.

Portanto, o indivíduo deve controlar sua cobiça por dinheiro e não se desviar do caminho da verdade. D’us, em Cujas mãos está o enriquecimento do ser humano, o guiará neste caminho.

A Retidão é a Retificação do Mundo

No *Sêfer Hachinuch*, *mitsvá* 337, é explicada a raiz da proibição de enganar ao outro em questões monetárias (*onaát mamon*):

“A raiz deste preceito, é conhecida por ser algo que o intelecto obriga. Se não tivesse sido escrito, deveria ser escrito; pois não é apropriado receber dinheiro dos outros por meio de mentira e enganar. Em vez disso, cada um deve conseguir, com seu esforço, o que o Eterno lhe concedeu em Seu mundo, com verdade e retidão”.

“Cada um recebe vantagens com isso, pois assim como ele não enganará os outros, os outros não o enganarão. Mesmo que haja alguém que saiba enganar melhor que as outras pessoas, talvez seus filhos não sejam assim, sendo enganados pelos outros. Dessa forma, isto é igual para todos, trazendo grandes vantagens para o povoamento do mundo, que D’us criou para isso”.

Além da falta de honestidade e do prejuízo causado pelo engodo, há outro motivo para a necessidade da retidão e honestidade. O mundo não pode se manter se um ludibriar o outro, pois a sociedade ficará inteiramente corrompida.

“Não para o caos o criou; para que seja habitado o fez (ao mundo)”. D’us quer que o mundo seja povoado e que seus habitantes possuam uma vida correta e boa, na qual um confia no outro e na qual há paz, segurança e tranquilidade, sem pecado e iniquidade.

A base de uma sociedade assim é a confiança mútua, o reco-

nhecimento do bem que há em cada um e a capacidade de gerir uma vida sem a constante preocupação de estar sendo enganado e roubado, com o conseqüente desgosto proveniente desta situação. A proibição de *onaát mamon* permite gerir a vida de acordo com a Vontade Divina.

A Gravidade de Entristecer ao Outro com a Fala

Conforme trazido anteriormente, “não ofendam um ao outro e tema seu D’us” (*Vayicrá* 25:17) refere-se à proibição de “*onaat devarim*”. Ela vem ordenar que não se provoque no outro sentimentos como sofrimento, vergonha, etc., por intermédio da fala ou do comportamento. Esta proibição persiste até mesmo quando não é causado nenhum dano monetário.

Assim consta na *mishná* (trazida em *Massêchet Bavá Metsiá*, 58b): “Assim como há *onaá* nos negócios, há *onaá* com as palavras. Não pergunte a seu próximo ‘quanto custa algo’ se não tem a intenção de comprar. Se (seu próximo) é um *Baal Teshuvá* (que retornou dos seus pecados), não lhe diga ‘lembre-se dos seus atos pregressos’. Se é filho de convertidos, não lhe diga ‘lembre-se dos atos de seus pais’, pois está escrito: ‘ao convertido você não ofenderá e não oprimirá’”.

A *mishná* traz exemplos de alguns campos da vida, nos quais fomos advertidos para não causar sofrimento ao próximo. O dono de uma loja espera durante todo o dia que venham comprar em seu estabelecimento. Quando lhe perguntam quanto custa algo sem intenção de adquiri-lo, causam-lhe um grande sofrimento, porque ele está desperdiçando seu tempo.

Assim também, um convertido sente de coração pleno que seu “calcanhar de Aquiles” é o fato de seus pais não terem feito parte do Povo de Israel. Lembrar-lhe disso causa-lhe a humilhação e desprezo.

Do mesmo modo, àquele cujos atos no passado não eram isentos de pecado e iniquidade, mas que teve o mérito de retornar com *teshuvá* e retificá-los, causa-se um enorme dano ao recordar como agia anteriormente. Ele se entristece e se envergonha muito, sendo mesmo capaz de recuar espiritualmente.

A *Torá* quer evitar todos estes casos, ordenando que se tome cuidado para não causar sofrimento aos outros.

A *Guemará* em *Bavá Metsiá* (*ibid.*) se estende sobre a gravidade de *onaat devarim*. É trazido lá, entre outros: “Disse *Rabi Yochanan* em nome de *Rabi Shim’on Bar Yochay*: é mais grave a *onaá* com a fala que a *onaá* em relação a questões monetárias, pois sobre a *onaá* com a fala está escrito ‘e tema a seu D’us’ e sobre a *onaá* em relação a questões monetárias não está escrito ‘e tema a seu D’us’. Disse *Rabi Eliêzer*: esta é com seu corpo e aquela é com seu dinheiro. *Rabi Shemuel Bar Nachmani* disse: esta dá para devolver e aquela não dá para devolver”.

Ou seja, há elementos que agravam muito o pecado de causar sofrimento com a fala. São eles o fato de se atingir a própria pessoa, não suas posses – e o fato de não ser possível retificar o que foi feito com dinheiro.

Isto leva à obrigação de tomar uma atenção especial quanto à comunicação com os outros. É necessário prestar atenção constantemente e cuidar para não atingir o próximo.

O Elevado Nível do que Mostra Uma Face Agradável

No livro *Atará Lamêlech* (página 24) consta que até mesmo aquele que não apresenta um semblante agradável, transgredir a proibição de *onaat devarim*. O *Sêfer Hachinuch* explica que esta proibição consiste em não falar a um membro de Israel coisas que o magoem, ou que o façam sofrer. Uma vez que aqueles que

vêm alguém com uma expressão ruim no rosto, ficam tristes, isto passa a ser proibido por *onaat devarim*.

Assim também consta no *Sêfer Yereyim (mitsvá 51)*: “assim como existe *onaá* com a fala, existe *onaá* com um olhar ruim; que mostra ao outro uma face ruim”. O *Sêfer Yereyim* fala explicitamente que aquele cujo semblante se mostra encolerizado ou desgostoso causa sofrimento ao outro e transgredir esta proibição.

Logo, uma vez que o bem é sempre mais poderoso, entende-se que aquele cuja alegria está estampada na face e que irradia amizade, contentamento, luz e amabilidade, alegrando as pessoas e reanimando seus corações, faz uma enorme bondade com os outros, o que é considerado uma grande *mitsvá*.

Aqui se encontra um fundamento importante e básico para todos os preceitos “entre o homem e seu semelhante”.

À primeira vista, é difícil entender o que foi trazido anteriormente. É verdade que aquele que envergonha ou faz alguém sofrer ativamente transgredir uma grave proibição, pois atingir o coração de alguém é muito mais grave que fazê-lo com suas posses. Quando o semblante de alguém está triste ou irado – por que isto é considerado uma transgressão? Afinal isso apenas reflete seu estado interior! Aquele que se ofende ou se entristece com isso o faz por si só, sem que o outro intencione que isto aconteça!

Aqui aprende-se um fundamento muito importante para o modo correto de se comportar. D’us colocou o ser humano dentro da sociedade. Tudo o que um indivíduo faz influencia os outros, mesmo que indiretamente, como com sua expressão facial. Também neste caso, é considerado que ele atingiu seu companheiro, devendo se abster disso. O ser humano é responsável por cada consequência de seus atos.

O Eterno criou Seu mundo para lhe conceder bondade e bênção com fartura. D’us quer que Suas criaturas sigam seu caminho e também sejam boas umas com as outras. Para isso, Ele impri-

miu nelas uma Luz Divina, que ilumina suas almas e irradia para fora, fazendo bem a todos os outros.

Aquele que é bom em seu íntimo, projeta isso para os outros, mostrando a eles uma fisionomia contente e alegrando seus corações. Ele consegue se elevar acima de todo o egoísmo e de todas as correias que prendem sua personalidade, tornando-se uma pessoa que faz o bem para os outros e para toda a sociedade humana. Ele chega ao elevado nível de amar a bondade, pois a luz desta é doce e ele se sente muito satisfeito com seus atos.

Em compensação, aquele que se fecha dentro de si, irradia cólera e trata constantemente apenas de seus interesses particulares, não cumpre a Vontade do Criador e não se parece com Ele, em seu modo de agir, sendo considerado como alguém que transgride a proibição de *onaat devarim*.

É muito importante se afastar deste caminho, apresentar-se contente para os outros e alegrar seus corações.

BECHUCOTAY / בחקותי

ELIYÁHU HANAVI O PROCLAMADOR DA REDENÇÃO

“Yaacov e Yisrael”

Diz a *Torá*, nesta porção semanal: “E lembrarei meu pacto com Yaacov, também Meu pacto com Yitschac e mesmo meu pacto com Avraham lembrarei – e a Terra lembrarei” (*Vayicrá* 26:42).

Escreve sobre isso o *Rashi*: “em cinco lugares (Yaacov) está escrito de forma completa (incluindo a letra “vav”) e Eliyáhu incompleto (sem a letra “vav”). Em cinco lugares Yaacov pegou uma letra do nome de Eliyáhu, como garantia de que este virá e anunciará a Redenção de seus filhos”.

É necessário explicar – portanto – o que significa “tomar uma letra”? Como isso garante a Yaacov que Eliyáhu anunciará a Redenção ao Povo de Israel?

O *Ramban*, em seu livro “*Emuná Uvitachon*”, traz que Avraham, Yitschac e Yaacov somam treze letras (em *lashon hacôdesh*

– hebraico) e também Sará, Rivcá, Rachel e Leá somam treze letras. Juntos, perfazem 26 letras, que é o valor numérico do Nome de D’us.

Escreve sobre isso o *Chatam Sofêr*, no seu livro *Torat Mo-shê*: “No entanto, se (em vez de Yaacov) o nome for Yisrael, (somarão as letras do nome deles) vinte e sete letras, como as vinte e sete letras da *Torá* (22 do alfabeto hebraico e mais as cinco letras finais, *sofiyot* – *caf*, *mem*, *nun*, *pê* e *tsadic*). Isso porque o nome “Yaacov” se refere àqueles que não são estudiosos da *Torá*, mas pertencem à Unicidade do Nome de D’us. Portanto, o valor numérico deles é 26, como o de Seu Nome, seja Este abençoado. Porém, Yisrael são os estudiosos da *Torá*. Assim sendo, eles são importantes e indicam as 27 letras da *Torá*”.

“Por isso, em *Parashat Behaalotechá* (*Bamidbar* 8:19) está escrito cinco vezes ‘os Filhos de Yisrael’ em um mesmo versículo: ‘e colocarei os *leviyim* para (serem comandados por) Aharon e seus filhos, dos Filhos de Yisrael, para fazer o serviço dos Filhos de Yisrael no Santuário e para expiar os Filhos de Yisrael – e não haverá sobre estes cólera Divina quando se aproximarem os Filhos de Yisrael da santidade”’.

“Diz sobre isso o *Rashi*: ‘cinco vezes foi dito ‘Filhos de Yisrael’ neste versículo, para mostrar o quanto são queridos, pois foram multiplicadas as vezes que foram mencionados em um só versículo, como o número dos cinco livros da *Torá*”’.

Continua o *Chatam Sofêr*: “No futuro, virá Eliyáhu – brevemente em nossos dias – e fará retornar o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais (*Mal’achi* 3:24) – e todos conhecerão a D’us, dos menores aos maiores (*Yirmeyáhu* 31:33). Assim, também os que são denominados ‘Yaacov’ serão estudiosos de *Torá*, sendo necessário acrescentar uma letra ao seu nome, para que a soma total (das letras dos patriarcas) seja equivalente a 27, como as letras da *Torá*. Por isso, (retirou Yaacov) cinco vezes

a letra ‘vav’, como os cinco livros da *Torá* e as cinco vezes que aparece (no versículo) o nome ‘Yisrael’, conforme dito anteriormente”.

De acordo com o “*Chatam Sofêr*”, há no Povo de Israel dois tipos de indivíduos: o primeiro é “Yaacov” – aqueles que são ligados a D’us, mas ainda não são estudiosos da *Torá* e cujo nome, somado ao dos outros patriarcas e matriarcas, perfaz 26, como o valor numérico do Nome de D’us.

O segundo tipo é “Yisrael”, que indica os estudiosos da *Torá*, cuja soma das letras do nome, com as dos outros patriarcas e matriarcas, é igual a 27, como as letras da *Torá*. No futuro, também a categoria de “Yaacov” se transformará em “Yisrael”.

A Preocupação com Falsos Messias

O Rav Shim’on Schwab, em seu livro *Maayan Bet Hashoevá*, explica outro aspecto das palavras do *Rashi*, trazidas anteriormente.

Segundo ele, Yaacov *Avinu* receava que, no futuro, ocorressem enormes eventos trágicos, capazes de abalar a *emuná* simples e a capacidade de análise do Povo de Israel. Ele temia que, então, surgissem pessoas que se autoproclamassem “*Mashiach*” e dissessem que traziam a Redenção. Muitos poderiam segui-los, o que levaria a resultados desastrosos.

Efetivamente, isso chegou a acontecer algumas vezes. A História Judaica registra diversos episódios de sofrimento causados por esses falsos Messias, que sempre foram desmascarados.

Para garantir que o Povo de Israel soubesse discernir entre estes impostores e o verdadeiro *Mashiach*, Yaacov *Avinu* pediu uma garantia para que a verdadeira Redenção viesse acompanhada de uma mensagem clara e perceptível, sendo possível que todos pudessem reconhecê-la.

Esta garantia foi tomada de Eliyáhu *Hanavi*, que é o arauto da Redenção. Quando vier o momento almejado, ele a declarará de um modo tão claro que não restarão dúvidas sobre o fato de haver chegado esta época, pela qual todas as gerações esperaram.

O Nível Simples, o da Dica, o do que se Extrai e o Oculto

O Rav Yitschac Hutner, em seu livro *Pachad Yitschak* (*Pêssach*, parte 1, *maamar* 52), explica todo este assunto de um modo muito especial.

Ele começa trazendo o fato de que cada parte da *Torá* pode ser compreendida em quatro níveis, denominados por nossos sábios de “*Par”dês*”: “*Peshat*” – o nível simples de entendimento; “*Rêmez*” – o que é indicado no trecho analisado; “*Derash*” – o que é extraído deste e “*Sod*” – conceitos ocultos implícitos nele.

À primeira vista – o que é certo em relação ao mundo físico – a diferença entre estes se encontra apenas enquanto a mensagem é facilmente captada. Há o que se apreende com uma leitura simples, há também o que, para ser apreendido, necessita que se entenda o que está indicado nas palavras e assim por diante. Após este conhecimento chegar ao indivíduo, porém, não há uma diferença entre eles.

No entanto, a situação é diferente no mundo espiritual. Neste, por exemplo, um conhecimento que vem do “Mundo do *Peshat* (do entendimento simples)” só possui existência espiritual neste mundo, enquanto um que provém do “Mundo do *Rêmez* (dica)” só se encontra neste. Estes dois conhecimentos fazem parte de dois universos distintos, sem que haja entre eles um ponto de encontro.

Para entender isto, o Rav Hutner traz as palavras do *Maharal* (*Guevurot Hashem*, capítulo 17), referentes ao episódio da filha

do Faraó: “e suas jovens caminhavam ao lado do rio” (*Shemot* 2:5). Nossos sábios disseram sobre isso que elas caminhavam em direção à morte, por terem protestado e dito à filha do Faraó que não pegasse Moshê para salvá-lo. Assim, “caminhavam” vem da linguagem “caminha na trilha de toda a terra” – ou seja, a morte.

O *Maharal* escreve que esta morte é uma morte superior, o que quer dizer que sua força e sua sorte (*mazal*) saíram delas (as abandonaram) completamente. Esta é a morte superior, pois uma vez que foi removido delas o *mazal* superior, já não se opunham a Moshê. Por isso, este acontecimento não foi lembrado explicitamente na descrição da salvação deste.

Pelo que se vê neste mundo, a morte das servas da filha do Faraó não era perceptível – elas efetivamente simplesmente “caminhavam” às margens do rio. De acordo com o “*Rêmez*” ou o “*Derash*”, no entanto, a morte superior as dominava; as forças espirituais, guiadas pelo *mazal* superior, as abandonaram e elas já não eram capazes de se opor à sua senhora.

Na ordem explícita dos versículos, não se encontra como Moshê foi salvo das más intenções destas jovens, pois isso não era perceptível no mundo do “*Peshat*”. Isto aconteceu em outro mundo, no qual este fato é sensível e existente, espiritualmente.

Para compreender apropriadamente as palavras da *Torá*, é necessário saber que estas representam uma realidade verdadeira e consistente que, no entanto, não necessariamente existe e é perceptível no plano da vida material. Ela age e atua em mundos espirituais elevados, mundos de “*Rêmez*”, “*Derash*” e “*Sod*”.

O autor do *Pachad Yitschac* traz outro exemplo para isso. Consta nas palavras de nossos sábios que, até Israel entoar um cântico após a Divisão do Mar, não houve quem entoasse um cântico perante D’us. À primeira vista, isso contradiz o que nossos próprios sábios transmitiram, que o cântico “*Mizmor Shir Leyom Hashabat*” foi dito por Adam *Harishon*”.

Na verdade, não há aqui nenhuma contradição. Uma vez que a *Torá* não revelou o cântico de Adam *Harishon* como “*Peshat*”, este episódio não ocorreu no mundo simples. Este cântico foi entoado em outros mundos, enquanto a Canção de Israel sobre o mar foi a primeira entoada no mundo simples e revelado.

“Yaacov Avínu Não Morreu”

Um outro exemplo são as palavras de nossos sábios em *Mas-sêchet Taanit*: “Yaacov Avinu não morreu”. Pergunta a *Guemará*: “acaso à toa embalsamaram seu corpo e fizeram discursos fúnebres em sua memória?” Responde a *Guemará* que “um versículo eu analiso: vem compará-lo à sua descendência. Assim como esta vive, ele também vive”.

O *Pachad Yitschac* explica que, quando a *Guemará* perguntou sobre a frase que foi falada, ainda não estava claro sobre que mundo se tratava. As perguntas sobre o tratamento do corpo e os discursos referem-se ao mundo do “*Peshat*” sendo que neste foi revelado pela *Torá* – que ele faleceu! A resposta é: “um versículo eu analiso”. No âmbito do “*Derash*”, “Yaacov Avinu não morreu”.

Ou seja, esta frase de nossos sábios se refere ao mundo do “*Derash*”, não do “*Peshat*”. O fato de Yaacov Avinu não ter falecido se revela no contexto desta existência, referente ao que é extraído dos versículos – e não no mundo simples.

É importante frisar que o Profeta Eliyáhu, porém, não morreu mesmo de acordo com o sentido simples do texto.

“E subiu Eliyáhu, numa tempestade, ao Céu”. Isto significa que também no Mundo do “*Peshat*”, com o qual nos relacionamos, ele não faleceu. Seu fim não foi como o de todos os homens, ele ascendeu com seu corpo às alturas e não provou o gosto da morte, neste mundo.

“E Fará Retornar o Coração dos Pais aos Filhos”

A tradição diz que o Profeta Eliyáhu é aquele que futuramente fará ressuscitarem os mortos. Além disso, sobre ele diz o versículo: “e fará retornar o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais”.

Do “retorno dos corações” provém sua capacidade de ressuscitar os que morreram. Ele liga e faz penetrar o ponto da vida dos pais dentro da vida dos filhos e disto brota o enorme renascimento da época da plena Redenção.

É possível definir que seu caminho é juntar e unir a vida do Mundo do “*Derash*” com a do Mundo do “*Peshat*”; estender isto que “Yaacov Avinu não morreu” sobre sua descendência.

Mesmo hoje, Yaacov Avinu é considerado vivo, mas os sentidos não são capazes de captar esta vitalidade. O Profeta Eliyahu é aquele que expandirá esta verdade para dentro deste mundo, que unirá o espírito dos pais com seus filhos e, por seu intermédio, voltará a vida aos falecidos também nesta existência.

Somando-se a isso, consta no último capítulo de *Massêchet Kidushin* que o Profeta Eliyáhu apontará, no futuro, os descendentes de uniões impróprias e, assim, será claramente revelado quem é próprio e quem é impróprio para casar, de um modo normal, dentro do Povo de Israel.

Isto está ligado ao que foi dito anteriormente. Tratar da relação entre os pais e os filhos faz parte dos assuntos familiares com que Eliyáhu trata, ao vir estabelecer as ligações entre as gerações; entre o pai, o filho e seus antepassados.

O *Pachad Yitschac* conclui este assunto do seguinte modo (*ibid.*, página 118): “eis que a letra hebraica “vav” é a letra que une (entre duas palavras). Portanto, enquanto a personalidade de Eliyáhu consiste apenas no ponto que marca a vida dos pais dentro da vida dos filhos – e ainda não se uniu a existência de

‘*Derash*’ do pai com a existência de ‘*Peshat*’ dos filhos – a letra de ligação dentro do nome de Eliyáhu está penhorada nas mãos de Yaacov, que exige que esta ligação seja executada por Eliyáhu – o que constitui o ponto do ‘*Derash*’ dentro do ‘*Peshat*’”.

“Somente após Eliyáhu chegar e anunciar a Redenção dos filhos de Yaacov; no momento em que se revelar o poder de Eliyáhu de unir os pais aos filhos e a exigência de Yaacov for cumprida, (este último) não necessitará mais da letra de ligação ‘*vav*’. Efetivamente, seu nome mudará então para Yisrael, que não possui a letra ‘*vav*’. Por si só, esta sairá de seu lugar e voltará às mãos de Eliyáhu, que cumpriu sua dívida, com a ligação dos pais aos filhos”.

Seja a Vontade de D’us que em breve venham estes bons e felizes dias, nos quais uma abundância de nova vitalidade descerá dos Céus e nos quais se chegará a compreensões espirituais extremamente elevadas – que englobam todos os mundos – como é apropriado a esta época de Redenção, para todos!

במדבר

BAMIDBAR

BAMIDBAR / במדבר

A LEMBRANÇA DO MONTE SINAI

A Lembrança da Revelação no Monte Sinai Fortalece a Emuná na Torá dos Céus

Este ensaio da porção semanal, que inicia o livro *Bamidbar*, será dedicado à obrigação de lembrar o “*Maamad Har Sinai*” – a Revelação no Monte Sinai – e às lições que podem ser extraídas desta lembrança.

Consta na *Torá*: “Somente se cuide e cuide de sua alma, muito, para que não se esqueça das coisas que viram seus olhos e para que não saiam de seu coração todos os dias de sua vida – e (você) as transmitirá a seus filhos e aos filhos de seus filhos: o dia em que (você) esteve perante o Eterno, seu D’us, em Horev; quando disse D’us, a mim: congregue, para Mim, o povo – e os farei ouvir Minhas palavras...” (*Devarim* 4:9-10).

O *Ramban*, em seu comentário sobre a *Torá*, escreve, que esta é uma “*mitsvá lo taassê*” – preceito passivo – especial, que adverte para que o indivíduo nunca se esqueça da Revelação no Monte Sinai. Estas são suas palavras, que explicam extensiva-

mente o assunto:

“Esta escrito, de acordo com minha opinião, constitui um mandamento passivo. Advertiu (o Eterno sobre) isso muito, pois, quando disse para que cuidemos de todos os preceitos e cuidemos dos estatutos e julgamentos, para que os fizéssemos (colocássemos em prática), repetiu: ‘apenas Eu advirto muito, para que cuidem e se cuidem, muito muito, para lembrar de onde os preceitos vieram a você. Para que não se esqueça da Revelação no Monte Sinai e de todas as coisas que viram lá seus olhos; os sons e as chamadas, Sua honra, Sua grandeza e Suas palavras que você ouviu lá, de dentro do fogo. E comunicará todas as coisas que viram seus olhos nessa Revelação grandiosa para seus filhos e para os filhos de seus filhos, para sempre’”.

“Explicou o motivo por que D’us fez esse episódio: para que aprendam a temê-Lo todos os dias e que o ensinem a seus filhos, para todas as gerações. Assim ajam vocês, deste modo, e não o esqueçam”.

“Eis que, antes de lembrar dos Mandamentos que foram ditos lá, (o Eterno) advertiu, com um preceito passivo, que não esqueçamos nada daquele episódio e não o tiremos de nosso coração nunca. Ordenou (também), com um preceito ativo, que comuniquemos a toda a nossa descendência, de geração em geração, o que havia lá em relação à visão e à audição”.

“O proveito e o benefício que este preceito traz é muito grande. Pois, se as palavras de *Torá* viessem a nós somente por meio da boca de Moshê *Rabênu* – apesar de sua profecia ter sido confirmada com sinais e milagres – se surgir dentro de nós um profeta ou sonhador e nos ordenar o contrário da *Torá*, mostrando a nós sinais ou maravilhas, entrará a dúvida no coração das pessoas”.

“Porém, quando chega a nós a *Torá* da Própria ‘Boca’ do Eterno para nossos ouvidos, enquanto nossos próprios olhos estão vendo e não há nenhum intermediário, refutaremos todo aque-

le que discuta e todo o que conte algo, apontaremos como mentiroso. De nada lhe adiantará um sinal e nenhuma maravilha o salvará... pois nós conhecemos sua mentira”.

“Esta é a intenção do que está escrito lá: ‘e também em você acreditarão, para sempre’. Pois quando o transmitirmos aos nossos filhos, saberão que isso foi verdadeiro, sem dúvida, como se o tivessem visto todas as gerações, uma vez que não testemunharemos falsamente para nossos filhos e não lhes legaremos coisas fúteis, que não possuem utilidade. Eles não duvidarão, de modo algum, do testemunho que lhes prestaremos; acreditarão, com certeza, que vimos todos, com nossos olhos, o que lhes contamos”.

De acordo com o *Ramban*, além da obrigação de cumprir todas as leis da *Torá*, existe também o dever de lembrar eternamente do episódio do Monte Sinai e do fato de o Próprio D’us ter Se revelado lá, perante nossos olhos.

Esta lembrança contém, em si própria, uma vantagem muito grande: o fato de fortalecer muito a *emuná* na *Torá* proveniente dos Céus e retirar as dúvidas, dos membros das futuras gerações. Isso é validado em seus corações como se eles próprios o tivessem visto, pois os pais não transmitem mentira para seus filhos.

“Seiscentos e Treze Mandamentos Foram Transmítidos a Moshê no Sinai”

A *Guemará* em *Massêchet Chulin* (100b) discute se a proibição de comer o nervo ciático (*guid hanashê*) se refere também a animais impróprios para o consumo judaico.

Assim consta na *Mishná* (*ibid.*): “(Este preceito) existe nos tipos de animais puros (próprios para o consumo) e não nos impuros (impróprios para o consumo). *Rabi Yehudá* diz: mesmo nos impuros. Falou *Rabi Yehudá*: eis que desde os filhos de Yaacov foi proibido o consumo do nervo ciático, enquanto os animais impu-

ros ainda eram permitidos a eles. Disseram a ele: no Sinai foi dito (proibido), mas foi escrito no local apropriado”.

De acordo com os sábios – conforme a opinião que sustenta ser o nervo ciático capaz de transmitir gosto – a proibição deste só existe nos animais puros. *Rabi Yehudá*, por sua vez, diz que esta proibição existe também nos animais impuros, trazendo como prova o fato de ela ter sido ordenada já em “*Parashat Vayishlach*”, quando ainda não existia a proibição de consumir determinados tipos de animais.

Os sábios responderam que a proibição de comer o nervo ciático foi, efetivamente, ordenada no episódio do Monte Sinai, quando a *Torá* foi outorgada – sendo que até então este era permitido. Após esse dever ter sido comunicado, Moshê escreveu essa proibição em “*Parashat Vayishlach*”.

O *Rambam*, em seu comentário sobre as *mishnayot*, estende-se na explicação do fato da obrigação de cumprir os preceitos Divinos provir somente da Revelação no Monte Sinai:

“Preste atenção no grande princípio contido nesta *mishná*, no que foi dito: ‘no Sinai foi proibido’, pois você começou a saber que tudo o que nós afastamos ou fazemos hoje só o fazemos por ordem do Eterno, por intermédio de Moshê *Rabênu* – não que o Eterno o tenha falado aos profetas que o antecederam”.

“Por exemplo, isso que nós não comemos um membro de um animal vivo, não é porque o Eterno o proibiu para Nôach e sim porque um membro de um animal vivo foi-nos proibido (por intermédio de) Moshê – com isso que nos ordenou, no Sinai, que se mantivesse a proibição de consumir um membro de um animal vivo”.

“Assim também, nós não fazemos *berit milá* porque Avraham *Avinu* circuncidou a si e aos membros de sua casa; e sim, porque o Eterno nos ordenou, por intermédio de Moshê *Rabênu*, que fizessemos *berit milá* do mesmo modo que Avraham fez”.

“Também com relação ao nervo ciático: nós não seguimos a proibição de Yaacov *Avinu* e sim a ordem de Moshê *Rabênu*. Repare e veja o que disseram: que 613 mandamentos foram transmitidos a Moshê, no Sinai – e todos estes (exemplos) estão englobados neles”.

O *Rambam* escreve um fundamento muito importante. A obrigação de cumprir os preceitos provém apenas do fato de Moshê *Rabênu* as ter ordenado no Monte Sinai. Mesmo o que é lembrado antes disso em relação aos patriarcas e outros, na *Torá*, não obriga a cumpri-los. Isto só é feito pela ordem transmitida por Moshê, no Sinai.

A Certeza da Emuná na Unicidade de D’us

Nossos sábios descrevem um pouco da clareza e certeza presentes no episódio do Monte Sinai – quando todos viram, com os próprios olhos, que D’us é O Único que fala e transmite a *Torá* a Seu povo, Israel. Assim consta no *Midrash Rabá* (fim de *Parashat Yitrô*):

“O que significa: ‘D’us, o Eterno, falou – quem não profetizará?’ (Amos 3). Disse *Rabi Avahu*, em nome de *Rabi Yochanan*: Quando D’us deu a *Torá*, um pássaro não piou, uma ave não voou, um boi não mugiu, *ofanim* (tipo de anjos) não voaram, *serafim* (tipo de anjos) não proclamaram ‘Santo’ (a *kedushá*), o mar não tremeu, as criaturas não falaram. Em vez disso, o mundo se calou e ficou quieto e saiu A Voz: ‘Eu sou o Eterno, seu D’us’. Assim também está escrito: ‘Estas coisas falou a todas as Suas congregações, uma grande Voz, que não diminuiu’”.

“Falou *Rabi Shim’on ben Lakish*: o que significa “e não diminuiu”? Quando uma pessoa chama por seu amigo, sua voz possui eco. A voz que saía da ‘Boca’ do Eterno, (porém), não possuía eco. Se você ficar surpreso com isso, eis que *Eliyáhu*,

quando veio ao Carmel, juntou todos os sacerdotes de idolatria e falou a eles: ‘chamem em voz alta, pois (você dizem que) deus é ele! (*Melachim I*, 18)’”.

“Que fez D’us? Emudeceu todo o mundo, silenciou as criaturas superiores e as inferiores e todo o mundo virou ‘*tôhu vavôhu*’, como se não houvesse nenhuma criatura no mundo, conforme está escrito: ‘e não havia voz, não havia quem respondesse e nem quem prestasse atenção’ (*ibid.*). Pois, se algo emitisse um som, eles diriam: ‘o *báal* (deus de idolatria) nos respondeu”.

“Quanto mais isso é verdadeiro, quanto ao momento em que falou D’us sobre o Sinai. Fez calar toda a Criação, para que saibam as criaturas que não há outro fora Ele. Disse: ‘Eu sou o Eterno, seu D’us’. (Com a mesma linguagem), sobre o futuro está escrito: ‘Eu, Eu sou Aquele Que consola vocês’” (*Yeshayáhu*, 51).

O sentido disto é que D’us impossibilitou que se argumentasse o extremamente improvável: que qualquer outro fator estivesse envolvido na Entrega da *Torá*. Os Filhos de Israel viram com os próprios olhos e ouviram com os próprios ouvidos, da forma mais clara possível neste mundo, que somente D’us entrega a *Torá*, que Ele é Único e que, fora Ele, não há nada.

Aprende-se daqui o grande poder de desvio que possui o mau instinto. Se fosse ouvida mais alguma voz, mesmo o piar de um único pássaro, haveria possibilidade de ele argumentar que existem dois “senhores do mundo”. O mesmo poderiam dizer os sacerdotes de idolatria da época de Eliyáhu, se então se ouvisse algo.

D’us, porém, impediu isso e mesmo o eco não foi então ouvido. A clareza da Unicidade de D’us, na ocasião da Outorga da *Torá*, foi absoluta. Este fato fixou-se no coração dos Filhos de Israel; os membros daquela geração transmitiram a *emuná* na *Torá* – que vem dos Céus – à próxima, que a transmitiu para seus filhos e assim por diante, até a geração presente – e, desta, até o fim de todas as gerações.

A Importância dos Preparativos Quanto aos Preceitos Divinos

Na *Hagadá* de *Pêssach* *Arzê Halvanon* é trazida a seguinte pergunta do *Rav Chayim Shmuelevitz zt”l*:

No Monte Carmel, Eliyáhu rezou duas vezes para D’us, utilizando a linguagem “responda-me”. Nossos sábios explicam que, na primeira vez, pediu para que descesse o fogo dos Céus, consumisse a oferenda e, que por meio disso, vissem todos que o Eterno é D’us. Na segunda, pediu que não pensassem que isso foi feito por intermédio de feitiçaria.

Concluímos daqui que, mesmo quando desce fogo dos Céus e, apesar de tudo o que foi trazido sobre a clareza da Revelação Divina e do fato de não poder haver nenhuma dúvida de que o Próprio D’us é Quem respondia a Eliyáhu, ainda assim havia a possibilidade de dizerem que foi feitiçaria – a ponto do profeta rezar para que isso não acontecesse!

Sendo assim, como é que o silêncio absoluto que reinou no mundo durante o episódio do Monte Sinai, para mostrar que D’us é Único e que Ele Próprio entregou a *Torá* – conforme descreve o *Midrash* – elimina a possibilidade de se dizer que tudo foi causado por um ato de feitiçaria? Embora os fatos contradigam esse pensamento, vê-se que isso poderia ser argumentado mesmo no Monte Carmel, caso o Profeta Eliyáhu não houvesse rezado para que não acontecesse.

O *Rav Chayim Shmuelevitz* responde que, para isso serviram os “três dias de separação” (*sheloshet yemê hagbalá*) antes da Outorga da *Torá*. Esses dias santificaram e purificaram o Povo de Israel, preparando-os do melhor modo possível para o recebimento da *Torá*. Ou seja, eles tornaram os Filhos de Israel aptos para que a realidade que vissem penetrasse em seus corações e se fixasse em sua consciência.

Os “três dias de separação (contenção)” auxiliaram-nos a observar da maneira correta e perceber que toda a existência prova que o Eterno é D’us. Assim, as bases da “*Torá* que vem dos Céus” e da Unicidade de D’us penetraram em seus corações.

Deduz-se a partir disso, a enorme importância dos preparativos quanto aos Preceitos Divinos e, principalmente, quanto ao recebimento da *Torá*.

A cada ano, retorna a luz extraordinária da Outorga da *Torá* e as capacidades espirituais nela contidas. Desse modo, o indivíduo é capaz de se elevar espiritualmente de um modo especial, caso aproveite desta época – que é propícia para isso. Quanto mais ele se preparar para o período da Outorga da *Torá*, mais conseguirá absorver valores espirituais importantes e preciosos.

Esta preparação é importante também em relação aos preceitos da *Torá*. Aquele que vier a executá-los após preparativos, com pensamento e atenção quanto ao que está realizando – em vez de pressa e levandade – terá o mérito de cumpri-los com intenção pura. Eles penetrarão em seu coração, elevarão seu espírito e o levarão a se aproximar, com amor, do Todo-Poderoso.

“Excede em Grandeza Aquele que é Obrigado e Faz”

O Rav Moshê Chayim Luzzato, em seu livro *Dáat Tevunot* (*siman* 155), explica que um dos presentes que D’us deu na Outorga da *Torá* foi a categoria de “*metsuvê veossê*” – alguém ser obrigado a fazer algo e cumprir aquilo que foi obrigado”.

Em *Massêchet Kidushin* (31a) é explicado que “aquele que é obrigado e cumpre excede em grandeza àquele que não é obrigado, mas faz”. Mesmo antes da entrega da *Torá*, os patriarcas e as tribos cumpriam seus preceitos. Apesar disso, faltava a eles o nível de “*metsuvê veossê*” – de fazê-lo por ordem Divina e não por livre

e espontânea vontade – pois podiam deixar de cumpri-las.

No livro *Alê Shur* (parte 1, página 77), é explicado que o cumprimento dos preceitos da *Torá* nesse nível auxilia o indivíduo a vencer a obstinação e arbitrariedade do coração. Aquele que os cumpre apesar de não ter sido ordenado, o faz por decisão pessoal; se não quiser, pode também não fazê-lo.

Em compensação, aquele que cumpre os preceitos por obrigação e por ordem da *Torá* Sagrada, já não possui uma obstinação e arbitrariedade tão poderosas como antes. Pouco a pouco, ele perde a dureza do coração e suas características morais são suavizadas.

Este é o nível que o Povo de Israel alcançou na Revelação do Monte Sinai, que o acompanha por todas as gerações. Assim, os Filhos de Israel cumprem os preceitos Divinos fielmente, vencem suas características humanas e ascendem na trilha que leva a D’us.

SHAVUOT I / I שבועות

COMO SE PREPARAR PARA A FESTIVIDADE DA OUTORGA DA TORÁ?

Rut e Orpá

Consta em *Meguilat Rut*: “e disse (Naomi a Rut): ‘eis que voltou sua cunhada (Orpá) para seu povo e para seu deus, volte atrás de sua cunhada! Diz sobre isso o *Midrash*: “uma vez que voltou a seu povo, voltou a seu deus”.

Embora o início de Rut e de Orpá tenha sido muito parecido, as duas chegaram a um fim completamente distinto. No início, as duas queriam acompanhar muito Naomi e segui-la aonde fosse. Depois, porém, seus caminhos se separaram totalmente.

À primeira vista, a diferença não é tão extrema: Rut continuou com sua sogra enquanto Orpá voltou a seu povo. No entanto, nossos sábios ensinam que esta última retornou também a seu deus e caiu em todas as abominações da idolatria, a qual estava acostumada antes de seu casamento com Kilyon, o filho de Elimêlech e de Naomi. Ela se transformou de modo radical e, na mesma noite, já

decaiu profundamente, ao mais baixo degrau.

Qual é a diferença radical entre a personalidade, o destino e o fim das duas? O que causou com que suas idéias fossem iguais no início e por que posteriormente, na hora do teste, elas reagiram de forma tão distinta e contraditório?

O Teste de “Sair de Sua Terra”

O *Rav* Yehudá Leib Chasman, em seu livro *Or Yahel* (parte 3, pág. 32), estende-se na explicação da queda de Lot, até este chegar a Sedom. Entre este episódio e o de Rut e Naomi existem muitos pontos em comum, sendo possível compará-los e aprender de um para o outro. Também Lot começou ao lado de Avraham, abandonando-o em um determinado ponto e chegando a um fim funesto.

Estas são as palavras do *Rav* Yehudá Leib Chasman:

“‘Saia de sua terra’ é considerado um dos dez testes pelos quais passou Avraham *Avinu*. É um teste desmedido abandonar a terra onde se nasceu, mesmo para um gigante, como Avraham *Avinu*. Isto é considerado um teste árduo, embora Avraham tenha ouvido a ordem explícita de D’us”.

“Eis que no versículo está explícito: ‘e foi com ele Lot’. Lot também fez esse grande ato de Avraham *Avinu*, apesar de não haver sido ordenado por D’us. Assim, à primeira vista, o teste de Lot foi maior que o de Avraham, em um certo sentido”.

“Esperaríamos ver conseqüências abençoadas, para sempre, também de Lot e de sua descendência, assim como Avraham teve esse mérito. Apesar disso, as conseqüências da viagem de Lot foram diferentes e muito piores: ‘e armou suas tendas até Sedom e as pessoas de Sedom eram ruins e pecadoras para D’us, muito”.

“Lot chegou ao extremo mais afastado. Os alunos de Avraham *Avinu* distinguem-se pelo olhar positivo, espírito humilde e

alma rebaixada (*Avot*, capítulo 5, *mishná* 19), enquanto Sedom é o exemplo de todo o vício. O nome ‘Sedom’ transformou-se no símbolo da maldade, desde então. ‘A característica de Sedom’ é o exemplo de maus atributos, opressão e dureza do coração. A tudo isso chegou Lot, o sobrinho de Avraham”.

“Pergunta-se: eis que Lot passou pelo difícil teste de Avraham *Avinu*; por que então não continuou a ascender como fez Avraham e como continua a fazer a descendência de Avraham, em todas as gerações?”

“Desvie do Mal” e Depois “Faça o Bem”

“A diferença entre eles é que, às vezes, o indivíduo aspira atingir metas espirituais, decide francamente ter sucesso no bom caminho e, mesmo assim, não tem e certamente não terá sucesso. O motivo disto é que ele não analisou a si próprio, não se preparou e não chegou a conhecer seus traços de personalidade e suas tendências, que não condizem com a boa meta que pretende atingir”.

“Este indivíduo não se aprofundou na pesquisa de suas características e sentimentos do passado e – mais que isso – não abandonou nem a este, nem às falhas de sua fase anterior. Se ele mantiver todas as suas suposições e suas tendências anteriores, de nada adiantará todo o seu empenho em conseguir a luz espiritual e os níveis aos quais quer chegar”.

“Isto se compara a fogo e água, que nunca poderão coexistir juntos. Também neste indivíduo, o passado que ainda não foi limpo e o futuro que ele almeja não tem como existir um ao lado do outro. Conseqüentemente, o fracasso está garantido”.

“A lição aprendida disso é clara. Para chegar a um nível de santidade, a um maior grau de espiritualidade, é necessário começar com a difícil tarefa de destruição do mal que habita dentro

da alma. Tudo o que pode atrapalhar a ascensão – más características, costumes negativos, cosmovisão (*Weltanschauung*) corrupta – deve ser arrancado, com um esforço sistemático e paciente. É muito importante cumprir o ‘desvie do mal’ antes de chegar à principal meta, ‘faça o bem’.”

“D’us disse a Avraham *Avinu*: ‘Saia, por você, de sua terra, do lugar onde você nasceu e da casa de seu pai’ (*Bereshit* 12:1). Eis que uma pessoa sai primeiro da casa de seus pais, depois de onde nasceu e apenas então de sua terra. Por que, então, a ordem aqui é inversa?”

“A ordem das palavras neste versículo indica também uma saída espiritual, desligamento e desconectamento de todos os fatores negativos que podem atrapalhar o indivíduo em seu bom caminho. Ele deve se afastar de tudo o que absorveu do país, da cidade e das pessoas de sua casa.”

“É certamente mais fácil se distanciar antes do que o influenciou em menor grau e, neste assunto, se avança do mais leve para o mais pesado. Inicialmente, deve-se largar os costumes aprendidos dos habitantes do país. Depois disso, deve-se fazê-lo com os da cidade natal e, por fim, é necessário iniciar o estágio mais difícil: afastar-se dos costumes absorvidos dentro da casa.”

“Por isso que a Avraham foi dito: ‘Saia, por você, de sua terra, do lugar onde você nasceu e da casa de seu pai’. Apenas depois que isso lhe foi ordenado: ‘para a terra que te mostrarei’ (*ibid.*). O alcance dos níveis elevados, no futuro, só é possível após o desligamento do passado.”

“Neste ponto está cravada a diferença básica entre o caminho de Avraham *Avinu* e o de Lot. Avraham chegou à Terra de Kenáan apenas após ter saído de sua ‘terra’, de sua ‘pátria’ e da ‘casa de seus pais’ enquanto Lot, embora almejassem chegar a elevados níveis, não arrancou de si os maus costumes que se enraizaram no passado.”

“Por isso, em um momento de teste – se bem que este possuísse um valor menor que o abandono da pátria – sua cobiça por dinheiro estava em seu encalço e ele não pôde enfrentar o mau instinto, quando este o afrontou com a possibilidade de um pasto melhor. Isto foi motivo suficiente para que largasse Avraham Avinu, com todas as aspirações espirituais e se voltasse a Sedom, com tudo o que esta cidade simbolizava. Aquele que não se desliga de seu passado, pode facilmente ser afastado de todos os valores verdadeiros que pretende alcançar, por qualquer pequeno teste.”

“Lot despencou muito, como consequência de seu afastamento de Avraham. De acordo com as palavras do *Rashi*, ele se voltou para a idolatria, apartou-se do Eterno e disse: ‘Não quero nem a Avraham, nem a seu D’us’ (sobre *Bereshit* 13:11).”

O *Or Yahel* termina suas palavras dizendo que, “freqüentemente, vemos até mesmo pessoas intelectuais, que pensam entender as coisas e que concordam com o fato de deverem melhorar seu modo de agir de forma drástica, não conseguirem fazê-lo e passarem todos os seus dias no mesmo lugar.”

“Por outro lado, existem aqueles que ascendem constantemente na espiritualidade e que a aumentam a cada dia. A diferença é que estes primeiramente se desfizeram dos sedimentos impróprios que a eles se juntaram.”

“Em compensação, aqueles que estão interessados em cumprir “para a terra que lhe mostrarei” antes de realizar “saia, por você, de sua terra, do lugar onde você nasceu e da casa de seu pai” são dos discípulos de Lot. Eles também tropeçam no mesmo ponto que ele, que não se afastou de seu passado e fracassou quanto ao futuro.”

“Voltando ao assunto de Orpá, com o qual este ensaio foi iniciado: ela voltou ao seu deus, porque não arrancou de si as tendências e os desejos de sua vida anterior. Estas forças fervilhavam dentro dela, por baixo da decisão de viver uma nova vida,

aprimorada. No instante decisivo da despedida de Naomi, essas forças latentes irromperam, destruíram seu trabalho espiritual de anos e a fizeram despencar pelo abismo.”

Preparação Para a Outorga da Torá

Essas palavras podem ajudar na preparação para a festa de *Shavuot*, a festividade da Outorga da *Torá*. Consta em *Massêchet San’hedrin* (55b): “Disse *Rava*: o que significa ‘e do Deserto para Mataná e de Mataná para Nachliel e de Nachliel para Bamot’ (*Bamidbar* 21:18)? Uma vez que a pessoa se faz como um deserto – que pertence a todos – a *Torá* é dada a ele de presente (*mata-ná*), conforme está escrito: ‘e do Deserto para Mataná’”.

Aquele que se purifica de más influências e de desejos, retirando de si todas as metas e vontades que contradizem o espírito da *Torá*, é quem a receberá como presente.

O deserto é público e não possui normas fixas. Ele não possui costumes do passado, obrigações sociais ou convenções que o aprisionam. Somente num lugar como este poderia ser dada a *Torá*, pois aí o futuro está aberto e pronto para receber todos os valores positivos que forem falados dentro dele.

Antes de receber a *Torá*, na festividade de *Shavuot*, é apropriado que façamos uma auto-análise, purifiquemos nosso coração, dominemos nossos hábitos que nos limitam e, conseqüentemente, tenhamos o mérito de receber a luz da *Torá*. Isto, até que nos tornemos parte daqueles que se elevam constantemente – dos discípulos de Avraham *Avinu*, que conseguiu se desligar das más influências do passado em seu caminho à Terra Prometida.

SHAVUOT II / II שבועות

E DESPOSAR-TE-EI PARA MIM PARA SEMPRE

“E Serão Para Mim” – “Que Vocês Pertencerão a Mim”

Sobre o versículo “e vocês serão para Mim um tesouro especial, dentre todos os povos, pois a Mim pertence toda a Terra” (*Shemot* 19:5), é trazido na *Mechilta*: “‘e serão para Mim’ – que vocês pertencerão a Mim”.

É perguntado no livro *Netivot Shalom*, em *Parashat Yitrô*: “eis que ‘a D’us pertence a Terra e tudo o que há nela’ – ou seja, que todo o mundo pertence a D’us, a cada instante. Sendo assim, deve-se entender qual é o significado especial do que ensina a *Mechilta* – que vocês pertencerão a Mim – pois eis que toda a Terra pertence a D’us, sempre!”

Em *Massêchet Taanit* (26b), a *guemará* interpreta o versículo “saíam e vejam, filhas de *Tsiyon*, o Rei Shelomô, a coroa com a qual lhe adornou sua mãe no dia de seu casamento e no dia da alegria de seu coração” e diz que “no dia de seu casamento” – é o dia da Outorga da *Torá*.

Assim, ocorre que nossos sábios definem o dia da Outorga da *Torá* como o dia do casamento e da assinação do pacto entre D’us e Seu Povo, Israel. Aprofundando-se neste assunto, é possível também entender o ato de “compra” que foi acrescentado nesse dia, conforme trazido anteriormente.

Consta na *Torá*: “Vocês viram o que fiz para o Egito – e carreguei vocês sobre asas de águias e trouxe vocês a Mim” (*Shemot* 19:4). Uma análise deste versículo mostra que D’us tirou os Filhos de Israel do Egito e os elevou até que ficassem próximos Dele. Parece que este “carregar sobre asas de águias” não foi apenas uma salvação material do jugo do Egito e sim uma aproximação de D’us, elevando-os grau após grau, até eles estarem aptos a se postar perante o Monte Sinai e receber a *Torá*.

Pode-se acrescentar que esta aproximação proveio de um “despertar Superior”, ou seja, que foi D’us Quem aproximou o Povo a Si, e elevou grau acima de grau nos níveis espirituais. Em compensação, na Outorga da *Torá*, que constituiu em um pacto entre as duas partes, foi dado um passo especial também por parte dos Filhos de Israel, passo este que os incluiu no Pacto e fortaleceu a posse por parte de D’us.

A Essência do Casamento

Rabênu Nissim, em *Massêchet Nedarim* (30), explica que a mulher toma parte no ato do casamento com o fato de anular sua opinião e sua vontade perante aquele que atua no casamento. Com isto, ela torna-se como *hefkê* “sem dono” (*res nullius*), em relação ao noivo e, assim, o marido pode fazê-la entrar em sua “propriedade”. Esta é a parte que a mulher toma no ato do casamento.

Parece que esta também foi a participação de Israel no pacto com D’us. No episódio do Monte Sinai, os Filhos de Israel anularam completamente sua essência e existência perante D’us, dan-

do-se então o “casamento” entre eles.

Nesta mesma ocasião, foi dada a eles a *Torá* e eles entraram no pacto sagrado com D’us; transformaram-se em uma “noiva” e, desde então, se encontra com eles a *Torá*, que os eleva, liga a D’us e lhes outorga a eternidade.

Nossos sábios compararam em diversos lugares o episódio do Monte Sinai a um casamento. De acordo com o que foi explicado, nos dois ocorre um processo parecido de vínculo e firmação de pacto entre as duas partes.

Três Tipos de Anulação Perante D’us

Foi dito no versículo (*Hoshêa* 2:21-22): “E desposar-te-ei para Mim para sempre; desposar-te-ei para Mim com retidão e com justiça, com bondade e misericórdia. E desposar-te-ei para Mim para a fidelidade e você conhecerá *Hashem*”.

A palavra “*Li*” – para Mim – expressa que algo é pertencente e também anulado. Os dois acontecem com a noiva, em relação ao noivo. Esta expressão aparece três vezes no versículo, o que indica três campos nos quais a anulação é possível.

O primeiro se relaciona a assuntos referentes ao cérebro: a anulação da lógica, dos pensamentos e das opiniões perante o outro, no qual se confia plenamente, sem objeções. Em relação ao Criador, isso significa que o indivíduo entende que o desígnio de D’us é o que acontecerá e que Seus pensamentos são muito mais elevados que os dos seres humanos.

O segundo campo diz respeito ao coração, ou seja, o indivíduo anula suas vontades e desejos perante D’us e sente que apenas o que Ele deseja dele é o verdadeiro bem. Somente o que está escrito na *Torá* e que leva ao bem e além disso não há nada. Ambições terrenas e desejos humanos não o atraem, pois seu coração está ligado, com amor, ao Eterno.

O terceiro campo se refere aos órgãos e membros do corpo, ou seja, que estes não executam um movimento que não condiz com a *Torá* e a lei judaica. Após o cérebro e o coração estarem ligados a D’us, seguem-nos os órgãos e os membros, e é como se estes se aconselhassem sempre com a *Torá* antes de agir.

A anulação completa frente a D’us, nestes três ramos, constitui o “despertar inferior” do ser humano. Por meio dela o indivíduo se aproxima do Eterno, firma com Ele o pacto e continua a viver, para sempre, de acordo com a *Torá* e com Sua vontade.

Esta é a intenção da *Mechilta* anteriormente citada: “‘e serão para Mim’ – que vocês pertencerão a Mim”. Ou seja, que estarão plenamente submetidos a mim.

De acordo com isso, responde-se a questão de sermos sempre propriedade e servos de D’us. “E serão para Mim” trata da firmação do pacto, que é sempre recíproco, entre dois lados. Por parte de Israel, a participação se deu com a completa anulação frente às vontades, pensamentos e atos. Assim tornamo-nos escravos do Rei dos reis, aqueles que cumprem e guardam Sua vontade, para sempre.

O Nível de Israel na Revelação no Monte Sinai

É importante ressaltar que esse nível espiritual não é, de modo algum, facilmente atingível. Todo indivíduo possui vínculos, vontades e desejos internos. Para que anule todos em prol do Criador – sem deixar para si nem mesmo uma pequena sobra – é necessário que seja uma pessoa sublime.

Este era o nível especial dos Filhos de Israel quando estavam aos pés do Monte Sinai. Eles anunciaram “cumpriremos e ouviremos”, porque confiavam nas palavras de D’us, estando dispostos a cumprir Suas ordens mesmo antes de ouvi-las. Eles fixaram em suas almas que são ligados apenas a Ele e que não há nada exceto

Ele. Esse nível de *Emuná* – confiança e fé – é extraordinariamente elevado e o povo vive, até hoje, por conta dele.

Sobre o versículo “e agora, se realmente ouvirem Minha voz”, dizem nossos sábios (trazido também no *Rashi*): “‘e agora’ – se agora vocês receberem sobre si, daqui para frente será bom para vocês, pois todos os inícios são difíceis”.

No livro *Shiur Leyom Hashabat* consta que é preciso entender por que, justo aqui, nossos sábios salientam essa idéia – que embora os começos sejam difíceis, para aquele que se mantém firme nele, no prosseguimento tornar-se-á fácil ou até mesmo agradável. Afinal, a promessa de um assunto se tornar fácil, embora o começo seja difícil, poderia ser feita sobre diversos preceitos.

É necessário dizer que esta anulação da personalidade, que engloba todas as partes do indivíduo, é um passo extremamente difícil, que exige abstenção e sacrifício infinitos. Por isso, nossos sábios acentuam, que embora o começo seja difícil e pareça uma escalada extremamente complicada e dura, D’us auxilia na continuação e ampara aquele que cede, em prol de seu Criador.

No livro *Messilat Yesharim* consta que o prazer espiritual e a recompensa das *mitsvot* são o maior deleite que pode existir no mundo. Tem o mérito a este deleite, aquele que se aproxima de D’us e que realmente se liga à Sua *Torá*. Por intermédio disso, ele se torna um servo de seu Criador, Que o auxilia e lhe concede todo o bem que está reservado para os justos, no futuro.

NASSÔ / נֶסֶךְ

A LIÇÃO APRENDIDA DAS OFERENDAS DOS CHEFES

“Vocês Honraram Um ao Outro”

Na inauguração do *Mishcan* (Tabernáculo), cada um dos chefes das tribos ofereceu, em dias separados, uma oferenda. Sobre isso, escreve o *Rashi* em nome de nossos sábios (*Bamidbar Rabá* 14:26):

“O que vem ensinar ‘dos chefes de Israel’? Que eles se voluntariaram por si próprios e que a oferenda de todos eles foi igual: igual era seu comprimento, sua largura e seu peso e nenhum deles ofereceu mais que o outro. Pois se um deles tivesse oferecido mais que o outro, nenhuma dessas oferendas poderia ser feita no *Shabat*. Disse a eles o Eterno: ‘Vocês honraram um ao outro e eu honrarei vocês, de modo que vocês poderão fazer a oferenda no meu dia de *Shabat*, para que não haja uma pausa entre suas oferendas’”.

Diversos assuntos foram aprendidos neste episódio pelos sábios de todas as gerações. Trataremos de três destes assuntos neste ensaio.

A Importância do Desprendimento Quanto ao Dinheiro

Desprendimento monetário significa a prontidão de abrir mão do dinheiro em prol de uma meta elevada e sem expectativa de lucros, de boa vontade. Quando uma pessoa o faz, demonstra que a meta pela qual está atuando é mais importante para ela que seu dinheiro. Com isso, ela enraíza em sua alma a grandeza dos valores espirituais e sua predominância sobre as posses materiais.

Os chefes das tribos apresentaram suas oferendas de seu próprio bolso, destacando-se nesta característica. Em compensação, muitos são os que tropeçam em relação a isto, preferindo sua fortuna a aquisições espirituais. Escreve sobre isso o *Messilat Yesharim*, no capítulo 11:

“Eis que a cobiça por dinheiro é o que o encarcera (o indivíduo) na reclusão do mundo e coloca o jugo do esforço e da ocupação em seus braços, conforme está escrito: ‘aquele que ama o dinheiro não se satisfará com dinheiro’. É a cobiça pelo dinheiro que o retira do serviço (Divino), pois eis que quantas orações são perdidas, quantos preceitos são esquecidos por haver tanta ocupação e preocupações com o volume da mercadoria! Quanto mais isso é verdadeiro em relação ao estudo da *Torá*”.

Na continuação do mesmo capítulo consta: “ela (a cobiça por dinheiro) faz com que se transgrida, muitas vezes, os preceitos da *Torá* – e mesmo as leis lógicas naturais”.

De suas palavras aprendemos o quanto a ambição pelo dinheiro atrapalha todo o modo de vida do indivíduo, atingindo principalmente seu serviço Divino. O estudo da *Torá*, as orações e muitos preceitos podem ser prejudicados pelo desejo constante de expandir os negócios.

Isto é perceptível analisando o dia-a-dia da sociedade. Muitos são os que estão completamente envolvidos, dos pés à cabeça, em

assuntos materiais. Não apenas seu tempo é consumido por eles, como também sua mente e seu coração encontram-se enclausurados, sendo muito difícil se afastar desse modo de vida e se dedicar ao objetivo fundamental do ser humano – a espiritualidade.

Essas pessoas fazem dos meios um objetivo; em vez de as posses materiais auxiliarem no alcance do verdadeiro alvo, que é o serviço Divino, estas se transformam em uma meta por si só e o indivíduo concentra todos os seus pensamentos, sua fala e seus atos na aquisição de conforto, proveito e prazeres materiais. Assim, ele perde completamente o controle de sua vida.

O teste implícito nisso não é de modo algum fácil. O *Messilat Yesharim* escreveu que o afastamento da cobiça constitui um nível sublime da alma: “Porém, assim como a cobiça por dinheiro é muito grande, levanta ela muitos empecilhos. Para que o indivíduo seja realmente isento deles, é necessário que tenha uma grande análise intelectual e muito cuidado. Se ele estiver livre disso, saiba que já chegou a um nível elevado, pois muitos chegaram à piedade em muitos ramos dela mas, no tocante ao ódio pela cobiça, não conseguiram atingir a perfeição”.

Muitos são os que conseguem atingir altos níveis de perfeição em diversos campos do serviço Divino. Neste, porém, isso é muito difícil.

Os chefes das tribos, que trouxeram de sua própria vontade uma oferenda extremamente cara, mostraram que se deve preferir a espiritualidade e o que leva ao amor a D’us, à riqueza. Deles se aprende a separar uma parte considerável dos bens para a caridade, bondade e a honra dos Céus.

Um Recurso para Atingir a Longevidade

Nossos sábios falam, em diversos lugares, da enorme importância do altruísmo em relação ao dinheiro e da extraordinária

bênção que o segue.

Assim, consta em *Massêchet Meguilá* (28a): “Perguntaram os alunos de *Rabi Nechunyá ben Hacanê*: Pelo que teve (o senhor) o mérito de ter uma vida longa? Respondeu a eles: nunca me honrei com base na vergonha de meu companheiro; não subiu à minha cama, a maldição de meu amigo e indulgente com meu dinheiro eu fui...Pois falou Mar: Iyov era indulgente com seu dinheiro, pois deixava uma moeda para o padeiro junto com o dinheiro”. Todo esse assunto é explicado pelo *Maharshá* no primeiro capítulo de *Massêchet Bavá Batrá*.

No livro de Iyov está escrito que este viveu muito bem por longos anos, após haver sobrepujado o teste que D’us lhe impôs. “E viveu Iyov, depois disso, cento e quarenta anos. Viu seus filhos e os filhos de seus filhos; quatro gerações. Faleceu Iyov idoso e satisfeito de anos”.

Portanto, se vê que a longevidade de Iyov veio, entre outros, por sua indulgência quanto ao dinheiro, o que se liga às palavras de *Rabi Nechunyá ben Hacanê*.

Assim também, no mesmo trecho consta, que *Rabi Akiva* perguntou a *Rabi Nechunyá Hagadol* por qual mérito ele viveu tanto tempo, e este lhe respondeu que também por esta característica.

É difícil apontar exatamente qual é o verdadeiro elo entre a indulgência e a longevidade. De um modo geral, parece que a primeira é capaz de servir como parâmetro para a direção na qual se inclina a alma do indivíduo e quais são os valores que lhe são realmente relevantes.

Aquele que abre mão de seu dinheiro demonstra, que a espiritualidade é o principal em sua vida. A alguém assim, D’us concede a possibilidade de continuar a vida e levá-la a um elevado grau de plenitude, se aproximar de D’us e se transformar em um ente espiritual.

Em *Massêchet Avodá Zará* (18) consta que *Rabi Yossi ben Kismá* falou a *Rabi Chaniná ben Teradyon*: “seja minha parte de sua parte e meu destino de seu destino”. *Rashi* explica que o motivo que *Rabi Yossi* desejou ter o mesmo destino de *Rabi Chaniná* era o fato de este ser indulgente quanto a seu dinheiro, o que ficou evidente com o episódio do dinheiro que separou para os pobres em *Purim*, que se misturou com outras moedas de *tse-dacá*.

D’us auxilia os que assim agem em prol dos preceitos da *Torá*; concede-lhes longevidade e permite a eles que cheguem à meta desejada da vida.

A Importância de Honrar os Outros

Uma segunda lição extraída deste episódio se aprende do fato de os chefes das tribos terem tomado cuidado para que nem mesmo um oferecesse mais que o outro.

Diz o *Messilat Yesharim* no capítulo 20, que trata sobre a virtude de “*chassidut*” (devoção): “Eis que é necessário entender que não se deve julgar elementos de “*chassidut*” à primeira vista; é necessário analisar e refletir até onde chegam as conseqüências do ato que se pretende fazer. Isso porque, às vezes, o próprio ato parece bom mas, uma vez que suas conseqüências são ruins, é obrigatório abandoná-lo. Caso realizar o ato mesmo assim, será um pecador e não um piedoso”.

O *Messilat Yesharim* continua: “Veja (por exemplo): é óbvio que é apropriado a cada indivíduo que se apresse e corra para executar um ato de *mitsvá*, se esforçando por ser um dos primeiros a tratarem dele. Porém, às vezes, podem sair disso discussões, sendo que este preceito mais será desprezado e o Nome de D’us mais profanado do que honrado. Nestes casos, certamente deve o piedoso abandonar este preceito e não correr atrás dele”.

Em outro trecho: “...tudo isso em relação a um acréscimo de piedade que, se agir assim perante as massas, desprezá-lo-ão e zombarão dele. Assim, eles se tornarão pecadores e serão castigados por sua causa, enquanto ele podia deixar de fazer essas coisas, por não se tratarem de obrigações totais. Eis que, sobre algo assim, é certamente mais correto que o piedoso desista de realizar, em vez de fazê-lo”.

É apropriado frisar que, no tocante a preceitos e proibições obrigatórios, estes constituem deveres impostos a todos e, nesses casos, deve-se empreender todo o esforço possível para que sejam cumpridos, sem que se pese “o que dirão os outros”. A ordem Divina é o único fator que conta, quanto a isso.

No entanto, há muitos assuntos que não são obrigatórios, constituindo níveis elevados de piedade e de serviço Divino. Nesse campo, valem as palavras do *Messilat Yesharim*: que o indivíduo deve analisar bem quais serão as conseqüências de seus atos.

Há vezes nas quais a intenção é satisfatória, mas a conseqüência não é. O resultado pode levar ao escárnio às criaturas, a desavenças ou ao desprezo da Honra dos Céus, *chas veshalom*, entre outros. Nestes casos, é preferível deixar de agir. Isso está incluso nas características da importante virtude de “*chassidut*”, à qual o *Messilat Yesharim* dedica uma explicação abrangente.

Os chefes almejam doar para a inauguração do *Mishcan* e, para isso, desprenderam-se generosamente de uma grande quantia de dinheiro, conforme explicado anteriormente. Junto com isso, eles tomaram muito cuidado para que outros não fossem atingidos por seus bons atos e que estes não despertassem inveja.

Assim, todos doaram uniformemente. Desse modo, com seus atos incrementaram a amizade e a união. Conforme diz o *Midrash*: “os chefes cuidaram para não oferecer um mais que o outro”.

“Pedem Permissão Um ao Outro”

O profeta Yesha'yáhu, no capítulo 6, descreve como os anjos santificam o nome de D'us: “e chamou um ao outro e disse: ‘Santo, Santo, Santo é o Eterno, D'us das Hostes, e assim por diante.’” Explica o *Rashi*: “pedem permissão um do outro, para que um não se antecipe ao outro e mereça ser queimado. Em vez disso, começam todos juntos. É isso que foi instituído para ser recitado na oração de ‘*Yotser Ôr*’: ‘Santidade todos como um só respondem e falam, com temor’”. Aprende-se daqui a importância de todos começarem juntos, a ponto de que aquele que não o faz, merecer ser duramente castigado.

Isso é explicado também no *Tossafot* (sobre *Chaguigá* 13b, a partir de “*mizeatan shel chayot*”): “‘novos para as manhãs’ – pois (o Eterno) cria anjos a cada dia; eles entoam uma canção e são exterminados, conforme é trazido logo. Isso, porque há um sinal entre os anjos fixos, que esperam um ao outro para entoar a canção, enquanto esses novos não sabem disso, apressam-se para cantar e merecem perecer”.

Tudo isso demonstra a necessidade de servir a D'us simultaneamente e com união. Assim escolheram agir os chefes das tribos, que se esforçaram por não se sobressaírem em relação a seus colegas, trazendo suas oferendas com a mesma medida.

“Engrandecem ao Eterno Comigo”

Consta em *Massêchet Berachot* (45): “Disse *Rabi Chanan bar Aba*: de onde aprendemos que aquele que responde ‘*amen*’ não deve elevar sua voz mais alto que o que recita a bênção? A respeito disso está escrito: ‘engrandecem ao Eterno comigo e elevemos Seu Nome conjuntamente’. Escreve sobre isso o *Meíri* (acerca de *Massêchet Nazir* 66b): “pois, às vezes, o que ouve presta mais atenção do que aquele que abençoa”.

Explica o Rav Chayim Efráyim Zaitchik, em seu livro *Col Tsofayich (Parashat Yitrô)*: “pois, uma vez que eleva sua voz mais do que aquele que abençoou, demonstra sua exaltação, emoção e agradecimento a D’us. Desta forma, é como se ele procurasse mostrar sua vantagem e seu maior sentimento, comparado àquele que abençoa”.

“Aquele que o faz como que empalidece, diminui e apaga a luz e a voz da discreta oração de seu companheiro. Às vezes, isso acontece também com seus mestres, demonstrando como ele está mais exaltado ou mais emocionado que eles”.

Isso nos ensina que, juntamente com o serviço Divino, é imposto a cada um de nós não se colocar acima dos outros. É um dever também conceder aos semelhantes a oportunidade de eles se expressarem, avançarem e terem êxito em seu campo de trabalho. É importante deixar que cada um possa servir a D’us, para que o Eterno tenha satisfação de todo o Povo de Israel.

Nisto destacaram-se os chefes das tribos, que indicaram o caminho a todos os que vieram depois deles.

Qual É a Verdadeira Honra?

Um terceiro ponto é aprendido do fato de D’us ter honrado os chefes e permitido a eles que trouxessem suas oferendas até mesmo no dia de *Shabat*.

Consta em *Shemot Rabá (parashá 8, 1)*: “Por que o Criador é chamado de ‘Rei da Honra’? Porque ele honra àqueles que O temem. Assim nos ensinaram nossos sábios: ‘Quem é o honrado? Aquele que honra as criaturas’”.

À primeira vista, a lição aqui contida é oposta ao que é geralmente aceito – que o honrado é aquele que recebe honrarias dos outros. Nossos sábios enfatizam o contrário: o honrado é justamente aquele que honra os outros.

O fato de honrar os outros demonstra que o indivíduo é interiormente honrado e possui uma importância própria, o que reflete exteriormente. O fato dele ser honrado pelos outros, no entanto, não necessariamente demonstra isso. Por isso, D'us – Que possui a mais elevada honra interior – honra aos outros.

Se cada um dos chefes procurasse trazer mais que o outro, ele não chegaria à meta almejada, não receberia honrarias por parte de D'us e sua oferenda não poderia ser trazida no *Shabat*. Foi justamente o fato de cada um abrir espaço para que o outro pudesse servir ao Criador, que trouxe a eles a honra.

Deles aprendemos a respeitar verdadeiramente os outros, auxiliar e honrar cada membro do Povo de Israel e ser então realmente considerado honrado.

BEHAALOTECHÁ / בהעלותך

A IMPORTÂNCIA DE CADA MEMBRO DO POVO DE ISRAEL

O Estimado Preceito das Luzes de Chanucá

Consta no *Ramban*, no início desta porção semanal: “Uma vez que as doze tribos fizeram um *corban* (uma oferenda na inauguração do *Mishcan*) e a tribo de Levi não fez um *corban* (Aharon ficou triste). Disse D’us a Moshê: ‘Fale com Aharon e lhe diga: há uma outra inauguração, na qual há acendimento de velas e na qual Eu farei a Israel milagres e maravilhas – é a inauguração dos Filhos da Dinastia dos *Chashmonaím* (que redimiram o Templo das mãos dos gregos, em *Chanucá*)’”.

Ao ver que todas as tribos traziam oferendas e honravam a D’us, sem que tomasse parte nisso, Aharon temeu que sua tribo não tivesse o mérito de poder fazê-lo. Respondeu-lhe o Eterno que, no futuro, haveria mais uma inauguração do altar, na qual os sacerdotes da Casa dos *Chashmonaím* agradeceriam a Ele por todos os milagres e pela salvação, que concedeu ao Povo de Isra-

el, em *Chanucá*.

O assunto principal do acendimento das velas de *Chanucá* é a difusão do milagre. Assim escreve o *Rambam* (*Hilchot Chanucá*, capítulo 4, *halachá* 12):

“O preceito da luz de *Chanucá* é um preceito muito querido. É necessário que o indivíduo cuide dele, para divulgar o milagre, acrescentar louvor ao Criador e agradecimento a Ele, pelos milagres que nos fez. Mesmo que (o indivíduo) não tenha o que comer, a não ser por meio de caridade, deve tomar emprestado ou vender suas vestes para adquirir óleo e lamparinas e acendê-las”.

Não há nenhum outro preceito pelo qual se deva vender as roupas para que possa ser cumprido. Somente neste caso, pela divulgação do milagre e pelo agradecimento a D’us, ordenaram nossos sábios que o indivíduo aja diferentemente do que está acostumado e até mesmo chegue a se envergonhar com isso, pedindo caridade ou vendendo suas vestes. Aqui vemos a preciosidade deste mandamento e a enorme importância de lembrar do milagre.

Na continuação (*halachá* 13), escreve o *Rambam*: “Eis que se ele só possui uma moeda e tem que escolher entre o *kidush* (de *Shabat* à noite, pois é permitido recitá-lo sobre o pão) ou o acendimento das velas de *Chanucá*, deve preferir a compra do óleo e o acendimento da luz de *Chanucá* ao vinho para o *Kidush*. Isso, porque os dois foram instituídos pelos escribas e é melhor dar preferência à luz de *Chanucá*, na qual está implícita a lembrança do milagre”.

“Seus Caminhos São Caminhos Agradáveis”

A preferência das luzes de *Chanucá* sobre o *Kidush* demonstra sua importância. No entanto, o *Rambam* traz, na continuação (*halachá* 14), que existem obrigações que as precedem:

“Se tem que escolher entre a vela de sua casa (para iluminar

no *Shabat*) e a vela de *Chanucá*, ou entre a vela de sua casa e o *Kidush*, a vela de sua casa tem preferência, por causa da paz familiar. Eis que o Nome (Divino) é apagado (no caso de uma “*sotá*”) para que haja paz entre o marido e sua esposa. Grande é a paz, pois toda a *Torá* foi outorgada para que se faça a paz no mundo, conforme está escrito: ‘seus caminhos são caminhos agradáveis e todas suas trilhas são paz’”.

Quando analisamos a fonte desta lei, em *Massêchet Shabat* (23b), encontramos que é óbvio para a *Guemará* que a paz conjugal tem preferência. Assim consta: “Perguntou *Rava*: vela de *Chanucá* ou o *Kidush*, qual se deve fazer?” *Rava* não tem dúvidas, no entanto, quanto à preferência das velas de *Shabat*. Continua a *Guemará*: “é óbvio para mim que entre a vela de sua casa e a vela de *Chanucá*, a vela de sua casa tem preferência, por causa da harmonia no lar”.

Explica o *Rashi*: “em um lugar onde não há luz não há paz, pois se tropeça no escuro. ‘Foi abandonada, de paz, minha alma’ – refere-se ao acendimento da vela do *Shabat*, pois as pessoas sofrem por sentarem-se no escuro”. O *Bach* (*Rav Yoel Sirkis*) diz que a versão correta é “pois se come então no escuro”.

Pergunta o *Rav Ben Tsiyon Bruk zt”l* em seu livro, *Heg’yonê Mussar*: “Qual é o problema de comer no escuro? Que tristes consequências podem advir disso?”

O *Rav Bruk* explica isso baseando-se nas palavras da *Guemará* em *Massêchet Yomá* (74b), que pergunta sobre o versículo: “Que lhe deu de comer o *man* (maná) no deserto para te fazer sofrer” – que sofrimento há em comer o *man*?

Uma das idéias é que “não é igual quem possui pão em sua cesta e quem não possui pão em sua cesta. Explica o *Rashi*: “ele come hoje e se preocupa com o amanhã”. Ou seja, os Filhos de Israel viviam o tempo todo pela misericórdia Divina e temiam que de repente parasse de cair o *man*.

A segunda idéia é que “não é igual aquele que come e vê e aquele que come e não vê”. Explica o *Rashi* que aquele que comia o *man* sentia o sabor de tudo o que quisesse, mas via somente o próprio *man*. Disse sobre isso Abayê, na *Guemará*: “portanto, aquele que tem uma refeição deve comê-la durante o dia” – pois de dia ele verá o alimento e poderá se satisfazer com ele.

Os Filhos de Israel comeram o *man* por quarenta anos, no deserto. Embora não lhes faltasse nada, a *Torá* considera o fato de comerem *man* como um sofrimento, por não poderem ver a comida palpavelmente, perante seus olhos – mesmo que podiam sentir o gosto do que desejassem.

O *Shabat* é um dia de deleite e alegria. Assim, nossos sábios decretaram que para haver um prazer pleno, é necessário que haja velas acesas (de véspera de *Shabat*) para que a pessoa não coma no escuro e assim possa ver o que foi preparado para que desfrute dos alimentos.

A Torá Se Preocupa com o Bem-Estar do Povo de Israel

As velas de *Shabat* têm preferência sobre as de *Chanucá*, portanto, por causa da necessidade de manter a paz no lar. Logo, é necessário entender por que a lei não é diferente para quem é solteiro ou come sozinho, uma vez que o motivo acima trazido não se aplica nestes casos.

No *Heg'yonê Mussar* são trazidas as palavras do *Rambam* no *Sêfer Hamitsvot* (*Lô Taassê* 317), sobre a proibição de amaldiçoar até mesmo um surdo: “Talvez poderíamos pensar que o motivo de não poder amaldiçoar um membro de Israel se deve ao sofrimento e dor que o atingirão com isso. Logo, (diríamos) que quanto a um surdo, que não ouvirá e não sofrerá com isso, não haveria, nesse ato, um pecado”.

“Eis que nos avisa (a *Torá*) que isso constitui uma proibição, advertindo-nos quanto a ela. Isso porque a *Torá* não se preocupou apenas com o amaldiçoado, mas se preocupou também com aquele que amaldiçoa, por si só, quando o advertiu para que não mova sua alma em direção à vingança e não se acostume a irritar-se”.

Das palavras do *Rambam*, aprendemos um grande fundamento para a compreensão das palavras da *Torá* e de seus mandamentos. Quando a *Torá* proibiu a briga entre alguém e seu semelhante ou de um marido e sua esposa, não o fez apenas para evitar sofrimento, dor, ofensa e vergonha àquele que é atingido; ela o fez também para salvar aquele que ataca.

Na prática, também aquele que fere, ofende ou amaldiçoa o outro é prejudicado. Isto se dá tanto pelo fato de ele estragar o caráter de sua alma, acostumando-se a atos desse tipo, quanto pelo remorso que certamente sentirá depois se acalmar.

O interesse da *Torá* é que todos se sintam bem e contentes durante suas vidas. Assim, é importante fortalecer a paz, para que as pessoas sintam-se bem umas com as outras e tenham o coração repleto de alegria e sentimento de plenitude.

Isso é tão importante aos olhos de D’us que Ele disse: “Meu Nome, que foi escrito com santidade, será apagado na água, para trazer paz entre o marido e sua esposa” (referente a um caso de *Sotá*). Aos olhos de D’us, é extremamente importante que cada um se sinta bem e tenha uma vida feliz e agradável.

Portanto, também aquele que come sozinho deve acender as velas de *Shabat*. A *Torá* se interessa por ele e quer que lhe seja agradável, que não coma no escuro e acabe se sentindo triste, tenso e infeliz.

Este é o motivo que a vela de *Shabat* precede a de *Chanucá* em todos os casos, embora a de *Chanucá* seja especial e inclua em si a divulgação do milagre e o agradecimento a D’us.

SHELACH LECHÁ / שלח לך

O ALTO NÍVEL DO CORAÇÃO PURO

O Desejo Influencia a Visão

O episódio dos espiões ensina uma lição importante para a análise da alma de um membro de Israel.

De acordo com o que é descrito na *Torá*, doze pessoas foram mandadas para espionar a Terra de Kenáan (*Bamidbar* 13). Quando retornaram, após quarenta dias, dez deles falaram mal sobre a terra, suas frutas e seus habitantes, enquanto os outros dois, Yehoshua e Kalev, louvaram a terra e até mesmo se estenderam sobre a capacidade de conquistá-la, com a ajuda de D'us.

Nossos sábios tratam desse episódio em diversos lugares e explicam as causas da diferença antagônica entre os dois grupos. De acordo com eles, os dez espiões temiam que, quando os Filhos de Israel conquistassem a Terra, cairiam de posição em relação a seus postos no deserto.

Assim, quando saíram para sua missão, eles já aspiravam que a impressão que tivessem fosse negativa. Escondido em seus corações, estava o desejo de ver a Terra como ruim, com uma enor-

me taxa de mortalidade, fortificada demais e assim por diante.

É uma grande regra na psicologia da alma o fato de o olho do indivíduo ver e interpretar o mundo de acordo com o desejo íntimo, que está gravado profundamente no coração.

Efetivamente, foi isso que aconteceu com os espiões. D’us lhes proporcionou diversos milagres, para que pudessem percorrer toda a Terra de Israel com segurança: quando passavam por um local, muitos habitantes dele faleciam, para que os outros estivessem ocupados com o luto e não reparassem neles. Os dez espiões, no entanto, interpretaram isso de modo negativo e decidiram que a terra faz com que os que moram nela, pereçam.

Além disso, as frutas de lá eram muito grandes e boas, o que é certamente positivo. Os espiões, no entanto, argumentaram: “assim como suas frutas são estranhas, também suas criaturas são estranhas” – e se esforçaram por prová-lo.

Em oposição a eles estavam Yehoshua e Kalev. Estes caminharam na trilha da verdade, sem intenções pessoais e se impressionaram com a Terra de modo correto, louvaram-na e estimularam o povo a conquistá-la.

Daqui se aprende uma lição muito importante: que o coração, o âmago do indivíduo, é o principal fator de influência da impressão exercida sobre si e do modo como ele age na prática. É o interior que define como ele verá e interpretará as coisas, para bem ou para melhor, dirigindo seu pensamento e suas idéias quanto a quase todos os detalhes de sua vida.

Se o indivíduo estiver livre de intenções pessoais e interesses secundários, chegará ao ponto da verdade e nada turvará sua visão nítida. Em compensação, se interesses materiais ou más características habitam seu coração, a pesquisa da verdade estará muito longe dele.

Essa conclusão auxilia no entendimento da importância dos grandes sábios da *Torá* e de suas decisões, tanto no campo públi-

co quanto no privativo, dentro do Povo de Israel. Com sua visão de *Torá*, eles são capazes de se elevar acima de considerações particulares e enxergar os problemas e as soluções em uma perspectiva correta.

Por isso é tão importante o aconselhamento com eles. Aquele que segue a luz de sua sabedoria terá o mérito de obter sucesso e êxito, com a ajuda de D'us.

Os Animais Percebem o Nível do Ser Humano

Consta no *Talmud* (*Shabat* 151b): “Disse Rami bar Aba: Um animal não domina um ser humano até este lhe parecer como um animal, conforme está escrito: ‘o ser humano, com seu prestígio não dormirá; comparado aos animais ele se parece’ (*Tehilim* 49)”.

O *Rav* Yitschac Zilberstein explica isso de um modo condizente com o que foi trazido anteriormente. Não apenas o modo de ver do próprio indivíduo é influenciado pelas forças internas que nele atuam; a própria posição dele e a forma como é visto pelos outros é definida por seu conteúdo interior.

Aquele que trilha o caminho da espiritualidade e se afasta do desejo e de assuntos sem importância, tem também sua imagem elevada, aos olhos dos outros, a ponto de mesmo as criaturas selvagens o temerem e não o atacarem.

O leão é o rei dos animais e não os teme. Portanto, um ser humano que desce de nível e se ocupa somente de assuntos materiais, assemelha-se a um animal, sendo então dominado pelo rei destes. Por outro lado, aquele cuja trilha espiritual é extremamente elevada, estará acima de seu corpo e é considerado como um anjo.

Assim como Daniyel – que foi jogado na cova dos leões e saiu intacto – há muitas histórias sobre grandes sábios, ao longo dos tempos, que não foram prejudicados por animais selvagens.

A lição aprendida disso é que âmagô, o coração e os pensa-

mentos definem a imagem e a existência do indivíduo, sendo o corpo apenas uma vestimenta para a alma. Isto é tão real que mesmo os animais o percebem. Até mesmo o leão, rei dos animais, não ataca um verdadeiro ser humano, alguém no nível de *Rabi Shim'on Bar Yochai*, sobre o qual está escrito: “faremos o ser humano – foi dito sobre você”.

As Leis Naturais e as Leis Espirituais

Consta em *Massêchet San'hedrin* (59b): “*Rabi Shim'on ben Chalaftá* estava andando pelo caminho quando encontrou um bando de leões que queriam devorá-lo. Disse: ‘os leões rugem para terem presa’ (*Tehilim* 104). Desceram (dos Céus) dois pedaços de carne; um comeram e um deixaram. Recolheu-o, levou-o à casa de estudos e perguntou sobre ele: ‘isto é algo puro ou impuro?’ Disseram a ele: ‘não há algo impuro que desce dos Céus’”

Ao se encontrar com os leões, *Rabi Shim'on ben Chalafta* não se apavorou e nem temeu por sua vida. Ele se dirigiu a D'us dizendo que, uma vez que os leões procuram naturalmente uma presa para se alimentarem, ele pede que o Eterno lhes dê comida de outro modo. Sua prece foi aceita e desceu para eles carne dos Céus. Daqui se vê que mesmo os leões não dominam uma pessoa que é inteiramente espiritual e que se afastou da materialidade dos animais.

Apesar de D'us ter fixado leis naturais, as leis espirituais são muito mais fortes. Deste modo, para aqueles que se elevaram e se santificaram, as leis materiais não funcionam como para os outros.

A conclusão é que o indivíduo deve se esforçar para se afastar das más características e da visão materialista. Então, seu modo de ver e de ser visto pelos outros se manterá claro e nítido; ele terá o mérito de se elevar acima dos limites materiais e de se ligar a D'us constantemente.

CÔRACH / קרח

O APERFEIÇOAMENTO DO CARÁTER

O Bom Olho e o Reconhecimento de Méritos

Do episódio de Cômach, aprendemos a extraordinária importância das virtudes de caráter (*midot*) e o grande perigo que paira sobre aquele que não as desenvolveu – até onde este pode decair e quais são as graves consequências que pode trazer ao seu modo de agir. Assim escreve o *Ramban*, no início desta porção semanal:

“Eis que para os Filhos de Israel, enquanto estavam no deserto, não aconteceu nada de mau. Pois mesmo no episódio do Bezerro de Ouro, que foi um pecado grande e famoso, os mortos foram poucos e (os Filhos de Israel) foram salvos graças à prece de Moshê, que rezou por eles quarenta dias e quarenta noites”.

“Assim, eles o amavam como a si próprios e o ouviam. Se alguém se rebelasse contra Moshê naquele tempo, o povo o apedrejaria. Portanto, Cômach tolerou a grandeza de Aharon e os primogênitos toleraram o nível dos *leviim* e todos os atos de Moshê”.

“Porém, quando chegaram ao Deserto de Parán, no qual foram consumidos no “fogo ardente” e morreram, em *kivrot*

hataavá, muitos, assim como quando pecaram os espiões, sem que Moshê orasse por eles – não se anulando o decreto e morrendo os presidentes das tribos perante D’us, sendo decretado a todos os Filhos de Israel que perecessem no deserto e lá falecessem – ficaram eles amargurados e diziam, em seus corações, que as palavras de Moshê trariam problemas. Então, Cômach encontrou a oportunidade de discutir sobre seus atos e pensou que seria ouvido pelo Povo”.

De acordo com Cômach, Moshê havia parado de rezar pelo Povo, já não pensava em seu bem e diversos problemas surgiriam se continuassem a segui-lo. Cômach supunha que se ele divergisse de Moshê, todo o povo o seguiria.

Cômach, no entanto, errou. Ele não viu como Moshê continuou a se sacrificar para orar pelo Povo de Israel, conforme explica o próprio *Ramban* sobre a prece dele, após o pecado dos espiões:

“Não sei por que não lembrou (nesta prece, que D’us é) misericordioso e piedoso. Talvez Moshê sabia que a pena havia sido decretada e que (D’us) não a perdoaria nunca. Portanto, apenas pediu que fosse piedoso na aplicação do castigo: que não os matasse como uma só pessoa e que não os abatesse como um rebanho, no deserto, morrendo todos na epidemia. Uma vez que só pediu isso, (o Criador) disse a ele: ‘Perdoei, conforme você disse’ – que tardarei em irar-Me e Serei muito beneficente”.

De acordo com a explicação do *Ramban*, Moshê rezou com todo seu coração e empreendeu todo o esforço possível, para salvar os Filhos de Israel neste difícil momento. Ao entender que não havia possibilidade de anular o castigo, ele pediu com todas as suas forças que este fosse delongado, o que foi aceito. Cômach e sua congregação, no entanto, não viram isso e nem prestaram atenção às palavras de D’us: “Perdoei, conforme você disse”.

Às vezes, os olhos seguem o coração e, quando este se recusa a reconhecer as coisas boas do outro, os olhos também serão

incapazes de enxergá-las – fixando-se na consciência apenas os pontos negativos. Se isto pôde acontecer em relação a Moshê *Rabênu*, o mestre dos profetas e o símbolo da retidão, quanto mais pode acontecer em relação a outras pessoas. Portanto, é muito importante se esforçar por enxergar sempre as boas características e falar bem dos outros.

“Côrach – Sendo Perspicaz – Por que Cometeu Esta Tolice?”

Côrach cometeu também outro erro. Consta no *Midrash Tan-chumá* (*Parashat Côrach*, 5): “O que viu Côrach – que era astuto – para cometer esta tolice? Seu olho o enganou. Viu que uma grande dinastia sairia dele. Nesta linhagem se encontraria Shemuel, que é comparado a Moshê e Aharon – conforme está escrito: ‘Moshê e Aharon em Seus sacerdotes e Shemuel entre os que chamam Seu Nome’ (*Tehilim* 99:6) – vinte e quatro famílias (de sacerdotes) que sairão dos filhos de seus filhos, todas elas profetizando com o *Ruach Hacôdesh* (Inspiração Divina), conforme está escrito: ‘Todos estes eram filhos de Hemán, vidente do Rei, nas palavras do Eterno, para elevar o poder’ (*Divrê Hayamim* I, 25:5)”.

“Disse: ‘É possível que toda esta grandeza saia de mim e que eu a perca? Ele, porém, não enxergou direito, pois seus filhos fariam *teshuvá* e a descendência sairia deles, enquanto Moshê enxergava corretamente. Portanto, ele (Côrach) se associou para entrar nesta briga, pois ouviu da boca de Moshê que todos se perderiam, e (somente) um se salvaria, conforme está escrito: ‘A pessoa que escolher D’us, ela é a sagrada’”.

Uma incrível lição está implícita nestas palavras de nossos sábios. Côrach viu com *Ruach Hacôdesh* (forma de visão sobre o futuro) que dele sairia uma grande dinastia. Alguém assim certamente se encontra em um elevado nível espiritual. Mesmo assim,

ele tirou conclusões erradas do que viu e foi justamente esta visão que o fez se perder para sempre. É importante entender como isso é possível de acontecer e o que se pode aprender deste episódio.

Consta em *Massêchet Avot* (capítulo 4, *mishná* 21): “*Rabi El’azar Hacafar* diz: a inveja, o desejo e a honra retiram o ser humano do mundo”. Escreve o *Rambam*, em seu “Comentário sobre a *Mishná*” (*ibid.*): “Isto acontece porque com estas características, ou mesmo com uma delas, o indivíduo perderá a *emuná* da *Torá*, necessariamente, não chegando a ele nem graus intelectuais e nem graus de virtudes”.

De suas palavras se aprende que o desejo e a falta de qualidades de caráter não apenas impedem o indivíduo de se aperfeiçoar, como também atingem o intelecto e a capacidade de análise dele.

Isto aconteceu com Côrach. Apesar de seu elevado nível, ele teve inveja de Elitsafan *ben Uziêl*, que fora nomeado chefe da Tribo de Levi, o que o levou a discutir com Moshê e Aharon e a perder tudo o que tinha, sem que sua grandeza o pudesse impedir. A retificação das qualidades de caráter é imprescindível a todos. Sem isso, é fácil cair até o último patamar.

Côrach conseguiu trazer muitas pessoas à contenda e tornou-se o símbolo da discórdia no Povo de Israel, a ponto de a *Torá* ordenar: “não seja como Côrach e sua congregação”. Portanto, cada um deve se considerar responsável por toda a comunidade. Se o indivíduo possui um caráter positivo, todos se elevam com ele. Porém, se não retificar sua personalidade, muitos podem cair, junto com ele.

Assim escreve o “*Gaon de Vilna*”, em seu livro *Êven Shelemá* (capítulo 1, § 2): “O principal elemento da vitalidade do ser humano é quebrar (retificar) as características da alma. Se não, para que ele vive?”

A retificação do caráter é a meta da vida do ser humano. Com isso ele chega à proximidade de D’us e a Seu amor.

O Desprezo pelo Tsitsit

Uma segunda razão para Cômach ter se enganado e discutido pode ser aprendida das palavras de nossos sábios, segundo as quais Cômach desprezou o mandamento de usar *tsitsit* (franças) nas pontas das roupas. Assim consta no *Midrash*:

“Levantaram-se perante Moshê, assim como homens dos Filhos de Israel – duzentos e cinqüenta’. Quem eram? Os presidentes da congregação, destacados e chamados pelo nome. Cômach lhes organizou um banquete, envolveram-se todos com *talitot* de *techêlet* (tinta azul), etc. Levantou-se Cômach e falou a Moshê: ‘você diz ‘e ponham no *tsitsit*’ (um fio de *techêlet*). Um *talit* que é inteiro de *techêlet*, então, será isento de *tsitsit*?’ Disse-lhe Moshê: ‘deve-se colocar nele *tsitsit*’. Falou a ele Cômach: ‘se um *talit* que é inteiro de *techêlet* não é suficiente, quatro *tsitsiyot* e quatro fios (de *techêlet*) – um em cada grupo de três – são suficientes para isentar toda a roupa?’”

Cômach desprezou a ordem Divina de cumprir o mandamento do *tsitsit* com fios brancos e azuis. Escreve o Ibn Ezrá, em *Parashat Shelach*, sobre as palavras “sobre seus corações”: “Que uma das coisas boas que saem do cumprimento deste mandamento é que, já que o coração é o que deseja – pois o olho vê e o coração deseja – o *tsitsit* será um sinal para que a pessoa não persiga as ambições do coração e não corra atrás de tudo o que pedem seus olhos”.

D’us imprimiu neste mandamento uma capacidade especial de cuidar do coração daquele que o cumpre, para que consiga se dominar e controlar seus desejos. Cômach, que o desprezou, perdeu isto e se enganou.

Ele correu atrás das ambições e da inveja que havia em seu coração e se transformou no símbolo da discórdia, dentro do Povo de Israel.

A Magnitude da Paz e a Crueldade da Discórdia

O *Maharal* de Praga escreve no *Netiv Hashalom*, capítulo 1, que a paz engloba tudo o que há de bom e que este mundo é extremamente propício à discussão. Assim, é necessário cuidado e controle ético para não se desviar quanto à paz, que é a plenitude de tudo. A discussão é a destruição do mundo enquanto a paz é sua construção.

A paz, *Shalom*, que também é um dos Nomes de D'us, engloba tudo o que há de bom, enquanto a falta dela impede que se chegue a altos níveis espirituais. Muitas pessoas elevadas destruíram toda a sua bondade interior ao se envolver em discussões e brigas. É por isso que é muito importante perseguir a paz, embora seja difícil alcançá-la.

As Letras da Palavra “Shalom”

Diz o *Maharal* também, que a palavra “*Shalom*” é composta de três letras: “*shin*”, “*lámed*” e “*mem*” – que indicam tanto qual é a essência da paz quanto como atingi-la.

A letra “*shin*” é composta de três traços, um em cada um dos lados e um no meio, sendo que este liga os dois extremos e os transforma em uma só unidade. Esta é a essência da paz, na qual um terceiro fator, que não está diretamente ligado à discussão, decide entre as partes, ajuda que estas cheguem a um acordo e se entendam plenamente.

A letra “*lámed*” é a que sobe acima da margem superior de uma linha. Ela indica a elevação, a espiritualidade e a ascensão. Todas as três são atingidas por intermédio da paz, sem a qual podem ser inteiramente perdidas.

Sobre o “*mem*” final, que é fechado, escreve o *Maharal*: “Ele não possui uma porta e sim é fechado de todos os lados, não como

o ‘*mem*’ aberto, que possui uma abertura para que se entre nele. O ‘*mem*’ fechado, porém, é fechado com uma muralha por todos os lados, vindo ensinar que a paz causa um fechamento e um bloqueio de todos os lados, até ser impossível que algo o domine.”

“Conforme disseram no *Midrash*: ‘*Rabi* Eliêzer, filho de *Rabi* El’azar Hacafar, disse: Grande é a paz, pois mesmo que Israel pratique idolatria, se há paz entre eles, é como se dissesse o Eterno: o *Satan* não pode atingi-los, etc.’ Isso também mostra que o que possui paz (*shalom*) é completo (*shalem*), como o ‘*mem*’ que é fechado por todos os lados”.

A essência da paz é a plenitude, conforme é simbolizada pela letra ‘*mêm*’. Além disso, ela é como uma muralha protetora para os que estão dentro dela, como mostra a citação da *Guemará* trazida pelo *Maharal*.

Estar Contente com o seu Quinhão em Espiritualidade

É possível trazer mais uma explicação para o erro de Côrach. No livro *Achat Shaáliti*, do *Rav* Y. Zeêv Yozef *Shelita* (volume I, página 101), consta que um dos alunos do “*Gaon* de Vilna” ouviu dele o seguinte fundamento:

“Também quanto aos assuntos Divinos é necessário ficar contente com o que se possui. Apesar de ser correto almejar ter o coração aberto como um salão, para receber a *Torá*, assim como falar e ansiar ‘quando chegarão meus atos aos atos de meus pais’, devemos de qualquer modo ficar contentes com a própria parte, por ter tido o mérito da *Torá* e dos bons atos. Isso porque (o indivíduo) faz, com todas as suas forças, o que foi imposto a ele – e não se deve tentar ser ‘mais esperto’ em relação a seu Criador”

É necessário mesclar o constante desejo de se elevar juntamente com a virtude do contentamento. De modo que o indiví-

duo não deve desprezar o que possui e sentir como se não tivesse nada de espiritual e sim procurar a grandeza de suas conquistas e agradecer a seu Criador, Que lhe permitiu chegar até o nível onde se encontra, com Sua grande Bondade.

É certo que na contenda de Cômach também estavam mesclados elementos espirituais, uma vez que ele almejava liderar o Povo também neste campo. Parece que Cômach errou justamente neste ponto: ele quis sair de suas limitações e atingir níveis que estavam acima de sua capacidade. Ele não se contentou com o fato de ser Levi e de servir a D'us mais que os outros membros do povo.

Seu desejo irreal de chegar a um lugar que não lhe cabia o levou a congregar os chefes da comunidade para discutir com Moshê. Assim como uma barragem que é rompida, cujas águas anteriormente armazenadas saem rapidamente de controle, a discussão logo tomou tais proporções que se tornou impossível dominá-la, direcioná-la e contê-la.

O desejo não controlado transformou Cômach, para sempre, no maior símbolo da discórdia e o fez se perder para toda a eternidade, junto com sua família e sua congregação.

O bem é sempre maior que o mal. Assim, aquele que persegue a paz terá o mérito de atingir elevados níveis de santidade, pois a paz é um dos Nomes de D'us, Cuja Honra protege todos aqueles que preservam a paz e a intensificam no Povo de Israel.

CHUCAT / חקת

NÃO HÁ OUTRO EXCETO ELE

O Milagre da Cobra de Bronze

Após o Povo ter reclamado sobre o caminho e o *man* (maná), nesta porção semanal, é trazido o milagre da cobra de bronze. Assim consta (*Bamidbar* 21): “Enviou D’us para o Povo serpentes venenosas, que morderam o Povo – e morreu muita gente de Israel. Veio o Povo a Moshê e disse: ‘pecamos, pois falamos contra D’us e contra você; reze para D’us para que tire de sobre nós a serpente’. E rezou Moshê em prol de Israel”.

“Disse D’us a Moshê: ‘Faça para você (a imagem de) uma serpente peçonhenta e coloque-a sobre uma haste. E acontecerá que todo aquele que for mordido, olhando para ela, viverá’. Fez Moshê uma serpente de bronze e a pôs sobre a haste. Eis que se a serpente de cobra mordida alguém, este olhava para a cobra de bronze e vivia”.

O *Ramban*, em seu comentário sobre a *Torá*, diz que houve aqui um milagre duplo:

“Parece-me que o fundamento deste assunto é o fato de ser

este um dos caminhos da *Torá*, cujos acontecimentos são todos um milagre dentro do outro: remove o dano com o próprio fator que o causa e cura a doença com o que a provoca, como a madeira que Moshê jogou na água (para adoçá-la) e o sal que Elishá atirou na água”.

“É conhecido nas áreas terapêuticas que, todos aqueles que são mordidos por um animal venenoso entram em perigo se o virem, ou se virem sua forma; a ponto de que aqueles mordidos por um cão ou outro animal raivoso, ao verem a imagem do cão ou do que quer que seja que os tenha mordido, chegam a morrer...”

“Sendo assim, era conveniente que aqueles de Israel que foram mordidos pelas serpentes venenosas não vissem uma cobra, não a mencionassem e nem a lembrassem, de modo algum. D’us (no entanto,) ordenou a Moshê que fizesse a imagem de uma cobra, que era o que os estava matando...”

“A regra é que D’us ordenou que se curassem com aquilo que, pela natureza, mata, fazendo sua forma e seu nome. E quando o indivíduo olhava com intenção para a cobra de bronze, é como se o próprio prejudicador estivesse vivo, para lhes mostrar que D’us é Quem tem o poder de matar e de fazer viver”.

A meta de D’us, ao castigar, não é o próprio castigo. Seu objetivo é educar-nos e fazer com que nos aproximemos Dele. Neste episódio, por exemplo, o povo pecou e se afastou do Eterno. Ele escolheu uma punição que os aproximasse Dele, mostrando Sua grandeza e fazendo com que sentissem que dependem, constantemente, de Sua bondade.

Existe uma tendência de se afastar do Criador ao se pensar que tudo depende apenas da natureza. Os castigos vêm para demonstrar que “não há outro fora Ele” – a natureza não possui nenhuma existência por si só – e que D’us controla tudo o que existe. Para tornar isto claro ao Povo de Israel, a cura veio por intermédio de um milagre.

Este milagre ainda foi duplo, pois a cura veio justamente diante aquilo que os prejudicava. Isso para mostrar que é o pecado que mata, sendo a aproximação de D’us a única cura possível.

Esta é também a intenção da *mishná* em *Massêchet Rosh Hashaná* (29a): “‘faça para você (a imagem de) uma cobra venenosa e a coloque sobre uma haste’. Acaso a cobra mata ou a cobra faz viver?! A intenção é dizer que quando os Filhos de Israel olhavam para cima e subjugavam seus corações a seu Pai que está nos Céus, curavam-se. Caso não, deterioravam-se”. A submissão do coração ao Criador é o que revive as pessoas. Quando os Filhos de Israel perceberam que não há nada exceto D’us, imediatamente se curaram – tanto de seu pecado, quanto de sua doença.

“Não É o Arod Que Mata e Sim o Pecado”

Consta em *Massêchet Berachot* (33a): “Aconteceu que em um certo lugar havia um *arod* (espécie de ofídio peçonhento), que atacava as pessoas. Avisaram a *Rabi Chanina ben Dossa* e este lhes disse: ‘mostrem-me sua toca’. Mostraram-lhe sua toca, (ele) colocou seu calcanhar sobre ela, (o *arod*) saiu, o mordeu e morreu. (*Rabi Chanina*) Colocou-o em seu ombro e o trouxe à Casa de Estudos. Disse a eles: ‘Vejam, meus filhos, não é o *arod* que mata e sim o pecado’. Naquele momento, disseram: ‘Coitado do homem que encontrou um *arod* e coitado do *arod* que encontrou *Rabi Chanina ben Dossa*’.

Desses acontecimentos relatados na *Guemará*, vemos que o que move o mundo não são simples leis da natureza, como parece à primeira vista. O que realmente conta é o pecado e seu castigo, os bons atos e sua recompensa. A cobra só é capaz de atingir aquele que efetivamente merece este castigo. Ela é apenas um emissário do Criador, sendo que de outra forma não seria capaz de fazer absolutamente nada.

A Guerra de Amalec

A continuação da *Mishná*, citada anteriormente, diz o seguinte: “Quando Moshê levantava suas mãos (durante a guerra com Amalec) Israel se fortificava...’ (*Shemot* 17). Acaso as mãos de Moshê fazem ganhar a guerra, ou perder a guerra? Isso ensina que, em cada instante que (os membros do povo de) Israel olhavam para cima e subjugavam seus corações ao Todo-Poderoso, fortaleciam-se. Quando não o faziam, sucumbiam”. A lição da cobra de bronze, explicada inicialmente, é trazida logo após este trecho.

Parece que há uma ligação entre estes dois assuntos. Amalec renegava o princípio da Divina Providência e sustentava que, tudo o que acontece no mundo, é dirigido por regras fixas e imutáveis. Assim, quem as conhecesse e agisse de acordo com elas seria capaz de vencer e obter sucesso.

Nossos sábios transmitem que os amalecitas escolheram pessoas cuja sorte estava extremamente favorável, de acordo com a astrologia, para esta guerra. Isso fazia parte da concepção que tinham sobre a predominância das leis naturais.

O único modo de vencer isso era elevar os olhos aos Céus – ligar-se plenamente à *emuná* em D’us – e confiar no Todo-Poderoso. Quando uma pessoa o faz, ela se encontra sob Sua total proteção e nada pode atingi-la ou prejudicá-la. É isso que os Filhos de Israel fizeram durante a batalha contra Amalec, elevando-se acima das forças da natureza e das estrelas, utilizadas por seus inimigos. Conseqüentemente, eles venceram.

Assim também fizeram para se salvar das serpentes venenosas, pois os processos naturais não dominam aqueles que se subjugam inteiramente a D’us, acreditando de todo o coração que não há nada capaz de atingi-los se não for a vontade do Todo-Poderoso.

Um Recurso Maravilhoso

Diz o Rav Chayim de Volodjin, em seu livro *Nêfesh Hachayim* (*sháar* 3, capítulo 12): “É realmente um recurso importante e surpreendente, que serve para remover e anular do indivíduo todos os decretos e outras vontades – para que não possam dominá-lo e nem deixar sobre ele nenhuma impressão, de modo algum – quando o indivíduo fixa estas palavras em seu coração: ‘Eis que o Eterno é o verdadeiro D’us; não há outro exceto Ele, nem nenhuma outra força neste mundo ou em todos os mundos, de modo algum, estando tudo preenchido apenas com Sua Unidade simples’”.

“(Este indivíduo) anula completamente, em seu coração, qualquer outra força ou vontade no mundo, subjuga a pureza de seus pensamentos apenas ao Único Senhor, Bendito Seja. Do mesmo modo, Ele lhe concede automaticamente que se anulem, em relação a este indivíduo, todas as forças e vontades do mundo, que não poderão agir sobre ele de modo algum”.

A idéia geral contida nestas palavras é que quando alguém se põe clara e definitivamente ao abrigo de D’us, Ele o protege e nada, que não Sua vontade, é capaz de influenciá-lo. Quanto mais o indivíduo vincular seus pensamentos aos Eterno, mais se afastarão dele desígnios opostos a ele.

Estas palavras do *Nêfesh Hachayim* funcionaram de modo prodigioso para muitas pessoas que se encontravam em dificuldades e perigos. Quando pensavam sobre isso e fixavam essa idéia em seus corações, elas se salvavam.

Isso está intimamente ligado ao assunto da cobra de bronze, conforme é trazido na nota que aparece sobre esse trecho, no próprio *Nêfesh Hachayim*:

“É isso que quiseram dizer nossos sábios na *Guemará*, em (*Massêchet Rosh Hashaná*: “Faça uma serpente...” – acaso a cobra mata ou faz viver...?” Ou seja, quando olhavam para cima,

para a serpente, e meditavam sobre sua força de maldade e, apesar disso, anularam-na em seus corações – não se importando com seu grande poder e realmente subjugavam seus corações somente a seu Criador – se curavam. Este é o verdadeiro tópico do ‘adoçamento das forças ruins em sua raiz’ – e isto é compreendido por aquele que entende”.

De acordo com ele, observar a serpente constituiu um difícil teste para os Filhos de Israel. Ao olhar para ela, eles percebiam a força maligna que havia nela e, nesta hora, deveriam se elevar e saber que não há nenhuma força capaz de atuar, exceto D’us. Tinham então que submeter seus corações ao Eterno, com plena consciência de que nada é capaz de atuar, sem que seja esta a Sua Vontade. Esta ascensão e esta confiança foi o que os curou do veneno das cobras.

“Não Há Outro Exceto Ele” nem Mesmo Feitiçaria

Este ponto também é explicado na *Guemará* em *Massêchet Chulin* (7b): “‘Não há outro exceto Ele’. Disse *Rabi Chanina*: nem mesmo feitiçaria. Houve uma vez uma mulher, que tentava retirar pó debaixo dos pés da cama de *Rabi Chanina*. Disse a ela: ‘Pode pegar, não vai adiantar nada, (pois) está escrito que ‘não há outro exceto Ele’”.

Rabi Chanina sustentava que mesmo a magia é incapaz de atuar sem o consentimento Divino. Assim, uma vez que ele estava com a pureza de seus pensamentos, unido apenas ao Criador, não temia que algo do que fizesse aquela mulher o atingiria.

Embora D’us tenha dado capacidade de atuação à feitiçaria, por intermédio de forças impuras, a *Guemará* explica que *Rabi Chanina* possuía “muitos méritos” e não receava de modo algum nada disso, como todo aquele se coloca inteiramente sob o jugo e a responsabilidade do Criador.

Assim também disse D’us a Avraham: “Eis que veio a Palavra de D’us a ele, dizendo: ‘não lhe herdará este (Yishmael) e sim o que sair de seu ventre herdará a você’. Tirou-o para fora e lhe disse: ‘observe o céu e conte as estrelas, para ver se consegue contá-las’. Disse-lhe (então): Assim será sua descendência. (Avraham) acreditou em D’us e isso foi considerado como mérito (como integridade)” (*Bereshit* 15).

Rashi explica, de acordo com o *midrash*, que lhe disse: “saia de sua astrologia – do que você viu nas estrelas – que não chegará a ter um filho. ‘Avram’ não tem um filho, mas ‘Avraham’ tem um filho. Do mesmo modo, ‘Sarai’ não dará à luz, mas ‘Sará’ dará. Eu darei a vocês outro nome e mudará a sorte”.

D’us indicou que tanto Avraham quanto sua descendência estão acima da influência das estrelas, pois eles são santificados e pertencem apenas a Ele. Assim, mesmo que fosse impossível que Avraham e Sará tivessem um filho, pelas leis da Natureza e pelo zodíaco, isso sim pode acontecer se for Sua vontade.

Este é o elevado nível dos Filhos de Israel. Eles estão plenamente vinculados ao Eterno e Ele os salva e os protege, com Sua imensa bondade.

BALAC / בלק

A IMPORTÂNCIA DA REFLEXÃO

“Um Erro no Estudo É Considerado um Acinte”

Desta porção semanal se aprende que cada indivíduo deve refletir sobre o que ocorre em sua volta e extrair disso lições morais. Isso é tão importante, que o indivíduo terá de prestar contas, caso não o fizer.

Consta no *Sêfer Chassidim* (*siman* 153), sobre o versículo: “Disse (a Bil’am) o anjo de D’us: ‘por que você bateu em sua mula já por três vezes?’” (*Bamidbar* 22:32):

“Bil’am poderia ter respondido: ‘Que pecado há nisso que bati em minha mula? Nem mesmo sofrimento desnecessário há nisso, uma vez que ela não estava caída sob excesso de carga! Também quando ela prendeu o pé dele entre si e a parede; por que não deveria bater nela? Porém, (Bil’am) falou: ‘Pequei por não ter dispensado a atenção devida em me interrogar, em meditar por qual pecado aconteceu isso’.

A conclusão, portanto, é a seguinte: “Daqui se aprende que devemos ficar muito atentos quanto ao temor aos Céus, pois so-

mos castigados até mesmo por não sabermos que é necessário refletir e investigar, uma vez que perante o governante não se pode dizer que foi sem querer”.

De suas palavras extraímos um grande fundamento, capaz de iluminar o caminho das sendas da vida. À primeira vista, não havia nenhum problema no modo como Bil’am tratou sua jumenta. Ela empacara e chegara até mesmo a lhe comprimir a perna contra a parede, sem nenhum motivo aparente. Apesar disso, ele foi inquirido sobre seu comportamento.

A razão disto é que é proibido se contentar apenas com uma observação superficial dos acontecimentos. Era necessário que ele analisasse em profundidade a situação e procurasse motivos para o que lhe fazia sua mula. Se assim tivesse se conduzido, chegaria a conclusões importantes e, por isso a exigência.

Isso é muito relevante e diz respeito a qualquer passo dado na vida. Não se deve viver superficialmente e sim meditar sobre tudo o que acontece, tirar conclusões do passado e chegar a decisões práticas para melhorar a conduta e o modo de agir. Sem isso, é impossível justificar nossos fracassos perante D’us, dizendo que foi involuntariamente, pois a falta de estudo e de conhecimento não é considerada como não intencional – “Um erro no estudo é considerado um acinte!”

O Que é “Dáat Torá”?

Uma fonte adicional aprendida pelo *Sêfer Chassidim* ligada ao que foi exposto acima, provém de outro episódio da *Torá*:

“Encontramos na *Torá* que todo aquele que pode entender, por intermédio da reflexão e deduzir como deve se comportar, embora não tenha sido ordenado a isso, é castigado por não ter aplicado a atenção devida, conforme está escrito (após a batalha contra Midyan): ‘Zangou-se, Moshê, com todos os comandantes

do exército, os chefes de milhares e os chefes de centenas, que vieram do exército da guerra – e disse a eles: ‘você deixaram viver todas as mulheres? Eis que elas foram a causa do pecado...’”

“Por que eles não lhe responderam: ‘Por que não fomos ordenados quanto a isso? Não nos falaste para matar as mulheres!’ Todavia Moshê sabia que eles eram sábios e podiam deduzir isso por ‘*cal vachômer*’ (dedução do complexo a partir do mais simples): se quanto aos *Kenaanim*, (que não fizeram pecar), fomos ordenados a não deixar viver nenhuma alma, quanto mais estes!”

Além da necessidade de pensar sobre o que acontece, existe a obrigação de refletir sobre as leis e as lições escritas explicitamente na *Torá*, expandindo-as a outras obrigações, da mesma forma que os Filhos de Israel deveriam ter deduzido o que era necessário fazer com as mulheres de Midyan, a partir do que foi dito sobre os *kenaanim*.

Não há nada ao qual a *Torá* não se relacione, seja direta ou indiretamente. Portanto, pode-se aprender dela como se conduzir com relação a tudo o que acontece na vida.

Hoje, existe um fenômeno surpreendente de *yehudim* guardiões da fé, que se dirigem a seus mestres e rabinos para aconselhamento e orientação quanto a todas as perguntas e problemas que possuem, em todos os campos. Quem não se acha nesse meio, pode estranhar de onde o rabino tira as respostas que dá sobre trabalho, medicina, educação, relacionamentos interpessoais e outros, uma vez que elas não se encontram explicitamente na *Torá*?

A resposta está na extraordinária santidade da *Torá*: “Não há nada que não tenha sido indicado na *Torá*”. Seus grandes estudiosos, que deram a vida por ela, são capazes de extrair dela conhecimentos, conselhos e orientação em todos os âmbitos.

A estes gigantes afluem os Filhos de Israel e ouvem deles “*Dáat Torá*”, a opinião pura da *Torá* sobre determinado assunto. Aqueles que seguem à luz dos nossos sábios, conforme os critérios da *Torá*, têm a garantia de não tropeçar e de percorrer, com segurança e sucesso, seu caminho.

“Sobre o Pecado que Transgredimos Perante Ti sem Conhecimento”

Em um dos trechos da confissão de *Yom Kipur* se diz o seguinte: “Sobre o pecado que transgredimos perante Ti sem conhecimento”. No *Sidur* do *Gaon* de Vilna, no comentário “*Síach Yitschac*” (trazido também pelo *Rav* Segal em seu livro *Yir’á Vadaat*, segunda parte, página 99), está escrito: “Sem conhecimento – sobre o que o indivíduo não foi ordenado. Realmente, se ele refletisse e se aprofundasse conforme se deve, entenderia por si só e, portanto, ele é castigado por isso – conforme está escrito no *Sêfer Chassidim*”.

Isso condiz com o que foi falado anteriormente. D’us criou o ser humano com a extraordinária capacidade de saber, entender e compreender, sendo necessário que esta capacidade seja utilizada para o desenvolvimento espiritual, para evitar os pecados e para se aproximar do Criador.

Aquele que não o faz é comparado a um indivíduo que recebeu em suas mãos uma máquina muito cara, para que a use para seu sustento. Se não a utiliza, ele irrita e frustra aquele que lhe deu esse presente, passando a ser considerado um mal-agradecido.

Quanto mais isto é verdadeiro quanto àquele que recebe a faculdade do entendimento diretamente do Todo-Poderoso e não a utiliza. “Sem conhecimento” é um pecado – pelo qual se deve confessar.

“Com Isso, Todos os seus Dias se Passarão em Teshuvá”

Na *Iguêret Haramban* (a carta enviada pelo sábio *Nachmânides* a seu filho) está escrito o seguinte: “Cuide para ler na *Torá* sempre o que você poderá cumprir e, assim que se levantar (do estudo do) livro, procure no que você estudou se há algo que possa cumprir. Investigue seus atos de manhã e à noite e, com isso, todos os seus dias se passarão em retorno ao Criador (*teshuvá*)”.

De suas palavras aprendemos que, o estudo não termina na hora que fechamos o livro. Ele continua a cada instante da vida, sendo composto de duas partes. A primeira é a busca incessante por mais algum ponto prático que se pode deduzir das palavras da *Torá* e a segunda é a comparação entre os atos do indivíduo e o que ele estudou.

Estas partes constituem, na prática, o cumprimento do preceito de *teshuvá* – de retornar a D’us – em toda a sua profundidade e poder, porque, mediante isso, o indivíduo melhora constantemente seus atos e controla sua vida de acordo com a *Torá*.

No *machzor* de *Rosh Hashaná* dos *sefaradim* consta o seguinte *piyut* (poema) de *Rabi Yehudá Halevi*: “Se aguice (*hishtonen*), se prepare, medite sobre seu segredo e contemple o que é você e de onde vem sua base; Quem te preparou, Quem te construiu e a força de Quem te excomungará. Contemple os Poderes de D’us e desperte Sua Honra”.

“*Hishtonen*” significa pensar de modo afiado, contemplar e se aprofundar. Isto é falado nos dias da *teshuvá*, porque este é o retorno mais elevado e constante – meditar tanto sobre as palavras da *Torá* quanto sobre os atos, transformando o modo de viver em uma contínua elevação e aproximação do Criador e de Sua sagrada *Torá*.

A Reflexão e o Fortalecimento da Emuná

No livro *Alê Shur* (parte 2, página 271) é explicado que a palavra em *lashon hacodesh* para reflexão – “*hitbonenut*” – é composta de dois radicais: “*biná*” (entendimento) e “*binyan*” (construção). Isso indica que aquele que medita, constrói sua personalidade mediante o que entende sobre tudo o que o cerca.

Assim, encontra-se em suas palavras mais um aspecto da reflexão: o fato de que ela constitua a base da construção espiritual do indivíduo. Aquele que pára a correria da vida para pensar e se aprofundar, possui um modo de viver completamente distinto daquele que não o faz. O entendimento é o que separa o ser humano das outras criaturas, que possuem apenas instintos.

Consta em *Massêchet Eruvin* (100b): “Disse *Rabi Yochanan*: se a *Torá* não tivesse sido outorgada, aprenderíamos descrição do gato; não roubar, da formiga; não manter relacionamentos impróprios, da pomba e boas maneiras, do galo, que primeiro agrada e depois mantém relações conjugais”. Explica o *Rashi*: “O gato não evacua perante pessoas e cobre seus dejetos, uma formiga não rouba o alimento de outra e uma pomba só mantém relações com seu par”.

Diz sobre isso o autor do *Alê Shur*: “Nossos sábios aprenderam dos animais um sistema inteiro de comportamento. Observaram, refletiram e descobriram qualidades espirituais no que rasteja sobre a terra, nos animais e nos pássaros. Quando aprendermos a meditar sobre eles, extrairemos disso um fortalecimento da *emuná*. Estas forças – denominadas instintos – de onde eles têm? Eis que o Criador enraizou neles, além de sua forma física, forças espirituais”.

Esta é mais uma das conseqüências vantajosas da reflexão. Aquele que não o faz é capaz de não reparar nas maravilhas da Natureza e no que elas ensinam, ou não fazer isso penetrar em

seu coração. O que medita sobre o que acontece à sua volta, no entanto, é capaz de extrair valiosas lições e de fortalecer sua *emuná* no Criador de tantas espécies maravilhosas.

Uma idéia parecida é trazida no livro *Michtav Meeliyáhu* (parte 3, página 161):

“Como chegar à *emuná*? O segundo caminho é mais interior e é a trilha da introspecção: quando o indivíduo medita sobre os prodígios da Criação e esclarece, para si próprio, que estes são atos de D’us e constituem a revelação de Sua infinita sabedoria, conforme diz o versículo: ‘quanto se multiplicaram Seus atos, D’us’. Assim, se fortalece nele a *emuná* interior. Mesmo que não esteja no nível de reconhecer D’us em tudo o que está a sua volta (como “A Quem pertence tudo”), ele de qualquer modo se impressionará com as maravilhas da natureza, como com a magnífica ordem que reina na Criação”.

Há níveis elevados de *emuná*, nos quais o indivíduo vê, em cada detalhe do mundo, a revelação da Presença Divina, pois “não há um lugar livre Dela”. Este grau é extremamente alto, mas qualquer um é capaz de se elevar, de enxergar e revelar o Eterno em tudo o que existe, fortalecendo sua *emuná*, por meio da introspecção.

A Introspecção como Chave do Entendimento da Alma

Diz ainda o *Alê Shur*, sobre este assunto:

“Eis que a introspecção é o poder da riqueza interna do indivíduo. Aquele que não sabe meditar e que anda como um cego no mundo – quão rala é sua vida! Sobre ele eu proclamo: ‘boca eles tem e não falarão, olhos têm e não verão, ouvidos e não escutarão, nariz e não cheirarão, mãos e não tatearão, pernas e não andarão, não se pronunciarão com suas gargantas (*Tehilim* 115)’”.

“O caminho para chegar à introspecção é meditar sobre si próprio; para nos conhecermos e sabermos quais são as obrigações impostas a nós. Porém, a maioria das pessoas foge da solidão e, quando a situação lhes obriga a isso, sentem-se enfastiadas. É necessário saber que, aquele que se entedia num momento de solidão, está completamente afastado de si próprio! Em contrapartida, aquele que tiver o mérito de possuir essa virtude, o mundo e tudo o que este contém, abrir-se-á perante ele, para que pense sobre ele e chegue à profundidade de muitos assuntos”.

Aprende-se disso, que a introspecção é a chave para o conhecimento do próprio âmago do indivíduo. Com ela, é possível penetrar nas partes mais íntimas da alma, conhecê-las e se aproximar delas. Aquele que o faz também conseguirá refletir sobre o maravilhoso mundo de D’us, conhecer “Aquele Que falou e criou o mundo” e orientar sua vida de acordo com Sua vontade.

Bem-aventurado é aquele que alcança esse nível de introspecção. Por intermédio dela, ele terá dado um grande e importante passo para o fortalecimento de seu mundo espiritual em diversos campos. A introspecção transforma o indivíduo em alguém com poderes espirituais intensos. E ao conhecer o mundo profundamente, isto o ajuda a ter êxito no serviço de D’us.

PINECHÁS / פנחס

QUE AMA A PAZ E PERSEGUE A PAZ

Um Pacto Perpétuo

Consta em *Massêchet Zevachim* (101): “Disse *Rabi* Eliêzer, em nome de *Rabi* Chanina: Pinechás não se tornou *cohen* (sacerdote), até matar Zimri, conforme está escrito: ‘e será para ele e para sua descendência, que vier após ele, um pacto de sacerdócio eterno, em troca do que zelou por seu D’us’”. Explica o *Rashi*: “portanto, isto só aconteceu daqui para a frente”.

Continua a *guemará*: “*Rav* Ashi disse: (Pinechás não se tornou *cohen* – sacerdote) até fazer com que houvesse paz entre as tribos, conforme está escrito: ‘e ouviu Pinechás, o sacerdote’ (*Yehoshua* 22)”.

No livro de *Yehoshua* está escrito que, após a conquista da Terra de Israel, separaram-se os filhos das tribos de Reuven, Gad e metade da tribo de Menashê e retornaram a suas famílias, que haviam deixado do outro lado do Jordão. Ao passarem por este rio, construíram um grande altar, visível da margem ocidental, onde habitavam as outras tribos.

Os Filhos de Israel pensaram que eles queriam oferecer sacrifícios nesse altar e se afastar das demais tribos, que moravam deste lado do rio e que serviam a D'us, com oferendas, no Santuário construído por Moshê. Assim, eles se uniram e se prepararam para a guerra.

Pouco antes de estourar a guerra, enviaram Pinechás para tentar dialogar e evitar que entrassem em combate. Os membros destas duas tribos e meia disseram a Pinechás que não pretendiam fazer oferendas sobre este altar. Ele serviria apenas como um marco, para as gerações posteriores, que eles também fazem parte do Povo de Israel. Com isso, a guerra foi evitada e é a isto que *Rav Ashi* se refere – que Pinechás se tornou *cohen* por ter feito a paz reinar entre as tribos.

E escreveram os *Tossafot*, sobre este trecho: “talvez ele não tenha sido aceito por todo Israel naquele momento, por haver matado o presidente de uma tribo, o que perdurou até ter feito a paz entre as tribos, na época de Yehoshua. Nesta ocasião eles o aceitaram, vestiram-no, ungiram-no e consagraram-no, com sua afeição”.

No livro *Heg'yonê Mussar* é explicado, que a característica da vingança e os atos que dela procedem devem ser severamente claros e purificados, para ficar evidente que provém somente do auge da plenitude e da pureza do coração, sem que tenha se misturado neles nenhum traço egoísta e inválido.

Pinechás matou Zimri, por zelar pela Honra de D'us. Um ato assim, entretanto, ainda precisa ser posto à prova e, se ficar claro que provém apenas da veneração a D'us e da pureza do coração, é imaculado e sagrado. Por outro lado, se for constatado que também interesses pessoais estiveram envolvidos, ele não será aceito.

Quando Pinechás promoveu a paz entre as tribos, ficou claro que todos os seus atos são baseados na devoção e no amor a

D’us, conforme será explicado posteriormente. Logo, ele foi então aceito por todo o Povo de Israel e recebeu o sacerdócio, para todas as gerações.

“Não Há Ninguém Mais Rebaixado do que Aquele que Persegue a Paz”

Consta em *Massêchet Calá Rabati* (capítulo 3): “O caminho de um estudioso da *Torá* é ser humilde e rebaixado. Humilde – de onde se aprende? De Moshê *Rabênu*, conforme está escrito: ‘e o homem Moshê era muito humilde’. Por isso ele foi elogiado, conforme está escrito: ‘não é assim Meu servo, Moshê’”.

“Rebaixado – de onde? De Aharon, conforme está escrito: ‘Pois os lábios do sacerdote guardarão o conhecimento, a *Torá* de D’us estava em sua boca, com paz e retidão caminhou Comigo e muitos fez retornar da iniquidade’ – e não há alguém que se rebaixa mais do que aquele que persegue a paz”.

“Pense, com sua capacidade de discernimento: como perseguirá a paz sem se rebaixar? Uma pessoa o ofende, ele responde: “*shalom alecha*” (que a paz esteja com você). Alguém briga com ele e ele se cala. Dois brigam entre si, ele rebaixa seu espírito e acalma cada um deles. Pois este era o ofício de Aharon *Hatsadic*, etc.”

Isto é explicado no livro *Heg’yonê Mussar*, com base na *guemará* em *Massêchet Arachim* (16b): “Disse *Rabi Tarfon*: Questiono-me se há, nesta geração, alguém que receba uma admoestação. Se dizem a ele: ‘tire a farpa do meio de seus dentes’, ele diz: tire a viga do meio de seus olhos’. Disse *Rabi El’azar ben Azaryá*: Questiono-me se há, nesta geração, alguém que sabe advertir”. Explica o *Rashi* que a intenção é saber admoestar e advertir de um modo honrado, sem que o outro se envergonhe.

É muito difícil receber uma crítica e reconhecer um erro.

Quando a pessoa que critica, por exemplo, não é também isenta de culpa, é difícil aceitar o que ela diz. Isso ocorre apesar de não haver relação direta entre o que aquele que critica fez e o fato de que aquele que foi criticado ter de melhorar seus atos, recebendo a verdade de quem a expôs.

Por incrível que pareça, porém, a estas pessoas é muito fácil enxergar os defeitos dos outros. “Tire a viga do meio de seus olhos”. Eles vêem os pecados dos outros como uma enorme viga, que os impede de enxergar corretamente o que ocorre no mundo.

Além disso, apaziguar brigas e fazer a paz entre as pessoas é um trabalho árduo, que exige uma paciência muito grande. Em geral, as contendas começam por causa de honra ou dinheiro, sendo necessário explicar a cada um dos lados como não vale a pena discutir por coisas tão insignificantes. Se aquele que tenta fazer as pazes é – ele próprio – um amante da honra e alguém que não abre mão de nada quanto a seu dinheiro, suas palavras podem não surtir efeito.

Quando tentar dizer, por exemplo, que a honra é fictícia e não possui valor, que “ninguém toca mesmo em um fio do que pertence ao outro”, que “o lucro e o prejuízo não estão nas mãos das criaturas”, conforme diz o *Chovôt Halvavôt*, que “tudo vêm dos Céus e mais e mais, poderão imediatamente retrucar: “corrija-se a si mesmo e depois corrija os outros”.

Suas palavras serão transformadas em brincadeira se ele mesmo não se comporta no nível que exige dos outros.

É possível compreender, com isso, qual é o grau de auto-rebaixamento exigido daquele que adverte e do que tenta apaziguar os outros. Sem humildade e a capacidade de abrir mão, o que tenta fazê-lo é capaz de fracassar em sua meta. Quase certamente, serão dirigidas a ele críticas sobre o fato de ele também se comportar assim e que ele deve antes olhar para si próprio.

O autor do *Heg'yonê Mussar* explica claramente quais são

as características necessárias para ser um “amante da paz e perseguidor da paz”:

“É isso que quiseram transmitir nossos sábios ao dizer: ‘não há ninguém mais rebaixado do que aquele que persegue a paz’. Não é honrado se ocupar com as discussões dos outros. ‘Pense, com seu discernimento: como perseguirá a paz sem se rebaixar? Uma pessoa o ofende, ele responde: “*shalom alêcha*” (que a paz esteja com você)’. Somente alguém assim vê duas pessoas brigando e possui as qualidades necessárias para apaziguar os dois”.

“Porém, se ele próprio se abstém de cumprimentar aquele que o ofendeu e não se cala com quem discute com ele, respondendo-lhe à altura, não é de modo algum apto a ser chamado de ‘perseguidor da paz’”.

“Aharon, que chegou a este nível, teve o mérito de ser chamado de humilde e sobre ele está escrito: ‘com paz e retidão caminhou Comigo e muitos fez retornar da iniquidade’. Dele, os estudiosos da *Torá* aprendem o caminho a ser seguido. ‘Rebaixado – de Aharon’”.

Aqui se aprende que o caminho do apaziguamento é extremamente difícil. Ele começa com o auto-aperfeiçoamento das qualidades de caráter, dos defeitos da alma e da plenitude no cumprimento dos preceitos Divinos. Apenas depois disso é possível prosseguir, acompanhado de humildade, rebaixamento e paciência infinitos. Somente então é possível resolver conflitos e aproximar o coração de Israel a seu Pai Celestial.

Estas qualidades especiais acompanharão e auxiliarão o indivíduo a obter sucesso, e as palavras ditas sobre Aharon no *Pirkê Avot* – “ama a paz e persegue a paz; ama as criaturas e as aproxima da *Torá*” tornam-se apropriadas para descrevê-lo.

Aquele que quer aproximar os outros da *Torá* deve sobressair-se no amor ao próximo. Então, D’us o ajudará a trazê-los e a fazer seu coração retornar a Ele.

O Nível de Pinechás

Pinechás conseguiu fazer a paz entre as tribos. A hora era severamente crítica; a desconfiança era grande e apenas um passo estava entre eles e uma perigosa guerra civil.

Para esta delicada missão, foi mandado Pinechás. Considerando suas elevadas qualidades, sua humildade e seu auto-rebaixamento, ele era bem aceito pelos dois lados, que confiavam em sua capacidade de mediação. De acordo com o que disse, a paz foi feita.

Naquele momento, todos viram como ele era isento de interesses pessoais e agiu somente em nome dos Céus, uma vez que a paz e a honra das outras tribos lhe era importante. É por isso que *Rav Ashi* disse que Pinechás só se tornou *cohen* (sacerdote) quando trouxe a paz entre as tribos. Foi então que se esclareceu que ele matou Zimri apenas por zelar pela honra de D'us, sem que nada ligado ao materialismo ou a qualidades deterioradas estivesse envolvido naquele ato.

Por mérito de suas qualidades e de seu zelo, Pinechás recebeu uma vida muito longa, continuando a servir no *Mishcan* (Tabernáculo Santuário) de Shilô pelo menos até a época de “*Pilêguesh Baguiv'á*”, muitos anos após a morte de Yehoshua e dos anciãos, provavelmente nos dias de Yiftach.

D'us lhe concedeu Seu pacto, conforme está escrito: “Eu dou a você meu pacto, paz”. Aquele que trava um pacto com o Eterno, possui uma vida que provém de sua grande ligação com a espiritualidade. Sua recompensa é viver por muitos anos e continuar a retificar o mundo e aproximá-lo da *Torá*, das *mitsvot* e do amor aos outros, por muitas gerações.

A *Torá* diz que “o nome do homem atingido, que foi atingido com a midianita, era Zimri *ben Salu...*” (*Bamidbar* 25:14). O *Zôhar* salienta que não há uma referência ao fato de Pinechás tê-

lo matado. O motivo disso é que D'us o nomeou Sumo Sacerdote e Ele não quis que o nome de Pinechás fosse lembrado, na *Torá*, em relação à morte de alguém.

De acordo com o que foi trazido anteriormente, é possível acrescentar outro motivo para isso. Se Pinechás houvesse matado Zimri por algum motivo pessoal, ou se em seu ato estivesse mesclada alguma inclinação proveniente de características de sua alma, seria realmente considerado que ele o matou.

No entanto, tendo em conta que seus atos foram procedentes apenas de seu zelo por D'us e que suas características verdadeiras eram opostas a isso e que incluíam paciência, humildade, rebaixamento e a capacidade de perdoar, é correto considerar que este ato realmente não se refere a Pinechás. Isto é salientado pela *Torá*, com o fato de que ela não lembra que foi ele que cometeu tal ato.

A morte de Zimri, deste modo, veio exclusivamente dos Céus, sendo Pinechás considerado apenas um emissário Divino.

MATOT / מטות

QUE TODOS OS SEUS ATOS SEJAM FEITOS EM NOME DOS CÉUS

A Torá Diz Respeito a Cada Detalhe da Vida

Após os homens do exército voltarem da guerra contra Midyan, D'us ordenou que os despojos trazidos, tanto em escravos quanto em gado, fossem contados por Moshê e divididos de um modo especial. Os que combateram, o resto do povo e a tribo de Levi receberiam sua parte, cada um, de acordo com uma determinada porcentagem.

Daqui se aprende que a *Torá* indica como agir em relação a todos os assuntos, não havendo algo que fique sem direcionamento e deixado inteiramente a cargo do empreendimento pessoal. A *Torá* é uma “*Torá* viva”, preenchendo completamente a vida com seus mandamentos e com o caminho prático que indica ao Povo de Israel.

Assim escreve o *Rav* David Shneor *shelita* em seu livro, *Neot Dêshe*:

“A *Torá* fixou aqui diretrizes claras, para todas as gerações, de como se comportar nas guerras, sem deixar estes assuntos em mãos do empreendimento pessoal ou desordenados, nem mesmo dependendo da ponderação dos chefes do exército”.

“Assim também fez Avraham ao pedir do rei de Sedom que entregasse a parte que cabia aos homens que o acompanharam – Anêr, Eshcol e Mamrê – conforme traz o *Rashi* (*Bereshit* 14:24): ‘Mesmo que meus escravos tenham entrado na guerra – conforme está escrito: ‘ele e seus escravos os derrotaram’ – enquanto Anêr e seus companheiros ficaram guardando seus pertences, estes receberão sua parte, de qualquer modo’”.

“Com ele também aprendeu David, que disse: ‘A parte do que desceu à guerra é assim como a parte do que sentou (para guardar) os objetos, (então) juntos dividirão’. É por isso que está escrito; ‘e foi daquele dia para frente e estabeleceu como uma lei e um estatuto’. Não está escrito ‘em diante’, pois esta regra já foi imposta nos dias de Avraham *Avinu*”.

O significado disso é que existe um modo de pensar indicado pela *Torá* – “*Dáat Torá*” (opinião pura da *Torá* sobre determinado assunto) – do qual provém diversas diretrizes sobre o comportamento prático. Um exemplo disso é o modo de dividir o espólio, que leva em consideração também aqueles que permaneceram no acampamento.

Assim também escreve o “*Saba de Kelm*” – no livro *Chochmá Umussar* – sobre esta porção semanal:

“Veja algo surpreendente: pois foi escrito, sobre o episódio de Midyan, toda a argumentação sobre como dividir os despojos de Midyan. Isto não foi passado à responsabilidade do *Bet Din* (tribunal) de Moshê *Rabênu*, que certamente chegaria a fazê-lo como se deve, para mostrar que fazer os negócios de acordo com a lei da *Torá* e de acordo com as necessidades também faz parte da *Torá*”.

Ou seja, deste trecho aprendemos, que as palavras da *Torá*

englobam cada detalhe da vida e mesmo o modo de negociar é indicado nela. Deste modo, aquele que se aprofunda em seu estudo e aspira retirar conclusões práticas de cada uma de suas partes, poderá viver, também no que se refere ao campo material, de acordo com a *Torá*.

Assim, todos os atos deste indivíduo serão considerados como atos de *mitsvá*, com os quais se santifica o Nome do Criador.

A Importância da Intenção na Hora de Agir

Além da capacidade de viver integralmente de acordo com a *Torá*, é possível elevar os atos a um nível maior ainda com as intenções corretas.

Quando o indivíduo pensa, antes de agir, que o fará por D’us, seus atos são considerados como espirituais e fazem parte de seu serviço Divino. Assim consta no *Kitsur Shulchan Aruch* (capítulo 31, item 7), baseado no *Rambam* em *Hilchot Deót* (capítulo 3):

“Assim também, quando (o indivíduo) se ocupa dos negócios ou do trabalho, para se sustentar, que não esteja em seu coração apenas juntar dinheiro; mas que o faça para sustentar seus dependentes, dar *tsedacá* e criar seus filhos para o estudo da *Torá*”.

“A regra é que o indivíduo deve refletir, com seus olhos e seu coração e pesar todos os seus atos com o intelecto. Quando enxerga algo com o qual pode chegar ao serviço do Criador, o fará e, se não, não o fará”.

“Aquele que se comporta assim acaba servindo a seu Criador todos os seus dias; mesmo quando senta, levanta e anda, faz negócios ou até quando come, bebe, até mesmo quando mantém relações conjugais e preenche todas as suas outras necessidades”.

“Sobre isso ordenaram nossos sábios quando disseram: “que todos os seus atos sejam feitos em nome dos Céus” (*Pirkê Avot*, capítulo 2, *mishná* 17). Assim, *Rabênu Hacadosh* estendeu seus

dedos para cima, ao morrer e disse: ‘É revelado e sabido perante Ti, que não aproveitei deles a não ser em Nome dos Céus’ (*Ketubot* 104a)”.

Quando se juntam os atos executados de acordo com as regras da *Torá* e de nossos sábios com a intenção em nome dos Céus, a própria vida se eleva e o indivíduo é considerado alguém que serve a D’us a cada passo que dá sobre a Terra.

A Bondade Material e Espiritual de D’us

Consta em *Vayicrá Rabá* (*parashá* 27, 2): “o *Ruach Hacodesh* (em nome de D’us, o profeta) diz: “quem Me antecipou e lhe paguei’ (*Iyov* 41). Quem Me enalteceu até Eu lhe dar alma; quem clamou Meu Nome até Eu lhe dar um filho homem; quem fez uma murada até Eu lhe dar um teto; quem fez uma *mezuzá* até Eu lhe dar casa; quem fez uma *sucá* até eu lhe dar um lugar? Quem fez para mim um *lulav* até Eu lhe conceder dinheiro; quem fez um *tsitist* até Eu lhe dar roupa; quem deixou o canto de seu campo (*peá*) até Eu lhe dar um campo; quem separou *terumá* até Eu lhe dar a produção no celeiro; quem separou *chalá* até Eu lhe dar massa? Quem me separou uma oferenda até Eu lhe dar um animal? Sobre isso está escrito ‘boi ou cordeiro ou cabra’”.

Destas palavras de nossos sábios, aprendemos que D’us concede uma infinidade de coisas boas para o ser humano, de modo que este possa cumprir Sua vontade e Seus mandamentos.

Isso se expressa não só na concessão de bens materiais como também no fato destes ajudarem a trazer a verdadeira bondade, que é a espiritual. Com as posses materiais, surge a possibilidade de se cumprir diversos preceitos, que tornam mais próximo o alcance da meta do ser humano.

Continua o *Neot Dêshe*: “Ficou claro, para nós, que todas as bondades concedidas pelo Criador a suas criaturas estão ligadas

às *mitsvot* que D'us lhes anexou. Isto para que, em todo o curso da vida e em toda resolução de problemas, à primeira vista pessoais, cumpra-se os preceitos que D'us antecipou e pôs como meta da fluência de Sua bondade sobre o indivíduo. Isto é assim para lhe dar o mérito de que cada um de seus atos tenha algo do serviço a seu Criador e do estudo da *Torá*".

A Bondade Divina, segundo ele, é dupla. A cada coisa que D'us concede está ligado um modo apropriado de se comportar, de acordo com a *Torá*. Isso engloba tudo o que o indivíduo faz e não há um detalhe, mesmo o mais pessoal, ao qual a *Torá* não se refere e que não possui uma indicação de como proceder segundo a Vontade do Eterno e por Seu Nome.

Desse modo, os preceitos cumpridos constituem uma espécie de "gratidão" a D'us. Ele concede de Sua Bondade e o indivíduo a utiliza de acordo com as diretrizes da *Torá*.

Esta é a materialização prática especial do que disseram nossos sábios: "que todos os seus atos sejam feitos em nome dos Céus".

A Busca Pelo Sustento

Costuma-se dizer, em nome do *Chafets Chayim*, que quando alguém trabalha por seu sustento, mas volta a estudar e a participar de aulas fixas assim que termina sua jornada de trabalho, além de tentar utilizar todo o seu tempo livre para o estudo da *Torá*, é considerado como se estudasse mesmo enquanto está trabalhando.

Seu anseio pelo estudo da *Torá* prova que ele é obrigado a trabalhar por seu sustento, mas seu coração está inteiramente ligado ao estudo. O fato de que ele estudaria constantemente, se tivesse possibilidade, é levado em conta nos Céus. Esta vontade possui um enorme valor e o nível deste indivíduo é extraordinariamente elevado.

Alguém que se ocupa com negócios pode facilmente chegar ao orgulho, também, pensando que “minha força e o poder de minha mão me fizeram toda esta obra”. O verdadeiro servo de D’us deve lembrar constantemente do versículo: “E lembre do Eterno, seu D’us, pois é Ele Que te dá força para agir”. Traduz o *Unkelus*: “é Ele Que te aconselha a comprar patrimônio”.

É obrigatório trabalhar pelo sustento, conforme disse D’us a Adam: “Com o suor de tua face comerás pão”. Na prática, porém, este depende da bênção de D’us, sem a qual ninguém seria capaz de sustentar a si e à sua família, apesar do esforço empreendido.

Uma análise do que acontece no mundo deixa patente como “tudo vêm dos Céus”. Às vezes os pobres enriquecem, os ricos empobrecem e há aqueles que não conseguem sustentar sua família, apesar de trabalharem arduamente.

Cada um deve rezar a D’us, confiar Nele e esperar por Sua bondade. Na mesma medida, o Eterno lhe concederá sucesso em seus atos.

O Modo Correto de se Comportar

O autor do *Pêle Yoêts*, em seu livro *Chessed Laalafim* (*siman* 156), nas leis de negócios, estende-se sobre o modo especial de se comportar nos negócios e na vida, de um modo geral. Ele divide isso em diretrizes especiais para aquele que se ocupa apenas com a *Torá*, aquele que ensina crianças, o que possui outros ofícios, etc.

Sobre aquele que se ocupa especificamente com a *Torá*, ele expõe principalmente a oração – que este deve fazer no início do dia – para prosseguir corretamente e não vacilar:

“Se sua ocupação é dedicar todo o seu tempo ao estudo da *Torá*, sendo a *Torá* seu ofício, ele deve prestar atenção e também elevar sua voz pela manhã, assim como fazê-lo por escrito, di-

zendo: ‘assim é minha obrigação e assim é apropriado a mim, me ocupar com a *Torá* por amor a ela, sem nenhum interesse pessoal; apenas para dar prazer a meu Criador e retificar os assuntos em sua Raiz, num Lugar Sublime. Cerque os que são modestos, para isso, com sabedoria. Que eu não seja como os escravos que servem a seu senhor para receber recompensa; que não faça das palavras da *Torá* uma coroa para me enfeitar, nem uma pá para cavar com ela (um instrumento de trabalho) – e sim, para contentar meu Criador, somente, sem que o faça para ser recompensado, de modo algum”’.

“‘Tanto mais não é apropriado que a estude para provocar outros, circunstância na qual a *Torá* se transforma em um veneno mortífero e torna-se preferível que o indivíduo não tivesse sido criado... Que tudo o que esteja em minhas possibilidades fazer – para que seja agradável às criaturas – que eu o faça, de modo que não pequem por minha causa, que não encontrem nada para falar mal de mim e, deste modo, que o Nome dos Céus não será profanado por minha causa, D’us nos livre”’.

“‘Já que o estudo não é o principal e sim os atos – sendo que o estudo é maior, porque leva à ação, assim como algo estudado errado é considerado de propósito, e o essencial no estudo da *Torá* por amor a ela é quando se estuda com a intenção de guardar, praticar e conservar – eis que, portanto, fixarei momentos para a *Torá*, para o estudo de leis práticas, de modo que saiba o que fazer e para que saiba cuidar dos detalhes das *mitsvot*, para cumpri-las como se deve...’”

“Aquele cuja profissão é ensinar crianças deve dizer: ‘Dia após dia pronunciarei: esta é minha obrigação e assim é apropriado a mim, me ocupar fielmente do trabalho dos Céus e me esforçar com os alunos, da manhã à tarde, com meus dez dedos e com o suor de minha fronte, para ensiná-los *Torá* e orientá-los sobre o caminho que devem seguir e os atos que devem perpetrar, de

modo que seja a muda que plantei, o produto de minhas mãos, digna de louvor”.

“Eu não tenho permissão de me desviar para este ou aquele lado, a não ser quanto ao que é necessário, sem o qual é impossível sobreviver... É correto que não me zangue com os alunos caso não entendam, que revise com eles até que compreendam, como a história de *Rabi* Freida, que revisou uma lei com seu aluno quatrocentas vezes. Convém que não diferencie um aluno dos outros alunos – seja pobre ou rico – apenas ensine a todos igualmente, sejam ricos ou necessitados...”

“Aquele que possui algum outro ofício deve cuidar muito para que seu sustento esteja isento de roubo de lograr as pessoas e ele deve fazer seu serviço de modo confiável.”

“Aquele que foi agraciado com riqueza, deve rejubilar-se com sua riqueza também neste mundo – e uma vida de contentamento viverá. Ele deve diminuir seus negócios, para que possa servir a seu Criador e se ocupar com a *Torá*, uma vez que terá servidores e que seu trabalho será efetuado por outros...”

O autor do *Chessed Laalafim* detalha como cada membro do Povo de Israel deve servir a seu Criador fielmente, como conduzir seus passos de modo a não cair na armadilha do mau instinto e como agir corretamente, santificando o Nome do Eterno e concedendo satisfação ao Criador.

A conclusão de suas palavras, assim como de todo este ensaio, é que cada um é capaz de servir a D’us com todo o coração e transformar sua vida em uma vida sagrada, santificando Seu Nome e fazendo com que até mesmo seus atos materiais sejam considerados elevados, uma vez que nele se cumpre o que disseram nossos sábios: “que todos os seus atos sejam feitos em nome dos Céus”.

Alguém assim personifica como o Eterno deseja que vivam em Seu mundo, tendo o mérito de estar constantemente próximo a Ele.

MASS'Ê – BEN HAMETSARIM

מסעי - בין המיצרים

E HABITAREI ENTRE VOCÊS

A Presença Divina Neste Mundo

Os dias de luto de “*Ben Hametsarim*” – entre 17 de Tamuz e 9 de Av – constituem um período de luto pela destruição do *Bêth Hamicdash* (o Templo Sagrado), assim como pelo afastamento da Presença Divina Que pairava sobre o Povo de Israel, enquanto o Templo existia.

Para entender bem o que está faltando e o que foi perdido quando o Templo foi arrasado, é importante explicar o que significa estar a Presença Divina com o Povo de Israel, quais são Seus diferentes níveis e quais as imensas vantagens espirituais que Ela trazia. Com isso, é possível interiorizar e sentir bem o que nos falta e esforçarmo-nos por orar e praticar bons atos, de modo a trazer a Redenção absoluta.

D’us desejou possuir uma morada nos mundos inferiores. Diz o *Rashi* em *Parashat Tetsavê*, sobre os versículos 45 e 46 do capítulo 29:

“E habitarei dentro de Meu filho, Israel, e serei para eles

D'us. Saberão que Eu sou o Eterno, seu D'us, Que os tirei da Terra do Egito e habitarei entre eles'. 'Eu sou o Eterno, seu D'us' – com a condição de habitar entre vocês”.

Assim também escreve o *Ibn Ezrá*: “‘Saberão’ – o motivo disto é que então saberão, que não os retirei do Egito a não ser para que Me façam um Santuário e Eu habite entre eles. É sobre isso que está escrito: ‘servirão ao Eterno sobre o Monte’”. Escreve o *Gaon* de Vilna, em seu comentário sobre o Livro de *Yoná* (capítulo 1, versículo 2): “aqui é Sua principal morada”.

D'us criou o mundo e suas criaturas para lhes fazer o bem, sendo que o maior bem que Ele pode fazer é conceder Sua proximidade. É impossível entender o que significa a Presença Divina neste mundo, mas ela certamente compreende a proximidade de D'us para conosco e o bem que disto provém, quando se serve a D'us com todo o coração.

Quando se peca, entretanto, ocorre um afastamento entre D'us e o ser humano, que é demonstrado pelo afastamento da Presença Divina deste mundo e sua ascensão aos Céus Superiores.

Consta em *Bereshit Rabá* (*parashá* 19, 13): “a principal Presença Divina ficava nos mundos inferiores. Uma vez que Adam *Harish'on* pecou, a Presença Divina Se afastou para o primeiro *Rakiya* (nível de Céu). Quando Cayin pecou, Se afastou para o segundo *Rakiya*. Com a geração de Enosh, para o terceiro. Com a geração do Dilúvio, para o quarto. Com a geração da *Pelagá* (Torre de Babel), para o quinto. Com os habitantes de Sedom, para o sexto. Com os egípcios, na época de Avraham, para o sétimo”.

“Em contraposição a estas épocas, surgiram sete justos, que são: Avraham, Yitschac, Yaacov, Levi, Kehat, Amram e Moshê. Veio Avraham e A fez descer ao sexto; Yitschac A fez descer do sexto para o quinto; Yaacov A fez descer do quinto para o quarto. Levi A fez descer do quarto para o terceiro; Kehat A fez descer do

terceiro para o segundo; Amram do segundo para o primeiro. Veio Moshê e A fez descer, de cima, para baixo”.

Os pecados causam um afastamento, enquanto os justos das gerações influenciam o mundo inteiro e o tornam apto a se aproximar da Santidade de D’us. Por mérito deles, de seus atos e de sua influência, a Presença Divina habita entre nós.

Moshê fez ainda mais do que isso. Durante a Revelação do Monte Sinai, ele não apenas aproximou a Presença Divina, como A fez descer até este mundo. Com a *Torá* e seus mandamentos, é possível nos ligar e aproximarmo-nos de D’us e de Sua influência abençoada.

A Presença Divina Está no Coração do Povo de Israel

Inferimos de diversos versículos, além das palavras de nossos sábios, que a Presença Divina se encontra no Santuário e no Templo. Em uma nota no livro *Nêfesh Hachayim* (*sháar* 1, capítulo 4), porém, é explicado que a principal *Shechiná* habita o próprio ser humano, sem que haja nisso uma contradição a todas as fontes que dizem o que foi trazido anteriormente:

“Pois o Santuário e o Templo englobavam todas as forças, mundos e esquemas de santidade. Todos os seus cômodos e arquivos, sótãos e quartos, assim como utensílios sagrados, tinham todos uma imagem superior: *Tselem*, *Demut* e *Tavnit* dos mundos sagrados – e a ordem das partes da *Mercavá* são a base de David e de Shemuel, que via ‘tudo em escrita das mãos de D’us, que a mim fez compreender’ (*Divrê Hayamim I* 28:19)”.

“Portanto, um indivíduo do Povo Sagrado, que engloba também todas as ordens de *Bereshit* e da *Mercavá*, o conjunto de toda a Criação, é também o exemplo e a forma do Santuário, do Templo e de todos os seus utensílios. Ele está de acordo com a

ligação das partes de seus órgãos, tendões e todas as suas capacidades. Assim divide o *Zôhar* o conjunto da forma do Santuário e seus utensílios, que estão todos indicados no ser humano, cada um deles, de acordo com sua ordem”.

“Sobre isso foi dito (*Massêchet Ketubot* 5): ‘maiores são os atos dos justos que a Criação dos Céus e da Terra, conforme está escrito: ‘mesmo Minha mão fundou a Terra e Minha destra cuidou dos Céus’, enquanto sobre os atos dos justos está escrito; ‘um lugar para Se sentar Fez, D’us, o Santuário do Eterno ergueram Suas mãos’. Começaram falando dos atos dos justos e trouxeram a prova para isso do Templo. Isso porque efetivamente, pelos seus atos – que são agradáveis perante Ele – constituem realmente o Templo”.

É muito difícil compreender estas palavras até o fim. Vê-se , no entanto, a grandeza dos bons atos dos justos, a ponto deles próprios serem chamados de “Santuário de D’us” e da Presença Divina pairar sobre eles, efetivamente.

O próprio Templo é construído, no plano dos seus segredos espirituais, de acordo com a imagem do ser humano espiritual. D’us criou o mundo para que também nele, apesar do empecilho constituído pelo que há de material, se possa subir de nível e alcançar uma proximidade espiritual muito grande. Isso é atingido pelos justos, sobre os quais paira a Presença Divina.

Os Níveis de Presença Divina

Consta no *Shir Hashirim*: “Enquanto o Rei estava em seu círculo (no Monte Sinai), meu nardo (especiaria aromática) deu sua fragrância. Um punhado de mirra (especiaria aromática) é meu Querido para mim; no meu peito (na Arca Sagrada) repousará. Um cacho de canforeira (especiaria aromática) é meu Querido para mim, nos vinhedos de Ên Guêdi” (1:12-14). O *Gaon* de Vilna explica que estes versículos descrevem a descida da *She-*

chiná para este mundo:

“A intenção destes três versículos está ligada ao que disseram nossos sábios: Antes de Adam pecar, Sua Poderosa Presença preenchia toda a Terra com Sua Honra, de uma ponta à outra do mundo. Uma vez que vieram as gerações de Enosh, do Dilúvio e da *Palagá*, Ela subiu cada vez mais para cima, enquanto Moshê a fez descer para a Terra. Sobre isso está escrito: ‘os justos herdaram a Terra e habitarão sempre sobre ela’”.

“Por isso, o nível de Moshê era maior que o de todos, pois por seu intermédio Ela foi revelada na Terra. Ele a fez descer em três vezes: a primeira no Monte Sinai, a segunda no *Mishcan* (Santuário) e a terceira quando entraram na Terra (de Israel)”.

“É isso que significa ‘Enquanto o Rei estava em Seu círculo’ – ou seja, quando desceu D’us ao Monte Sinai, Que estendeu os Céus sobre o Monte Sinai e desceu... ‘Um punhado de mirra é meu Querido para mim’ – depois disso, quando fizeram o Santuário, desceu a *Shechiná* à atmosfera do mundo. Pois no início, durante a Outorga da *Torá*, embora ela tivesse descido, só ficou acima dos Céus, que foram estendidos sobre o Monte Sinai. No Santuário, porém, desceu a Presença Divina à atmosfera do mundo e pairou entre as paredes da Arca...”

““Um cacho de canforeira é meu Querido para mim’ – quando ficou fixo entre mim, nos vinhedos de Ên Guedi, que é o primeiro lugar da Terra de Israel... pois assim que entraram na Terra de Israel desceu a Presença Divina ao mundo”.

Aprende-se daqui que existem diversos níveis de Presença Divina no mundo, estando todos relacionados ao Templo e à Terra de Israel. É imposto a cada um hoje, após a destruição do Templo e o afastamento Desta Presença, descobrir onde Ela Se encontra, como fazer para se aproximar Dela e o que fazer para sentir que, mesmo na destruição e no exílio, o Eterno Se encontra com Seu Povo, sem o abandonar.

A Presença Divina se Encontra Onde Há o Estudo de Torá

Consta em *Massêchet Berachot* (7b): Disse *Rabi Yochanan* em nome de *Rabi Shimon bar Yochai*: todo aquele que fixa um lugar para sua *Torá*, seus inimigos caem perante ele”. Escrevem os alunos do *Rabênu Yoná*, em seu comentário sobre o *Rif*:

“Este versículo foi dito sobre o Templo, no qual D’us fazia habitar Sua Presença Divina e pelo mérito do qual Israel vivia tranqüilamente, sem medo dos inimigos. Agora, que o Templo não existe, o local de *Torá* está em seu lugar, conforme disseram: ‘desde o dia que o Templo foi destruído, D’us não tem em Seu mundo a não ser quatro *amot* (cúbitos) de *halachá* (lei judaica), somente”.

“Portanto, com isto (que o indivíduo fixa um local para seu estudo), se salvará dos inimigos. Mesmo aquele que só sabe um pouco, deve fixar um local e estudar o que ele sabe, para chegar a isso, pensando com seus olhos e interiorizando em seu coração o temor aos Céus. Se ele não sabe nada, deve andar até as Casas de Estudo (*Batê Midrash*), ganhando a recompensa por sua caminhada”.

Das palavras de *Rabênu Yoná* se chega à uma importante conclusão: todas as qualidades especiais que foram relacionadas ao lugar do Templo não desapareceram completamente com sua destruição. Ainda há um lugar, neste mundo, onde habita a Presença Divina: o local que o indivíduo fixa para o estudo da *Torá*. Este lugar se santifica e nele se encontra a *Shechiná*, que envolve e protege o indivíduo.

Logo, quanto mais fixo e maior for o nível do estudo da *Torá*, maior será a santidade a ele relacionada. Por outro lado, é proibido desprezar qualquer estudo fixo, em qualquer nível e de qualquer pessoa que deseja se aproximar de seu Criador. Mesmo

aquele que não sabe estudar deve ir à Casa de Estudos (*Bêt Hamidrash*), pois com seus passos ele faz parte daqueles que pertencem ao estudo da *Torá* em um lugar fixo, pertencendo também à Presença Divina e a todas as Suas virtudes.

O Estudo em Público e a Santidade

Embora a Presença Divina se encontre em todo lugar determinado para o estudo da *Torá*, existe uma diferença entre uma pessoa que estuda sozinha e o estudo em público.

Consta em *Massêchet Avot* (capítulo 3, *mishná* 7): “*Rabi Chalafta ben Dossa*, de *Kefar Chananyá*, dizia: Dez pessoas que sentam e se ocupam com a *Torá*, a *Shechiná* se encontra entre elas, conforme está escrito: ‘O Eterno Se apresenta na congregação de D’us’. E de onde se sabe que até mesmo quando são cinco? Pelo que está escrito: ‘e Sua associação sobre a Terra está alicerçada’. De onde se sabe que mesmo três? Pelo que está escrito: ‘Dentro do Eterno julgará’”.

“De onde se sabe que mesmo quando são dois? Do que consta: ‘então conversaram os tementes a D’us, cada um com seu companheiro – e prestou atenção D’us e ouviu’. De onde se aprende que isso é válido mesmo quando é um? Está escrito: ‘em todo lugar onde lembrar Meu nome Virei a você e o abençoarei’”.

Pergunta o *Chassid Yaavets*, em seu comentário sobre este trecho: Uma vez que mesmo com uma única pessoa paira a Presença Divina, por que era necessário falar sobre cinco ou dez pessoas? A resposta dada por ele é que existe uma diferença entre poucos e muitos, o que pode ser comparado à relação de um rei com diversos tipos de cidades:

De uma delas o rei gosta, não sai dela e mora lá constantemente.

Há outra cidade que o rei aprecia, mas não tanto quanto a

primeira. Ele mora nela uma parte do ano e, por isso, construiu lá um palácio real.

Em uma terceira cidade o rei não possui uma residência, mas se hospeda lá por dois ou três dias.

Em uma quarta, ele passa por ela, come lá uma refeição e se vai.

Em uma quinta, após passar por ela e entrar na cidade, conversa pessoalmente com alguém que gosta, mas não come lá e não se retarda neste local.

Há diversos níveis de Presença Divina e de vínculo com o Criador. Quanto mais se investe no serviço Divino, mais esta ligação se fortalece, tornando-se mais fixa e profunda. Entretanto, ela existe em qualquer situação de estudo da *Torá*.

Felizes aqueles que estudam em público, com mais de dez pessoas, dos quais a Presença Divina não se separa de modo algum.

O Cumprimento de Mitsvot com Sacrifício Leva à Revelação da Shechiná

Escreve o *Rabênu Bachyê*, em seu comentário sobre o Livro de *Bereshit* (capítulo 18):

“Encontramos que a Revelação da Presença Divina possui três partes: a primeira é quando esta vem para falar com o profeta e ordená-lo sobre algum preceito da *Torá*. A segunda está ligada a proteger Seus servos, os justos, conforme está escrito: ‘Decidiu toda a congregação apedrejá-los com pedras – e a Glória de D’us apareceu sobre o Santuário’ (*Bamidbar* 14)”.

“A terceira Revelação vêm para demonstrar contentamento e satisfação (sobre algo que já foi executado), como a Revelação da Presença Divina no Tabernáculo (*Mishcan*) e sobre Avraham Avinu. No *Mishcan*, conforme está escrito: ‘saíram, abençoaram o Povo – e Se revelou a Honra de D’us para todo o Povo’ (*Vayi-*

crá 9:23). Uma vez que se esforçaram pela *mitsvá*, tiveram o mérito de receber a Revelação da Presença Divina”.

“A revelação para Avraham: ‘E Se mostrou a ele, D’us’. Uma vez que se esforçou para cumprir a ordem de se circuncidar, recebeu a Revelação da Presença Divina. Isso vem dizer que, com a visão da *Shechiná*, ele foi curado da ferida da circuncisão, uma vez que assim deve ser, conforme está escrito: ‘Com a Luz do Semblante do Rei vem a vida’”.

Conclui o Rav Shelomô Brewda *shelita*, em seu livro *Yibanê Hamicdash*:

“O que se extrai de suas palavras é que quando o indivíduo se esforça para cumprir as *mitsvot*, com auto-sacrifício, é possível ter o mérito de receber a Revelação da Presença Divina, com a qual o indivíduo obtém a verdadeira vida”.

Foram explicados, neste ensaio, alguns dos vários níveis de Revelação da Presença Divina, como chegar a eles e a grande bênção que trazem.

Nestes dias de luto de *Bên Hametsarim*, é importante saber que, por um lado, a principal Revelação da *Shechiná* neste mundo se dava no *Bêt Hamicdash* e que esta não retornará até sua reconstrução, a restauração das oferendas e dos outros serviços que nele aconteciam.

Por outro lado, a *Shechiná* se encontra também no coração de todo aquele que se prepara adequadamente para recebê-la, de modo que, todo aquele que se esforça por se aproximar de D’us, transforma-se em um Santuário, Templo e Altar.

Estes dois assuntos – a Presença Divina eo coração de todo aquele que se prepara – estão ligados. Assim, com esta pureza e preparação no coração, todo o Povo de Israel se elevará e terá o mérito de receber a Presença Divina em seu maior nível, com a reconstrução do Templo Sagrado.

דברים

DEVARIM

DEVARIM – SHABAT CHAZON

דברים - שבת חזון

A DESTRUIÇÃO E O ÓDIO SEM SENTIDO

O Ódio Gratuito Leva a Outros Pecados

Consta em *Massêchet Yomá* (9b): “O Primeiro Templo – por que foi destruído? Por três coisas que havia naquela época: idolatria, assassinatos e relacionamentos proibidos. Entretanto, durante a época do Segundo Templo, ocupavam-se com a *Torá*, com seus preceitos e com atos de bondade – por que foi destruído? Porque havia, em seu tempo, ódio gratuito”.

“Isso vem nos ensinar que o ódio gratuito é comparado aos três pecados mais graves que existem. *Rabi Yossi* e *Rabi El’azar* disseram, os dois: os membros das primeiras gerações, cujo pecado foi revelado, tiveram o final de seu exílio também revelado. Os das gerações posteriores, cujo pecado não foi revelado, não tiveram o final de seu exílio revelado”.

Estas palavras da *Guemará* despertam diversas questões. Por que o ódio gratuito é tão grave, a ponto de ser comparado aos três

pecados mais sérios, que abalam por completo as bases da *emuná* e da vida normal? Além disso, por que o final do exílio, que veio como consequência dele, é oculto, sendo que este já dura mais de dois mil anos?

No livro *Imrot Chayim* (página 39) é explicada a grande destruição que se segue ao ódio sem sentido:

“Pois o ódio gratuito, além do pecado que constitui por si só, possui ainda um outro problema: ele causa e leva a outros pecados graves. Portanto, nossos sábios o avaliaram gravemente, a ponto de compará-lo aos três maiores pecados, em virtude do mal que dele deriva”.

“Eis que as palavras de nossos sábios são pesadas e medidas ao extremo. Assim, ele possui efetivamente o mesmo peso (destes três), como se o tivessem pesado em uma balança de pratos e eles tivessem se equilibrado exatamente na mesma altura, tão grave e terrível é a destruição da raiz do pecado do ódio sem sentido”.

Ou seja, além da gravidade do pecado, ele é especial no fato de fazer o ser humano despencar para outras iniquidades, incluindo as mais graves possíveis. Nossos sábios observaram a raiz deste mal, a primeira razão que leva o indivíduo a se afastar de D’us.

“Ame ao Próximo Como a Si Mesmo”

Nesta época do ano, na qual sobem à tona lembranças sobre o *Bêit Hamicdash* (o Templo Sagrado) e aumenta o anseio por sua reconstrução, é importante dar passos que levem a efetivação disto. Considerando o fato de que Templo foi destruído pelo ódio gratuito, torna-se óbvio que o caminho para reverter tal estado está ligado à retificação deste. Esta se dá com o cumprimento e o aperfeiçoamento do preceito que diz: “ame ao próximo como a si mesmo”, sobre o qual disseram nossos sábios: “Esta é uma grande regra na *Torá*”. Ou seja, que ela é a raiz de todos os preceitos Divinos.

Assim também disse Hilel *Hazaken*, ao convertido que queria que lhe ensinassem toda a *Torá* enquanto se equilibrasse sobre um só pé: “O que você odeia, não faça a seu companheiro. Esta é toda a *Torá* – o resto é explicação. Assim, vá e estude” (*Massêchet Shabat*, 31b).

Aquele que cumpre este preceito como se deve, cultiva e cuida de uma raiz especial, da qual brotará toda a *Torá*. Ela o levará, no tempo certo, a uma aproximação total a D’us e a Sua *Torá*.

Os mandamentos entre o homem e seu semelhante serão cumpridos do melhor modo possível, uma vez que o coração do indivíduo estará repleto de amor. Os preceitos entre o homem e seu Criador também melhorarão de modo irreconhecível, posto que todas as *mitsvot* possuem a mesma raiz e foram ordenadas por D’us.

Isto levará o indivíduo a agir pela aproximação da plena Redenção, brevemente, uma vez que consegue retificar a raiz da principal razão da destruição do Templo e do exílio.

Está escrito no livro *Yir’á Vadáat* (parte 2, página 37): “Qual é o motivo do ódio sem sentido conseguir levar aos três pecados mais graves, assim como a outros? Isso acontece porque o ódio gratuito não é considerado um pecado pelo indivíduo. Logo, ele é capaz de transgredir o que for necessário para concretizá-lo, uma vez que seu coração arde dentro dele, por causa do ódio”.

“Ou seja, o indivíduo tende a se justificar quando odeia alguém, sem sentir que este é um grave pecado. Este sentimento de estar com a razão é muito perigoso. Ao juntar-se a ele a característica da raiva, perante este indivíduo tudo o que é torto parece reto e ele será capaz de transgredir toda a *Torá*, D’us nos livre”.

“O único modo de frear esta decadência é andando no caminho oposto: aumentando o amor ao outro com a interiorização das qualidades de nossos semelhantes, dentro do nosso coração. Este caminho leva, conforme foi dito antes, ao cumprimento de toda a *Torá* e à aproximação da Redenção plena”.

“O Estudo da Torá Equivale a Todos”

O autor do livro *Imrot Chayim*, citado anteriormente, estende-se sobre o conceito de “equivalência” nas fontes judaicas, e explica o que quiseram dizer nossos sábios com “o estudo da *Torá* equivale a todos (os outros preceitos citados no mesmo trecho)”:

“Sua intenção é dizer que o estudo da *Torá* leva a colocar o ser humano no bom caminho, levando-o a cumprir todas as *mits-vot*. Do mesmo modo, nossos sábios disseram que ‘o estudo da *Torá* é maior (que a prática), pois o estudo leva à prática’. É por isso, que ele equivale a todos: porque é a raiz do cumprimento de todos os preceitos”.

Assim também ele explica o que está escrito sobre Yaacov *Avinu*: “E Yaacov era uma pessoa íntegra, assíduo frequentador do *Bet Midrash*”. É óbvio que ele possuía muito mais qualidades, sendo possível enumerá-las extensivamente. Por que razão, então, a *Torá* resolveu assinalar justo esta? A resposta é que esta era a raiz de todas as outras qualidades que ele tinha. Yaacov era o mais completo e pleno entre os patriarcas. Tudo o que possuía, porém, brotou do estudo da *Torá* na tenda.

Isto é correto também no que se refere a pecados. Eles também podem possuir uma determinada raiz, que leva a muitos outros.

Está escrito sobre Essav que este era uma “pessoa que sabia caçar, um homem do campo”. Esta é sua descrição, uma vez que disto proveio toda a sua perversidade. Sobre as palavras “que sabia caçar”, explica o *Rashi*: “ludibriar e enganar seu pai. “‘Um homem do campo’ – uma pessoa desocupada, que caça, com o arco, animais e aves”.

Estas más qualidades foram, para ele, uma raiz daninha. A desocupação e a tendência a enganar os outros, incluindo seu próprio pai, levaram-no a transgredir todos os pecados possíveis e, por outro lado, apresentar-se como se fosse uma pessoa justa,

pura e extremamente cuidadosa com seus atos.

Estas foram as pedras fundamentais do desenvolvimento dele e de sua descendência, nas gerações posteriores. Daí procede a importância de destacar estas características.

A Essência do Amor ao Próximo

Sobre o preceito de amar ao próximo como a si mesmo (*Vayicrá* 19:18), escreve o *Ramban*:

“(Isto quer dizer) igualar o amor dos dois em sua consciência. Pois, às vezes, uma pessoa ama seu companheiro no tocante a determinados assuntos, para que lhe seja concedida riqueza mas não sabedoria, por exemplo. Se o amasse completamente, ansiaria que a seu amado companheiro fosse concedido riqueza de bens, honra, conhecimento e sabedoria – não só para que se iguale a si quanto também que deseje para sempre, em seu coração, que este tenha, mais que ele mesmo, tudo o que é bom”.

“(Assim,) ordenou este versículo que esta desprezível inveja não exista em seu coração. Em vez disso, que o ame (seu companheiro), de modo a incrementar o bem para seu amigo assim como uma pessoa faz para si mesma”.

De acordo com suas palavras, amar o próximo não se resume a fazer-lhe o bem, se entristecer com sua queda e afins. Existe uma clara obrigação de fazer o bem ao outro constantemente e interiorizar o desejo de que este fique contente, a ponto de se alegrar quando seu semelhante possuir mais que ele próprio.

Este preceito arranca pela raiz a característica da raiva. Entre duas pessoas que realmente se apreciam ela não é possível, pois o sucesso e a alegria do outro são considerados como se fossem do próprio indivíduo.

Apesar de ser muito difícil atingir este elevado nível, é possível, devagar, chegar a ele. Aquele que o faz, possui o alicerce de

toda a *Torá* e, a partir de então, o caminho para cumprir todas as suas leis estará aberto a ele.

A Responsabilidade de Cada Geração

Consta no *Talmud Yerushalmi*, em *Massêchet Yomá* (*halachá* 1, 1), que “em cada geração na qual o *Bêl Hamicdash* não é reconstruído, considera-se como se ela o tivesse destruído”.

Estas palavras de nossos sábios são explicadas no livro *Imrot Chayim* (página 173):

“O significado oculto disto é que, com os pecados de cada geração, ele é novamente destruído, pois os alicerces do Templo Sagrado são as *mitsvot* e as boas ações do ser humano. Logo, se não há sustentáculo, não há construção – e com os pecados do ser humano despenham as fundações”.

“Deste modo, em cada geração que ele não é reconstruído, uma vez que suas fundações foram destruídas e novamente destruídas, é considerado como se houvesse sido então destruído, pelos pecados daquela geração”.

“A regra básica disso é que a construção do *Bêl Hamicdash* é imposta a nós, em cada geração. Precisamos erigir e fortalecer seus alicerces e o edificar com nossos bons atos. Quando ele não é construído, a culpa recai sobre nós”.

“Esta é uma informação importante, da qual é necessário estarmos conscientes a cada instante: que todo o mundo está em nossas mãos, para erigi-lo e mantê-lo ou para, D’us nos livre, arruiná-lo e destruí-lo”.

“Especialmente nestes dias, quando ficamos de luto pela destruição do Templo, precisamos nos conscientizar de que, se ele não foi reconstruído em nossos dias, somos nós que o destruímos – uma vez que está em nossas mãos construí-lo, com nossos bons atos”.

Suas palavras aumentam a responsabilidade de cada um pela

falta do *Bêt Hamicdash*. Aqueles que viveram quando ele foi destruído certamente sentiram uma enorme opressão quando o viram queimar, ansiando com todas as suas forças por sua reconstrução. Conforme o *Yerushalmi*, isto é o que acontece a cada geração – sendo imposto a seus membros trabalharem para que seja reerguido.

A Retificação do Passado e do Presente

O *Chafêts Chayim* zt”l dedicou a este assunto um capítulo inteiro de seu livro, *Chomat Hadat* (capítulo 14), explicando como chegar a isso:

“Em primeiro lugar, é necessário se fortificar quanto ao estudo da *Torá*, cada um de acordo com sua capacidade. É apropriado que se ajuntem todos os tementes a D’us, em cada cidade e cidade, para definir como se fortalecer quanto ao assunto do estudo da *Torá*, tanto em relação a eles quanto aos filhos...”

“O mesmo é válido quanto ao ódio gratuito: terão que retificar o que está errado. Antes de mais nada, tomarão muito cuidado com a proibição de *Lashon Hará* e maledicência, sobre as quais a *Torá* é extremamente rigorosa, como é constatado da *Torá* e das Escrituras, conforme está escrito: ‘seis são aqueles que D’us odeia e sete são os que aborrecem Sua alma’ (*Mishlê* 6:16)”. O sétimo é aquele que causa intriga entre as pessoas, ou seja, costumam falar *Lashon Hará*. Vide *Metsudat David* em *Mishlê* 6:19.

O estudo da *Torá* é o fundamento de todo o seu cumprimento, fortalecendo toda a espiritualidade do indivíduo, enquanto o ódio gratuito é a base da destruição de toda a *Torá*. Assim, é necessário cuidar da boa raiz e arrancar aquelas que são daninhas.

Isto é capaz de levar à retificação de toda a geração e trazer rapidamente a plena Redenção, livrando o mundo de seu sofrimento e o aproximando de seu Pai que está nos Céus e que deseja o bem de todos os Seus filhos.

VAETCHANAN – SHABAT NACHAMU

ואתחנן - שבת נחמו

A DESTRUIÇÃO E O EXÍLIO LEVAM À REDENÇÃO

As Sete Haftarot de Consolo

Nossos sábios decretaram que durante os sete *shabatot* que seguem *Tish'á Beav* – a data da destruição do Templo – como *haftará*, lê-se em público trechos dos profetas que tratam de consolo.

A primeira delas é a profecia de Yesha'yáhu que se inicia com as palavras: “Console-se, console-se, Meu Povo – dirá Seu D’us”. O Eterno consola seu Povo como um pai que o faz com seu filho, dizendo que, apesar da terrível destruição e do difícil exílio, há esperança.

À primeira vista, consolação quer dizer que, mesmo no presente, encontram-se fatores que contém o futuro e que curam as feridas do passado. Portanto, é necessário se aprofundar neste assunto e descobrir: consolar-se com o quê? Eis que o Templo se encontra destruído, o exílio está em seu auge e o Terceiro Templo

ainda não foi construído!

Além disso, a partir da metade do próprio dia de *Tish'á Beav*, as leis de luto tornam-se mais fracas, sendo motivo disso o fato de *Mashiach* ter nascido nesse dia. Também isso deve ser compreendido, uma vez que não se vê neste dia nada de positivo. Que redenção há nisso, se as cinzas do Templo ainda estão palpáveis?

“Estendeu Uma Régua de Medição Sobre Yerushaláyim”

No *Shulchan Aruch* (*Orach Chayim* cap. 152) – o Código da Lei Judaica – está escrito que não se destrói uma sinagoga para construir outra. Ou seja, primeiro se constrói a nova sinagoga e apenas depois disso se destrói a velha.

Há os que perguntam sobre isso: uma vez que é assim, como D'us destruiu o Segundo Templo antes de construir o Terceiro? Logo, é necessário dizer que a semente do Terceiro Templo já existia mesmo antes da destruição de *Tish'á Beav* e que, a partir dela, ele será erigido gloriosamente, no futuro.

Assim consta em *Echá* (2:8): “Pensou D'us em destruir a muralha da Filha de *Tsiyon*; estendeu uma régua de medição sobre Yerushaláyim”. Mesmo antes da destruição efetiva do Templo, uma régua utilizada pelos construtores já foi estendida, em prol da reconstrução futura.

Escreve sobre isso o *Alshech Hacadosh*:

“Portanto, o que D'us fez? Ordenou ao Profeta Yechezkel que pegasse uma régua de medição, traçasse uma linha e medisse o comprimento do Último Templo, que está prestes a vir – breve em nossos dias – e que é muito maior que o Primeiro, tanto em qualidade quanto em quantidade. Isso vai de acordo com o que disseram nossos sábios; que o Templo mencionado no livro de Yechezkel é o Terceiro, que virá no futuro”.

“É necessário entender por que antes da construção do Segundo Templo, antes ainda da destruição do Primeiro, traçou (Yechezkel) as medidas do Último. Isso foi para que não ficasse angustiado – como se isso fosse possível – pela destruição do Primeiro, ainda mais por conta das mãos dos inimigos. Portanto, desde agora consola-se pelo que será construído no futuro, melhor que ele, em seu lugar”.

Mesmo antes da destruição do Primeiro Templo, o profeta Yechezkel já foi ordenado a preparar as bases do Terceiro, que será eterno. A meta disso é diminuir o sofrimento da destruição, causada pelos inimigos, com a consciência da grandeza que este último possuirá.

A Redenção Vista do Alto da Montanha

Na *haftará* de “*Nachamu*” (Yechezkel 40) está escrito: “Em uma montanha alta, suba, anunciadora de *Tsiyon*. Eleve com força sua voz, anunciadora de Yerushaláyim. Eleve, não tema! Diga às cidades de Yehudá: ‘Eis o seu D’us!’” O anúncio da Redenção vem de cima de uma montanha alta, de onde sai sem medo e temor.

Aquele que se encontra em um lugar baixo só vê o que está a sua volta, enquanto o que sobe ao alto do monte possui uma visão bem mais ampla. Quanto mais subir, mais esta englobará e se expandirá.

Quando se vê a destruição de baixo, de modo superficial e localizado, é difícil se consolar. Só se percebe os sinais do arraso e do fogo, o coração preenche-se de medo e temor em relação ao afastamento de D’us, ao exílio e aos pecados e surge o receio de não haver mais esperança.

Em compensação, do alto do monte, tudo se transforma para o bem. De lá se vê as gerações do futuro, toma-se consciência de que D’us não abandona Seu Povo em nenhuma situação e perce-

be-se que Ele conduz o mundo em direção à *Gueulá Shelemá* (Suprema Redenção).

Mesmo a destruição e o exílio constituem estágios da redenção. O que parece destituído de esperança é, na verdade, a chave do sucesso. O que se assemelha a uma grave crise constitui, na prática, mais uma etapa do caminho que leva a ela.

Além disso, de lá já não se teme o futuro desconhecido. “Eleve, não tema!” De lá se enxerga a Honra de D’us, em volta da qual se desfazem todos os tipos de apreensão. É possível, então, anunciar a todas as gerações do Povo de Israel que “eis o seu D’us!” É sensível a Mão do Eterno, Seu controle, Seu amor e o grande pacto que travou com Sua Nação.

D’us estendeu uma régua de construtores sobre Yerushaláyim para demonstrar que todas as gerações estão ligadas. As raízes da Redenção se encontram na Alma do Povo, antes ainda da primeira destruição. O processo se inicia no próprio *Tishá Beav* – no qual o *Mashiach* nasce – demonstrando que não há aqui uma simples punição e sim um castigo educativo. Este purifica e conserta, trazendo consigo a esperança de um futuro melhor.

O próprio luto constitui a base do nascimento do *Mashiach*. Este é o processo que é possível distinguir do alto do monte, anunciando a vinda de D’us às cidades de Yehudá.

O Exílio Torna a Redenção mais Próxima

Na obra *Haharugá Alêcha*, do *Admor de Slonim (shelita) zt”l*, é trazida uma idéia ligada ao que foi dito anteriormente. Segundo ele, a própria destruição e o exílio são processos que antecipam a vinda da plena Redenção:

“Do mesmo modo que este mundo é um corredor perante o Mundo Vindouro que é o salão – sendo que a entrada no salão é efetuada de acordo com o valor da preparação correta efetuada

no corredor – também a Redenção e suas grandes revelações vão sendo construídas no exílio”.

“Se, exteriormente, este mundo parece um mundo de desgraças, espiando o interior de tudo o que acontece (percebe-se que) ‘tudo o que D’us faz, faz para o bem’, para levar o ser humano a um bom final. O mesmo acontece com todos os exílios que passaram sobre o Povo de Israel: eles o levam ao encontro das grandes revelações que existirão, futuramente, com a vinda do *Ma-shiach*”.

“Isto está de acordo com o que é explicado nos livros sagrados sobre o que está escrito no *Tehilim* (cap. 126): ‘Quando D’us fizer retornar os que regressam de *Tsiyon*, seremos como sonhadores’. Ou seja, quando D’us fizer o Povo retornar a *Tsiyon* seremos como Yossef, o mestre dos sonhos. Quando este viu a revelação da luz que D’us lhe concedeu, transformando-o em rei do Egito, percebeu que justamente os sofrimentos pelos quais passou, conduziram-no a este fim positivo”.

“Nesse sentido verão, quando D’us fizer o retorno a *Tsiyon*, que todos os exílios foram uma preparação a este bom dia. Assim, os exílios foram o trono e a carruagem em direção às revelações da futura Redenção”.

Em cada geração, separadamente, é difícil ver a grande bondade de D’us. Com um olhar amplo, porém, “do alto do monte”, vê-se todo o processo, em suas diversas etapas. Sem estes sofrimentos, não irradiaria a luz e, sem a destruição do Templo, não viria a Redenção.

Nesta situação se chega à conclusão de que “eis o seu D’us” – cada estágio foi conduzido por Sua mão. Enquanto parecia que D’us abandonou Seu Povo, Ele o conduzia, na verdade, a seu destino, salvando-o também de diversas desgraças. Somente no futuro se perceberá o quanto doou cada geração e como as bases da reconstrução foram fixadas na própria destruição do Templo.

O Luto Particular, o Luto do Povo e o Consolo

O mesmo é válido em relação ao luto particular de cada um, no qual se encontra uma raiz de consolação. Assim escreve o *Gaon Rav* Yechezkel Sarna em seu livro, *Deliyot Yechezkel* (parte 3, página 298):

“Embora a maneira de se conduzir durante o luto seja com ações que exprimem o sofrimento e a dor, a base oculta do consolo também está implícita nele... Com as leis de luto, a *Torá* não (apenas) decretou uma ordem, ela revelou um segredo: o segredo do consolo, que está implícito na Redenção de Israel”.

“Todo aquele que está envolto em seu pesar e sofrimento, ao lembrar-se de sua preciosa qualidade, a qualidade de Israel e a eternidade das almas, encontrará consolo para sua alma, não se enlutará demais e não lhe será, a morte, difícil demais”.

O consolo se baseia no fato de a alma não perecer, apenas o corpo. Diversas leis sobre o luto, como não se enlutar demais, receber condolências e outras, estão baseadas no fato de não se ficar triste pela própria perda e por não haver mais esperança – e sim pelo fato de que uma vez falecido, não poderá mais cumprir os preceitos Divinos e completar a meta pela qual desceu ao mundo.

O luto é adequado à passagem de um mundo material a outro espiritual. Assim – existe esperança e motivo para se consolar.

Com isso, é possível entender algumas leis trazidas no *Shulchan Aruch* (*Yorê Deá*, *siman* 345), que tratam de pessoas sobre as quais não se senta de luto, como aquele que se suicida ou aquele que se afasta da congregação – que retira de si o jugo das *mitsvot*. Uma vez que elas não possuem um quinhão no Mundo Vindouro, não há nenhuma base para o consolo e, conseqüentemente, as leis de luto não se aplicam a eles.

O destino de cada membro do Povo de Israel está ligado ao de toda a nação. A destruição dela não é final e, nela própria, se

encontra a semente da Redenção, o mesmo acontecendo com o luto particular.

D'us conduz o mundo, com tudo o que há nele, em direção à plenitude espiritual, à salvação e à liberdade. Seja Sua Vontade que, em breve, venha tudo o que está destinado àqueles que amam o Eterno e que cumprem Sua vontade.

ÊKEV / עקב

A IMPORTÂNCIA DAS BÊNÇÃOS SOBRE OS ALIMENTOS

As Bênçãos Sobre os Alimentos Equivalem ao Cumprimento de Todas as Mitsvot

“*Ta’amu Ur’u ki tov Hashem*” – Provai (saboreai) e vede que D’us é bom (*Tehilim* 34:9). “Disse o Todo-Poderoso: ‘Cumpre todas as *mitsvot* que te dei na *Torá*. Se comeres dos frutos da terra ou das árvores, recita a *berachá* (bênção) sobre eles, pois se os comeres e não fizeres a *berachá*, estarás roubando os frutos, a árvore e a terra, Àquele Que os faz crescer. Se, no entanto, o indivíduo comer e recitar a *berachá*, ele coroa Aquele Que os criou. Por isso, provai (saboreai) e vede que D’us é bom.” (*Yalcut Shim’oni*, para *Tehilim* 34).

O comentário *Záyit Ra’anan* sobre o *Yalcut Shim’oni* (*Tehilim* 34), declara: “‘Todas as *mitsvot*’ significa que se recitares as devidas *berachot* sobre todas as coisas, é como se cumpriste todas as *mitsvot*.”

Pelas palavras do *Yalcut Shim'oni* e do *Záyit Raanan* conclui-se que aquele que recita as devidas *berachot* antes de comer, alcança um grau muito elevado e se compara àquele que cumpre todas as *mitsvot* da *Torá*. Por que será?

O Rabino Ya'acov Chayim Sofer *Shelita*, em seu livro *Ner Yehudá*, escreve, que esse *midrash* ajusta-se perfeitamente com o que o *Yalcut Shim'oni* escreve a respeito do capítulo 16 do *Tehilim*: “Disse o Santo, bendito seja Ele: ‘Se comeste e disseste: *Baruch Atá Hashem* (A Fonte da Bênçãos és Tu, *Hashem*) – ‘*Tovati bal alêcha*’ – não penses que te fiz um favor em te dar de comer do que é Meu; pois comeste do que é teu, e é como se tiveste cumprido toda a *Torá*, conforme está escrito: ‘*Veachaltá vessaváta uverachtá*’ (*Devarim*, *Parashat Êkev*, cap. 8, versículo 10) – Comerás, satisfazer-te-ás e abençoarás – e pouco antes no capítulo 8, versículo 1 está escrito: ‘*Col hamitsvá...*’ (*Devarim*, *Parashat Êkev*, 8:1) – Toda a *mitsvá...*”

Portanto, aquele que faz a *berachá* sobre os alimentos, é como se tivesse obtido licença de D'us para tirar proveito do Seu mundo. Faz com que a comida seja considerada sua e dessa maneira não a está roubando de D'us. E mais ainda: seu mérito é tão grande, como se ele tivesse cumprido toda a *Torá*. Por que o peso das *berachot* equivale ao cumprimento de todas as *mitsvot* da *Torá*?

As Berachot Levam à Fé em D'us

Na continuação do *midrash* trazido no *Yalcut Shim'oni* está escrito: “Outra explicação para ‘*Bal alêcha*’ – é somente de você: *Yuvelu col hatovot shelchá vivalu vach*. Ainda outra explicação: *mevalê ani col hatovot shebegufchá vegufchá enô balê*.” – se deteriorarão todas as coisas boas que estão dentro de seu corpo e seu corpo não se deteriorará.

O livro *Alê Shur* (parte 2 pág. 316) explica as palavras do

midrash: “Por intermédio das *berachot* podemos degustar a bondade Divina na fruta da qual tiramos proveito: cada prazer e o seu gostinho especial. Se comermos sem fazer a *berachá*, estamos simplesmente ingerindo um bom alimento. Em contrapartida, aquele que faz a *berachá* coroando o Criador e percebendo que está comendo coisas sagradas, acaba por experimentar a essência da bondade Divina dentro do seu prazer. Assim, adquire mais fé e reconhecimento da benevolência de D’us em cada prazer que tiver neste mundo.”

Baseando-se em suas palavras, podemos deduzir que as *berachot* são a chave para uma compreensão mais aprofundada e para uma sensação mais clara da Providência Divina no mundo. Ou seja; aquele que come algo e deixa de fazer a *berachá*, acaba ficando somente com o lado material, físico. Em compensação, a consciência de que tudo aquilo que o homem alcança emana da bondade Divina fortifica-se dentro daquele que faz a *berachá*, do fundo de seu coração, antes de comer. Esta contemplação incute no coração do homem uma fé concreta em D’us, reconhecimento de Sua bondade e sentimentos de gratidão para com Ele.

As *berachot* que fazemos com fervor e com atenção, nos conduzem a um reconhecimento geral da bondade Divina, a uma ligação espiritual mais profunda com a *Torá* e também ao cumprimento mais preciso das *mitsvot* de *Hashem*. Portanto, vemos que as *berachot* realmente podem nos levar a cumprir todas as *mitsvot*. Agora, o *midrash* que interliga as duas coisas torna-se bem claro.

A Berachá – uma Chave para o Serviço Divino

O livro *Cad Hakêmach* traz, no verbete “*berachá*”: “Já que encontramos um versículo inteiro na *Torá* que nos ordena a fazer *berachá* sobre o alimento, concluimos que temos uma obrigação veemente em tomar cuidado com as *berachot* obrigatórias e tam-

bém com as *berachot* de deleite. Todo aquele que zela pelas *berachot* manifesta sua fé e a pureza de seu coração, demonstra que seu judaísmo tem raízes fortes e que ele é um *chassid* (pio, devoto) e *yerê chet* (temente ao pecado)”.

Ou seja, o modo pelo qual o indivíduo faz a *berachá* e o costume de fazer questão de recitar a *berachá* com intenção e fervor, demonstram sua fé e seu temor a D’us. Ser temente a D’us e temer o pecado é facilmente reconhecido pela maneira com que o indivíduo faz a *berachá*. Esta atesta a interioridade do homem.

Subentende-se que há também um caminho do exterior para o interior, ou seja, aquele que faz questão de prestar atenção ao significado das *berachot*, acabará sentindo a bondade Divina e seu amor e seu temor a D’us ficarão cada vez mais fortes. Quanto maior for a intenção, mais sagrado será seu interior e mais ligado estará a D’us.

O *Midrash Tanchumá* (Parashat Vayêshev 7) escreve sobre a declaração da *Torá*, que atesta: “A morte e a vida estão nas mãos da língua e aqueles que a amam comerão dos seus frutos”. “Diz *Rabi Chiya bar Aba*: ‘Alguém tem um alimento feito com figos perante si. Se comer dele sem fazer a *berachá* – a morte está nas mãos da língua. Se, no entanto, fizer a *berachá* antes de comer – a vida está nas mãos da língua.’”

Vemos, pelas palavras do *midrash*, que a diferença entre a *berachá* e a falta dela é tão decisiva que é equiparada à diferença entre a vida e a morte. A *berachá* traz vida e a falta dela é comparada à morte porque aquele que comeu sem fazer a *berachá* transgride o mandamento Divino ficando somente com o lado físico, absolutamente destituído de espiritualidade.

Rabi Yehonatan Eibeschütz z”l escreve em seu livro *Yearot Devash*, parte 1, *derashá* 11: “Deve-se tomar cuidado em não transgredir os preceitos Divinos, estudar as leis da *Torá* e resguardar os pequenos pecados que se costuma desprezar – principalmen-

te as leis de *Shabat* e *Yom Tov* e as leis de birchot hanehenin.

De acordo com suas palavras, a chave para o serviço Divino é o conhecimento das leis de forma clara. Afinal, não há meios de servir o Rei sem saber qual é a Sua vontade. Assim, também, não há possibilidade de cumprir as *mitsvot* (preceitos) de D’us sem saber de forma clara os detalhes das *mitsvot* que Ele quer que cumpramos e os das coisas proibidas das quais devemos nos distanciar.

As leis de *Shabat* e *Yom Tov* são leis que possuem muitos detalhes e, sem conhecimento claro, é muito fácil errar. As leis de *berachot* também são muito complexas, e, sem conhecimento profundo, é muito fácil enganar-se. A forma de passar por estas leis sem incorrer em obstáculos é estudá-las minuciosamente. Aquele que é perito poderá seguir o caminho das *mitsvot*, sem tropeçar. O indivíduo não deve se iludir que, sem conhecimento profundo das leis, também cumprirá as *mitsvot* devidamente. As coisas não são assim e a experiência atesta que somente a perícia na lei é a garantia para impedir que sucumbamos à cilada dos pecados.

A Meticulosidade em Fazer a Berachá com Intenção Traz Muita Fartura

Encontramos em várias fontes que aquele que faz questão de fazer a *berachá* com devoção e fervor, paralelamente ao cuidado minucioso das leis das *berachot*, atrai uma profusão de bênçãos dos Céus sobre si e sobre aqueles que o cercam. Ele faz a *berachá* para D’us e, medida por medida, o Criador o abençoa com fartura e sucesso.

Rabi Chayim Faladji zt”l escreve em seu livro *Col Hacatuv Lachayim*: “Cem *berachot* prolongam a vida; portanto, não despreze este assunto de cem *berachot*, pois por meio dele teremos vida longa”.

Ou seja, a quantidade de pelo menos cem *berachot*, que nossos sábios definiram para fazermos todo dia, atrai das Alturas uma fartura de bênçãos e vida para aquele que faz a *berachá*.

O livro *Ner Yehudá* traz as palavras do sagrado *Zôhar* (pág. 72b), das quais aprendemos que aquelas *berachot* que fazemos sobre tudo o que comemos, bebemos e temos prazer trazem vida da verdadeira fonte da vida, que é o Criador.

O livro *Ner Yehudá* (ibidem) traz uma prova interessante para o fato de que, ao fazermos cem *berachot* por dia, temos o mérito da longevidade. O Bá'al Haturim traz, sobre o versículo em *Parashat Vaetchanan* “*Veatem hadevekim Bashem Elokechem, chayim culechem hayom*” – E vós, que vos unistes a *Hashem*, vosso D’us, estais todos vivos hoje – que as ‘coroazinhas’ que aparecem sobre a letra *kuf* insinuam sutilmente as cem (valor numérico de *cuf*) *berachot* que devemos fazer todo dia e o final do *passuc* é: “*...chayim culechem hayom*” – estais todos vivos hoje. *Cuf* – cem – faz com que todos vocês estejam vivos.

Como já foi dito acima, por meio da *berachá* nós mostramos que a sensação profunda de nosso coração é que tudo pertence a *Hashem* e que nós não possuímos nada. A *berachá* é uma espécie de pedido de licença para tirar proveito do mundo de D’us. Concluimos também que aquele que acha, erroneamente, que tudo lhe pertence e que sua vida não é uma dádiva Divina, mas sim seu próprio patrimônio, dos Céus não concordarão em continuar a lhe gratificar com vida adicional. Afinal, ele nem reconhece o valor do presente e Daquele que o concede. Em contrapartida, um indivíduo que sente que nada lhe pertence e que tudo é uma dádiva gratuita de D’us – Que o ama e Que quer o seu bem – consentirão em outorgar a este indivíduo muita benevolência, bênção e vida longa, pois este sim percebe a generosidade contínua que lhe é oferecida diariamente e sente gratidão Àquele que tudo lhe concede.

Os Justos são Chamados de Vivos

O *Midrash Tanchumá* (final de *Parashat Vezot Haberachá*) diz: “Disse *Rabi Shemuel bar Nachmani*: ‘Os justos, até mesmo em sua morte são chamados de vivos; mas os ímpios, até mesmo em vida são chamados de mortos.’ O ímpio, em vida, é considerado morto, pois vê o Sol nascendo e não faz a *berachá* de “*Yotsêr Or*” (“Que cria a luz”); o Sol se pôs e ele não faz a *berachá* de “*Ma’ariv Aravim*” (“Que faz anoitecer as noites”); come e bebe e não faz as *berachot*. Mas os justos fazem a *berachá* a cada coisa que comem e bebem, que vêem e que ouvem; não apenas quando estão vivos, como mesmo após sua morte eles abençoam e agradecem ao Santo, Bendito seja. ”

Nas palavras deste *midrash* encontramos um ponto maravilhoso: como se não bastasse o fato daquele que faz as *berachot* trazer sucesso, bênçãos abundantes e vida longa para si, ele ainda faz com que sua vida se torne melhor.

Todos os seres humanos vêem fatos maravilhosos que exigem certa consideração. O Sol nasce e se põe, o homem sobrevive comendo e bebendo e assim por diante. Aquele que contempla esses fenômenos sente que eles são ocultos e encobertos, sem ter uma compreensão simples e material. A contemplação acrescenta fé e o homem agradece a D’us por todos os favores que Ele lhe faz. Este é o modo de vida verdadeiro: vida na qual se expressam a contemplação adequada e a reação correta. Aquele que faz as *berachot* – é um homem vivo!

Em contrapartida, a vida daquele que não faz as *berachot* é comparada à morte; ele não entende e não reage às coisas que acontecem à sua volta. Do ponto de vista espiritual ele é considerado morto, ou seja, insensível, apático e indiferente a fatos espirituais.

Hoje, infelizmente, deparamo-nos com indivíduos senis, cujas células cerebrais começam a degenerar e perdem o contato

com o ambiente à sua volta. Não entendem o que falamos a eles; não respondem àqueles que lhes dirigem a palavra e sua vida é muito inferior – uma vida parcial, plena de pesar para eles e para todos os que os cercam.

Podemos comparar isso à vida daqueles que não fazem *berachot* para D’us, ou seja, aqueles que não observam os fenômenos espirituais que ocorrem a sua volta. Eles podem comer, beber e tirar proveito, mas todos os seus propósitos se detêm no plano material simples. Eles não possuem compreensão sobre nada que se encontre acima desse plano e não se interessam por essas coisas. Essas pessoas se desligam de seu ambiente e sua vida não é vida.

“O ímpio em vida é considerado morto, porque vê o Sol nascendo e não faz a *berachá* de ‘*Yotsêr Or*’”. Se os seus sentidos fôssem sãos e vivos, o fenômeno do nascer do Sol – fenômeno maravilhoso sobre o qual o homem não tem controle – deveria despertar nele emoção, admiração e vontade de entender o que é que se oculta por trás desse fenômeno. Será que uma Força Superior é Que dirige e faz funcionar todo o cosmos? Assim, chegaria à conclusão espiritual, teria fé em D’us e Lhe faria uma *berachá*! No entanto, aquele que ainda não alcançou esse nível vive uma vida mundana e inferior e, em relação à verdadeira vida, é considerado morto – por ser insensível e apático a fatos espirituais.

Aquele que Não Faz a Berachá Destrói a Criação

O livro *Ner Yehudá* (pág. 72) traz as palavras do Ritv’á, em sua introdução às leis de *berachot*: “Por isso todos os membros do povo de Yisrael que querem ter proveito do mundo, devem fazer uma *berachá* para D’us, Rei do Universo, sobre cada coisa que tenham prazer. Se não fez a *berachá* – profanou a santidade (*ma’ál bacodashim*), separou entre as águas e as águas, jogou de si o jugo

dos Céus, roubou de seu pai e de sua mãe e cravou O Que Domina as Paragens com Seu nome. Portanto, ainda na Terra isso lhe será pago, do Livro da Vida será apagado e vagará estéril e sem descendência. Por esse motivo, primeiramente é aconselhável estudar e ensinar seus filhos e alunos as leis de *berachot*, para que não cheguem a cometer traição e destruam, profanem e desprezem a obra da Criação, porque isso é muito grave.”

As palavras do *Ritvá*: “...para que não cheguem a cometer traição e destruam, profanem e desprezem a obra da Criação” – das quais subentende-se, que comer e tirar proveito de algo sem *berachá* causam uma vasta destruição – podem ser explicadas segundo o assunto de *guilgulim* (reencarnações). Conforme citado no livro *Naguid Umtsavê*, cujas palavras foram transcritas no livro *Milê Devrachot*: “O indivíduo deve concentrar-se e ter muita intenção nas *berachot* de *nehenin* (antes de ter proveito de algo), para reabilitar o que estiver relacionado ao mineral, vegetal ou animal. Porque às vezes, em cada um desses níveis, há reencarnações e, quando o indivíduo come algum alimento que contém a reencarnação de um ímpio, poderá acabar se prejudicando e tornando-se ímpio também”.

“Por isso, às vezes, encontra-se um indivíduo cujos atos são todos bons e, inesperadamente torna-se uma pessoa sectária das doutrinas que divergem da *Torá* e que renegam os fundamentos de nossa fé, ou que fica confusa, assim como aconteceu com *Yochanan Cohen Gadol*, que serviu como *Cohen Gadol* e no final, transformou-se em saduceu. Porque, se aquele que não é um justo absoluto ingere algo onde se reencarnou um ímpio, não só que ele não o retifica, como ainda acaba se tornando igual a ele”.

De suas palavras aprendemos que a *berachá* tem poder de proteger o indivíduo, para que não seja prejudicado pelas almas dos ímpios que podem, porventura, encontrar-se nos alimentos que são introduzidos no nosso corpo e que passam a fazer parte

da nossa essência. O ato de comer daquele que não faz a *berachá* é mundano e totalmente desprovido de santidade. Assim, ele não está protegido, de forma alguma, contra os danos espirituais que podem atrapalhar o curso de sua vida e aproximá-lo da impureza e das transgressões.

O Alimento Espiritual da Alma

Concluindo, acrescentaremos um ponto surpreendente que está ligado ao nosso assunto. Como é conhecido, muitos sábios debateram a famosa questão de como é que o alimento físico nutre a alma espiritual, para que esta não se desprenda do corpo: o que a alma encontra no alimento físico e como é que este consegue animá-la. Traremos, para tanto, as palavras do livro *Yibanê Hamicdash* (pág 143):

“Por meio disto podemos resolver uma questão: como é que o pão material alimenta a parte espiritual do homem? Se o homem não come nenhum tipo de alimento durante alguns dias, morrerá de fome e sua alma saíra do seu corpo! Se comer pão, viverá. Como é que o pão pode manter a alma? Como pode ser que a alma depende do alimento material?”.

“Por causa desta pergunta, os filósofos decidiram que a alma não é eterna. Assim como o homem morre e seu corpo se degenera, sua alma também se desintegra e, quando a parte do corpo morre, o mesmo acontece com a alma, uma que ela é nutrida a partir de algo material”.

“Porém, essa não é a verdade. Eles não conheciam o que escrevemos – que o alimento tem vitalidade, que é a sua parte espiritual, que mantém a parte espiritual do homem. A vitalidade do alimento é a palavra Divina na Criação, pois “...que de tudo o que sai da boca de *Hashem*, disso vive o homem” (*Devarim* 8:3), ao dizer à terra que produza tudo o que foi criado. Essa fala

(declaração Divina) penetrou naquele alimento e é ela que nutre e mantém o ser humano vivo. Por isso, devemos fazer a *berachá* sobre o alimento, porque por intermédio da *berachá*, despertamos esta vitalidade. Assim também com qualquer *mitsvá*; ao fazermos a *berachá* sobre ela, também despertamos sua vitalidade”. Até aqui vão as palavras do *Rabi Chayim Vital z”l*.

Nessas maravilhosas palavras encontramos uma explicação profunda sobre a vitalidade que se encontra no alimento. Tudo o que existe no Universo foi criado com a palavra Divina. Esta palavra continua a manter toda a Criação e está incluída em todas as coisas, sendo sua parte espiritual. Esta parte espiritual é que constitui o alimento da alma humana e é ela quem continua a manter a alma no corpo. A partir disto, entendemos ainda melhor a importância da *berachá*. Quando fazemos a *berachá* com fervor antes de comer, despertamos o potencial de espiritualidade que está contido dentro do alimento e, assim, sua alma se nutre com mais dignidade, mais força e com muito mais proveito do alimento. Em contrapartida, aquele que não faz as *berachot*, ou não as faz com a devida intenção e fervor – sem concentração – a parte espiritual do alimento não é despertada o bastante e, por isso, sua alma não deriva o sustento suficiente do alimento que penetrou no seu corpo.

Trouxemos neste ensaio várias fontes nas quais vemos a importância da *berachá* e a importância da intenção e da concentração na hora de fazer a *berachá*. Bem-aventurado é o homem que todo dia e a cada uma das cem *berachot* diárias tem a devida intenção, faz a *berachá* com calma, agradece ao seu Criador, reconhece Seus favores e transforma o ato de comer e os outros prazeres em assuntos espirituais ligados ao Criador, Bendito seja. Este indivíduo, mediante as *berachot*, é capaz de melhorar seu dia-a-dia e transformar-se em uma pessoa espiritual, com uma fé palpável em D’us; em alguém que sente que tudo o que possui é

uma dádiva do Criador – Que quer o seu bem. Por intermédio disso, terá o mérito de se elevar, durante toda a sua vida, a níveis cada vez mais altos e intensos de fé e de confiança, em uma vida plena de temor a D’us.

REÊ / ראה

A IMPORTÂNCIA DA MITSVÁ DE TSEDACÁ

A Bondade Divina Quanto aos Piedosos

Escreve o *Rambam* nas Leis de Presentes para os Pobres (capítulo 1, *halachá* 1-2):

“Precisamos cuidar da *mitsvá* de dar aos pobres o que necessitam (*tsedacá*) mais que todos os outros preceitos positivos. Isso porque a *tsedacá* é um sinal que identifica o justo da descendência de Avraham Avinu, conforme está escrito; ‘pois o conheci, de modo que ordenará a seus filhos que façam *tsedacá*’”.

“Uma pessoa nunca empobrece por causa da *tsedacá*, nada de mal e nenhum prejuízo é causado pela *tsedacá*, conforme está escrito: ‘o que acontece com a *tsedacá* é paz’. Todo aquele que se apieda, se apiedam dele, conforme consta: ‘dará a você piedade, se apiedará e o fará multiplicar-se’. Todo aquele que é cruel e não se apieda, devemos contestar sua ascendência”.

De suas palavras vê-se o grande nível da *tsedacá*, a obrigação de cumpri-la e o pecado que é ignorá-la.

A propósito, o Rav Chayim Kaniyevsky *shelita*, em seu livro

Derech Emuná, escreve que das palavras do *Rambam* deduzimos que se contesta a ascendência até mesmo de alguém que apenas não é piedoso. Isso difere do que escreve o *Bet Shemuel*, que diz que isso só é feito em relação a alguém que não possui todas as três características que diferenciam os Filhos de Avraham: piedosos, tímidos e bondosos.

A Confiança em D'us e a Tsedacá

O *Sêfer Hachinuch*, na *mitsvá* 66, explica a raiz do preceito de emprestar dinheiro para um pobre:

“Quis o Eterno que Suas criaturas conhecessem e estivessem acostumadas com as virtudes da bondade e da piedade, que são características louváveis. Com a preparação de seus corpos, com boas qualidades de caráter, estarão aptos a receber o bem, conforme já explicamos que, o bem e a bênção sempre recaem onde há bem, não do contrário”.

“O Criador, ao fazer o bem àqueles que são bons, preenche Seu anseio, que é o desejo de fazer o bem para o mundo. Se não fosse por este motivo, eis que D'us é capaz de prover ao pobre o que lhe falta, sem precisar de nós. Porém, isso faz parte de Sua Bondade, para nos fazer plenos, para termos méritos e nos purificar”.

De acordo com isso, a ordem de fazer *tsedacá* vem somente em benefício do próprio indivíduo, uma vez que não há nada que impeça D'us de conceder a cada um o que necessita, sem que ninguém precise recorrer à bondade de outros.

A bondade de D'us é eterna e, portanto, Ele quis que Suas criaturas tivessem a característica da piedade, para poder receber esta fartura dos Céus.

Consta na *mishná*, em *Massêchet Sotá* (48a): “Quando o *Bêth Hamicdash* (o Templo Sagrado) foi destruído, foram extintos o *shamir* (espécie de verme capaz de roer pedras) e a doçura, e

deixaram de existir pessoas de *emuná*”. Explica o *Rashi*: que confiam em D’us, apóiam-se Nele para fazer o bem e não se preocupam com o que lhes faltará”. Mais adiante, ele escreve: “que acreditam em D’us, para renunciar a seu dinheiro em prol do embelezamento das *mitsvot*, da *tsedacá* e dos gastos com os *shabatot* e *yamim tovim*”.

O *Meíri* explica “deixaram de existir pessoas de *emuná*” de modo parecido: “(as pessoas) se tornaram confiantes somente em seu próprio esforço, sem confiar em seu D’us”.

Aquele que confia em D’us e que sabe que todo o seu sustento provém Dele, sem que isto dependa apenas de seu esforço, dará de seu dinheiro para *tsedacá* com vontade e com todo o coração. Entretanto, o que pensa que tudo depende de si próprio se relacionará a este assunto de modo completamente distinto.

Assim também está escrito no livro *Atará Lamêlech* (página 152):

“O indivíduo cuida de seu dinheiro e se preocupa com sua carência e, assim, ele também se abstém de cumprir a *mitsvá* de *tsedacá* como se deve. Eis que o *Gaon* de Vilna, em sua carta, escreve a sua esposa: ‘Por D’us, separe a quinta parte do dinheiro e não diminua dela, conforme lhe adverti, pois com menos que isso se transgride, a cada instante, algumas proibições e preceitos positivos, sendo considerado como se renegasse toda a sagrada *Torá*, D’us nos livre”’.

Percebe-se o quanto estes assuntos são graves e como estão ligados ao cumprimento de toda a *Torá*.

A Tsedacá É Capaz de Salvar de Todos os Problemas

Consta em *Avot Derabi Natan* (capítulo 3, 9): “Aconteceu que um homem *chassid* (pio), que estava acostumado a fazer *tsedacá*, sentou-se em um navio. Veio o vento e afundou o navio no mar.

Rabi Akiva assistiu a isso e dirigiu-se ao *Bet Din* (Tribunal), para testemunhar que sua esposa poderia se casar. Até chegar a hora de apresentar-se para testemunhar, veio aquele mesmo homem (que naufragou) e se postou perante ele (*Rabi Akiva*)”.

“Disse (*Rabi Akiva*) a ele: ‘Você não é aquele que se afogou no mar?’ Respondeu: ‘Sim’. ‘Quem lhe fez subir do mar?’ Respondeu: ‘A *tsedacá* que eu fiz me retirou do mar’. Perguntou-lhe: ‘De onde você sabe?’ Retrucou: ‘Quando desci às profundezas do mar, ouvi a voz poderosa das ondas do mar, quando uma dizia à outra e a outra à outra: ‘corram e tiremos este indivíduo do mar, pois fez *tsedacá* todos os seus dias’”.

“Naquele instante, disse *Rabi Akivá*: “Bendito é o D’us de Israel, Que escolheu as palavras da *Torá* e as palavras dos sábios, pois as palavras da *Torá* e as palavras dos sábios se mantêm para todo o sempre, conforme está escrito: ‘Jogue seu pão sobre a água, pois com o passar do tempo você o encontrará’. Também está escrito: ‘A *tsedacá* salvará da morte’”.

A *tsedacá* é tão elevada que protege aquele que a pratica de infortúnios. Este ponto pode ser constatado também a partir de outro trecho que disseram nossos sábios (*Cohélet Rabá, parashá 11, 1*):

“Está escrito: ‘Jogue seu pão sobre a água, pois com o passar do tempo você o encontrará’. Disse *Rav Bibi*: “Se você pensa em fazer *tsedacá*, faça-a com aqueles que são diligentes quanto ao estudo da *Torá*, pois aqui não se refere a ‘água’ e sim a palavras de *Torá*, conforme está escrito; ‘todo sedento, que vá para a água...’”

“Disse *Rabi Akiva*: ‘quando estava viajando no mar, vi um navio que naufragou e me entristeci por um estudioso que estava lá e que se afogou. Quando cheguei ao estado de *Kapotkia*, o vi, pois que ele compareceu perante mim e me fez perguntas. Susurrei a ele: ‘meu filho, como você se salvou do mar?’ Disse a mim: “*Rabi*, com sua oração, uma onda me conduziu a outra e

assim por diante, até eu chegar à terra”.

“Perguntou a ele: ‘que atos você possui em suas mãos?’ (*Rabi Akiva* percebeu que ele foi salvo por alguma ação que praticou). Respondeu: ‘Quando entrei no navio, dirigiu-se a mim um pobre coitado e me disse: ‘Tenha este mérito em relação a mim e me dê um pouco de comida’. Disse para mim: ‘Assim como você me deu a vida com seu presente, que a vida seja concedida a você’”.

“(Disse *Rabi Akiva*: sobre ele eu disse que está escrito:) Jogue seu pão sobre a água, pois com o passar do tempo você o encontrará”.

Às vezes, um único ato é capaz de aumentar a tal ponto os méritos do indivíduo, que ele se salva de qualquer dificuldade. Logo, cada um deve prestar atenção e fazer o bem a cada ocasião que lhe surgir, pois é impossível avaliar o valor de cada ato que se faz.

“Quem é Rico? Aquele Que se Contenta com o que Tem!”

Sobre a recompensa prometida aos que fazem *tsedacá*, dizem nossos sábios sobre o versículo “*assêr teassêr*” (separe o dízimo): “*assêr – bishvil shetit’ashêr*” (separe o dízimo para os pobres – para que você enriqueça), o que é aprendido pela proximidade entre as palavras e por sua repetição.

Diz sobre isso o *Rav Shim’on Schwab*, em seu livro *Maayan Bet Hashoevá*:

“Em geral, não encontramos que a palavra ‘riqueza’ indique algo bom. O mais inteligente entre os sábios (o Rei Shelomô), nos livros de *Mishlê* e *Cohêlet*, já depreciava a riqueza, com todas as suas ramificações”.

“Parece que se deve explicar isso de acordo com o que escreveu o *Rambam* nos *Shemoná Perakim*, capítulo 7, sobre o assun-

to da profecia, acerca da qual dizem nossos sábios que ‘D’us não faz pairar sua Presença Divina a não ser naquele que é forte, rico, sábio e humilde”’.

“Escreveu sobre isso o *Rambam*: ‘saiba que todo profeta não prognosticou até possuir todas as qualidades intelectuais... ‘Sábio’ compreende todas as faculdades intelectuais, sem nenhuma dúvida. ‘Rico’ faz parte das características da alma, ou seja, o contentamento. Isso, porque eles (nossos sábios) chamam aquele que se contenta de rico, assim como disseram na definição de rico: ‘Quem é rico? Aquele que se contenta com o que possui’. Ou seja – que lhe é suficiente o que conseguiu no tempo que possuía, sem que lhe doa demais o que não foi conseguido”’.

“Também em relação a nosso assunto” – continua o *Rav Schwab* – é possível explicar o que foi dito: ‘Separe o dízimo para os pobres – para que você enriqueça’. A intenção é que D’us auxiliará aquele indivíduo a chegar na característica de ‘contente com o que possui”’.

“Ao refletirmos sobre isso, percebe-se que, na prática, o preceito de ‘*maasser*’ (dízimo) atua sobre a alma da pessoa, também, neste sentido, uma vez que limita as aspirações materiais do indivíduo e o ensina a separar de sua riqueza e dar dela aos outros”.

O ‘*maasser*’, ao erigir fronteiras ao desejo por dinheiro, educa a pessoa a ficar feliz com o que possui, se contentar e agradecer a D’us por cada coisa que o Eterno lhe concede, de Seu grande tesouro”.

“Aquele que sabe se relacionar à riqueza com limites e com medida, eis que, com a bênção dos Céus, recebe a riqueza ampla e verdadeira, sobre a qual está escrito: ‘quem é o rico? O que se contenta com o que possui”’.

Pode-se acrescentar a isso o que está escrito em *Mal’achí* (3:10): “Tragam todo o ‘*maasser*’ ao armazém... e lhes concederei bênção sem fim (*ad beli day*). Explicaram nossos sábios: até

seus lábios chegarem a dizer “*day*” (é suficiente).

Por meio da separação do ‘*maasser*’, o individuo recebe, dos Céus, uma força espiritual que lhe permite dizer que “é suficiente”. Ele reconhece a bondade que seu Criador lhe concede, fica satisfeito e se contenta com ela, de acordo com a definição de nossos Sábios para a riqueza.

Além disso, a bênção de D’us faz também com que o indivíduo enriqueça e que suas posses aumentem, na prática. Entretanto, convém notar que se juntam, à riqueza, em geral, conseqüências negativas como cobiça, desejo, orgulho, falta de contentamento e outras. Deste modo, é possível que ela chegue a nem ser positiva.

Assim, a recompensa verdadeira é receber tanto a riqueza quanto a capacidade de se contentar com o que se possui, agradecendo a D’us por isso. Estes dois são concedidos por mérito da *tsedacá*.

SHOFETIM / שופטים

O “AUTODESPERTAR” ESPIRITUAL

Palavras de Ética Que Penetram no Coração

Consta em *Massêchet Berachot* (7a): “Disse *Rabi Yochanan* em nome de *Rabi Yossi*: é melhor uma subjugação (*ridui*) no coração do indivíduo do que algumas chicotadas, conforme está escrito: ‘E perseguirá seu amado e dirá: irei e voltarei ao meu primeiro marido, pois era melhor para mim então do que é agora’ (*Hoshea* 2:9). *Rêsh Lakish* disse: É melhor que cem chicotadas, conforme está escrito: ‘Melhor uma reprimenda naquele que entende, que açoitar o tolo cem vezes’ (*Mishlê* 17:10)”.

Rashi explica que “*ridui*” significa subjugação e rebaixamento, aos quais a pessoa chega por si própria.

Escreve o *Rav Chayim Wolkin shelita*, em seu livro *Dáat Chayim* (página 128), que disto se aprende um importante fundamento. O despertar do coração para retornar em *teshuvá* e retificar os atos, quando vêm pela vontade própria da pessoa, é infinitamente maior que aquele provocado por outros. Esta é a subjugação pessoal, que é melhor que cem açoitadas.

Em geral, é muito fácil influenciar um indivíduo externamente, fazendo com que mude seu modo de agir. Para que isso penetre em seu coração, no entanto, é necessário um trabalho incessante e contínuo, com muita força de vontade. É apenas deste modo que se transforma o interior do indivíduo.

Quando se desperta alguém com admoestações, discursos éticos e mesmo castigos, não há uma verdadeira introversão (exame íntimo da consciência) e somente os atos são modificados. Às vezes, retornam ao indivíduo lembranças e inclinações ao pecado do passado longínquo, dos quais ele já estava afastado há muito tempo. Isto ocorre, porque o coração ainda não está limpo, sobrou nele uma semente que espera para brotar, crescer e desviá-lo para o mal. Para purificar o coração, é necessário um trabalho árduo.

E eis que quando alguém o faz por si só, sem estímulo externo, isso se deve a uma agitação interior, a uma intensa vontade que provém do fundo do coração e que é capaz de fazer mudar e melhorar.

Na prece “*Alênu Leshabeach*” consta: “você saberá hoje e fará isso voltar ao seu coração” (*veyadata hayom vehashevota el levavecha*). Costuma-se dizer que a distância entre “não saber” – não conhecer a Soberania de D’us – e “saber hoje” é menor que entre o conhecimento intelectual e fazer com que isto penetre no coração. Entre os dois, a distância é enorme!

“Se Eu Não Fizer por Mim, Quem Fará por Mim?”

Assim se vê também das palavras de *Rabênu Yoná* no *Shaarê Teshuvá* (*sháar* 3, 26):

“Eis que concluiremos este item com as palavras dos sábios de Israel: ‘Hilel costumava dizer: Se eu não fizer por mim, quem fará por mim? Quando eu faço para mim, que sou eu? Se não agora, quando?’ A explicação disso é que se a pessoa não despertar sua

alma, de que lhe adiantarão as prédicas morais? Pois mesmo que entrem (as palavras) em seu coração no dia em que as ouviu, fará o mau instinto que sejam esquecidas e retiradas de seu coração”.

Sobre estas palavras consta no *Alê Shur*, do *Rav Wolbe (shelita) zt”l* (parte 2, página 415): “É possível ler diversos livros, livros de *mussar*, rapidamente – sem que haja nisso quase nenhum proveito. Somente haverá proveito se o indivíduo despertar sua alma com o que estuda, para digerir bem os assuntos, conferir até quanto ele está vinculado a isso e, se está longe, por que isso acontece, como pode agora se aproximar disto e se ainda precisa fazer algumas introduções ao assunto”.

“O momento de provar se há em si algo de singular é uma hora de solidão. Para uma pessoa comum, é aborrecido ficar sozinha. Aquele que é singular em seu mundo fica contente quando pode ficar, em algum momento, consigo próprio”.

O *Rav Wolbe (shelita) zt”l* ensina o que é este despertar interno e como aproveitá-lo para o bem. Segundo ele, as pessoas não são capazes de ficarem sozinhas e pensarem sobre si, em geral. Além do ritmo da vida não lhes oferecer a possibilidade de se concentrar nisso, o maior problema é a dificuldade de fazê-lo mesmo quando há a oportunidade.

Uma pessoa comum, em uma hora de solidão, se entedia. Apenas aquele que se acostumou a fazê-lo é capaz de aproveitar estes momentos para aumentar seu autoconhecimento, descobrir suas capacidades e o que deve ser melhorado.

Na prática, o horário de *mussar* que costuma existir nas *yeshivot* constitui esta oportunidade. O verdadeiro estudo de *mussar* não é a leitura rápida e superficial dos livros de ética judaica e sim o aprofundamento interior, que ocorre quando se compara o que está escrito com o atual estado da alma e avalia-se o que pode ser modificado para o bem.

Cada um deve se acostumar com esta profunda penetração

em sua alma. Feliz é aquele que vive deste modo, com introspecção e aperfeiçoamento constantes!

O que Teme os Pecados que Possui

Antes de uma batalha, o sacerdote se dirigia ao povo e dizia: “o indivíduo medroso e mole de coração, que vá e volte a sua casa” (*Devarim* 20:8). Em *Massêchet Sotá* (44a) consta que, segundo *Rabi Yossi*, trata-se daquele que teme os pecados que ele possui, compreendendo estes até mesmo o fato de falar entre a colocação das *tefilin* de mão e as *tefilin* de cabeça.

Escreve sobre isso o *Rav Baruch Mordechay Ezrachi*, em seu livro *Bircat Mordechay*:

“Isto é algo difícil de compreender. Por que foi decretado sobre o que possui este pecado voltar para casa? Por que ele não pode retornar em *teshuvá*? Que confesse seu passado, arrependa-se e comprometa-se a não mais conversar entre as *tefilin* de mão e as *tefilin* de cabeça!”

“Portanto, é necessário pesquisar e procurar o que o levou a isso. Deverá saber que peso possui aquela conversa que se deu, por que não conseguiu vencer seu mau instinto, o que o impeliu a isso. Que importância possui o assunto sobre o qual conversou e qual é, perante seus olhos, a importância de não conversar entre as *tefilin* de mão e as da cabeça”.

“Todos estes fatores constituem raízes da alma do indivíduo. Mesmo que faça *teshuvá* e, momentaneamente, não converse entre uma *tefilá* e a outra, quem sabe de onde virão a certeza e a garantia que também no futuro não será tentado e que sempre conseguirá vencer? Assim, ele deve voltar do campo de batalha, refletir sobre o pecado e sobre o que o levou a este, para arrancá-lo desde a raiz”.

Suas palavras tornam-se claras com o que foi explicado ante-

riormente. Cada iniquidade possui uma raiz interna, nas profundezas do coração. Para consertá-la, é necessário penetrar dentro deste, o que só vem por meio de um trabalho amplo e profundo. Este, por sua vez, se dá quando o indivíduo é forçado a retornar do campo de batalha. Então, ele reflete sobre o pecado e seus fundamentos, tornando-se mais fácil redimi-lo.

Sacudir o Pó e Retornar em Teshuvá

O Rav Chayim Wolkin continua, em seu livro, a explicar a vantagem do que desperta por si próprio em relação ao que o faz por meio de outros.

Para isso, ele utiliza o exemplo trazido no *Midrash (Bereshit Rabá 75, 1)* sobre o versículo “Sacuda-se, do pó erga-se!”. “Disse Rav Ada: do mesmo modo que um galo sacode seu corpo do pó”.

Se alguém tentar limpar o pó de uma galinha, precisará trabalhar muito duro e por bastante tempo. Mesmo assim, não conseguirá retirar tudo o que a encobre. Porém, se esta decidir espontaneamente retirar o que há em cima dela, ela imediatamente se sacudirá e todo o pó será espalhado, sem que seja necessário nem muito tempo e nem muito esforço.

O mesmo acontece quando a própria pessoa resolve se apartar dos maus atos que comete. Ela se limpa e retira o pó de seus pecados profunda e meticulosamente, muito melhor que qualquer tentativa externa de fazê-lo.

O motivo disto é o fato de que ninguém melhor do que a própria pessoa sabe o que realmente há em sua alma, conforme está escrito: “o coração conhece a amargura de sua alma”. Quando o indivíduo desperta sozinho, a correção penetra em todos os cantos de sua personalidade, como a ave que se sacode e faz com que caia também o pó incrustado e escondido, ao qual não se chega de outra forma.

De acordo com o Rav Wolkin, existe ainda mais uma diferença básica entre os dois tipos de admoestação, com base no que escreve o *Chafets Chayim*:

“Se a admoestação e o castigo provém de uma fonte externa, o instinto de vencer pode acabar sobrepondo-se àquele que é considerado atacante. Porém, quando o próprio indivíduo se ‘bate’, ele não tem a quem vencer e volta ao bem. Isso ocorre porque, quando se admoesta alguém muitas vezes, cria-se nele uma resistência e uma vontade de reprimir a admoestação e não recebê-la”.

“No entanto, quando se desperta com a própria vontade, não há a quem se opor e a reprimenda é aceita. Deste modo, acaba cumprindo-se nele que ‘é melhor uma subjugação no coração do indivíduo do que cem chicotadas’”.

Isso pode ser visto também na experiência do dia-a-dia. Quando se tenta chamar a atenção de alguém, por diversas vezes ele não está pronto para ouvir. Várias características como o orgulho, a teimosia ou a vontade de vencer não lhe permitem abrir os olhos e criticar seu modo de ser.

Por outro lado, é freqüente ver alguém que decide por conta própria melhorar e realmente o faz. Isto ocorre tanto com crianças como com adultos, que chegam a conclusões acertadas e se elevam no serviço Divino, retificando também o que cometeram de errado.

“Que se Esforcem com a Torá”

Ao analisar os diferentes caminhos do serviço Divino, percebe-se que o melhor modo de se “autodespertar” é por intermédio da constância no estudo da *Torá*.

Em *Parashat Bechucotay* está escrito: “Se não escutarem a Mim e não cumprirem todos estes mandamentos, se Meus estatutos desprezarem e Minhas leis enfadarem suas almas, para que

não façam tudo o que ordenei, anulando Meu pacto”.

Escreve o *Rashi*, em nome de nossos sábios: “‘Se não escutarem a Mim’ – esforçando-se por estudar a *Torá*. ‘E não cumpriram’ – uma vez que não estudaram, não cumprirão. Eis aqui já duas iniquidades. ‘Se meus estatutos desprezarem’ – despreza os outros que o fazem. ‘Minhas leis enfadarem suas almas’ – odeia os sábios. ‘Para que não façam’ – evita que os outros as cumpram. ‘Tudo o que ordenei’ – nega que Eu tenha ordenado cumprir os mandamentos. Por isso está escrito ‘tudo o que ordenei’ e não ‘todos os mandamentos’. ‘Anulando Meu pacto’ – nega a existência de D’us”.

“Eis aqui sete pecados: o primeiro leva ao segundo e assim vai, até o sétimo. Estes são: não estudou, não cumpriu, despreza os outros que cumprem, odeia os sábios, evita que os outros cumpram, nega os mandamentos, nega que D’us exista”.

O Rav Chanoch Henoch Leibowitch *shelita*, *Rosh Yeshivat “Rabênu Yisrael Meir Hacoheh”*, nos Estados Unidos, explica estas palavras em seu livro, *Chidushê Halev (parashat Vayicrá*, página 186):

“Se não estudou, entende-se por que não cumpre: pois não sabe o que fazer. Além disso, ele não possui a força da *Torá*, para que possa guerrear contra o mau instinto. Uma vez que não cumpre, despreza aqueles que o fazem, pois estes lhe despertam a consciência, quando vê outros que são melhores que ele”.

“Uma vez que é assim, ele odeia os sábios, pois eles são o símbolo do serviço Divino, que é o contrário dele. Os estudiosos também lhe apregoam lições de ética, para que melhore seu modo de ser. Assim, ele também impede os outros de cumprir *mitsvot*, para que não ataquem dores de consciência que o atingem quando vê outros que são melhores do que ele”.

“Do mesmo modo, ele nega que as *mitsvot* tenham sido outorgadas, para poupar de si esta situação, que o lembra da obriga-

ção de cumpri-las”.

Com isso, é possível conferir que o estudo da *Torá* e o esforço em relação a ela são a maior chave do sucesso espiritual. Aquele que estuda, chega a todas as boas qualidades implícitas na *Torá*, enquanto aquele que não o faz é capaz de descer até o fundo do abismo.

Logo, o estudo da *Torá* e o esforço para estudá-la é o melhor e o mais reto caminho para o desenvolvimento pessoal, aliado à introspecção. Esta última leva o indivíduo à ligação com D’us, no fundo de seu coração.

ELUL / אלול

O MÊS DE ELUL

O Caminho da Ascensão na Torá e nas Mitsvot

A partir do *Shabat* no qual se anuncia o mês de *Elul* até *She-mini Atsêret*, lê-se desde a *Parashá Reê* até a *Parashá Vezôt Haberachá*. Vamos tentar, neste ensaio, escrever uma idéia que combina com cada uma dessas porções semanais e ligá-la ao mês de *Elul*.

Elul é o mês no qual despertamos para fazer *teshuvá*, para melhorar nossos atos e aproximar-nos de D’us – Que anseia por nossas preces, nossos bons atos e nossa *teshuvá*, feita de todo o coração.

Reê – “Veja: Eu estou colocando diante de vocês, hoje, a bênção e a maldição...” (*Devarim* 11:26).

Tentarmos explicar este versículo de acordo com o que diz o *Gaon* de Vilna.

Reê – “Veja”. D’us se dirige ao Povo de Israel no singular. Isto é assim, porque a possibilidade de escolher entre o bem e o mal e entre a bênção e a maldição é dada a cada um em particular.

Cada ser humano é um mundo por si só e o trabalho de retificação dele deve ser feito, principalmente, dentro do seu coração. Cada um é diferente do outro e seus corações são diferen-

tes no que diz respeito às inclinações, desejos, experiências, etc. Portanto, o caminho de *teshuvá* (retorno) de cada um é diferente do caminho de seu semelhante e é por isso que a *Torá* se dirige a cada um em particular. “Veja”; reflita sobre a grande bênção e sobre a maldição – e escolha o bem!

Anochi – “**Eu**”. D’us, Ele próprio, é quem se dirige ao indivíduo e lhe aponta os dois caminhos possíveis, o desejável – no qual se deve andar – e o dos testes e da incitação do mau instinto, do qual se deve escapar.

Sobre o ser humano recai a responsabilidade de prestar atenção e se comportar com seriedade, pois ele se encontra constantemente perante D’us.

Noten – “**Estou colocando**” – no presente. A cada instante há um novo teste, a todo momento o indivíduo se encontra perante a possibilidade de escolher entre o bem e o mal.

Esta escolha não pertence ao passado, nunca se chega neste mundo em uma época de descanso, em um período no qual tudo o que é necessário fazer já foi executado. É necessário escolher sempre o bem e ficar constantemente alerta para repelir as investidas do mau instinto. Uma pessoa que estiver atenta terá o mérito, se D’us quiser, de avançar com segurança e não tropeçar.

Lifnechem – “**Diante de vocês**”. Tanto o bem quanto o mal estão postos ante o homem, ambos estão ao alcance de suas mãos.

O homem é capaz de conseguir cumprir as *mitsvot* e temer a D’us de uma forma pura, pois “ela não está nos Céus... e ela não está além do mar” (*Devarim* 30:12-13). Por outro lado, ele pode também cair e pecar, D’us nos livre. Isto requer do homem um grande cuidado e preces constantes para receber ajuda dos Céus.

Hayom – “**Hoje**”. O retorno em *teshuvá* modifica o homem automaticamente. Ele é considerado, neste sentido, como um recém-nascido. A *teshuvá* é um novo começo.

Que não se desespere o homem em face de seus numerosos

fracassos ou por não ter conseguido alcançar resultados espirituais dignos de nota, apesar dos anos que passam. Ele deve saber que a força da *teshuvá* é enorme e é capaz de tirá-lo, em poucos instantes, da escuridão para a luz.

Shofetim – “Juízes e Guardas Porás em Todos os seus Portões...”

“Juízes e guardas porás em todos os seus portões” (*Devarim* 16:18). Os Mestres da Ética Judaica (*Baalê Hamussar*) explicaram que este versículo alude ao caminho que o ser humano deve tomar no serviço Divino. Ele deve postar em seu caminho juízes e guardas que lhe indiquem a verdade.

O “juiz” é o conhecimento que a pessoa tem após ter estudado as leis da *Torá*. Seu conhecimento a guiará em relação ao que é permitido e o que é proibido, o que é opcional e o que é obrigatório.

O “guarda” é o temor a D’us. Ele impede que a pessoa transgrida mandamentos e cometa erros. A unificação perfeita dos “juízes” e dos “guardas” constrói uma pessoa perfeita.

É necessário acrescentar que os “guardas” e os “juízes” só cumprem sua função com sucesso, quando o homem já segue pelo caminho correto. Ou seja, quando ele já escolheu o bem, como foi explicado em relação a “*Parashat Reê*”. Eles então auxiliam a pessoa a prosseguir, avançar e conseguir resultados espirituais em seu caminho positivo.

Além disso, os guardas e os juízes devem ser colocados “em todos os seus portões”. O indivíduo deve vigiar todos os seus órgãos e seus “portões”: a boca, os olhos, os ouvidos e outros. Somente deste modo, ele poderá se resguardar e prosseguir, em seu caminho, sem tropeçar nos graves pecados que estão ligados à alimentação e à fala, à visão e à audição.

Ki Tetsê – “Quando Saíres Para a Guerra Contra teus Inimigos...”

“Quando saíres para a guerra contra teus inimigos e D’us os colocar em tua mão” (*Devarim* 21:10). O pior inimigo do homem é o mau instinto. Ele é um inimigo forte, enérgico e que nunca desiste. O único modo de vencê-lo é empreender uma guerra geral de prevenção contra ele. Aquele que fica passivo e pensa que o mau instinto não poderá derrotá-lo comete um grave erro.

São conhecidas as palavras do sábio que encontrou um grupo de guerreiros voltando de um combate, após terem derrotado seus inimigos. “Vocês venceram a guerra fácil” – disse. “Perante vocês, porém, ainda se encontra a guerra mais difícil – a guerra contra o mau instinto”.

Apesar da dificuldade da guerra, a *Torá* nos promete: “e D’us os colocar em tua mão”. Aquele que guerrear terá a ajuda de D’us e poderá considerar a vitória como certa.

Guerra significa agilidade e atenção. Guerra significa encorajamento e distância do desespero. Guerra significa o uso de todas as forças: fortalecimento e coragem.

Quem sair assim para a guerra terá o mérito de servir a seu Criador com fé; o mau instinto não conseguirá atrapalhá-lo nisto. Ele terá sucesso em eliminar as forças do mau instinto e servir a D’us conforme o seu anseio e conforme lhe foi ordenado na *Torá*.

Ki Tavô – “E Será, Quando Vieres Para a Terra...”

“E será, quando vieres para a terra que D’us, teu Senhor, está te dando como uma herança, ocupando e assentando nela” (*Devarim* 26:1). A linguagem “e será” (*vehayá*) é uma linguagem de alegria, diferente de “vayhi” que é linguagem de tristeza, como em “Vayhi bimê Achasheverosh”. A *parashá* trata do ofe-

renda dos *bicurim* – as primícias. A pessoa está contente com a renovação, com as primeiras frutas e com a bênção que D’us mandou em sua produção agrícola.

Pode haver alegria também no plano espiritual, quando o indivíduo alcança seu objetivo e vê frutos, que são suas conquistas espirituais, sem quedas e sem transgressões. Isso se torna possível após a vitória na guerra contra o mau instinto, como foi explicado anteriormente.

Enquanto o mau instinto subjugar a pessoa e embaralhar seu caminho com ilusões; enquanto ela for dominada por más qualidades como inveja, desejo e busca de honra, ódio, raiva e orgulho – a alegria estará muito distante dela.

A alegria vem junto com a plenitude. Quando o indivíduo é íntegro em seu caminho, a alegria explode em seu coração.

A linguagem “e será” (*vehayá*) aparece também no início da *parashá “Êkev”*: *Vehayá* – “E será, por ouvirdes essas palavras...”. A audição da Voz de D’us e o cumprimento de Seus mandamentos devem ser feitos com alegria e satisfação. “E será, quando vieres para a terra”. Quando a pessoa chega em sua “Terra Prometida”, no sentido espiritual – ou seja, no legado que D’us lhe destinou em sua vida – poderá se alegrar e agradecer a D’us com todo seu coração.

Nitsavim – “Vocês Estão Hoje de Pé, Todos, Diante de D’us, seu Senhor”

“Vocês estão hoje de pé, todos, diante de D’us, seu Senhor”. Explicam os livros sagrados, em nome do *Zôhar Hacadosh*, que isso se refere ao Dia do Julgamento, no qual todas as criaturas do mundo se apresentam perante D’us para serem julgadas.

Aquele que passou por todos os estágios descritos até agora: a escolha do bem, o apontamento de “juízes” e “guardas”, a vitó-

ria sobre o mau instinto e a alegria com o cumprimento das *mits-vot* – está apto a ser julgado por D’us e ser declarado virtuoso.

Acrescentemos aqui que no *passuc* “Vocês estão hoje de pé, todos...” está incluída também a idéia de que o Povo de Israel, em sua fonte, constitui uma só unidade. Ou seja, todos se apresentam perante D’us no Dia do Julgamento.

Estas palavras adquirem um significado especial em relação à absolvição da coletividade e à vontade de defender e acrescentar méritos a todo o Povo de Israel. Os pecados do próximo aumentam a pesada carga de “dívidas” do povo e influenciam também no que diz respeito àqueles que não pecaram, pois é impossível separar totalmente, umas das outras, as almas de Israel.

Portanto, é muito importante acrescentar méritos para a Nação, aumentar o estudo da *Torá* em multidões, aproximar pessoas afastadas e ver o bem e a preciosidade que se encontra em Israel.

Aquele que trilhar esse caminho terá o mérito de se apresentar perante D’us com todos os membros de seu povo – e poderá se salvar no Dia do Julgamento.

Vayêlech – “E foi Moshê...”

“E foi Moshê”. De acordo com o que é explicado nestes versículos, Moshê *Rabênu* tinha, então, 120 anos. Durante toda sua vida, ele continuou a ascender nos níveis espirituais – até se tornar o mais perfeito entre os perfeitos, mestre dos profetas e possuidor de todos os degraus espirituais concebíveis. Se não fosse por seu falecimento, continuaria a ascender, apesar de sua perfeição e de sua idade avançada. “E foi Moshê” – um prosseguimento e um progresso sem fim.

Estas palavras contrariam o que pensam muitas pessoas comuns. Estas sustentam a tese de, após muitos anos de serviço Divino, terem o direito de estacar e parar onde estão. Moshê *Ra-*

bênu contradiz esta idéia com o seu modo de vida.

Também o Rei Shelomô, de abençoada memória, diz: “um caminho de vida é para o inteligente – para que se abstenha de descer precipício abaixo” (*Mishlê* 15:24). O único modo de não despencar para baixo é uma trilha de vida de elevação constante.

“E eu darei a você andanças entre estes que estão parados” (*Zecharyá* 3:7). O ser humano é um ser que caminha, avança e se eleva. Nesse aspecto, ele é superior aos anjos que, com toda sua estatura, são considerados “fixos” em seu lugar. Enquanto o homem avança, é prometido a ele que não regredirá. Esta é a essência de sua vida e sobre isso está baseada a vida judaica, também na velhice, até os últimos dias do indivíduo.

Haazínu – “Ouçam os Céus e Falarei...”; Vezot Haberachá – “E Esta é a Bênção...”

Haazínu Hashamáyim – “Ouçam os Céus e falarei – *Vetishmá Haárets* e ouvirá a terra o discurso de minha boca” (*Devarim* 32:1). O *Or Hachayim Hacadosh* esclarece que “os Céus” indicam a alma, a parte espiritual da pessoa, enquanto “a terra” indica o corpo.

O *passuc* fala sobre a união dos Céus e da Terra, com os dois prestando atenção e ouvindo as palavras de D’us. Podemos acrescentar, de acordo com o que explicamos anteriormente em “*Parashat Vayêlech*”, que esta união é possível àquele que atinge o objetivo de sua vida; àquele que progride e ascende sempre nos degraus da *Torá* e das *mitsvot*. Para este, tudo é direcionado à espiritualidade. Também o corpo serve à alma e ambos, juntos, escutam as palavras de D’us.

“E esta é a bênção” (*Devarim* 33:1). Uma pessoa que passa por todos esses estágios tem o mérito de atingir níveis sublimes e elevados e avança, constantemente, para alcançar sua meta espi-

ritual. Sobre este indivíduo paira a bênção – a bênção dos Céus – que auxilia e que concede uma abundância de santidade ao que caminha com integridade.

A Definição de uma “Pessoa” Pelo Caminho da Torá

É conhecida a história de um dos grandes filósofos de Atenas que saía pelas ruas, em pleno dia, com uma tocha nas mãos. Quando lhe perguntavam por que fazia isso, ele respondia: “estou procurando um homem”.

Consta sobre esta história no livro *Alê Shur* (parte 1, página 19): “Isso aconteceu em Atenas. Ali se perguntavam como viver e procuravam desesperadamente por uma ‘pessoa’ de verdade. Em Jerusalém, não era necessário perguntar. Ali sabiam como viver e ali sempre houve, em todas as épocas, pessoas de verdade”.

“Como se deve viver? ‘E (vocês) guardarão meus estatutos e minhas leis, que o indivíduo fará e com elas viverá’ (*Vayicrá*). O Criador da vida também nos revelou como preenchê-la. Pequeno é, o recipiente da vida, para receber todo o enorme conteúdo que o Criador do mundo nos deu para pôr nele. Entretanto, cada canto desse recipiente é repleto de pensamento, fala e ação. Não há um instante vazio na ‘vida de acordo com a Torá’”.

“Não é necessário procurar o ‘Homem de Torá’ com tochas. Desde Moshê *Rabênu* até o último dos profetas, de Ezrá *Hassofêr* até Shimon *Hatsadic*, até *Rabênu Hacadosh* e até Abayê e Ravá; até nossos mestres, o *Rambam* (Maimônides) e o *Ramban* (Nachmânides), o *Mechaber* (autor do *Shulchan Aruch*, Rav Yossef Caro) e o *Gaon* de Vilna, o *Chafêts Chayim* e o *Chazon Ish* – a ‘Torá do homem’ gerou o homem completo a cada geração”.

“Os nomes que lembramos são apenas os de indivíduos íntegros que se tornaram notáveis por seus livros e por suas obras. Porém, eles não estavam sozinhos em sua geração. Junto a eles,

havia milhares de pessoas eminentes e plenas que não se tornaram célebres ou que se tornaram, mas não se tornaram conhecidos para toda a Casa de Israel”.

A *Torá* nos mostra o caminho da vida plena. Bem-aventurados somos por D’us, bendito seja, preencher nossa vida com diretrizes claras, por sermos capazes de cumprir Sua vontade e ascender sem limites.

Aquele que completa sua meta no mundo é chamado de “homem” e é considerado o exemplo procurado pelos sábios dos outros povos. Porém, parece, que sua procura é vã – pois alguém sem *Torá* não merece a definição de “homem”.

As Mitsvot de D’us Santificam a Vida

No livro *Bên Shêshet Leassor* (página 34), o Rabino Shelomô Wolbe (*shelita*) ז”ל escreve:

“D’us se revelou aos nossos antepassados no Monte Sinai e, naquele dia, vimos que D’us pode falar com o homem e este (continuar) a viver. Ele, bendito seja, revelou-se em nosso mundo – Seu mundo – e, desde então, não sai de nós a lembrança do D’us Único, Mestre da vida e Rei do mundo”.

“Como podemos viver perante D’us? Pois Ele é Elevado e Exaltado, Santo e Temível. Será que devemos fugir da vida corpórea, de nosso mundo material, para sermos meritórios perante Ele?”

“De modo algum! Viveremos perante Ele dentro do corpo e dentro do mundo. Santificaremos o corpo e a nossa vida neste mundo. Elevaremos nosso mundo até que não haja contradição entre ele e a presença de D’us dentro dele”.

“Com o que o santificaremos? Com Seus mandamentos! *Cadeshênu Bemitsvotêcha* – ‘Santifica-nos com Teus mandamentos’!”

“O que é *mitsvá* (mandamento) e o que é *kedushá* (santidade)?”

“As palavras da *berachá* sobre qualquer mandamento que um indivíduo vai cumprir são as seguintes: “A Fonte das Bênçãos és Tu, *Hashem*, nosso D’us, Rei do Universo, Que nos santificou com Seus mandamentos. Metade do texto está dirigido abertamente à uma segunda pessoa (“A Fonte das Bênçãos és Tu”) – *lashon nocheach* – e metade fala sobre uma terceira pessoa que está oculta (“Que nos santificou com Seus mandamentos”) – *lashon nistar*. O *Ramban* (Nachmânides), nosso mestre, explica que o texto é assim, porque as *mitsvot* foram dadas desde sempre e para sempre”.

“Podemos entender suas profundas palavras, superficialmente, do seguinte modo: uma vez que as *mitsvot* são o elo entre o mundo espiritual e o mundo material, também sua bênção é recitada tanto com uma linguagem revelada (*lashon niglé*) como com uma oculta (*lashon nistar*). Quando nos referimos aqui a “oculto”, aludimos a algo intelectual – e não a segredos místicos incompreensíveis. A espiritualidade não é menos real que o material em nosso mundo.

Também o ser humano é metade revelado e metade oculto. Ele possui muitas forças aparentes, das quais se utiliza em sua vida cotidiana. Porém, justo suas capacidades mais elevadas se encontram adormecidas: sentimentos profundos, elevação de espírito, amor à misericórdia e muitas outras forças. Eis que ele necessita das *mitsvot* para despertar o lado encoberto e oculto de sua personalidade e ligar essa parte oculta com a parte revelada que há nele”. Até aqui são as palavras do *Rav Wolbe*.

De acordo com isso, podemos entender a grande contribuição da *Torá* e das *mitsvot* práticas para o ser humano. Elas ligam os sentimentos profundos à vida ativa e santificam a existência física. Nós não temos a presunção de explicar a profundidade

dos verdadeiros motivos das *mitsvot*. Porém, é importante que saibamos que elas beneficiam muito nossa vida, tornam possível que estejamos ligados a D'us e que vivamos de acordo com nossa sagrada *Torá*.

KI TETSÊ / כִּי תִצֵּא

OUVIR A VOZ DE D'US

O Grande Nível do que Ouve

Nesta porção semanal é trazido o assunto do “*ben sorer umorê*” – o filho rebelde – no qual se destaca, por diversas vezes, a importância da audição.

“Quando alguém tiver um filho rebelde, que não ouve a voz de seu pai e a voz de sua mãe, eles o admoestarão e ele não os ouvirá... e falarão aos anciãos de sua cidade: ‘este nosso filho não ouve nossa voz’ ... e todo Israel ouvirá e temerá”.

A *Torá* contrapõe o fato de Israel ouvir, que é a meta deste trecho, à falta de escuta do filho, da qual seguem os atos que cometeu e o grave castigo que lhe é aplicado.

Escreve sobre isso o *Rav Eliyáhu Schlesinger shelita* – em seu livro *Êle Hadevarim* – que ouvir é o principal ponto da essência judaica, a partir do qual existe a chance de retornar em *teshuvá* absoluta. Quando falta ouvir, isso torna-se impossível.

Quando Yishmael, o filho de Avraham com Hagar, estava em perigo de vida, houve nos Céus um julgamento sobre se ele deveria ser salvo ou não. Esta questão foi levantada, uma vez que este cometeria, no futuro, atos perversos. No final, foi decidido

salvá-lo e sua mãe enxergou um poço de água. O veredito foi determinado com base nos atos que possuía naquele instante, conforme está escrito neste episódio: “de acordo com o que era então” (*Bereshit* 21:17).

Está escrito sobre isso, no livro *Zichron Meir*:

“Yishmael só foi julgado de acordo com sua situação naquele instante, pois ouvia a voz de sua mãe, conforme está escrito: ‘e pegou para ele, sua mãe, uma esposa da Terra do Egito’ (*Bereshit* 21:21). Conclui-se daqui que ele possuía a virtude de ouvir sua mãe, mesmo em relação a algo tão grande quanto o casamento”.

“Efetivamente, no final, ele fez *teshuvá* – como consta em *Massêchet Bavá Batrá* (17b): ‘Yishmael fez *teshuvá* durante a vida de seu pai, conforme está escrito: ‘E o enterraram – Yitschac e Yishmael – seus filhos’ (*Bereshit* 25:9). Sobre isso explica o *Rashi*: daqui aprendemos que Yishmael fez *teshuvá* e colocou Yitschac diante dele. Esta é a ‘boa velhice’, que foi ligada a Avraham”.

O destino de Yishmael foi selado de acordo com sua capacidade de ouvir, pois dela depende a *teshuvá*. Alguém que não a possui não tem muitas chances de melhorar seu modo de agir, uma vez que não ouve o que os outros lhe dizem.

A Escuta Cura

Recitamos todos os dias na oração: “Bem-aventurado é aquele que ouvir Teus mandamentos – Tua *Torá* e Tua Palavra porá em seu coração”. Também neste trecho está destacado que a escuta é a chave para o cumprimento das *mitsvot* e para a interiorização das palavras de D’us. Ela auxilia na elevação espiritual e na aproximação ao Eterno, com todo o coração.

Nossos, sábios, no *Midrash* em *Shemot Rabá* (27, 9), descrevem o extraordinário valor de escutar a Palavra de D’us e a proteção que isso traz:

“‘Ouçam a Palavra de D’us’. É sobre isso que está escrito: ‘Ouçam e viverão suas almas’. Quão querido é Israel, a ponto de Ele persuadi-los. Disse (D’us) a eles: ‘se uma pessoa cai do teto, se machuca. O médico vem e põe ataduras na cabeça, nas mãos, nos pés e em todos os seus membros, até ele ficar totalmente atado’”.

“‘Eu, porém, não Sou assim. Duzentos e quarenta e oito órgãos possui o ser humano, sendo o ouvido um deles. Todo o corpo se encontra deteriorado; o ouvido escuta e todo o corpo recebe vida: ‘ouçam e viverão suas almas’”.

“Por isso, disse: ‘Ouçam a Palavra de D’us, Casa de Yaa-cov’. Assim também se encontra em relação a Yitrô, que por meio da audição teve o mérito de viver, pois ouviu e se converteu, conforme está escrito: ‘OuvIU Yitrô tudo o que fez o Eterno, a Moshê e a Yisrael, Seu Povo’”.

De acordo com nossos sábios, a audição é a porta de entrada da espiritualidade no corpo. Ela é capaz tanto de proteger o indivíduo como de fazê-lo ascender da impureza e atingir a santidade de Israel, conforme ocorreu com Yitrô.

Além disso, mesmo aquele que está inteiramente absorto em pecados – a exemplo de alguém que caiu do teto e machucou todo o corpo – fica curado com a audição. Aquele que aceita ouvir o que D’us diz, entra dentro da *teshuvá* e torna-se amado pelo Criador.

A Boa e a Má Escuta

No livro *Orechot Tsadikim* (*Sháar Haratson*, página 100), são trazidas as palavras de nossos sábios no *Yalcut Shim’oni* (*rêmez 32*):

“Há aquele que ouve e perde, e há aquele que ouve e é recompensado. Há aquele que não ouve e perde, e aquele que não ouve e é recompensado. Aquele que ouve e perde – é Adam Ha-

rishon, conforme está escrito (após comer o fruto da sabedoria): ‘Pois você ouviu a voz de sua esposa’. O que perdeu? ‘Pois pó é você e ao pó retornará’”.

“Que ouve e é recompensado – é Avraham *Avínu*, pois foi dito a ele: ‘tudo o que te disser Sará, tua esposa, ouve sua voz’ Qual foi sua recompensa? ‘Pois de Ytschac será tua descendência’”.

“Não ouve e é recompensado – é Yossef, conforme está escrito; ‘não a ouviu para se deitar com ela e ficar com ela’. Com o que foi recompensado? ‘Yossef era o governante sobre a Terra’”.

“Não ouve e perde – é Israel, conforme está escrito; ‘não Me ouviram, não abriram seus ouvidos’. O que perderam? ‘O que vai morrer, para a morte; o que será morto com espada, para a espada’. Está também escrito: ‘se desejarem e escutarem, o melhor da terra comerão’”.

“O filho rebelde é castigado por não ter escutado, conforme está escrito: ‘e o pegarão, seu pai e sua mãe – e o levarão aos anciãos de sua cidade...’ Sobre todo o Povo de Israel está escrito: ‘rebeldes vocês foram, para com D’us’. Também está escrito, sobre o fato de não quererem escutar: ‘pois um povo de dura cerviz é ele’”.

Uma vez que ouvir é tão crucial para a espiritualidade, é necessário se comportar com muita ponderação, saber o que ouvir e do que se afastar. É importante refletir bastante e lembrar que, às vezes, se ganha recompensa pelo que não se ouve. Aquele que vive assim, terá o mérito de conhecer o caminho que leva a D’us e se cuidar para não tomar a trilha contrária.

Escutar Críticas

No *Orehot Tsadikim* (página 102) são trazidas mais palavras de nossos sábios sobre a importância da escuta:

“Disse *Rabi Abahu*: no futuro, todos ficarão perplexos ante

aquele que ouviu a D’us, dizendo: ‘Quem é este indivíduo rebaixado, que não estudou *Torá* e nem *mishná*, que senta entre os Patriarcas e junto do *Mashiach*?’ D’us lhes dirá: ‘Por que isto é incrível, para vocês? Eles só tiveram o mérito, porque Me escutaram’, conforme está escrito: ‘A orelha que ouve admoestações de vida – entre os sábios residirá’”.

Mesmo aquele que, por si só, não possui um nível espiritual elevado e não chegou a estudar tanto, merece habitar entre os sábios, por mérito de sua escuta e atenção. Isto porque sua audição o transforma em um recipiente apto a absorver espiritualidade. Sua sede de ouvir as palavras dos sábios da *Torá* o eleva a um grau exaltado e ele recebe um lugar honrado, entre eles.

Outro detalhe aprendido deste trecho é que a distinção entre os níveis daqueles que escutam é extremamente delicada, a ponto de o Próprio D’us ter de explicar isso diante dos perplexos e perante aqueles que acham que seu lugar espiritual não é tão elevado.

Quando encontramos alguém disposto a ouvir palavras de *Torá*, devemos nos conduzir com prudência com relação a ele. É possível que seu nível seja extremamente elevado, embora isso esteja oculto dos outros.

Diz o *Rabênu Yoná*, no *Shaarê Teshuvá* (*sháar* 2, 12):

“Além disso falou (o Rei) Shelomô, de abençoada memória: ‘a visão clara alegrará o coração, uma boa notícia estufará de contentamento a essência, um ouvido que escuta admoestações, entre os sábios habitará...’ pois o serviço do ouvido é escutar as admoestações...”

A vontade de ouvir os conselhos e as palavras de *Torá* dos sábios, leva o indivíduo a ser considerado como parte de seu grupo, uma vez que ele se torna um destinatário para suas sagradas palavras.

O Que É a Faculdade de Escutar?

O Rav Moshê Schwab zt”l, *Ram* e *Mashguiach* espiritual da *Yeshivá* de Gateshead, explica de modo extraordinário o que é a escuta e como ela contribui para a retificação do indivíduo (*Maarachê Lev*, página 227):

“A faculdade de escutar, o que é? É a atenção interior, aplicação cuidadosa da mente para o que é visto e ouvido e sua conseqüente transformação em um tutor, em um guia. A capacidade de ouvir não é uma força ativa e sim um ato positivo prático. Esta função não é um ato do ser humano. A capacidade de escutar que o Eterno concedeu ao ouvido, na verdade, é apenas algo que faz com o que aquilo que se ouve, torne-se compreensível”.

“Apesar da faculdade de escuta possuir também um aspecto animal – tanto é que também os animais possuem esta capacidade – das palavras do *Maharal*, em seu comentário sobre as *agadot* (sobre *Kidushin* 22a), aprendi que a audição, em relação ao ser humano, é interior, pois o homem é humano particularmente por intermédio do ouvido... Por isso, é apropriado que um escravo (que deseja continuar mais tempo com seu senhor) tenha a orelha furada, pois estragou-se seu ouvido, que é o órgão de recebimento”.

“De acordo com nosso modo de explicar, isso se refere à reflexão que o ser humano acrescenta, para transformar a audição do ouvido em uma audição de ‘tutor’”

“É sabido que a audição é uma das quarenta e oito coisas (necessárias para o estudo da *Torá*) enumeradas no capítulo seis de *Pirkê Avot*. É isso que pedimos nas orações: ‘Dê a nosso coração compreensão para entender e saber, ouvir, estudar, ensinar e cumprir’”.

“A propósito, lembraremos de uma explicação trazida no livro *Bintivot Hamaguid*, que pergunta, por que pedimos para ensinar e estudar, se nem todo o mundo ensina?”

“Respondeu sobre isso o *Rav* Moshê Feinstein *zt”l* que todo o mundo ensina com seu exemplo pessoal, uma vez que o indivíduo mora em uma sociedade e as pessoas observam seus atos, aprendendo deles para o bem ou para o mal. Portanto, nós pedimos a D’us que possam, as pessoas, aprender de nós apenas coisas boas e que o Nome dos Céus seja santificado por nosso intermédio”.

De suas palavras conclui-se que não é o ouvido que realmente escuta e que mesmo a audição dos sons, que existe também entre os animais, ainda não é a verdadeira escuta. Esta é interior e, por meio dela, o indivíduo absorve os valores positivos que penetraram em seu ouvido, interiorizando-os em seu coração.

É isso que diferencia o ser humano dos animais, definindo-o. Com isso, cada um é capaz de se tornar um instrutor, pois os outros aprendem lições positivas sobre o serviço Divino a partir de seu comportamento.

Ouvir Lições de Moral Expia os Pecados

No livro *Êle Hadevarim* são trazidos outros aspectos deste assunto:

“Consta no *Midrash*, sobre o Livro de *Mishlê*: ‘Disse o Eterno: ‘No momento em que o sábio fala a *derashá* (discurso moral, prédica), Eu perdôo os pecados de Israel e os expio’. Por esse motivo, está escrito no livro *Matê Moshê* que convém falar para o público em *Shabat Teshuvá* para expiar seus pecados. Escreveu também que encontrou dicas sobre isso no Livro do *Zôhar* sobre *Vayicrá*”.

“A explicação disto é que, uma vez que o público ouve a *derashá* do sábio, que os desperta para a *teshuvá* completa, a partir daí tem início a desculpa, a expiação e o perdão. Não há chance de se chegar a tudo isso sem ouvir as palavras que despertam, deste sábio que fala”.

Encontra-se, portanto, que a escuta é capaz de causar uma retificação dos caminhos do indivíduo e, sem ela, é possível que se feche a porta do retorno, D'us nos livre. Daqui surge também a enorme importância de ouvir as palavras dos que advertem e de escutar ensinamentos de *mussar* (ética judaica), que despertam o coração.

No livro *Maalot Hatorá*, do *Gaon Rabi Avraham zt"l*, irmão do *Gaon* de Vilna (página 54), é explicada a relação entre o temor e a audição de discursos de *mussar*:

“Também o temor foi lembrado cinquenta e duas vezes (como a escuta), pois possuem o mesmo aspecto, conforme escrevemos anteriormente. Assim como o temor é a abertura da *Torá*, conforme está escrito: ‘a não ser para temer’, pois o temor quebra as *kelipot* (atributo das forças exteriores – “cascas espirituais”), da mesma forma a escuta quebra as *kelipot*, pois tudo depende da escuta”.

“Portanto, nós recitamos como *berachá* (ao ouvir o *shofar*), ‘escutar a voz do *shofar*’ e não ‘tocar o *shofar*’, pois o *shofar* vem para incutir temor e medo em nós e quebrar as *kelipot*. Assim, o principal é ouvir e, a partir disso, o indivíduo pode ver quantos preceitos nós cumprimos com a escuta e com o estudo da *Torá*, sendo isso um mérito para nós. Isso que significa: ‘(ela) o afasta do pecado e o aproxima do mérito’”.

Concluindo, a escuta é a base da vida espiritual. Aquele que a utiliza para ouvir o que não deve, é capaz de decair muito, a ponto de perder o que o define como ser humano.

Por outro lado, o que escuta lições morais e palavras de *Torá*, interiorizando-as e incutindo-as em seu coração, transforma-se em um servo fiel do Todo-Poderoso. Deste modo, ele cumpre a meta para a qual foi criado neste mundo.

KI TAVÔ / כִּי תבֹא

OUVIR A VOZ DE D'US

A Grandeza de Ouvir a Voz de D'us

Muitos versículos das porções semanais de *Ki Tavô* e *Nitsavim* falam sobre ouvir a voz de D'us. Destes versículos percebemos que, aquele que o faz, cumprindo o que o Criador ordena, encontra-se em um elevado nível de espiritualidade. Isso se dá, porque a escuta é uma parte extremamente importante na vida espiritual de cada um, o que é explicado por diversos comentaristas.

Uma lista parcial dos versículos que tratam deste assunto inclui *Devarim* 26:17; 27:10; 28:1; 28:16, 30:2; 30:20 e outros.

Escreve o *Or Hachayim Hacadosh*, no início do capítulo 28: “A intenção disto é que ocupando-se com a *Torá*, o indivíduo ascende aos (diversos) níveis, até que D'us fale com ele. Sobre isso está escrito: ‘Escutarás a voz do Eterno, teu D'us’. Do ato de escutar também sai o resguardo (*lishmor*) e o cumprimento (*laassot*), pois a *Torá* salva do pecado, conforme é indicado na *shemirá* (resguardo). Grande também é o estudo da *Torá*, que leva à ação, conforme está escrito: ‘E fazer...’

Segundo ele, trata-se aqui de um nível elevado de ouvir, liga-

do à atenção e à aproximação a D’us, que é capaz de conduzir à prática e a abstenção do pecado.

No capítulo 26, versículo 5, explica o *Or Hachayim*: “‘Porá na cesta’ – vem indicar que todas as boas ações devem ser feitas de acordo com suas palavras (de nossos sábios), conforme foi dito: ‘de acordo com a *Torá* que lhe indicarem e os estatutos, etc.’ A *Torá* e os estatutos foram explicados por nossos sábios em sessenta tratados, que é o valor numérico de ‘cesta’ (*têne*: tet-9; *nun*-50; *álef*-1)”.

De acordo com isso, a *Torá* e as *mitsvot* devem caminhar sempre juntas, sem se separar de modo algum. Aquele que as cumpre deve juntá-las ao que está escrito nos sessenta tratados do *talmud*. Somente assim se trilha realmente o caminho de D’us.

A Plena Emuná em D’us

No livro *Bêt Halevi* (*Parashat Bô, Dibur hamatchil “vehinê masbir”*) é explicado que o ato pleno de ouvir as palavras de D’us inclui também a *emuná* naquilo que não é obrigatório pelo intelecto:

“Mais um motivo para isso é que o principal fundamento da *mitsvá* de *emuná* é aceitar todas as palavras da *Torá* de acordo com o que recebemos de nossos sábios, mesmo o que não podemos esclarecer com alguma prova irrefutável”.

“Isto porque tudo o que é esclarecido ao indivíduo por meio de evidências é denominado ‘saber’, ainda não sendo chamado de *emuná*. Nós fomos ordenados a crer (ter *emuná*); e isso no que o cérebro não é capaz de compreender intelectualmente”.

“Enquanto acreditar apenas no que foi provado, o indivíduo não possui nenhuma parte no preceito da *emuná*, não está cumprindo a *mitsvá* de modo algum. Assim como o ser humano foi ordenado a dominar suas forças, utilizando-as em prol do serviço

Divino – e pôr a seu serviço os órgãos de seu corpo, quebrando seus desejos e vontades no que se refere a este mundo, por exemplo, deve este também subjugar seu intelecto a Seu serviço, recebendo as palavras da *Torá* que não compreendeu racionalmente”.

“Portanto, aquele que – D’us nos livre – teve sua mente pervertida e deixou seu coração de acreditar, não há uma forma de seu amigo o curar e fazê-lo retornar ao bem. Ele somente pode pedir ao Eterno que ponha em seu coração sua *emuná* e que purifique seu coração, para Seu serviço”.

De suas palavras aprendemos diversos fundamentos importantes sobre o preceito de ter *emuná* em D’us. Entre eles, que esta compreende receber todas as palavras da *Torá* e de nossos sábios, sem exceção. Aquele que acredita apenas no que pode provar não é considerado *maamin*, pois não o faz por força da *emuná*. Ele ainda não trouxe seu intelecto ao serviço Divino, acreditando efetivamente apenas nele, embora devesse entregá-lo a D’us, do mesmo modo que precisa fazer com todos os seus outros órgãos.

Além disso, somente ele próprio pode inserir a *emuná* em seu coração, embora os outros devam rezar a D’us para que Ele purifique seu coração e faça habitar nele sua verdadeira *emuná* para que sirva ao Criador.

O autor do *Bet Halevi* continua a explicar isso em *Parashat Ki Tissá* (*dibur hamatchil “vehiné”*):

“No princípio, o indivíduo deve cumprir toda a *Torá* e seus preceitos com plena *emuná*, em todos os seus detalhes, sem refletir sobre os motivos, cumprindo-os apenas como lhe indicarem seus rabinos e anciãos, conforme está escrito: ‘escute, meu filho, as lições do seu pai e não abandone a *Torá* de sua mãe’ (*Mishlê* 1:8)”.

“Se ele esperar até que entenda todos os motivos para cumprir, nunca o fará. Mesmo quando a pessoa se dedica ao estudo da *Torá*, deve fortalecer seu coração com a *emuná* e receber tudo o que está escrito, sem se desviar em nada quanto ao que há em

seu intelecto”.

Aprendemos disso que é necessário se esforçar por cumprir as *mitsvot* ainda antes de compreender seus profundos motivos. É necessário trilhar o caminho recebido de geração em geração e aprender dos membros da geração passada o modo de cumprir os preceitos da *Torá*.

Além disso, deve-se cuidar para robustecer a *emuná* durante toda a vida, sem seguir apenas o pensamento humano, pois ele é extremamente ralo quando comparado à profundidade da *emuná* plena.

O *Chazon Ish*, em seu *Côvets Igrot* (15), define a importância disso:

“O caminho reto, à nossa frente, é seguir com integridade no coração e com *emuná* plena e literal, etc. Eu retorno à *emuná* literal na *Torá* oral e não volto a responder ‘por que’, etc. Isto, porque nenhum sábio da *Torá* possui força, após a conclusão da *Mishná*, de divergir da *Mishná* e nenhum sábio da *Torá* tem permissão de discodar do *Talmud* após o fechamento do *Talmud*”.

Isto está ligado ao que foi trazido anteriormente. O raciocínio da *Torá* é extremamente elevado e é impossível atingi-lo. Portanto, deve-se seguir o caminho da *emuná*, receber a santidade da *Torá* e compreender que tanto é proibido, quanto está acima de qualquer capacidade humana discutir com ela, mesmo em relação a seus mais ínfimos detalhes.

Deve-se cumprir todos os seus pormenores e não se desviar, de modo algum, de suas trilhas e de seus preceitos, outorgados por D’us.

“Se Eu Não Fizer por Mim, Quem Fará por Mim?”

A idéia trazida anteriormente em nome do *Bet Halevi*, que somente o próprio indivíduo é capaz de incutir em seu coração a

emuná integral em D’us, é encontrada também na explicação do Rambam sobre as *mishnayot* (sobre *Pirkê Avot*, capítulo 1, *mishná* 14): “Se eu próprio não despertar minha alma para o alto, quem despertará? Pois não há quem a desperte exteriormente”.

Deve-se interiorizar a grande regra que tomaram nossos sábios: “Se eu não fizer por mim, quem fará por mim?” As causas exteriores podem ajudar, mas o principal fator de desenvolvimento espiritual é apenas a própria pessoa. Somente ela pode despertar o próprio coração e infundir nele a *emuná* e a confiança em D’us.

O Rav Mordechay Gifter (*shelita*) *zt”l*, no livro *Pirkê Emuná*, escreve que este autodespertar é a Voz de D’us, que chama o ser humano a melhorar seus atos:

“O que parece aqui é que, pela base da criação do ser humano, cuja alma foi lapidada nas Alturas e foi-lhe entregue na Terra, esta grita e clama para que o indivíduo se eleve, sem que ela se sinta satisfeita com a vida material”

“Sem essa Voz Divina, Que chama pelo indivíduo, não seria possível, de modo algum, que ele despertasse a si próprio. É isso que nossos sábios quiseram dizer quando falaram: ‘o malvado (o *yêtser hará* – o mau instinto) observa o justo, para lhe matar e, se não fosse pelo Eterno, Que o ajuda, este último não conseguiria superá-lo’. Pela própria natureza, a pessoa se aprofundaria no torpor do materialismo e somente esta Voz permite ao ser humano se autodespertar”.

“Uma vez que somente o ato de ouvir fornece ao indivíduo a possibilidade de despertar, ‘se eu não fizer por mim, quem fará por mim?’ Pois só é possível ouvir de si mesmo, não dos outros. É impossível que outro o ensine e o eduque e, portanto, ele deve escutar esta Voz Que lhe chama”.

“Enquanto ele próprio não a escutar, à toa é tudo o que é falado. Esta Voz está em seu interior, mas não há quem possa lhe

despertar exteriormente”.

De suas palavras se aprende dois fundamentos. Por um lado, é extremamente difícil penetrar no coração do outro e influenciá-lo, trazendo-o do mal para o bem. Por outro, D’us envia auxílio e insere sentimentos espirituais sinceros, incluindo o desejo de se aproximar de D’us, na pessoa.

Quando o indivíduo sente isso, deve saber que lhe foi mandado para ajudar na difícil luta contra o mau instinto. Sem isso, seria impossível vencer.

Consta na *mishná* (*Pirkê Avot*, capítulo 6, *mishná* 41) que “todo o dia sai uma Voz do Monte Chorêv, que anuncia e diz: ‘coitadas das criaturas, pela desonra da *Torá*!’” Pergunta-se: afinal nós não ouvimos esta Voz! Para quem ela transmite sua mensagem?

De acordo com o que foi escrito anteriormente, isto se torna compreensível. A alma do ser humano sente essa Voz, com os sentimentos que nela são despertados.

Feliz é aquele que presta atenção a isso, guerreando contra o mau instinto e aproximando-se do Criador, Que tanto deseja sua proximidade.

NITSAVIM / נצבים

FORTALEÇA-SE COMO UM LEÃO PARA O SERVIÇO DO CRIADOR

O Pacto Divino

Está escrito no início desta porção semanal: “Vocês se postam hoje, todos, perante o Eterno, seu D’us: seus líderes, suas tribos, seus anciãos e seus guardas, todos os membros de Israel... para lhe fazer passar pelo Pacto do Eterno, seu D’us e por Seu juramento; que o Eterno, seu D’us, realiza com você hoje. Para erguer você hoje, para Ele, como povo e para que Ele seja para você D’us, conforme falou a você e conforme jurou a seus patriarcas Avraham, Yitschac e Yaacov” (*Devarim* 29:9-12).

Explica o *Rashi*: “Tanto assim Ele Se envolve e Se esforça, para manter você perante Ele como (Seu) povo. ‘E Ele será para você D’us’ – uma vez que disse a você e jurou a seus pais não trocar sua descendência por outra nação. Portanto, Ele os atou com estes juramentos, para que não O provoquem, uma vez que Ele não pode se apartar de vocês”.

Esta *parashá* trata do pacto travado por D’us com Seu povo, Israel, que é eterno e que não pode ser anulado. Por um lado, *Hashem* recebeu Israel como Seu povo e não o substituirá nunca. Por outro, seus membros devem servi-Lo com todo o coração e não enfurecê-Lo com atos impróprios.

Este ensaio trata do modo correto de servir a D’us e de gerenciar a vida neste sentido, sem deixar que o mau instinto cegue os olhos e faça com que o indivíduo se desvie do caminho para a verdade e do cumprimento da *Torá*.

“Se Eu Não Fizer por Mim, Quem Fará por Mim?”

No *Messilat Yesharim* é explicado que o mau instinto é extremamente poderoso e sagaz, sendo necessário um grande investimento por parte do ser humano para que D’us o ajude a se salvar dele.

“Pois um guerreiro é ele (o mau instinto) e repleto de esper-teza, sendo impossível se livrar dele se não com muita sabedoria e uma grande cosmovisão...”

“É simples o fato de que mesmo se o indivíduo vigiar a si próprio, ele não possui capacidade para se salvar, se não viesse D’us em seu auxílio. Isto porque o mau instinto é muito forte, conforme está escrito: ‘o iníquo observa o justo e busca matá-lo; D’us não o abandonará...’ (*Tehilim* 32)”.

“No entanto, se o indivíduo se controla, D’us certamente não deixará isso sem recompensa... Sobre isto está escrito: ‘Se eu não fizer por mim, quem fará por mim?’”

Estas palavras do *Messilat Yesharim* vêm refutar uma concepção de vida muito popular, que é errônea, segundo a qual é possível viver sem refletir e sem se esforçar, cumprindo as *mits-vot* como algo automático e esperando que tudo se resolva, no final das contas.

A verdade é completamente diversa. O mau instinto trava uma luta constante com o ser humano. A guerra é intensa e traiçoeira, com o primeiro mudando de tática de acordo com as circunstâncias e utilizando-se, entre outros, do artifício de deixar o indivíduo em estado de torpor, sem discernir que uma batalha está sendo travada contra ele.

Todo aquele que não se esforça sempre é capaz de tropeçar facilmente, durante toda a sua vida. O mau instinto, além disso, é tão poderoso que, se não fosse a ajuda de D’us, venceria em toda a frente de batalha. Por outro lado, é prometido – àquele que se esforça – que D’us virá em seu auxílio.

A guerra contra o mau instinto é travada contra um inimigo superior em força. Portanto, é importante entender como ela funciona e como é possível vencê-la.

“Como um Leão Jovem se Erguerá”

Consta no *Shulchan Aruch* (cap. 1, parágrafo 1): “Deve-se ter bravura como um leão para levantar de manhã, em prol do serviço do Criador, de modo que o indivíduo ‘desperte’ a manhã.

O *Taz* (*ibid.*, *saif katan* 1) explica qual é a bravura do leão: “A principal bravura diz respeito ao mau instinto. Disse: ‘como um leão’, pois a natureza do leão é não temer nenhuma criatura, conforme está escrito: ‘de sua voz não terá medo’. Do mesmo modo, o indivíduo não deve temer seu mau instinto, apesar de ser ele mais poderoso que a própria pessoa”.

O mau instinto é extremamente forte. Aquele que não possui bravura é capaz de nem mesmo sair para a guerra, por esmorecer ao ver a força do inimigo e o resultado já garantido – que é sua derrota. O leão, porém, possui uma característica especial: ele não tem medo de ninguém, batalhando mesmo com aqueles que são mais fortes que ele. Isto deve ser aprendido dele.

No entanto, ainda cabe perguntar: de onde se tira estas forças? Afinal, ainda se trata de seres humanos e não de leões. Como se utiliza poderes com os quais não se foi criado?

A resposta é encontrada no livro *Adêret Eliyáhu*, do “Gaon de Vilna” (*Parashat Bereshit*, sobre o versículo “façamos o homem”):

“Uma vez que o ser humano foi criado como o último de todas as criaturas, disse D’us a toda a Sua obra que cada um pusesse uma parte de suas características no corpo do ser humano. A bravura é relacionada ao leão; a rapidez, ao cervo; a leveza, à águia e a astúcia, à raposa”.

Ou seja, estas características se encontram dentro do ser humano e é possível extraí-las de dentro da alma. Quando se exige do indivíduo que tenha coragem como o leão, não se pede dele forças que não possui; somente que utilize o que D’us imprimiu em sua natureza, no início de sua criação, com o que ele é capaz de vencer a guerra contra o mau instinto.

Encontra-se na *Torá*, como ao Povo de Israel foi dada esta característica do leão. Quando Bil’am, o perverso, abençoou Israel, disse: “Eis que, este povo, como um leão jovem despertará e como um leão se erguerá”.

Explica o *Rashi*: quando eles despertam de seu sono, pela manhã, fortalecem-se como um leão jovem e um adulto para ‘agarrar’ as *mitsvot*: vestir o *talet*, recitar o *shemá* e pôr as *tefilin*”.

A *Torá* compara a intrepidez do Povo de Israel e seu ardor por cumprir os preceitos de D’us com a bravura do leão. O amor pelas *mitsvot*, a agilidade quanto ao seu cumprimento e a vontade de aumentá-las demonstram a característica que se encontra em seu coração, com a qual é possível servir a D’us confiavelmente.

“Seja Como uma Cauda Para os Leões”

Consta em *Pirkê Avot* (capítulo 4): “Seja uma cauda para os leões e não seja uma cabeça para as raposas”.

Ao se observar as características destes dois animais, percebe-se um contraste absoluto. Enquanto o leão possui bravura – não teme nenhuma criatura e está pronto a lutar com outros mais fortes que ele – a raposa se comporta de modo completamente oposto. Ela não conhece o que é coragem, teme os outros e se esforça por fugir, com todas as suas forças, do local onde há perigo.

A raposa possui astúcia, mas ela a utiliza para escapar de qualquer confronto. Em *Shir Hashirim* há um versículo que diz: “nos prenderam raposas, raposas pequenas, que destroem vinhedos”. Explica o *Rashi*: “por que os chamou de ‘raposas’? Assim como esta raposa olha para frente e para trás, para fugir...” Ou seja, sua principal característica é estar sempre pronta para a fuga.

Não se deve ser nem mesmo o líder de um grupo de pessoas como raposas, pois estas se rendem ao que dita a sociedade, sem possuírem coragem e criatividade e sendo condenadas, no final, a perderem a batalha espiritual.

O líder de um grupo assim se renderá, contra a sua vontade, ao que a sociedade diz para fazer e se afasta gradualmente, durante sua vida, do primeiro parágrafo do *Shulchan Aruch*: “fortaleça-se como um leão para o serviço de D’us”.

Feliz é aquele que conduz sua vida com bravura. Este pode ser ajudado por D’us a vencer sua principal guerra: a guerra contra o mau instinto.

VAYÊLECH / וַיֵּלֶךְ

A TESHUVÁ E O ESTUDO DA TORÁ

O Dever de Fazer Teshuvá nos Dez Dias de Teshuvá

Escreve o *Rambam* nas Leis de *Teshuvá* (capítulo 2, *halachá* 6): “Embora a *teshuvá* (retorno) e o clamor sejam sempre positivos, nos dez dias entre *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* ela é ainda melhor, sendo recebida imediatamente, conforme está escrito: ‘procurem o Eterno quando Este Se encontra’”.

“Sobre quem estamos falando? Sobre um indivíduo particular. Quanto ao público, porém, a todo momento que fizerem *teshuvá* e clamarem, com todo o coração, serão respondidos, conforme está escrito: ‘Quem é como o Eterno, nosso D’us, sempre que chamamos a Ele’”.

O fato de D’us estar mais próximo nos “Dez Dias de *Teshuvá*” acarreta algumas consequências. Uma é esta abordada pelo *Rambam*: o fato de ser o retorno, então, mais facilmente aceito que nos outros dias do ano, nos quais é difícil efetuar-lo plenamente.

A segunda é que nestes dias é maior a obrigação de fazer

teshuvá. D’us, o Rei do Mundo, Se aproxima e está interessado então em chegar perto de Suas criaturas. Se estas mostram que não estão interessadas nisto, pode-se comparar esta situação a uma revolta.

O Rav Yitschac Blazer, em seu livro *Cochvê Or (siman 5, maamar “Dirshu Hashem Behimatseô”)*, trata da gravidade deste assunto. De suas palavras parece que o próprio fato de o indivíduo não retornar em *teshuvá* nestes dias é capaz de decidir seu destino negativamente, sendo este inscrito, em *Yom Kipur*, no “Livro dos Perversos”. Não cumprir esta obrigação, além disso, constitui o desperdício de uma oportunidade única.

No livro *Sichot Mussar*, do Gaon Rav Michl Birnboim *shelita*, são trazidas as palavras do *Tselach (Tsiyon Lefesh Chayá)*:

“Eis que, nos Dias Temíveis (*Yamim Norayim*), os portões da *teshuvá* encontram-se abertos. ‘Sua Mão direita’ está estendida para receber os que retornam e aquele que não o fizer, atenta contra sua alma. Este fato – de o indivíduo abster-se de fazer *teshuvá* – é mais grave que o próprio pecado e a iniquidade. Isto porque ele despreza o Rei do Universo, Que lhe estende a ‘mão’ para receber os que retornam, enquanto deixa de se aproximar Dele”.

“*Rabênu Yoná*, no início de seu livro – *Shaarê Teshuvá* – comparou aquele que demora a retornar em *teshuvá* a um ladrão, cujos amigos cavaram um túnel de fuga e ele ficou sem fugir”.

De suas palavras se aprende mais um dos lados desta questão: que o que deixa de fazer *teshuvá* nestes dias ofende e humilha o Rei do Universo. Se um rei se dirigir amistosamente a um de seus servos e este em vez de retribuir virar seu rosto para o rei, certamente trará fúria e raiva sobre si próprio.

O mesmo pode vir a acontecer durante estes dias. É proibido se comportar como aquele ladrão, cuja ocasião favorável de es-

capar está à sua frente e que deixa de se juntar a seus companheiros nesta empreitada. Com isso, ele menospreza o castigo que lhe foi conferido, fazendo com que este seja agravado juntamente com o crescimento da fúria referente a ele.

“Abram-Me Uma Porta Como o Orifício de Uma Agulha”

Dizem nossos sábios: “abram-Me uma porta do tamanho do orifício de uma agulha e Eu lhes escancarei uma passagem do tamanho das portas de um salão”.

D’us promete que ajudará muito aquele que precisa de auxílio, com a condição de que este abra antes seu coração, desejando verdadeiramente se aproximar do Criador. Após o indivíduo dar o primeiro passo, será favorecido pelos Céus e chegará a níveis que não conseguiria alcançar, caso dependesse apenas de suas capacidades naturais.

Esta idéia é também encontrada nas palavras do *Rashi* em *Parashat Vayetsê*, sobre o versículo 17:

“Se você perguntar: quando Yaacov passou pelo lugar do *Bêth Hamicdash* (onde seria construído o Templo Sagrado), por que (D’us) não lhe fez parar lá? (A resposta é que) se ele não prestou atenção com seu coração – para rezar no lugar onde seus pais oraram – dos Céus o retardariam?”

“Ele (Yaacov) foi até Charan, conforme está mencionado no capítulo *Guid Hanashê* (de *Massêchet Chulin*) e conforme se prova do próprio versículo ‘e foi a Charan’. Quando chegou a Charan, disse: ‘Será possível que passei pelo lugar no qual rezaram meus pais e eu não rezei nele’? Mudou de idéia (resolveu voltar), retornou até Bet El e então a terra se condensou para ele (fazendo-o chegar milagrosamente rápido)”.

D’us fez com que levasse menos tempo para percorrer o ca-

minho e em seu sonho fez a Yaacov grandes promessas (quando este adormeceu naquele local). O primeiro passo, entretanto, Yaacov teve de dar sozinho. A ajuda dos Céus só lhe veio quando decidiu voltar e efetivamente começou a retornar.

Isso deve servir como guia para cada um. É necessário fazer o que se deve, mesmo quando isso é difícil e até mesmo quando parece estar acima das forças do indivíduo. Quando começamos, D'us completa o que falta e concede “atalhos” espirituais, para que consigamos alcançar picos espirituais muito acima do nosso nível.

Teshuvá por Intermédio do Estudo da Torá

No *Nêfesh Hachayim* (*sháar* 4, capítulo 31) está escrito que a *teshuvá* vem principalmente mediante o retorno à *Torá* e a seu estudo:

“A ocupação com a *Torá* expia os pecados da alma que transgrediu, conforme disseram (nossos sábios) no fim de (*Massêchet*) *Menachot*: ‘o que significa isso que está escrito: ‘esta é a *Torá* da oferenda de *olá*, de *minchá* e de *chatat*?’ Todo aquele que se ocupa com a *Torá* não precisa nem de *olá*, nem de *minchá*, nem de *chat’at*, nem de *asham*’”.

“Assim também consta no *Midrash Tanchumá* (*Parashat Tsav*) e em *Shemot Rabá* (*Parashá* 38): ‘Peguem com vocês palavras e voltem para D’us...’ Uma vez que os membros de Israel dizem: ‘...pobres somos nós e não podemos trazer oferendas’; diz a eles o Criador: ‘Palavras Eu peço e perdôo todos os seus pecados – e não há palavras que não as palavras de *Torá*...’”

“Do mesmo modo, no *Taná Devê Eliyáhu* está escrito: ‘um indivíduo que transgrediu muitas proibições e que foi sentenciado à morte, caso retorne e faça *teshuvá*, leia a *Torá*, os Profetas e as Escrituras; estude a *mishná*, o *midrash*, as leis e as *hagadot* e sirva aos estudiosos da *Torá* – mesmo que tenham sido decreta-

dos sobre ele cem decretos, D’us os removerá dele”.

Mais para a frente, ele escreve: “A principal *teshuvá*, plena e verdadeira, que é feita por amor, só vem por meio da ocupação com a *Torá* como se deve – conforme está escrito sobre as qualidades necessárias para adquirir a *Torá* (*Pirkê Avot*): ‘que ama o Criador...’ – deste modo, também se recita (na *Amidá*): ‘Faze com que retornemos, nosso Pai, para Tua *Torá*; aproxima-nos, nosso Rei, para Teu serviço e faze-nos voltar, com *teshuvá* completa, perante Ti”’.

Aprende-se daqui que a verdadeira *teshuvá* só pode ser empreendida, quando antes dela vem o estudo da *Torá*. Antes “faze com que retornemos, nosso Pai, para Tua *Torá*” e só depois “e faze-nos voltar, com *teshuvá* completa, perante Ti”.

Está escrito em *Hoshêa* (capítulo 14): “volte Israel, para o Eterno, seu D’us, pois você tropeçou em seus pecados. Peguem com vocês *devarim* (palavras) e retornem a D’us”. Quando se quer retornar “para o Eterno, seu D’us”, até o “Trono da Glória”, é necessário antes se munir com o estudo da *Torá*.

Diz o *Sifri*, em *Parashat Haazínu*: “‘Que caia como o orvalho, minha lição’ – não há ‘minha lição’ que não palavras de *Torá*, conforme está escrito: ‘uma boa lição Eu entreguei a vocês’. Do mesmo modo, foi dito: ‘Peguem com vocês *devarim* (palavras) e retornem a D’us’ – e não há ‘palavras’ que não as palavras de *Torá*, conforme está escrito: ‘estas palavras disse D’us a toda a Sua congregação”’.

A *Torá* auxilia a conhecer o Criador, a vincular-se a Seus mandamentos, retornar e fazer *teshuvá*, com todo o coração.

A *Torá* Define e Protege o Povo de Israel

No *Sêfer Hachayim* (página 23), do irmão do *Maharal*, consta que o estudo da *Torá* Oral é o sinal que destingue o Povo de

Israel das outras nações:

“Os sábios do *Talmud* foram chamados de ‘sábios da verdade’. Assim como a verdade indica seu caminho e é impossível jogar a verdade no chão, o *Talmud*, uma vez que é verdadeiro por si próprio, se mantém. Embora todas as nações o desprezem, ele é aceito por nós, considerado bom e bonito para nós e para nossa descendência – para cumpri-lo eternamente. Uma vez que o *Talmud* só é estimado por Israel, Israel só é prezado por D’us por causa da *Torá* Oral”.

“As letras que compõem a palavra **Guemará** – **גמרא** (outro nome para o *Talmud*) – são as primeiras letra dos nomes **Gavriel**, **Michael**, **Refael** e **Uriel**. Isso indica que, em torno daquele que se ocupa com a *Guemará*, pairam anjos Divinos, para lhe salvar. À sua direita está Michael; à sua esquerda, Gavriel; à sua frente, Uriel; atrás dele, Refael, e acima dele, a Presença Divina – Que escolhe as palavras dos sábios”.

“Esta é a explicação de “*hadran alach vehadrach alan*” (do trecho recitado quando se termina um tratado do *Talmud*): ‘Nossa beleza está sobre você e sua beleza está sobre nós’. Não há quem se importe com a *Torá* Oral, para que não seja esquecida, exceto nós. É isso que se diz na continuação: ‘nosso pensamento está concentrado em você’ e, da mesma forma, a *Torá* Oral protege Israel”.

O sentido disso é que o Povo de Israel travou um pacto eterno com a *Torá* Oral. Os *yehudim* estudam-na, revisam-na e não largam dela durante o dia e a noite, por toda sua vida. Em compensação, a *Torá* Oral lhes retribui com diversas coisas boas: protege-os, guarda-os, identifica-os e distingue-os de todos os outros povos.

Por mérito da *Torá* Oral o Povo de Israel se conserva vinculado, para sempre, a D’us, Que dá a *Torá*.

Os Livros Aumentam a Capacidade Espiritual

No livro citado anteriormente, página 146, é trazida a seguinte questão:

“Deve-se questionar, de acordo com isso, o fato de ter a *Torá* igualado todas as gerações quanto ao castigo que podem receber, desde aquela ordenada diretamente por D’us até o fim de todas as gerações, eternamente. Como é possível que o castigo de uma pessoa que possui intelecto seja igual ao daquela que está muito aquém das gerações anteriores?”

“Eis que nossos sábios disseram que ‘se os primeiros (os antepassados) são como anjos, nós somos seres humanos. Se eles são como seres humanos, nós deixamos muito a desejar! – *im haanashim kimlachim, ánu kivnê adam, veim haanashim kivnê adam, ánu kechamolim*’. Mesmo um surdo-mudo, um louco e uma criança são isentos de cumprir os preceitos Divinos, por sua menor capacidade intelectual. Quanto mais (deve ser isenta), portanto, uma geração menos capacitada!”

“Certamente pertencemos a uma geração menos intelectual e não possuímos a compreensão de um ser humano se comparados à sabedoria das primeiras gerações. Apesar disso, temos atualmente em nossas mãos livros com a sabedoria dos *Rishonim* (primeiros sábios) e também *Acharonim* (sábios posteriores). Estes prepararam à nossa frente uma mesa posta, sobre a qual estão diversos tipos de iguarias para a alma, o que não havia anteriormente. Isso toma o lugar da sabedoria maior que tinham anteriormente, de modo que todas as gerações tornam-se aptas a se igualarem quanto ao castigo”.

É verdade que hoje não se possui a sabedoria das primeiras gerações. Em compensação, existem atualmente muitos livros auxiliares. O *Shulchan Aruch* e as outras obras sobre a Lei Judaica estão escritos de uma forma clara e aceita por todos, decretan-

do qual idéia deve ser seguida e qual deve ser evitada, facilitando muito o serviço ao Criador.

No presente, todo aquele que deseja conhecer o caminho de D’us possui uma trilha pavimentada. Ele deve se ocupar com a *Torá*, estudar profundamente os livros de *halachá*, junto com outros livros que esclarecem a *halachá* devidamente e, por meio deste esquema, poderá entender o que é exigido dele.

Uma vez que o caminho é tão claro, o castigo daquele que o abandona é condizente com esta situação e atinge todas as gerações, mesmo as que não possuem a sabedoria dos que vieram anteriormente.

Nesta geração, aumentou muito o número de compêndios e de livros que auxiliam diferentes camadas da população a conhecer melhor as leis judaicas e o modo de cumpri-las. Destes, alguns tratam especificamente de algum preceito, enquanto outros procuram englobar uma grande quantidade de assuntos com uma linguagem simples.

Este fenômeno pode ser analisado por dois ângulos distintos. Por um lado, isso demonstra a fraqueza da geração, que não é capaz de chegar sozinha às fontes da lei e a todas as informações que necessita. Por outro, este fato é extremamente positivo, pois ajuda muitos a conhecer a Lei Judaica e a se aproximar do Criador.

Com o estudo da *Torá*, seus preceitos e suas leis, o indivíduo se aproxima de D’us. “Aproxima-nos, nosso Rei, de Teu serviço”. Com isso, chega-se mesmo a retornar plenamente em *teshuvá* – “e faz com que retornemos, com *teshuvá* completa, perante Ti”.

ROSH HASHANÁ I / ראש השנה I

A SUBMISSÃO EM ROSH HASHANÁ

“Todo Ano que é Pobre em seu Início, Enriquece em seu Final”

Consta em *Massêchet Rosh Hashaná* (16b): “Disse *Rabi Yitschac*: Todo o ano que é pobre em seu início, enriquece em seu final”. Explica o *Rashi* que isto se refere a quando o Povo de Israel se considera necessitado em *Rosh Hashaná*; então, suplica e ora, conforme está escrito: “súplicas dirá o necessitado”.

Rabi Yitschac explica que, o modo de se dirigir a D’us no começo do ano, influencia o veredicto que é então dado sobre todo o ano. Se o indivíduo se considera pobre e necessitado, sem possuir nada, receberá uma fartura de bênçãos Divinas na continuação deste período.

Sendo assim, é importante entender o que deve ser especial e diferente no modo de nos dirigirmos a D’us em *Rosh Hashaná*, uma vez que durante o ano inteiro rezamos e suplicamos, com todo o coração!

É obrigatório dizer, que nossos sábios não se referem apenas

ao modo exterior e a que palavras usamos. Eles vêm dizer que, então, cada um deve sentir, no âmago de seu coração, que não possui nada, que é pobre e necessitado e que toda a sua salvação depende integralmente da Bondade Divina e de Seu salvamento.

Um dos trechos das *selichot* é: “como pobres e necessitados batemos à Sua porta” (*kedalim uchrashim dafaknu delatêcha*). Devemos sentir isso também no fundo do coração, pois sem isso é possível extrair de nossas bocas diversas súplicas e estarmos repletos de orgulho por dentro.

É muito difícil escapar do orgulho, não sendo raro alguém falar que só D’us pode salvar e, no mesmo instante, pensar no próprio orgulho. Em *Rosh Hashaná* há um dever especial de se afastar disso, sentindo a própria pobreza e falta de poderes. Por mérito disso, o ano fica rico no final, com D’us escutando as preces, recebendo-as e enviando Sua bênção dos Céus.

É trazido em *Massêchet Rosh Hashaná* (26) que, no começo do ano, costuma-se tocar em um *shofar* curvo. A *guemará* explica que “em *Rosh Hashaná*, quanto mais a pessoa encurva (subjuga) suas idéias, melhor”.

Este é o modo correto de entender *Rosh Hashaná*. Cada um deve sentir que não possui nada e que o que D’us lhe conferiu no ano passado já não é relevante para o futuro. É necessário se curvar perante o Eterno, o que é indicado pelo *shofar* curvo.

O Orgulho Atrapalha o Serviço Divino

No *Lêcach Tov*, sobre os *Yamim Noraim* (página 267) são trazidas as palavras do livro *Mipcudecha Etbonan*, segundo o qual os principais fatores que impedem as pessoas de chegarem a níveis espirituais elevados, que poderiam alcançar, são as más qualidades de caráter (*midot*), que se encontram no coração. Destas, a principal é o orgulho.

Uma reflexão sobre o assunto ensina uma lição profunda sobre os poderes alma. É compreensível, à primeira vista, que uma pessoa possa se orgulhar em relação à outra, mas não que o faça quanto a D'us, pois em relação a quem poderá se sentir superior a seu Criador, Que tudo pode fazer?

No entanto, encontra-se que há aqueles que são orgulhosos mesmo em relação a D'us, o que atrapalha muito para rezar como se deve, dirigir-se ao Eterno apropriadamente, etc.

Assim consta no *midrash* em *Bereshit Rabá* (19):

“Quatro são os que D'us conferiu e descobriu serem como um jarro repleto de dejetos”. Um deles é Chizkiyáhu, rei de Yehudá, que se enalteceu perante D'us.

É impossível chegar a compreender o elevadíssimo nível de Chizkiyáhu, que era um justo extremamente elevado. Em seu reinado não havia ninguém do povo que não conhecesse até mesmo as partes mais difíceis da *Torá*. Ainda assim, aprende-se das palavras deste *midrash* que, mesmo com relação a ele houve um certo tipo de crítica, que proveio do fato de ter ele se orgulhado perante D'us.

O coração do ser humano é capaz de ser teimoso e falso, sentindo-se mais elevado até que o Próprio Criador. *Rosh Hashaná* é a época apropriada para purificá-lo, sentir-se efetivamente pobre e necessitado e reconhecer o fato de se encontrar perante o Rei dos reis; o Único Que merece a Honra.

Bondade e Misericórdia

Sobre o trecho trazido no início deste ensaio, que “todo o ano que é pobre em seu início, enriquece em seu final”, explica o *Tossafot* que uma vez que o Povo de Israel é pobre, seu coração fica alquebrado e apiedam-se dele, nos Céus, conforme está escrito: “a oferta do Eterno é o espírito alquebrado”.

D'us é Misericordioso, não havendo limites para Sua Bondade. Para que esta seja posta em prática, no entanto, é necessário que o indivíduo constitua um utensílio apropriado para recebê-la.

Aquele que possui um coração alquebrado tem o interior igual ao exterior, realmente não possuindo nada. Assim, ele torna-se apto a receber a bênção Divina, que lhe é concedida em forma de riqueza e alívio durante o ano inteiro.

Escreve o *Rav Chayim Friedländer zt"l*, em uma carta: “em *Rosh Hashaná* é decretado ao indivíduo, cada dia e dia do próximo ano, o que ele terá, quanto será capaz de usufruir do que possui e até quanto isso lhe adiantará”.

“Uma vez que é assim, o indivíduo deve receber novamente tudo, estando agora perante o Trono do Julgamento como um pobre e necessitado, que não possui nada e que depende totalmente da Misericórdia Divina – tanto ele quanto todos os seus dependentes”.

Aquele que sente que não possui nada e que seu destino, assim como o de sua família, será selado no começo do ano, certamente se sentirá submisso. Esta reflexão é capaz de levar a uma grande submissão, que contém em si a chance de obter sucesso no julgamento de *Rosh Hashaná*.

A Submissão Total

Escreve o *Rabênu Yoná*, no *Shaarê Teshuvá* (*sháar* 1, 23):

“O sétimo fundamento (da *teshuvá*) é a submissão com todo o coração e o rebaixamento. Isto porque quem conhece seu Criador sabe o quanto aquele que transgride Suas palavras é baixo, desprezível e sem valor.

“Assim também o Rei David, ao confessar seu pecado quando veio Natan, o profeta, disse, no fim de suas palavras: ‘a oferta de D'us é o coração alquebrado; um coração quebrado e

submisso o Eterno não desprezará' (*Tehilim* 51:19). Um espírito alquebrado, um espírito submisso”.

“Aprendemos disso que a submissão faz parte dos fundamentos da *teshuvá*, pois este capítulo do *Tehilim* (51) é uma base ética para os fundamentos da *teshuvá*. Com a submissão, o indivíduo se reconcilia com D’us, conforme está escrito: ‘A este olharei, ao pobre e de espírito alquebrado...’ (*Yesha’yáhu* 66:2)”.

Considerando que a submissão é um dos grandes fundamentos da *teshuvá*, que ela aproxima o indivíduo de seu Criador e o auxilia a receber Sua bondade, é importante aumentar a reflexão sobre a Grandeza de D’us e a insignificância do ser humano, no início do ano. Da mesma forma, deve-se meditar sobre o selamento do destino em *Rosh Hashaná* e a possibilidade de ser inscrito no Livro da Vida, por mérito da submissão.

Deste modo, será possível que cada um cumpra sua função e chegue ao que prometeram nossos sábios: “Todo o ano que é pobre em seu início, enriquece em seu final”.

ROSH HASHANÁ II / ראש השנה II

ROSH HASHANÁ QUE COINCIDE COM O SHABAT

O Cumprimento das Mitsvot na Prática e no Pensamento

Diz a *mishná*, em *Massêchet Rosh Hashaná* (29): “Quando o primeiro dia de *Rosh Hashaná* coincidia com o *Shabat*, no *Bêt Hamicdash* (Templo) se tocava, mas não no resto da *Mediná* (País)”.

Nossos sábios decretaram que não se tocasse o *shofar* em *Rosh Hashaná* quando este coincidissem com o *Shabat*, por receio que se venha a transportá-lo em via pública (que é proibido no *Shabat*) mas não incluíram nisto o Templo Sagrado. No *Netivot Shalom* é trazida uma maravilhosa idéia do *Bet Avraham*, baseada nesta *mishná*.

Como é conhecido, em cada preceito há duas partes: a da execução e a do pensamento. A primeira inclui o próprio ato e tudo o que é necessário para se cumprir a obrigação. A segunda inclui a preparação intelectual e as intenções que se deve possuir, no pensamento e no coração, ao se cumprir o preceito.

A parte da execução é denominada “*Mediná*” (País), que é o lugar onde se dá a ação, enquanto a do pensamento é chamada de “*Micdash*” (Templo). Ela é mais interior e recôndita, sendo também considerada mais elevada e sagrada, a ponto de receber este nome especial.

“Quando o primeiro dia de *Rosh Hashaná* coincidia com o *Shabat*, no *Bêt Hamicdash* (Templo) se tocava, mas não no resto da *Mediná* (País)”. No *Shabat*, não existe o aspecto do cumprimento prático da *mitsvá*, chamado de “País”, mas no “Templo” se tocava.

A parte do pensamento ligada ao cérebro – que é o “Templo” – existe também no *Shabat*. Todos as idéias e os assuntos internos ligados ao toque do *shofar* continuam no *Shabat* e não são anulados, de modo algum. O decreto de nossos sábios diz respeito ao ato, enquanto a santidade da *mitsvá* e suas intenções continuam válidas.

O Grau Mais Elevado no Cumprimento do Toque do Shofar

Além disso, isto demonstra que, no *Shabat*, a *mitsvá* é cumprida em seu mais alto nível. A santidade do *Shabat* se mescla à santidade das intenções e idéias do *shofar* e eleva seu nível à qualidade de “Templo”.

Isto é indicado também nas primeiras letras do versículo “*Tik’u bachodesh shofar, bakêsse leyom chaguênu*” (Toquem no mês *shofar*, quando se encobre o dia de nossa festa), que formam a palavra “*Beshabat*” (no *Shabat*). Ou seja, neste dia se cumprem todos os assuntos especiais e as intenções sagradas deste preceito.

No *Chovôt Halvavôt* (*sháar cheshbon hanêfesh*, capítulo 21, *ofen* 21) está escrito que somente por meio da ação o indivíduo se aparta de seus desejos e obriga sua natureza a mudar positiva-

mente. Uma vez que nossos sábios proibiram o toque do *shofar* no *Shabat*, a *mitsvá* só é cumprida passivamente, com o pensamento. Nos outros dias, entretanto, ela só se completa com a junção dos atos e das intenções a ela relacionados.

No entanto, no *Talmud Yerushalmi* (*Massêchet Rosh Hashaná*, capítulo 4, *halachá* 1) se aprende isto do fato de trazer a *Torá* dois versículos sobre *Rosh Hashaná*. Em um deles está escrito “um dia de toque” e no outro consta “uma lembrança do toque”.

No *Yerushalmi* é explicado que o primeiro versículo trata de quando a festa cai nos outros dias da semana e se toca efetivamente, enquanto o segundo fala sobre o *Rosh Hashaná* que cai no *Shabat*, quando apenas se lembra do *shofar* nas orações especiais do dia, sem que seu som seja efetivamente ouvido.

À primeira vista, isto é difícil de entender. Ao se analisar o texto da *Torá*, percebe-se que na porção que trata das próprias festividades, em *Parashat Emor*, aparece apenas a “lembrança do toque”. Em compensação, o “dia do toque” aparece somente na porção que trata das oferendas das festividades, em *Parashat Pinechás*, não no principal trecho sobre a própria festividade!

É possível compreender isto com base no que foi dito anteriormente. A “lembrança do toque” no *Shabat* não é uma simples lembrança e sim, parte integrante do cumprimento da *mitsvá* mediante o pensamento, aprofundamento e intenção. Assim, isto pode ser trazido no trecho que trata da própria festividade.

Além disso, foi explicado que o modo de cumprir este preceito no *Shabat* é ainda mais elevado que nos outros dias da semana, sendo chamado de “Templo”, quando comparado ao “País”. Deste modo, ele constitui a principal parte da *mitsvá* e convém que seja trazido no trecho mais importante.

Com base nisto, é possível entender que a “lembrança do toque” não vem apenas recordar algo externo e que é executado em outros dias, durante as orações. A lembrança é intrínseca ao

próprio dia, incluindo intenções e diversos assuntos elevados e profundos, com os quais cada um se ocupa em pensamento e fala, trazendo a si um espírito de santidade.

De acordo com o *Talmud Bavli*, a *Torá* ordena que o *shofar* seja tocado mesmo durante o *Shabat*, sendo que nossos sábios o proibiram. O próprio cumprimento desta ordem preenche a Vontade Divina, uma vez que a autoridade deles provém do que está escrito na *Torá*: “Não se desvie do que lhe falarem, nem para a direita e nem para a esquerda” (*Devarim* 17:11). Conforme explica o *Sêfer Hachinuch*: “que os escutemos e estejamos todos aos cuidados de suas boas mãos”.

Deste modo, ao se escutar sua voz, é considerado como se todos os preceitos fossem integralmente guardados e a Vontade de D’us é cumprida.

YOM KIPUR I / יום כיפור I

O ATORDOAMENTO (DO CORAÇÃO) E A VERGONHA PELO PECADO

“Sobre o Pecado Que Pecamos Perante Tí” – “Al Chet Shechatánu Lefanêcha”

Na noite e no dia de *Yom Kipur*, nós cumprimos o preceito de *Viduy* (confissão) perante D’us algumas vezes. Além da especificação dos pecados, o principal do *Viduy* são as palavras: “Sobre o pecado que pecamos perante Tí”.

Com estas palavras, o indivíduo revisa diversas vezes duas verdades que são, na prática, as principais responsáveis pelo arrependimento em relação ao pecado e pela decisão de abandoná-lo, no que diz respeito ao futuro.

A primeira delas é “que pecamos”, ou seja, que o indivíduo reconhece o fato de ter pecado e cometido atos indevidos. Esta consciência não é nada simples. Existem muitas pessoas que, apesar de estarem atoladas no pecado e cometerem uma profusão de atos pecaminosos, todos os dias de suas vidas, não reconhecem

sua culpa e consideram seu caminho reto como uma planície.

É necessário um grande autocontrole para que alguém esteja pronto a reconhecer que seu caminho estava completamente errado e que tenha se enganado em seus pensamentos e ações. Este é o início do caminho da *teshuvá* e bem-aventurado é aquele que chegou a esta consciência clara e pura.

A segunda destas causas é “perante Ti”, ou seja, que a pessoa sinta que seus pecados foram cometidos na frente ao Rei, perante o Rei de todos os reis, o Criador – Cujos “olhos” perscrutam tudo e de Cuja Presença não há nenhum lugar vazio. Ela deve sentir vergonha por ter trocado os mandamentos de D’us e as palavras de sua *Torá* por “poços quebrados, que não podem conter água” (expressão do profeta).

Todo o pecado é cometido “perante Ti”. É muito importante que o homem sinta que está sempre perante o Senhor de todas as coisas, para o Qual tudo é revelado e em relação ao Qual o não cumprimento de Sua vontade é comparável a uma rebelião contra o rei. Esta rebelião inclui tanto o grave crime contra o rei quanto a grande vergonha de ter cometido estes atos na residência do rei.

Aquele que tiver estes sentimentos, quando vier se confessar perante D’us, terá o mérito de cumprir o preceito do *Viduy* como se deve e vê-lo aceito com vontade por D’us, Que perdoa e desculpa nossos pecados.

“Sobre o Pecado que Pecamos Perante Ti com Atordoamento”

No texto do “*Al Chêt*” (“Sobre o Pecado”), uma das coisas que confessamos são os pecados que cometemos “*betim’hon levav*” – “com atordoamento (do coração)”. Tentaremos explicar o que é isso e como se cuidar disso a partir do que escreveu o *Gaon Rav Yehudá Segal zt”l* em seu livro, *Yir’á Vadaat* (parte 1, página 161).

Na *parashá* da admoestação Divina, em *Sêfer Devarim*, consta o seguinte versículo: “D’us te golpeará com a insanidade, a cegueira e a confusão mental”. *Rashi* explica que “confusão mental” quer dizer “o lacre do coração”, ou seja, algo espiritual. O coração fica, então, tampado e não recebe nem influências externas e nem internas, tornando-se os sentimentos e os pensamentos da pessoa escuros e nebulosos. Isso causa que ela peque e a impede de retornar em *teshuvá*.

Para que um indivíduo não peque e não se deixe levar por tudo que o arrasta ao pecado, ele deve ficar cuidadoso e atento. O lacre do coração o adormece, torna-o indiferente e ele não percebe que, pouco a pouco, a sociedade, os testes e as seduções mundanas o influenciam a abandonar o caminho do bem e da retidão. Se estivesse atento, se o temor aos Céus o dominasse, ele não se transformaria em alguém arrastado e sem essência própria – e serviria a D’us sem obstáculos.

O “lacre do coração” retira do ser humano sua vitalidade e o torna passível de ser derrotado com facilidade pelo mau instinto e suas tropas. Uma pessoa sem vitalidade espiritual é considerada quase como um morto.

Mesmo após o pecado ser cometido, o “lacre do coração” impede que a pessoa sinta que pecou e que precisa retornar com *teshuvá* completa. Ele não reconhecerá sua culpa e sairá como perdedor nas duas batalhas: a batalha dos atos, pois ele peca continuamente e a batalha da *teshuvá*, na qual ele não age por pensar que tudo o que fez de torto é correto.

A Vergonha

Uma das grandes bondades que D’us fez conosco foi nos dar a característica de sentir vergonha. Esta característica faz com que não ultrapassemos fronteiras, que andemos nos trilhos e que

não façamos o que é incorreto. Nós sabemos que, se nos comportarmos impropriamente, ficaremos cobertos de vergonha e isto acaba nos salvando, muitas vezes, de cair espiritualmente.

O grande nível desta característica se dá quando a pessoa se envergonha de D'us. Uma pessoa assim sente claramente que D'us se encontra com ele em todo lugar e observa seus atos. Como consequência disso, ele sente que está o tempo inteiro perante o Rei e seu comportamento melhora sensivelmente. Ele toma cuidado com todos os seus atos e se afasta muito de todo pecado e iniquidade, por medo de deixar o próprio monarca zangado, além de refinar suas características de caráter, por saber que só assim ele é digno de servir ao Rei do Mundo.

O Caminho dos Grandes Sábios de Israel

Conta-se que, quando o *Rav* Chayim de Volodjin chegava no trecho das *selichot* que diz: “Para Ti, D'us, é a justiça e, para nós, a vergonha”, desmaiava de tanta vergonha e rubor. As palavras escritas no texto das *selichot* eram muito vivas para ele. A Grandeza Divina, com todo seu esplendor, era palpável para ele e ele sentia que D'us nos trata sempre com uma misericórdia e uma caridade enormes, enquanto nós não apenas deixamos de “pagar” por isso – intensificando o cumprimento das *mitsvot* e atos de caridade e misericórdia – como, ainda por cima, nós ignoramos Seus comandos e abolimos Suas palavras, fazendo pecados. Estes pensamentos faziam com que o *Rav* Chayim de Volodjin desmaiasse de vergonha.

Muitas histórias são contadas sobre como os grandes sábios de Israel temiam o pecado e como se envergonhavam quando lhes parecia terem tropeçado, alguma vez, em algo que se assemelhasse a um traço de pecado. Como um exemplo disso, traremos uma história, sobre o *Gaon Rav* Eliyáhu de Vilna, que mostra o quanto

o temor destes grandes sábios precedia sua sabedoria.

Conta-se que, certa vez, ele tocou em uma casca de fruta no *Shabat* e, imediatamente, desmaiou por vergonha e por temor ao pecado. Ao despertar e ver novamente a casca, tornou a desmaiar. Para salvá-lo, sua esposa pegou a casca e comeu-a, mostrando que em casos de extrema necessidade ela pode ser comida e, portanto, não é considerada *muktsê*.

Aprendemos desta história quão grande era a reverência à Santidade que sentiam os sábios de todas as gerações. O pecado era, para eles, a pior coisa que poderia acontecer. Sua sensível fé os levava a uma consciência clara da gravidade das transgressões e sua resposta a elas era extremamente severa. Isso acontecia principalmente no que dizia respeito a eles próprios, mesmo quando essas transgressões eram pequenas e quando eram cometidas sem intenção.

Temor Pelo Julgamento

Em *Massêchet Chaguigá* 4, é comentado o episódio do Rei Shaul com a *Baalát Ov* – necromante (pessoa que invoca os espíritos) e o seguinte versículo deste trecho: “E disse Shemuel a Shaul: por que você me enervou, me fazendo subir? A *Guemará* comenta que Shemuel trouxe Moshê junto. Falou para ele: “talvez, *chas veshalom*, estão me chamando para ser julgado. Venha junto comigo, pois não há algo que (você) tenha escrito na *Torá* e que eu não tenha cumprido.

Shemuel tremeu em seu lugar no *Gan Êden* e temeu que talvez estivessem lhe chamando novamente para ser julgado no Tribunal Celestial. Portanto, ele toma o próprio Moshê *Rabênu* como testemunha de ter cumprido a *Torá* em sua plenitude.

Obviamente, não temos nenhuma compreensão em assuntos tão graves e elevados como o que acontece no Tribunal Celestial

e como são julgadas as almas dos mortos. Aprendemos, porém, de um modo extremamente claro, como há um temor perante o pavor do julgamento – e que se deve tomar muito cuidado para não cair nas armadilhas do pecado.

Se isso assustou justos e profetas, espíritos elevados, quanto mais deve fazê-lo conosco. O medo e a vergonha perante o que pode acontecer são capazes, com a ajuda de D’us, de nos auxiliarem a aumentar nossos esforços em relação a *Torá* e *mitsvot* e em fugir dos pecados que nos emboscam.

“Voltem, Voltem de seus Maus Caminhos”

Consta em *Yechezkel* (33:10-11): “E você, filho do homem, diga para a Casa de Israel que assim vocês disseram: ‘pois nossas transgressões e nossos pecados estão sobre nós, neles nos consumimos, como viveremos?’ Fale a eles ‘por Minha vida’, assim diz o Eterno seu D’us, se Eu desejo a morte do perverso. O que sim (Eu desejo) é que retorne o perverso de seu caminho e viva. Voltem, voltem de seus maus caminhos – e porque (vocês) morrerão, Casa de Israel”.

O sentido destas palavras é que o povo se envergonhou tanto de seus pecados que decidiu ser impossível continuar vivendo. Assim, ele se perderia em sua perversidade. O *Rabi Yitschac Blazer* explica que isso estava tão enraizado na consciência do povo que D’us precisou jurar a eles que não deseja sua morte – e sim seu retorno em *teshuvá*, para serem meritórios da vida. Mesmo que eles tenham pecado muito, não devem desistir, pois D’us espera por eles em qualquer estado e, com seu retorno, terão o mérito de serem perdoados por Ele e recebidos como filhos que voltaram a seu pai. A *teshuvá* outorga vida e afasta do pecado, que causa o contrário.

YOM KIPUR II / יום כיפור II

A SALVAÇÃO ESPIRITUAL DE YOM KIPUR

“D’us é Minha Luz e Minha Salvação” – “Hashem Ori Veyish’i”

Durante os dias de *Elul* e parte do mês de *Tishri*, recita-se o Salmo 27 que começa com as palavras: “Para David: D’us é minha luz e minha salvação”. No *Midrash Shochar Tov* consta que os sábios explicavam este versículo como referente aos dias de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*: “‘Minha luz’ (*Ori*) – em *Rosh Hashaná* e ‘minha salvação’ (*Veyish’i*) – em *Yom Hakipurim*”.

Este trecho é explicado no livro *Tsits Eliêzer* (parte 19, *siman* 24, letra 5):

“Em *Rosh Hashaná*, a Revelação Divina é denominada ‘minha luz’ e, em *Yom Hakipurim*, é denominada ‘minha salvação’. Isto é assim porque, em *Rosh Hashaná*, D’us cria uma luz especial, para cada membro do Povo de Israel, para despertá-lo em relação à *teshuvá* e lhe iluminar o caminho a ser seguido”.

“Assim escreveu também o *Chatam Sofêr* em suas *derashot*, que em *Rosh Hashaná* o Eterno manda um despertar Supremo

para cada membro de Israel, para que retorne a Ele. É deste que virá a fala à sua boca, para rezar perante Ele”.

Ou seja, nestes dias é sentido um despertar exclusivo que provém dos Céus, mexe com o coração e ajuda, então, a rezar com um fervor especial.

Entre “Luz” e “Salvação”

Existe uma diferença entre a ‘luz’ de *Rosh Hashaná* e a ‘salvação’ de *Yom Kipur*. A luz ilumina o caminho àquele que se interessa em andar e avançar, caso esteja na escuridão e não saiba para onde ir. No início do ano, é mostrado o bom caminho e torna-se possível ‘espreitar o bem de D’us’, enxergando as enormes vantagens de cumprir as *mitsvot* e auxiliando o indivíduo a escolher esta trilha.

Em compensação, àquele que não apenas deixa de ver onde está o caminho como está absorto na escuridão dos pecados, com a impureza deles envolvendo-o por todos os lados, não é suficiente apenas a luz. Ele necessita de salvação real, que o permita se elevar das profundezas da iniquidade e, a partir de então, começar a andar por si só. O primeiro passo deve ser dado por outro, uma vez que ele próprio não é capaz disso.

Um Chamado Constante

Antes de elucidar o processo especial que ocorre em *Yom Kipur*, é importante ressaltar que D’us chama pelo ser humano a cada instante do ano, pedindo que largue seus desejos materiais e afazeres terrenos e olhe em direção ao serviço Divino.

O Rav Mordechay Gifter (*shelita*) zt”l, em seu livro *Pirkê Torá* (vol. II, página 301), explica que este chamado constante é a falta de contentamento com os prazeres mundanos. D’us so-

prou dentro do ser humano uma alma Divina, extraída de baixo do Trono da Glória. É verdade que esta alma está ligada ao corpo, no mundo inferior, mas sua raiz ainda está atada em cima, nos Mundos Superiores.

“Também a alma não se saciará”. A alma não se satisfaz de modo algum com os desejos deste mundo, conforme é explicado extensivamente no primeiro capítulo do *Messilat Yescharim*. Isto é comparado ao filho de um rei que foi levado a habitar em depósitos de lixo, que certamente detesta o lugar onde mora, não possui e nem obtém nenhum prazer deste lugar. A cada instante, ele anseia pelo momento no qual conseguirá se desvencilhar e voltar ao seu lugar natural e verdadeiro.

O Rav Gifter continua a explicar isso baseado no que falam nossos sábios em *Massêchet Kidushin* (30b): “O perverso espreita pelo justo e pede para matá-lo. Se o Eterno não o ajudasse (a este último), ele não conseguiria fazer-lhe frente”. O constante clamor por fazer o bem, abandonar o mal e se aperfeiçoar é a ajuda mandada pelos Céus, a cada dia.

A luz de *Rosh Hashaná*, pelo visto, é um acréscimo a este chamado diário. Neste dia, o Reinado de D’us torna-se mais revelado, frente a todas as criaturas. Conseqüentemente, todos são atraídos pela grande luz que emana do verdadeiro Reinado.

“Estende a Mão aos que Pecam”

Yom Kipur é o dia da “salvação” e, então, D’us “estende a Mão aos que pecam”, conforme consta no *machzor* das orações deste dia. Mesmo aquele que se encontra no fundo do poço, cavado por ele próprio com seus pecados, possui uma grande oportunidade de ser retirado e ajudado por D’us.

O próprio dia desperta sentimentos elevados, podendo constituir, para cada um, o início de uma nova era, na qual o indivíduo

é auxiliado pelo Eterno e inicia uma vida nova de *teshuvá*, de cumprimento da Vontade Divina e de distanciamento da iniquidade .

Consta no Livro de *Hoshêa*: “nos fará viver de dois dias e, no terceiro dia, nos manterá e viveremos perante Ele”. Dizem os *doreshê reshumot* que isto se refere aos dois dias de *Rosh Hashaná* e a *Yom Kipur*. Nos dois dias de *Rosh Hashaná*, D’us nos vivifica, concedendo-nos vitalidade e permite, a cada um de nós, vislumbrar o que se encontra perante nós, para que escolhamos a trilha da verdade e a sigamos.

Aquele que necessita ser levantado, conforme mencionado acima, no entanto, só chega a isto no “terceiro dia”, quando é permitido penetrar na santidade e é possível vencer os obstáculos, subir do poço, avançar e se colocar diante D’us, conforme está escrito: “perante D’us vocês se purificarão”.

O dia de *Yom Kipur* se distingue por uma santidade especial. Nele, apenas D’us Se encontra e as forças do mal não possuem poder e influência. Portanto, cada um é capaz de elevar-se acima de seus pecados, prostrar-se perante D’us e se purificar diante a Ele.

SUCOT I / I סוכות

A IMPORTÂNCIA DA PAZ

“Que Ama a Paz e Persegue a Paz”

No *Pirkê Avot* consta que Aharon *Hacohen* “ama a paz e persegue a paz, ama as criaturas e as aproxima da *Torá*”. Ele se transformou em um símbolo de amor à paz e aos outros e, por causa disso, conseguiu aproximar muitos membros de Israel da *Torá*.

Também as “*Ananê Hacavod*” (Nuvens de Glória), que cercavam o acampamento de Israel no deserto, vieram por mérito de Aharon, conforme foi mencionado por nossos sábios em diversos lugares. Ao analisarmos o assunto, percebemos que também estas nuvens estavam ligadas à paz.

As nuvens delimitavam e protegiam o Povo de qualquer prejuízo, assim como a paz possui estas mesmas capacidades de ação espirituais. Ela permite que as pessoas morem juntas, adoça suas vidas e protege-as de qualquer desgraça e sofrimento que possam ocorrer quando ela está em falta.

“Não encontrou, o Eterno, um utensílio que contivesse a bênção, para Israel, exceto a paz” (fim da *mishná*, no Tratado de *Uketsin*). Assim como a discussão causa afastamento e destrói

tudo, a paz age de modo inverso, juntando e ligando e, onde ela existir, encontraremos também a bênção.

A Verdadeira Paz

Hoje em dia, é muito comum falar sobre “paz” – entre países, entre partidos, etc. Escuta-se isso freqüentemente e é possível se enganar – pensando que a paz a qual nossos sábios se referem é a mesma da qual tratam diversas nações – enquanto existe, na verdade, uma diferença colossal entre elas.

A paz entre os povos, etc. não decorre do amor à própria paz e amor às criaturas. Cada nação ama apenas a si própria e procura apenas o seu próprio bem. Então em determinadas situações para o seu próprio bem é indicado que não haja discussões e guerras com as nações vizinhas e, portanto, elas preferem tratados e acordos.

Quando nossos sábios se referem à paz, eles têm em mente algo inteiramente distinto. Trata-se de um conceito elevado e importante, que merece ser prezado e perseguido. A paz é uma situação espiritual que traz bênçãos e contém em si capacidades espirituais importantes.

A paz se origina da plenitude e das virtudes. Ela provém do fato de cada um olhar positivamente para o outro, sentindo que este não toma seu lugar e não o atrapalha. No futuro, reinará a paz entre todos os elementos da Criação e mesmo os animais selvagens pastarão junto com os herbívoros de hoje. Entretanto, mesmo antes desta época maravilhosa é possível fazer com que a paz domine. Junto com ela, virá a grande bênção que sempre a segue.

Cada um pode contribuir para trazer a paz a seu redor, tanto em relação a seus amigos e conhecidos quanto a sua família. Cada indivíduo deve esforçar-se por construir a verdadeira paz em seu lar, paz verdadeira que trará grandes bênçãos para toda a família.

Às vezes, as pessoas se dirigem a pessoas de fora de sua família, para apaziguá-las, enquanto abandonam a paz do seu próprio lar. É necessário saber que a paz começa em casa do próprio indivíduo e cada um deve esforçar-se para que sua casa esteja completa antes que se ocupe com o benefício de seus semelhantes.

Uma Moradia Provisória

As vantagens de sair da residência fixa e segura para a *sucá*, que é provisória, estão também ligadas a este assunto.

A *sucá* indica que também este mundo é provisório, enquanto o verdadeiro “salão” se encontra no Mundo Vindouro. O atual é apenas um corredor, no qual se avança de encontro à meta.

Eis que o motivo das grandes discussões, brigas entre pessoas e litígios entre os povos é o desejo de expansão, aumento da força e da influência. Quando duas pessoas querem se expandir, cada uma às custas da outra, elas inevitavelmente se chocarão. Enquanto o indivíduo não estiver satisfeito com sua situação material, existe o risco de estourar a guerra.

Por outro lado, se cada um sente que este mundo é apenas um lugar de preparativos, sabendo que os outros não tirarão do que é seu e que, na prática, todos trabalham pela mesma meta – que é o engrandecimento da Glória Divina – todas as contendas cessarão.

No futuro, todos sentirão que ninguém reprime seus passos e invade o que é dele e sim o contrário: sua meta é ajudar, auxiliar e desenvolver. Então, reinará a verdadeira paz na Terra.

A Festa de Sucot

Estas conquistas espirituais da festa de *Sucot* podemos alcançar após os dias de julgamento e misericórdia: *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Após coroarmos D’us em *Rosh Hashaná* e retor-

narmos em *teshuvá* e termos os pecados perdoados em *Yom Kipur*, há uma grande elevação espiritual. Sente-se que o Criador reina sobre tudo e que todos são Seus servos, cumpridores de Seus desígnios.

Conseqüentemente, quando chega a festa de *Sucot* e com ela o preceito de abandonar a casa e habitar em uma moradia provisória, isto é feito naturalmente. Sente-se que a meta deste mundo não é satisfazer os desejos do ser humano e, portanto, a idéia de viver em uma moradia provisória é mais facilmente aceita, assim como os valores a ela relacionados, que penetram melhor no coração.

“Para que saibam, suas gerações, que em *sucot* (cabanas) fiz sentarem os Filhos de Israel, quando os Tirei da Terra do Egito (*Vayicrá* 23:42). A lição do Êxodo do Egito, as bases da *emuná* dela aprendidas e a confiança em D’us, que protege Seu Povo com as Nuvens da Glória, são interiorizadas com o cumprimento do preceito da *sucá*. Na *sucá* sentimos que nos encontramos na “sombra da *emuná*” (*tsila demehemenuta*), no lugar onde paira a Presença Divina.

Esta é também a hora propícia para receber os “*ushpizin*” – a visita de sete justos do Povo de Israel: Avraham, Yitschac, Yaa-cov, Moshê, Aharon, Yossef e David. Aquele que amplia sua casa e fortalece sua posição material, em prol do bem-estar físico, não deixa lugar para visitas que são inteiramente espirituais. O lugar delas é justamente em uma moradia provisória, que lembra as Nuvens da Glória que cercavam o Povo no deserto.

As Nuvens da Glória e o Cuidado Divino

Mais uma grande lição é aprendida das Nuvens de Glória. De acordo com nossos sábios, o deserto era perigoso tanto pelo solo e o calor quanto pelos inimigos e animais selvagens. Dentro destas nuvens, com as quais D’us cercou o Povo, nada disto os

afetava, além de que o caminho à sua frente tornava-se reto. Isto vem nos ensinar que o Criador protege a toda momento, mesmo durante os maiores perigos.

Quando a pessoa abandona sua casa e sai para a *sucá*, durante sete dias, é como se ela anunciasse que está indo para a Casa de D'us. Habitar a *sucá* demonstra que o Todo-Poderoso não abandona Seus filhos mesmo nas horas mais difíceis, quando Sua Face está oculta e há um aumento do materialismo e da impureza.

Mesmo então, é possível encontrar um lugar onde há apenas santidade e onde é possível se manter à sombra do Eterno. É sempre possível manter a ligação com Ele, Que sempre ouve e atende os que clamam por Ele, aceita suas preces e os salva, em todos os momentos de aperto e de dificuldades.

SUCOT II / II סוכות

A ÉPOCA DE NOSSA ALEGRIA

“Meu Vinhedo Não Guardei”

É trazido no livro *Olelot Efráyim* – do mesmo autor de *Keli Yacar* sobre a *Torá* – (parte 2, *maamar* 150), em nome do *Sêfer Haakedá*, que o Sol simboliza a porção material do mundo. Quando se quer descrever uma pessoa que é influenciada pelo materialismo, ou corre atrás deste, fala-se dele como alguém sobre quem o Sol nasce ou que é atingido por seus raios. Assim também consta em *Shir Hashirim*, capítulo 1: “Não repare que estou enegrecida, pois me bronzeou o Sol. Os filhos de minha mãe dominaram a mim, puseram-me para guardar os vinhedos – e o meu vinhedo não guardei”.

A explicação deste versículo é que a Congregação de Israel diz que correu atrás dos desejos deste mundo. O Sol a queimou, ou seja, estes conseguiram transformá-la em alguém cujo materialismo é a principal ocupação. “Os filhos de minha mãe dominaram a mim” significa que outros a influenciaram e a fizeram “guardar seus vinhedos”, ou seja, fazer com que prestasse aten-

ção em assuntos para os quais não fora criada e que não condizem com ela. Ela guardou outros campos, do qual não tiraria o verdadeiro proveito.

“Meu vinhedo não guardei” – minha principal parte da vida, que é a meta espiritual, foi abandonada. A correria atrás dos desejos e deleites deste mundo a fez descuidar-se da espiritualidade, para a qual foi criada e para a qual veio ao mundo.

Além disso, cada um possui uma parte especial na *Torá* e na espiritualidade, que ninguém mais é capaz de alcançar. Muitas vezes, o indivíduo se dirige a outros campos, a metas e funções que não lhe cabem, enquanto sua verdadeira parte, “meu vinhedo”, é abandonada por ele, sem que lhe dirija nenhuma atenção.

A inveja quanto aos outros e a falta de vontade de se contentar com o que se possui deixam o indivíduo sem alcançar nenhum objetivo, pois o seu ele deixa de lado e o dos outros ele não é capaz de atingir.

A conclusão disso é que cada um deve se esforçar para atingir sua porção, a ele destinada por D’us, chegando assim a grandes conquistas espirituais e à verdadeira alegria da vida.

A Sucá Como Símbolo da Mobilidade

Baseado no princípio trazido no parágrafo anterior, o *Olelot Efráyim* explica por que uma *sucá* que possui mais sol do que sombra é inválida. Seu comentário é baseado na idéia de a *sucá* e os outros preceitos desta festa terem como meta retirar do coração a importância que o indivíduo dedica aos assuntos mundanos, fazendo-o perceber o valor do que está ligado ao Mundo Vindouro, aos preceitos e à espiritualidade.

O objetivo da saída de uma moradia fixa para outra provisória é demonstrar que todo este mundo é, na prática, provisório – enquanto o lugar fixo é, efetivamente, apenas o Mundo Vindouro.

Aquele que vive neste mundo, pode facilmente chegar a pensar que este é o principal objetivo da vida. Por isso, este preceito foi ordenado, para demonstrar que ele é provisório e que toda a sua importância provém do fato de ser ele uma preliminar para o Mundo Vindouro.

“A Época de Nossa Alegria”

A festa de *Sucot* é a “época de nossa alegria”, conforme se fala nas orações especiais destes dias. À primeira vista, a essência da *sucá* não combina com um tempo de alegria. Afinal, ela retira o indivíduo do lugar ao qual está habituado e no qual se sente confiante.

No livro *Darkê Mussar* (página 283) é explicado que a ligação estrita com este mundo não acrescenta alegria. Esta ligação significa correr atrás do materialismo, falta de contentamento, inveja e tristeza pelo que talvez fosse possível conseguir e que não se alcançou.

Nossos sábios ensinam no *Pirkê Avot*, que a inveja, a cobiça e a honra removem o indivíduo não só do Mundo Vindouro quanto também deste. Estas três características fazem com que a pessoa esteja sempre correndo atrás de seus desejos e nunca aproveitando do que possui.

Portanto, o passo de entrar na *sucá*, que é uma moradia provisória, simboliza a libertação desta corrida e o começo de uma vida sem estas três qualidades, que levam à tristeza e à decepção. Para chegar à verdadeira alegria, é preciso se sacudir deste mundo.

Ao perceber que as posses materiais não são o principal e que este mundo constitui apenas um corredor para o Mundo Vindouro, aumentam a alegria e o sentimento de possuir conquistas verdadeiras e preciosas.

No *Darkê Mussar* (página 284) são trazidas também as palavras do Rav Moshê Rosenstein, que explica o porquê de se ler *Meguilat Cohêlet* no *Shabat* da Festa de *Sucot*. Segundo ele, este livro mostra como são fúteis os assuntos mundanos e aquele que o lê profundamente é capaz de interiorizar que “vão entre os vãos – é tudo vão” e que a principal meta é “a D’us tema e Seus preceitos guarde”, não havendo nenhuma outra verdade, exceto esta.

Aquele que chega a esta consciência está apto a se juntar a todo o Povo de Israel e se alegrar com a *Torá*, as *mitsvot* e todos os valores concedidos em grande número por D’us. A alegria é um conceito espiritual, só sendo verdadeira quando provém de algo obtido neste campo. Quanto a alegria ligada a assuntos materiais, ela nunca é completa, conforme se diz: “aquele que possui cem deseja duzentos”. Somente a alegria espiritual absoluta é considerada o “tempo de nossa alegria” verdadeiro.

Há aqueles que explicam que se lê *Cohêlet* em *Sucot*, porque este é o tempo da colheita e, uma vez que a alegria dessa época é capaz de fazer com que a verdadeira meta neste mundo seja esquecida, deve-se diminuí-la.

De acordo com as palavras do Rav Rosenstein, isto não é necessário. A alegria dessa época é positiva, devendo ser conduzida a um canal de reconhecimento dos tesouros espirituais e da futilidade das posses materiais, se comparados a estes, conforme consta em *Cohêlet*.

O Valor das Posses Monetárias

A época da Festa de *Sucot* é também propícia para refletir sobre o valor das posses materiais. No livro *Olelot Efráyim* é explicado que a riqueza se relaciona não só ao que se possui como também ao que já se gastou.

Quando alguém gasta dinheiro com algo necessário, seja no

plano material – como sustento da família, saúde, etc. – quanto no espiritual – *tsedacá*, bondade, *mitsvot*, sustento de estudiosos da *Torá*, etc. – eis que ele cumpriu sua função e chegou a seu destino, sendo isto chamado de riqueza. O dinheiro que está guardado, não estando ainda claro se será utilizado para o bem ou para o mal, não é assim considerado.

Isto é oposto ao modo comum de pensar, segundo o qual quanto mais dinheiro possui guardado, mais rico o indivíduo é.

Na Festa de *Sucot*, quando nos libertamos do jugo material e saímos da morada fixa, é possível também chegar a uma consciência mais clara sobre o materialismo. Então, é possível compreender que o apego ao dinheiro não é bom e não traz felicidade àqueles que o possuem. A riqueza é a capacidade de aproveitar do dinheiro e retirar dele o proveito que se espera. Feliz é aquele que utiliza suas posses para ajudar os outros, incrementar o estudo da *Torá* e patrocinar atos que levem à santificação do Nome de D'us.

A Alegria com o Sucesso dos Outros

Após compreender isso, é possível também entender como se relacionar ao outro e ao seu sucesso. Na prática, existem três níveis em relação a isto, um mais elevado que o outro: sentir o sofrimento do outro, alegrar-se com a felicidade alheia e alegrar-se com o sucesso daqueles que se odeia.

O primeiro nível não é tão alto, sendo encontrado mesmo entre pessoas perversas e entre os animais. O *Saba* de Kelm diz que existem animais carnívoros que, após atacarem suas presas, devorarem-nas e, ao aplacarem seu desejo, são capazes de serem melhores. Do mesmo modo, existem pessoas que, após se alegrarem com a queda do outro, participam então de sua tristeza.

Alegar-se realmente quando o outro está feliz, entretanto, já é um nível espiritual elevado. Isto é difícil para uma pessoa co-

mum, pois a inveja é capaz de aflorar, o desejo de ser honrado se fortalecer e o indivíduo acabará não se alegrando. Aquele que domina tudo isso é abençoado.

É muito mais difícil ainda se alegrar com o sucesso de alguém que se odeia. Neste caso, é possível que apareçam diversos instintos: ódio, vingança, gosto pela vitória, inveja e outros, que são capazes de confundir os bons pensamentos. Conseqüentemente, aquele que é capaz de se dominar e vencer tudo isto, alegrando-se com o sucesso de seu inimigo, é extremamente valente, espiritualmente.

A estes níveis se referiu o Rei David no Livro do *Tehilim*, ao dizer: “Pusestes a alegria em meu coração, desde o instante que sua produção de trigo e de vinho aumentou”. Quando os frutos de outras pessoas se multiplicam, penetrava a alegria em seu coração.

Feliz e sagrado é aquele que é capaz de se alegrar com a felicidade dos outros.

“Todo Cidadão em Israel Sentará em Cabanas”

Na Festa de *Sucot*, cada membro do Povo de Israel recebe também a denominação especial de cidadão” (*ezrach*).

No livro *Col Yehudá* (página 132) é explicado que em *Sucot*, com a saída da casa e a ida para a *sucá*, percebe-se a temporariedade deste mundo e como o único lugar fixo é o Mundo Vindouro. Com isto, cada um torna-se um cidadão fixo do Mundo Vindouro, quando habita a *sucá*.

O Nível do Povo de Israel

Na *haftará* do primeiro dia de *Sucot* está escrito: “Este será o pecado do Egito e o pecado de todos os povos, que não subirem para festejar a Festa de *Sucot*”. Por que é exigido que eles cumpram

justamente a Festa de *Sucot* e não outras? Por que sobre isto eles são julgados, se não cumprem também os outros preceitos?

Parece que a resposta é que na Festividade de *Sucot* estão implícitos conceitos essenciais, sendo que seus preceitos ensinam o que é fundamental na vida e o que não é. Os membros do Povo de Israel, que cumprem este preceito, são capazes de saber isso e se sentirem parte do Mundo Divino. Os outros povos, que não o fazem, são incapazes de atingir este nível de entendimento da verdade e viver à sua luz.

Deste modo, eles são castigados por não terem “subido para festejar a Festividade de *Sucot*” – por não entenderem a essência deste preceito e, conseqüentemente, ficarem afastados de seu conteúdo. Bem-aventurados são os Filhos de Israel, que entendem o que é uma moradia provisória e são felizes com o tesouro espiritual imenso concedido a eles por D’us.

Os Ushpizin

Em *Sucot*, recebemos, a cada dia, os *ushpizin* (visitantes), mencionados anteriormente. O *Admor* de Slonim *zt”l* se detém sobre o fato de que eles vêm justamente nesta época e não em outras festividades. Segundo ele, quando uma pessoa considera muito os assuntos mundanos e pensa em seu próprio bem, falta espaço em sua casa, para que entrem outros. Ao parar de agir apenas em benefício próprio, porém, utilizando tudo o que possui para ajudar a atingir metas espirituais, há espaço em seu mundo para receber visitas.

Assim, estas vêm na festa de *Sucot*, quando saímos da moradia fixa e, com as idéias contidas nela, abre-se um lugar espiritual apropriado para tão ilustres hóspedes.

SUCOT III / III סוכות

AS QUATRO ESPÉCIES E O AMOR A D'US

O Cetro de D'us

O *Chidá* explica, em seu livro *Rosh David*, que D'us não nomeia nenhum intermediário como responsável pelas quatro espécies, cuidando delas Ele próprio. Isto está ligado ao fato de elas expressarem, de um modo especial, o amor a D'us, conforme será explicado.

No *Midrash Rabá* (*Vayicrá* 30:2) consta que as quatro espécies, na festa de *Sucot*, demonstram que o Povo de Israel venceu o Julgamento de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Assim como uma nação que venceu uma perigosa guerra organiza uma parada militar, empunhando suas armas, empunha-se o *lulav* como símbolo desta vitória.

O *Chidá* escreve também que o *lulav* é “o cetro do Rei dos reis”, sendo que o Todo-Poderoso concede a permissão de utilizá-lo, demonstrando Seu amor especial. Isso porque um rei, normalmente, não deixa que outro segure seu cetro. A única exceção é seu filho.

Do mesma forma, sobre o preceito de habitar a *sucá* foi dito o versículo de *Shir Hashirim*: “Trouxe-me, o Rei, a Seu cômodo; me alegrarei e rejubilarei em Ti”. O Eterno faz Seu Povo adentrar em Seu “quarto” particular, mostrando o enorme amor que sente por ele.

O Amor a D’us

Assim como o Eterno demonstra Seu amor, deve-se agir de maneira recíproca, amando-O de um modo especial e enormemente. Assim escreve o *Rambam*, no início do segundo capítulo de *Hilchot Yessodot Hatorá*:

“Este D’us Honrado e Temível, é um mandamento amá-Lo e temê-Lo, conforme está escrito: ‘Ame ao Eterno, seu D’us’. Do mesmo modo, está escrito: ‘Ao Eterno, seu D’us, tema’. Como se faz para amá-Lo e temê-Lo? Quando o indivíduo reflete sobre Seus atos e Suas criaturas maravilhosas e observa, por intermédio delas, Sua infinita Sabedoria, imediatamente ama, louva, enaltece e anseia muito por conhecer Seu Grande Nome, conforme disse David: ‘Sedenta está minha alma pelo Criador, o D’us vivo...’”

Assim, é necessário refletir sobre a Criação e a maravilhosa Sabedoria que nela está implícita. Com isso, cresce o amor pelo Criador, que tudo fez com Sua grande bondade.

A Bondade Divina

No livro *Chayê Olam* consta que antes de se ler o *Shemá*, no qual está escrito “ame ao Eterno, seu D’us”, recita-se a bênção *Ahavat Olam*, da qual faz parte a frase “uma misericórdia grande e acima da medida (Tu) tivestes para conosco”. A lembrança disto auxilia a criar no coração o amor necessário.

No *Sefat Emet* (sobre *Parashat Vaetchanan*) está escrito que

em cada *yehudi*, seja qual for seu estado, encontra-se uma semente de amor a D'us. Há aqueles nos quais esta é bem perceptível, enquanto há outros nos quais ela se encontra oculta em seu coração. Embora nada possa ser visto de fora, a alma de todo judeu está firmemente ligada a sua Fonte superior e ao Eterno.

Cada *yehudi* deve esforçar-se, todos os dias de sua vida, para aumentar o amor que há em seu coração e se aproximar do Criador, cumprindo integralmente o preceito de “ame ao Eterno, seu D'us, com todo o seu coração, com toda a sua alma e com todas as suas posses”.

SHEMINI ATSÊRET / שמיני עצרת

O ESTUDO DA TORÁ E A APROXIMAÇÃO A D’US

“Trouxe-me, o Rei, a Seu Aposento” – “Heviáni Hamêlech Chadarav”

Uma das frases do *Shir Hashirim* que indica o amor de D’us por Seu Povo é: “Trouxe-me, o Rei, a Seu aposento”. O *Rav Yaacov Gutman (shelita) zt”l* explica isso em seu livro, *Côvets Sichot Al Moadê Hashaná*, como uma parábola.

Assim como todo indivíduo possui um lugar privativo, onde não entram pessoas estranhas, também o Eterno possui – em sentido figurado – um “quarto” particular. Do mesmo modo que entrar no reduto particular de alguém demonstra proximidade e afinidade de idéias, o fato de o Rei convidar alguém aos Seus aposentos indica uma grande proximidade e demonstra a vontade de manter uma ligação constante.

Isto está especialmente ligado à Festividade de *Sucot*. A *sucá* é a “sombra (*tsila*) da *emuná*”, sendo considerada como a Casa de D’us e o local onde Sua Presença é constantemente revelada. Portanto, o preceito de morar nela demonstra a grande proximi-

dade que existe entre D'us e Seu Povo.

“Sua Destra me abraçará” (*Viminô techabekêni*) é outro versículo do *Shir Hashirim* no qual se vê a mesma idéia, indicando o preceito da *sucá*. O abraço se dá por intermédio do tronco, da parte superior e da parte posterior do braço, que perfazem uma forma parecida com as três paredes de uma *sucá*. Assim, ao se entrar nela, é como se o Criador estivesse dando um abraço na pessoa.

D'us continua a amar o *yehudi* que possui alma apesar de ter ela se afastado Dele e descido a este mundo, assim como um rei que continua a amar o príncipe que está longe do castelo.

D'us Chora por Três Pessoas

Em *Massêchet Chaguigá* (5b) consta que D'us chora por três tipos de indivíduos, sendo um deles aquele que pode se ocupar com a *Torá* e não o faz. No livro *Reshit Chochmá* é trazido, em nome do *Zôhar*, que “aquele que está afastado da *Torá* – está afastado do Eterno”. D'us chora por aquele que pode estudar e que não o faz, porque dessa forma afasta-se do Eterno, Que deseja muito sua proximidade.

Os dias de *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur* (*Yamim Noraim*) são dias especiais de aproximação a D'us e ascensão espiritual. A *teshuvá* (retorno) aproxima Israel a Seu Pai, Que está nos Céus e assim, logo que os *Yamim Noraim* passam, chega a vez do preceito de morar na *sucá*, para habitar na moradia de D'us e demonstrar concretamente esta aproximação.

Existe, no entanto, uma condição para isto: aproximar-se da *Torá*, estudá-la, aprofundar-se nela e amá-la. A afinidade com a *Torá* é a parte que cabe ao indivíduo no processo de aproximação ao Eterno. Sem a *Torá*, o indivíduo se mantém afastado, apesar da Vontade Divina oposta.

Simchat Torá, o dia no qual se termina e se recomeça a leitu-

ra anual da *Torá* – logo após *Sucot* – vem estabelecer esta ligação entre a *teshuvá* e a Proximidade Divina. A alegria com a *Torá*, expressa neste dia, fortalece o vínculo com D’us.

“Levanta, do Pó, o Pobre”

No livro *Deliyot Yechezkel* é trazida uma explicação em nome do *Gaon* de Vilna, sobre o versículo: “Levanta, do pó, o pobre; do monturo, ergue o indigente, para fazê-lo sentar com os generosos, os generosos de Seu Povo” (*Tehilim* 113:7-8).

Segundo ele, “levanta, do pó, o pobre” refere-se àqueles que eram pobres quanto ao cumprimento dos preceitos Divinos. “Do monturo, ergue o indigente”, por sua vez, refere-se ao *baal teshuvá* (penitente), que anteriormente chafurdou nos pecados e, no entanto, teve o mérito de erguer-se espiritualmente. “Para fazê-lo sentar com os generosos, os generosos de Seu Povo”, por último, diz respeito aos *ushpizin* – as visitas dos justos recebidas durante a Festa de *Sucot*.

Daqui vemos até onde pode chegar aquele que se compromete verdadeiramente a se aproximar de D’us. Apesar de seu afastamento anterior e o local rebaixado onde se encontrava, ele ascende infinitamente, a ponto de ter um lugar entre os sete *ushpizin*, os maiores gigantes espirituais que existiram no mundo e no Povo de Israel, em todas as gerações.

Esta idéia é capaz de dispersar todo receio quanto a decepções e incutir em nosso coração que D’us deseja nossa proximidade.

Quando preparamos o coração para Seu serviço, Ele nos aproximará duplamente: permitir-nos-á entrar em Seus aposentos e nos aproximará de Sua sagrada *Torá*.

Tam Venishlam Shêvach Leborê Olam.

Concluído e Terminado – Que o Criador Seja Louvado!

LISTA DE LIVROS E AUTORES CITADOS NESTE LIVRO

Referências além do *Tanach*, *Guemará*, *Midrashim* e comentaristas tais como: *Rashi*, *Ramban*, *Seforno*, *Ibn Ezrá*, *Or Hachayim*, *Keli Yacar* e outros.

A

Achat Shaálti – *Rabi Yitschac Zeev Yuz'ef shelita*, Jerusalém.

Adêret Eliyáhu – *O Gaon Rabi Eliyáhu* de Vilna *zt"l*.

Alê Shur – *Rabi Shelomô Wolbe zt"l*.

Atará Lamêlech – *Rabi Avraham Yaacov Hacohen Pam zt"l*,

Rosh Yeshivá da Metivta Torá Vadáat.

B

Báyit Chadash – *Rav Yoel Sirkis zt"l*.

Ben Ish Chay (Halachot) – *Rabi Yossef Chayim zt"l*.

Ben Shêshet Leassor – *Rabi Shelomô Wolbe zt"l*.

Benê Yissachar – *Rabi Tsevi Elimelech Shapira de Dinov zt"l*.

Bêth Halevi – *Rav Yossef Dov Ber Soloveitchik ben Harav Yitschac Halevi zt"l*.

Bintivot Hamaguid – *Rav Paysach Krohn shelita*.

Bircat Mordechay – *Rav Baruch Mordechay Ezrachi shelita*,

Rosh Yeshivá de Atêret Yisrael.

C

Cad Hakêmach – Rabênu Bachyê Hadayan zt”l.

Chafêts Chayim al Hatorá – Rabi Yisrael Meir Hacohen zt”l, o Chafêts Chayim.

Chayê Olam – Rav Yaacov Kaniewsky zt”l, o Steipler.

Chêssed Laalafim – Rabi Eliêzer Papu zt”l.

Chidushê Halev – Rabi Alter Chanoch Henoch Leibowitch shelita, Rosh Yeshivá da Yeshivat Rabênu Yisrael Meir Hacohen.

Chochmá Umussar – Rabi Simcha Zissel Ziv zt”l, o Saba de Kelm.

Chomat Hadat – Rabi Yisrael Meir Hacohen zt”l, o Chafêts Chayim.

Chovôt Halvavôt – Rabênu Bachyê zt”l ben Rabi Yossef Ibn Pakuda.

Cochevê Or – Rabi Yitschac Blazer zt”l Peterburg.

Comentário do Gr”a sobre o livro de Yoná – Rabi Eliyáhu zt”l, o Gaon de Vilna.

Col Tsofáyich – Rav Chayim Efráym Zaitchik zt”l, Rosh Yeshivat Or Chadash, Jerusalém.

Col Yehudá – Rabi Yehudá Sh. Tsadka zt”l, Rosh Yeshivat Porat Yossef

Côvets Igrot Chazon Ish – Rabi Avraham Yesha’yáhu Karelits zt”l, o Chazon Ish.

Côvets Sichot – Rabi Natan Wachtfoigel zt”l, Mashguiach do Bet Midrash Gavoah de Lakewood.

Côvets Sichot al Moadê Hashaná – Rav Yaacov Gutman zt”l, Yeshivat Bet David, Benê Berak.

Cuntres Haharugá Aláyich – Rabi Shalom Noach Barzovsky zt”l, Admor de Slonim.

D

Dáat Chayim – Rabi Chayim Wolkin shelita, Mashguiach da

Yeshivá Atêret Yisrael, Jerusalém.

Dáat Chochmá Umussar – Rabi Yerucham Halevi Levovits zt”l.

Deliyot Yechezkel – Rabi Yechezkel Sarna zt”l, Rosh Yeshivat

Chevron Kenêsset Yisrael.

Dêrech Emuná – Rabi Chayim Kaniewsky shelita, Benê Berak.

Dêrech Chayim – Perush Massêchet Avot – Rabi Yehudá Berabi

Betsal’el zt”l, Maharal de Praga.

Darkê Mussar – Rabi Yaacov Aryê Naiman zt”l, Rosh Yeshivat

Ôr Yisrael, Pêtach Tikvá.

E

Êle Hadevarim – Rav Eliyáhu Schlesinger shelita, Rabino da

Região de Guilô, Jerusalém.

H

Hagadá de Pêssach Avi Ezri – Rabi El’azar Menachem Man

Shach zt”l, Rosh Yeshivá de Ponevitch, Benê Berak.

Heg’yonê Mussar – Rav Eliêzer Bentsiyon Bruk zt”l, Rosh

Yeshivá de Bet Yossef, Jerusalém.

I

Iguêret Hagra – O Gaon Rabi Eliyáhu de Vilna zt”l.

Imrê Shêfer – Rav Shemuel Pinchassi shelita, Rosh Colel Darkê

David, Jerusalém.

Imrot Chayim – Rabi Chayim Shabetay Hacohen zt”l, Rosh

Yeshivá de Bet Hatalmud, Brooklyn.

L

Lecach Tov – Rav Yaacov Yisrael Hacohen Beifuss shelita,

Rechassim.

M

Maalot Hatorá – Rabi Avraham zt”l, irmão do Gaon Rabi Eliyá-

hu de Vilna.

Maayan Bet Hashoevá – Rav Shim’on Schwab zt”l, Rabino da

Comunidade *Kehal Adat Yeshurun*, Nova Iorque.
Maarchê Lev – Rabi Moshê Schwab zt”l, Ra”m e *Mashguiach*
da *Yeshivá Bet Yossef* de Gateshead.
Manot Halevi – Rabi Shelomô Halevi Elcabats zt”l.
Matenat Chayim – Rabi Matityáhu Chayim Salomon *shelita*,
Mashguiach da *Yeshivá Bet Yossef* de Gateshead, atualmente
Mashguiach da *Yeshivá de Lakewood*.
Mêshech Chochmá – Rabi Meir Simcha Hacohen zt”l de
Dvinsk.
Messilat Yesharim – Rabênu Moshê Chayim Luzzato zt”l.
Michtav Meeliyáhu – Rabi Eliyáhu Eliêzer Desler zt”l.
Milê Divrachot – Rav Yoel Schwartz *shelita*.
Mishnat Rabi Aharon – Rabi Aharon Kotler zt”l, fundador e
Rosh Yeshivat Lakewood.

N

Nêfesh Chayá – Rabi Avraham Yaacov Gordon zt”l, Diretor
Espiritual da *Yehsivá Torat Chêssed* de Brisk.
Nêfesh Hachayim – Rabi Chayim de Volodjin zt”l.
Neot Dêshe – Rav David Shneor *shelita*, Jerusalém.
Ner Yehudá – Rabi Yaacov Chayim Sofer *shelita*, Jerusalém,
neto do *Caf Hachayim* zt”l, Jerusalém.
Netivot Shalom – Rabi Shalom Noach Barzovsky zt”l, *Admor* de
Slonim.

O

Olelot Efráyim – Rabi Efráyim zt”l, filho do Rav Aharon zt”l,
autor do *Keli Yacar*.
Or Yahel – Rabi Yehudá Leib Chasman zt”l, Diretor Espiritual
da *Yeshivá Chevron Knêsset Yisrael*.
Orchot Tsadikim

P

Páchad Yitschac – Rabi Yitschac Hutner zt”l, *Rosh Metivta* de

Rabi Chayim Berlin.

Pêlê Yoêts – Rabi Eliêzer Papu zt”l.

Pirkê Torá – Rav Mordechay Gifter zt”l, Rosh Yeshivat Telz.

S

Sefat Emet – Rabi Yehudá Aryê Leib zt”l, Admor de Gur.

Sêfer Chassidim – Rabênu Yehudá Hechassid zt”l.

Sêfer Hachayim – Rabi Chayim ben Rabi Betsal’el zt”l, Av Bet Din e Ram da Comunidade de Fridburg, irmão do Maharal de Praga.

Sêfer Hachinuch – Rabi Aharon Halevi zt”l.

Shaarê Kedushá – Rabênu Chayim Vital zt”l.

Shaarê Teshuvá – Rabênu Yoná Guironi zt”l.

Shaarê Tsiyon – Rabi Ben Tsiyon Halevi Bamberger zt”l, Diretor Espiritual da Yeshivá de Ponevitch, Benê Berak.

Shiur Leyom Hashabat – Rav Mordechay Miller zt”l, Gateshead.

Shu”t Tsits Eliêzer – Rabi Eliêzer Yehudá Waldenberg shelita, Ex-Membro do Grande Tribunal de Jerusalém.

Sichot Mussar – Rabi Chayim Leib Shmuelevitch zt”l, Rosh Yeshivá de Mir.

Sichot Mussar – Rav Michl Birenboim shelita, Mashguiach da Metivta Tif’eret Yerushalayim, Nova Iorque.

T

Torat Moshê – Rabênu Moshê Sofer zt”l, o Chatam Sofer.

V

Venichtav Bassêfer – Rav Yaacov Meir Schächter shelita, Jerusalém.

Y

Yaarot Devash – Rabi Yehonatan Eibschütz zt”l.

Yad Yechezkel – Rabi Yechezkel Lewinstein zt”l, Diretor Espiritual da Yeshivá de Ponevitch.

Yibanê Hamicdash – Rav Shelomô Brevda shelita.

*Yir'á Vadáat – Rabi Yehudá Zeev Halevi Segal zt"l, Rosh
Metivta da Yeshivá de Manchester.*

Z

*Zichron Meir – Rabi Meir Rubman zt"l, Rosh Yeshivat Tif'eret
Hacarmel, Haifa.*

Outras Obras do Autor

Ner Lehaim (2ª edição)

Assuntos relacionados com leis de avelut (luto): como proceder momentos antes e após o falecimento, leis de onen, quem e quando deve cumprir as leis de avelut, leis de sepultamento, keríá e seudat havraá, as proibições do avel, leis de avelut nos yamim tovim e leis referentes ao Cadish na data de aniversário do falecimento.

Nos Caminhos da Eternidade (2 volumes)

Uma abordagem sobre as parashiyot e comemorações judaicas. Disserta-se sobre os princípios básicos do judaísmo, como o berit milá, as tefilot, a cashrut, o Shabat, a educação judaica e a pureza do lar. Traz o enfoque judaico sobre as virtudes do homem, como a serenidade, imparcialidade, felicidade, harmonia, agilidade e o temor a D'us.

Nos Caminhos da Vida

Uma abordagem sobre as parashiyot e comemorações judaicas. Disserta-se sobre princípios básicos do judaísmo, como o estudo da Torá, teshuvá, tsedacá, bênçãos e as responsabilidades dos homens. Trata também das virtudes e condutas que o ser humano deve buscar, como a alegria, satisfação, bondade e discrição.

Pessach e Suas Leis (2ª edição)

Trata dos seguintes assuntos: leis ligadas ao mês de nissan, leis da venda e vistoria do chamets, regulamentos para a véspera de Pêssach que cai num Shabat, leguminosas em Pêssach, o Sêder de Pêssach, casherização de utensílios e leis de Sefirat Haômer.

Rosh Hashaná, Yom Kipur e Sucot

Quarenta e três capítulos abordam as leis referentes ao mês de elul, às comemorações de Rosh Hashaná, Yom Kipur, Sucot, Shemini Atsêret e aos yamim tovim. Entre outras, leis das orações, de Bircat Hamazon, de Assêret Yemê Teshuvá, do toque do shofar, do Tashlich, da teshuvá, da sucá, das quatro espécies e de Hoshaná Rabá.

Shomer Shabat (2ª edição)

Um resumo prático das leis referentes ao Shabat. Aborda, entre outros, os seguintes temas: os preparativos, as velas, o Kidush, as refeições, o Bircat Hamazon, a Havdalá, a eletricidade, o tratamento da roupa, leis de cozimento, de transporte, de muctsê, de construção (bonê) e tendas (ôhel), leis referentes à preparação das refeições, a atar e desatar (cosher umatir) e à vegetação.

Vaani Avarechem

Leis de Bircat Cohanim – a bênção que os cohanim recitam para toda a congregação – e tum'at cohanim, leis especiais da proibição de impurificação aplicadas exclusivamente aos cohanim.

Vaani Tefilá

Indispensável para os que desejam se aperfeiçoar em suas orações. Fatores primordiais para que a oração atinja níveis elevados são comentados: a compreensão do texto, pronúncia correta, pensamentos específicos, o horário adequado para cada oração e rezar com minyán. Leis sobre tefilin, Keri'at Shemá, Amidá, Chazará, Tashlumin, Halel, Baruch Hu Uvaruch Shemó e amen, os atrasados na tefilá, regras gramaticais do Lashon Hacôdesh e tabelas de horários judaicos.

Veten Berachá

Um resumo das principais leis das bênçãos anteriores e posteriores ao consumo de alimentos. Aborda, entre outros, os seguintes temas: bênçãos dos diversos alimentos, importância das berachot, intenção, cem bênçãos por dia, procedimento adequado, definição dos shiurim, pat habaá bekisnin, keviut seudá, interrupção durante a refeição, quando o principal isenta o secundário, Bircat Hamazon no Shabat e yom tov, além de uma lista de alimentos com suas respectivas bênçãos.